

***Estudo do Livro Paulo e Estevão sob as luzes do Evangelho de Lucas,
Narrativa da Viagem de Jesus a Jerusalém.***

- ***Introdução2***
- ***Estrutura 1.....6***
- ***Estrutura 2.....22***
- ***Estrutura 3.....35***
- ***Estrutura 4.....53***
- ***Estrutura 5.....73***
- ***Estrutura 6.....97***
- ***Estrutura 7.....119***
- ***Estrutura 8.....141***
- ***Estrutura 9.....163***
- ***Estrutura 10.....183***

Introdução

A Estrutura do Livro Paulo e Estevão e o Evangelho de Lucas.

“Enquanto somos condenados a ver lenta e limitadamente as coisas externas; enquanto as verdades sobrenaturais se nos afiguram enigmas num espelho, na frase de S. Paulo, eles, os anjos, veem sem esforço o que lhes importa saber (...)” O Céu e o Inferno – Allan Kardec

Eis o codificador nos encaminhando uma dica, uma pista valiosa de um tesouro que se revelaria muitos anos mais tarde, em diversas obras, estruturas que nos permitem fazer paralelos, um texto estudado sob a luz de outro texto, em outro livro, ampliando o seu valor e significado.

Vamos, então, contar como aconteceu uma descoberta sobre o livro Paulo e Estevão.

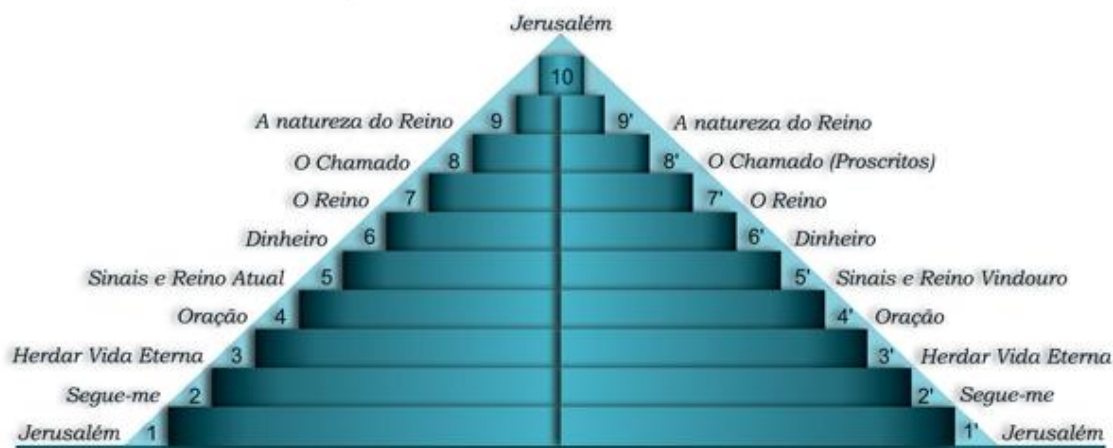
Primeiramente, num estudo sobre a obra Paulo e Estevão, dialogando via internet com amigos queridos, a Irmã Aíla nos trouxe uma informação instigante. Ao lermos os primeiros parágrafos da Breve Notícia do livro, ela nos revelou que reconhecia na forma como foi escrito este trecho introdutório do livro, **semelhanças relevantes com o estilo literário dos escritores do primeiro século, em especial Lucas.**

Pois bem, se o início do livro tinha semelhanças com a forma de Lucas escrever, a reflexão que fizemos em forma de pergunta foi: E o restante do livro?

Lembramos de uma leitura anterior e das descobertas apresentadas em um outro livro, Parábolas de Jesus – Texto e Contexto, de Haroldo Dutra Dias, em que o autor nos explica na página 182: “No Evangelho de Lucas encontramos uma impressionante e bela peça literária, conhecida pelo nome de “Narrativa da Viagem a Jerusalém” (Lc 9:51 – 19:48), na qual Jesus e os apóstolos iniciam uma longa e movimentada jornada em direção à cidade de Jerusalém (...)”, página 185: **“Lançando um olhar tridimensional para o texto, percebemos que ele está dividido em duas partes espelhadas, no formato do quiasma da poesia hebraica. Cada parte com seu respectivo par, dando a idéia de uma escada que você sobe, depois desce.”** Podemos encontrar explicações mais detalhadas no

site do Portal Ser: <http://www.portalser.org/category/videos/page/3/>, há inclusive um vídeo do Haroldo nos explicando melhor esta estrutura.

“Narrativa da Viagem a Jerusalém”
(Lc 9:51 - 19:48)



Pois bem, qual a relação que estas descobertas do Haroldo tem com o livro Paulo e Estevão?

Vejam, o livro é dividido em 20 capítulos, divididos em 2 partes, cada qual com 10 capítulos. Será isso uma coincidência ou um planejamento da espiritualidade para nos remeter a novos horizontes de entendimento da doutrina e do evangelho?

Em rápida análise foi possível verificar que **a estrutura do livro foi realizada também de forma espelhada**, ou seja, o primeiro capítulo da primeira parte guarda relação com o primeiro capítulo da segunda parte e assim por diante.

Observemos juntos:

Breve Notícia

1 = Corações flagelados	1' = Rumo ao deserto
2 = Lágrimas e sacrifícios	2' = O tecelão
3 = Em Jerusalém	3' = Lutas e humilhações
4 = Nas estradas de Jope	4' = Primeiros labores apostólicos

5 = A pregação de Estevão	5' = Lutas pelo Evangelho
6 = Ante o Sinédrio	6' = Peregrinações e sacrifícios
7 = As primeiras perseguições	7' = As Epístolas
8 = A morte de Estevão	8' = O martírio em Jerusalém
9 = Abigail cristã	9' = O prisioneiro do Cristo
10 = No caminho de Damasco	10' = Ao encontro do Mestre

Mas o que significa “guardar relação”? Queremos descobrir isso juntos, porém, isso requer estudo e dedicação. Adiantamos que nossa primeira impressão e o grande motivo que nos leva a compartilhar estas informações com os amigos é que as lições dos capítulos são complementares, um lança luz sobre o outro e o complementa, amplia o entendimento e nos convida a uma nova visão dos significados evangélicos deste livro magnífico.

Se você chegou até aqui, congratulo-o e lhe digo, há mais uma surpresa, e esta nos traz profundos sentimentos de admiração pelo trabalho de Emmanuel psicografado pelo nosso querido Chico Xavier.

Lembram-se dos degraus da escada no Evangelho de Lucas? Se lá são 10 degraus e o livro também tem 10 capítulos, pensamos novamente realizando a seguinte pergunta: Existe relação entre a mensagem dos capítulos do livro e as lições do Evangelho de Lucas, ou seja, o primeiro capítulo do livro Paulo e Estevão guarda relação com os versículos de Lucas 9:51-56, por exemplo? Observamos que a relação dos versículos a que correspondem cada um dos degraus da pirâmide, encontra-se na página 181 do livro Parábolas de Jesus.

Bem amigos, novamente afirmo que compartilhamos aqui apenas as primeiras impressões e que apenas um estudo sério e longo poderá comprovar, mas, nos parece verdadeira a afirmativa que breves estudos nos proporcionaram: **os textos tem profundas ligações.**

O que faremos nos próximos meses será nos debruçarmos sobre estas descobertas, buscando o entendimento do que estas relações nos querem dizer.

Compartilho, desde já, mais algumas perguntas:

Se o livro psicografado por Chico Xavier guarda relação com o Evangelho de Lucas, podemos chegar a que conclusões em relação à obra dele?

Os demais romances de Emmanuel também estão divididos em 2 partes, com igual número de capítulos. Isto significa que são paralelos, tal qual o livro Paulo e Estevão?

Se a resposta for afirmativa, então, há também relação com algum livro do Evangelho?

O entendimento de que a terceira revelação guarda relação com a segunda, Novo Testamento, tem como corolário lógico que também guarda com a primeira revelação, Velho Testamento. Estamos, então, prontos para identificar o primeiro alicerce que Kardec nos apresenta no Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo I: “Eu não vim destruir a lei.”? Ou seja, estaremos finalmente aptos para juntar os ensinamentos das três revelações a fim de nos aproximarmos do Pai Maior?

Seguindo o exemplo de Kardec, rogamos a Jesus que estejamos aptos a fazer perguntas e ávidos em buscar a resposta, pedindo, também aos bons espíritos que nos conduzam nesta estrada de descobertas e que este conhecimento nos conduza a um melhor viver, mais amoroso e fraterno.

Iniciamos a jornada, convido-os a caminhada!! Avancemos!!

Campo Grande-MS, 22 de março de 2014.

Candice Günther

Estrutura 1

Estudo sobre a Estrutura do livro Paulo e Estevão

Breve Resumo de Intenções

No texto que compartilhamos, intitulado Estrutura do livro Paulo e Estevão e o Evangelho de Lucas, trouxemos algumas percepções de possibilidades interpretativas, verificando que ao escrever o livro, Emmanuel o trouxe de forma estruturada, onde os 10 capítulos iniciais guardavam relações de essência de significado com os 10 capítulos da segunda parte. Percebemos também que esta estrutura 10x10, foi apresentada pelo Haroldo Dutra no livro Parábolas de Jesus – Texto e Contexto, através da Narrativa da Viagem de Jerusalém.

Assim, considerando que a verdade onde quer que se expresse jamais se chocará com outra verdade dita, nosso esforço é confrontar estes textos buscando a essência da mensagem para clarear o seu real significado e assim, através do conhecimento e do entendimento, nos aproximar do Deus Pai.

Sigamos, então, com as possibilidades da primeira etapa.

Tópicos

Buscaremos através deste estudo inicial a análise das seguintes situações:

- 01 - as convergências do capítulo 1 da primeira parte do livro com o capítulo 1 da segunda parte:

Capítulo 1 – Primeira Parte – Corações Flagelados x Capítulo 1 – Segunda Parte – Rumo ao deserto

- 02 – as convergências do capítulo 1 da primeira parte com o primeiro degrau Narrativa da Viagem a Jerusalém” (Lc 9:51 – 19:48):

Capítulo 1 – Primeira Parte – Corações Flagelados x JERUSALÉM 1 - Lucas 9:51-56

- 03 - as convergências do capítulo 1 da segunda parte com o último degrau da Narrativa da Viagem a Jerusalém” (Lc 9:51 – 19:48):

Capítulo 1 – Segunda Parte – Rumo ao deserto x JERUSALÉM 1’ – Lucas 19:10 28-48

- 04 – as convergências entre (Lc 9:51 – 19:48) e (Lc 9:51 – 19:48)

- 05 – Concluindo, se o primeiro capítulo da primeira parte guarda relação com o primeiro capítulo da segunda parte, e estes, por sua vez, guardam relações como Evangelho de Lucas, podemos unir os 04 textos para extrair uma lição. Qual a mensagem central? Quais as diferenças que nos apontam para o correto entendimento das lições evangélicas que o livro no quer ensinar?

Antes de prosseguirmos, afirmamos que não queremos esgotar as possibilidades interpretativas que o texto nos quer apresentar. Apenas iniciamos uma jornada, que nos pareceu irresistível pela sua grandeza, porém, reconhecemos nossas limitações e desde já pedimos perdão pelas incorreções que por ventura se apresentarem. Que os erros, porém, não afastem os que se aventurarem a ler estas linhas, mas os instiguem a corrigi-las, ampliá-las, possibilitando, assim, que o conhecimento, o verdadeiro entendimento, nos alcance e nos ilumine.

01 – Capítulo 1 (1ª parte) x Capítulo 1 (2ª parte)

No primeiro capítulo do livro vemos a trajetória de Jochedeb, pai de Jesiel, que, ante as injustiças do Império Romano, vai requerer junto a Licínio suas propriedades de volta. A negativa de Licínio o revolta e ele toma medidas para realizar a justiça pelas próprias mãos, ateando fogo na propriedade de Licínio. O ato enseja a morte de um trabalhador e a prisão de toda a família de Jochedeb.

Vejamos o primeiro capítulo da segunda parte.

Paulo, após a visão do Mestre em Damasco, adentra a cidade e vai em busca de hospedagem na casa de Sadoc. Sadoc recusa a hospedagem, fala para o servo mentir a Paulo, dizendo que não está. Paulo, porém, tudo ouve. Segue, profundamente entristecido para uma hospedagem, e não há no livro nenhum relato dele ter buscado junto a Sadoc uma justificativa para a falta de cordialidade e desrespeito aos costumes da época com que fora tratado.

Primeira conexão que podemos estabelecer entre os textos – **a expectativa de um direito que não é atendida**. Jochedeb reagiu com raiva e vingança, Paulo reagiu de forma diferente, vejamos este parágrafo:

“Seguindo as pisadas do guia, Saulo tudo ouviu, mudo, enxugando uma lágrima. Não contava com semelhante recepção da parte de um colega que sempre considerara digno e leal, em todas as circunstâncias da vida. A surpresa chocava-o. Era natural que Sadoc temesse pela renovação de suas idéias, mas não era justo abandonasse um amigo doente, às intempéries da noite. No entanto, no rebojar de mágoas que começavam a intumescer-lhe o coração, recordou repentinamente a visão de Jesus e refletiu que, efetivamente, possuía agora experiências que o outro não pudera conhecer, chegando à conclusão de que talvez fizesse o mesmo se os papéis estivessem invertidos.”

Assim como no paralelismo hebraico, em que somos convidados a lançar um texto sobre o outro, buscar suas convergências e relações, sabendo, porém, que o segundo nos dará uma visão mais ampla da situação, vemos que é possível verificar esta relação entre estes dois capítulos, a reação de um ante um direito frustrado, uma injustiça, e a reação de Paulo, agora convertido, ante uma recusa de hospedagem, que era costume da época, abrigavam-se os viajantes, ainda mais um amigo enfermo e sem condições de ficar sozinho.

Nós vemos, também, que as consequências diferem, Jochedeb vai preso, Paulo é curado da cegueira ante as orações de Ananias rogando a misericórdia divina. Duas situações que guardam a mesma essência, a perda de um direito, porém, as reações diferentes também produziram consequências diferentes. *(Um momento para refletir, como temos reagido ante as adversidades da vida? E quais as consequências de nossas ações?)*

Há outra relação muito valorosa entre os dois capítulos, vejamos:

Ao final do primeiro capítulo da segunda parte, vemos Paulo, renovado e curado da cegueira, ir anunciar a boa nova ante o Sinedrio. É tratado com zombaria e descrédito. Ele que antes era aplaudido e reverenciado, agora, com o Cristo, não mais tinha o reconhecimento de antes.

Vejamos este parágrafo:

“Não vos assombreis com o que vos digo. Conheceis minha consciência pela retidão de minha vida, pela minha fidelidade às leis divinas. Pois bem: é com este patrimônio do passado que vos falo hoje, reparando as faltas involuntárias que cometi nos impulsos sinceros de uma perseguição cruel e injusta.” (primeiro capítulo da segunda parte)

Novamente vemos aqui um direito sendo requerido e negado. Paulo queria que eles o ouvissem – os lembra da retidão de sua vida, de sua fidelidade, mas suas palavras não produzem o resultado que esperava. Assim como Estevão também não conseguiu dissuadir o pai de buscar a vingança e de ir ao encontro de Licínio, mesmo invocando os ensinamentos das escrituras, não foi capaz de convencê-lo a mudar de ideia.

Olhemos o trecho do livro em que Estevão tenta dissuadir o pai (primeiro capítulo da primeira parte):

“—Ireis, porventura, à presença do questor Licínio, esperando providências legais? E os antecedentes, meu pai? Pois não foi esse mesmo patrício quem vos despojou de grande patrimônio territorial, atirando-vos ao cárcere? Não vedes que ele tem nas mãos as forças da iniquidade? Não será de temer novas investidas com o fim de extorquir o pouco que nos resta?”

Olhemos as considerações quanto ao íntimo de Paulo:

“Intimamente, sentia-se ferido no seu amor-próprio. Os remanescentes do “homem velho” exigiam revide e reparação imediata, ali mesmo, à vista de todos. Quis falar novamente, exigir a palavra, obrigar os companheiros a ouvi-lo, mas sentia-se presa de emoções incoercíveis, que lhe infirmavam os ímpetos explosivos. Imóvel, notou que velhos afeiçãoados de Damasco abandonavam o recinto calmamente, sem lhe fazer sequer uma ligeira saudação.” (primeiro capítulo da segunda parte)

É interessante perceber que a conversão de Paulo teve uma profunda transformação em seu modo de ver a vida, porém, velhos hábitos e pensamentos ainda o faziam ter atitudes que lhe causavam dor e sofrimento. Nestes trechos somos convidados a confrontar a postura de Paulo e a postura de Estevão. *(Como somos? Quais os sentimentos que nos assistem ante as adversidades na seara do Cristo, tal qual Paulo e tal qual Estevão?)*

Podemos perceber que o livro nos levará a um caminho de como alguém muito semelhante a Jochedeb se tornaria uma nova criatura, muito semelhante com Jesiel, de Saulo a Paulo.

Mas quais as lições que podemos retirar destes trechos para as nossas vidas? Eu poderia lhes dizer o que eu aprendi, mas seria como Paulo ante o Sinedrio, informando-lhes das transformações que ocorrem em minha vida. Seriam proveitosas? A nossa palavra é eficaz? Poderá ser, apenas e tão somente quanto vivenciarmos o que ela diz. Se queremos falar do Cristo e de suas lições, precisamos vivenciá-las, do contrário serão como folhas ao vento. Paulo, primeiramente, foi convidado a uma vivência da transformação moral que ele anunciava, saibamos nós também reconhecer nossas limitações, saibamos entender o tempo do outro para respeitar as negativas que recebemos. Estevão era um ser iluminado que guardava um profundo entendimento das leis divinas, porém, não teve êxito em dissuadir o pai das investidas contra Licínio. Ainda que o seu íntimo estivesse limpo e livre, nem sempre os corações de quem muito amamos estão prontos para a sementeira. Paulo e Jesiel semearam, o solo ainda não estava pronto.

Convido os amigos e fazerem uma nova leitura do primeiro capítulo da primeira parte e do primeiro capítulo da segunda parte, façam as relações, procurem o que converge. Um capítulo clareia o outro, amplia o seu sentido.

Prossigamos nossa jornada enriquecedora, faremos agora a relação do primeiro capítulo da primeira parte com o trecho do Evangelho de Lucas.

02 – Capítulo 1 (1ª parte) x Lucas 9:51-56

Já temos um resumo do primeiro capítulo no tópico acima, vejamos, então, o que nos traz o trecho de Lucas (tradução Haroldo Dutra Dias):

“E sucedeu que, ao se completarem os dias de sua elevação, ele manifestou o firme propósito de ir para Jerusalém. Ele enviou anjos perante a sua face. Indo, entraram em uma aldeia de samaritanos para preparar-lhe hospedagem. Mas não o receberam porque tinha o propósito de se dirigir a Jerusalém. Vendo isso os discípulos Tiago e João disseram: Senhor, queres que digamos para descer fogo do céu a fim de os destruir? Voltando-se, ele os repreendeu: Não sabeis de que espírito sois. Pois o filho do homem não veio para destruir a vida dos homens, mas para salvá-la. E foram para outra aldeia.”

Pois bem, lembremos então que percebemos na análise anterior que a questão central do capítulo 01 é a reação de Jochedeb ante uma injustiça, ante a expropriação de suas propriedades pelo questor Licínio.

No texto de Lucas, os discípulos, ante a negativa de hospedagem, ou seja, quanto os samaritanos negam a hospedagem que na época era um costume de ser concedida, eles se revoltam, se exasperam e vão a Jesus: “queres que digamos para descer fogo do céu a fim de os destruir?”

Mas o que significa esta expressão? Por que os discípulos queriam fogo do céu? Esta é uma referência a passagens do velho testamento. Vamos, então, à primeira revelação que nos irá clarear.

No livro II Reis, 1:10, vemos: *“Mas Elias respondeu e disse ao capitão de cinqüenta: Se eu, pois, sou homem de Deus, desça fogo do céu e te consuma a ti e aos teus cinqüenta. Então, fogo desceu do céu e o consumiu a ele e aos seus cinqüenta.”* Sem adentrarmos muito no significado deste texto do VT, eis que não é o aspecto principal de nossa reflexão, podemos perceber que, para o povo judeu, a expressão “desça fogo do céu” significava a expressão da justiça divina.

Então, os discípulos, sentido-se injustiçados, fazem menção a que a justiça de Deus caia sobre os Samaritanos.

Façamos um parêntese, então, à atitude de Jochedeb ao atear fogo na propriedade de Licínio, buscava ele, como judeu, não apenas a vingança, mas com um olhar equivocado, a realização da justiça que entendia divina. Sondemos os seus sentimentos neste trecho: *“—Filho — obtemperou depois de meditar longo tempo —, Jeová é cheio de justiça, mas os filhos de Israel, como escolhidos, precisam igualmente exercê-la. Poderíamos ser justos, olvidando afrontas? Não poderei descansar, sem o repouso da consciência pela obrigação cumprida. Tenho necessidade de assinalar os erros de que fui vítima, no presente e no passado, e amanhã irei ao legado ajustar minhas contas.”*

Mas Jesus nos dá dimensão nova para este entendimento, dizendo que não veio destruir, mas salvar.

E agora? Talvez você esteja pensando que estou querendo lhes levar ao entendimento que não devemos brigar por nossos direitos e aceitar todas as injustiças de forma passiva e permissiva. Não é isso!!!

O que precisamos identificar é qual sentimento que move nossas ações. Se é a defesa de um direito, ou o orgulho manifestando-se por não ter sido atendido. É Jesus quem nos dá esta chave, **não vim para destruir, mas para salvar**. Ao tomarmos medidas que visem a reparação de um dano, precisamos identificar se esta ação tem um poder destrutivo ou salvador, para nós e para as pessoas que nos cercam, inclusive e principalmente para o causador do mau.

É uma reflexão valorosa e difícil, encontrar o fio tênue que separa a **ação reparadora que busca a justiça, e o orgulho ferido que busca a vingança**. Novamente, cabe a cada um refletir sobre este aspecto em sua vida, colocamos aqui as questões, os chamamos à reflexão e observação do dia a dia, das situações que vão acontecendo em nossas vidas e que nos chamam a atitudes semelhantes. Apenas um espírito vigilante será capaz de permitir-se instruir e inspirar-se para a ação salvadora e não destruidora. Nossa sociedade não pensa e não age em conformidade com este ensino de Jesus, então, ao rumarmos para esta nova forma de viver, saibamos que a incompreensão nos rondará.

Analisemos, novamente, este trecho, confrontando o texto bíblico com pequenos trechos do livro:

Antes, porém, uma consideração importante, o primeiro capítulo inicia com Jochedeb caminhando e sendo perseguido pelos judeus, o autor, assim, nos dá a dimensão do clima de animosidade entre os judeus e romanos da época. Um conhecimento prévio necessário para entendermos os motivos que ensejaram os fatos seguintes. De igual forma, é necessário o conhecimento prévio de que os samaritanos tinham problemas de animosidade com os nazarenos, esta escolha de Jesus de passar pela Samaria causou certo assombro nos discípulos, havia outro caminho mais curto e mais fácil, mas Jesus lhes disse que precisava passar por lá.

Vejamos o texto bíblico intercalado com os correspondentes trechos do livro, observando que separamos os versículos de Lucas, colocando em cada linha apenas um verbo:

*“E sucedeu que,
ao se **completarem** os dias de sua elevação,
ele **manifestou** o firme propósito
de **ir** para Jerusalém.*

— “Licínio Minúcio, questor do Império e legado de César, ... convida a todos os habitantes de Corinto que se considerarem prejudicados em seus

interesses pessoais, ou que se encontrarem necessitados de amparo legal, a comparecerem amanhã, ao meio-dia, no palácio provincial, junto ao templo de Vênus Pandemos, a fim de exporem suas queixas e reclamações, que serão plenamente atendidas pelas autoridades competentes.” (...) Jochedeb ouviu a comunicação oficial, colocando -se imediatamente entre os que se julgavam com direito a esperar legítima indenização pelos prejuízos sofridos noutros tempos. Animado das melhores esperanças, desandou para casa, escolhendo caminho mais longo, de modo a evitar novo encontro com os que o haviam humilhado rudemente.”

Tanto no texto bíblico como no trecho do livro, percebemos que eles se dirigem a um lugar. Jesus, com um firme propósito, ia para Jerusalém; Jochedeb, iria dirigir-se ao questor, com o propósito de reclamar os seus direitos.

*Ele **enviou** anjos perante a sua face.*

Indo,

***entraram** em uma aldeia de samaritanos*

*para **preparar-lhe** hospedagem.*

*Mas não o **receberam***

*porque tinha o propósito de se **dirigir** a Jerusalém.*

“—O legado imperial, em nome de César, resolve ordenar o confisco da suposta propriedade de Jochedeb ben Jared, concedendo -lhe três dias para desocupar as terras que ocupa indebitamente, visto pertencerem, com fundamento legal, ao questor Licínio Minúcio, habilitado a provar, a qualquer tempo, seus direitos de propriedade. A decisão inesperada causou intensa comoção ao velho israelita, a cuja sensibilidade aquelas palavras levaram um efeito de morte. Nem saberia definir a angustiosa surpresa. **Não confiara na Justiça e não estava à procura de sua ação reparadora? Queria gritar o seu ódio, manifestar suas pungentes desilusões;** mas a língua estava como que petrificada na boca retraída e trêmula.”

***Vendo** isso*

*os discípulos Tiago e João **disseram:***

Senhor, queres

*que **digamos***

*para **descer** fogo do céu*

*a fim de os **destruir**?*

“Mas, ao mesmo tempo, idéias destruidoras invadiam-lhe o cérebro cansado e dolorido. A Lei sagrada estava cheia de símbolos de justiça. E, para ele, impunha-se como dever soberano providenciar a reparação que lhe parecia conveniente. (...) Obcecado pela **idéia de reparação e vingança**, o velho israelita **deliberou incendiar as pastagens próximas.**”

***Voltando-se,
ele os repreendeu:
Não sabeis de que espírito sois.***

“— Meu pai, meu pai, por que levantastes o braço vingador? por que não esperastes a ação da justiça divina?... — Acima de todas as determinações, porém, meu pai — acentuou Jeziel sem irritação -, Deus mandou gravar o ensinamento do amor, recomendando que o amássemos sobre todas as coisas, de todo o coração e todo o entendimento.

— Amo o Altíssimo, mas não posso amar o romano cruel — suspirou Jochedeb, amargurado.

— Mas, como revelarmos dedicação ao Todo-Poderoso que está nos Céus — continuou o jovem compadecido —, destruindo suas obras?”

***Pois o filho do homem não veio
Para **destruir** a vida dos homens,
mas para **salvá-la**.
E **foram** para outra aldeia.***

“— Senhor! compadece-te do nosso amargurado destino!... Jeziel apertou-lhe docemente a mão encarquilhada, como a lhe pedir resignação e calma, e o grupo marchou silenciosamente à luz das estrelas.”

Sigamos em frente, veremos agora a relação do primeiro capítulo da segunda parte com o trecho do Evangelho de Lucas, cuja referência encontramos no livro Parábolas de Jesus – Texto e Contexto de Haroldo Dutra Dias, pg. 181.

03 – Capítulo 1 segunda parte x Lucas 19:10, 28-48

(Tradução Haroldo Dutra Dias – não colocamos os números dos versículos apenas para facilitar a análise, separando frase a frase, conforme apresentasse um verbo.

Lucas 19:10:

“Pois o filho do homem **veio**
buscar e
salvar o que está perdido.”

28-48

Após **dizer** estas coisas,

Ia adiante,

Subindo a Jerusalém.

E aconteceu que,

Quando se **aproximou** de Betfagé e Betânia,

Junto ao monte chamado das oliveiras, **enviou** dois dos discípulos

Dizendo:

Ide à aldeia defronte,

E, entrando nela, **encontrareis** um jumentinho amarrado,

Sobre o qual nenhum homem jamais **sentou**.

Soltai-o e

Conduzi-o.

E se alguém vos **perguntar:**

Por que o **soltais**?

Assim **direis:**

O senhor tem necessidade dele depois de **partirem**

Os enviados **encontraram** como lhes havia dito.

Enquanto eles **soltavam** o jumentinho,

Disseram-lhes os donos dele:

Por que **soltais** o jumentinho?

Eles **disseram:**

O senhor tem necessidade dele e o **conduziram** a Jesus.

Lançando sobre o jumentinho as suas vestes,

Fizeram Jesus subir nele.

Enquanto ele **passava**,

estendiam suas vestes pelo caminho

Quanto ele já **estava** próximo do monte das oliveiras,

Toda a multidão dos discípulos, **alegrando-se**,

Começou a **louvar** a Deus,

Em alta voz, por todos os prodígios que **tinha visto**.

Dizendo: Bendito o Rei que **vem** em nome do Senhor!

Paz no céu e glória nas alturas!

E alguns fariseus, da turba, **disseram** para ele:

Mestre, **repreende** os teus discípulos.

Em resposta, **disse:**

Eu vos **digo:**

Se eles **silenciarem**,

As pedras **gritarão**.

Quando se **aproximou**,

Ao **ver** a cidade,

Chorou por ele

Dizendo: Se **soubesses**, também tu, neste dia,

As coisas que **conduzem** para paz!

Agora, porém, **estão escondidas** dos teus olhos.

Porque dias **virão** sobre ti,

E os teus inimigos te **cercarão** com paliçada

Te **sitiarão**

E te **apertarão** de todos os lados

Deitarão por terra a ti

E a teus filhos, no meio de ti, e **não deixarão** em ti pedra sobre pedra,

Porque não **reconheces** o tempo da tua visita.

Entrando no templo,

Começou a **expulsar**

Os que **vendiam**,

Dizendo-lhes:

Está escrito:

A minha casa **será** casa de oração.

Mas vós **fizestes** dela um covil de assaltantes.

Ele **estava ensinando** diariamente no templo.

Os sumos sacerdotes, escribas e os principais do povo **procuravam** para matá-lo,

Mas não **encontravam** o que fazer,

Pois todo o povo **pendia** para ele,

Ouvindo-o.”

Observamos que o trecho do Evangelho de Lucas, nos traz primeiramente a menção de que Jesus veio para buscar e salvar.

No livro Paulo e Estevão, Paulo, após o encontro com Jesus, entra na cidade de Damasco, iniciando a sua jornada. Podemos entender que Jesus buscou e salvou Paulo, eis a primeira relação.

Vejam que bonita a tradução da Bíblia do Peregrino para este trecho: “Porque este Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.”

O segundo trecho de Lucas é a história do jumentinho e vamos nos socorrer com a explicação da Bíblia do Peregrino (notas) para entender o significado desta passagem, que tratava-se do cumprimento de uma profecia:

*“19,30-34 Dirige os preparativos com sua presciência e domínio: envia os discípulos para que lhe procurem a cavalgadura adequada. Um jogo de palavras destaca o domínio: os “donos” perguntam, o Senhor o reclama (kyrioi/kyrios). Não é cavalgadura militar (SI 20,8; 147,10), e sim a anunciada por Zacarias: **“teu rei esta chegando... humilde, cavalgando um jumento...” (Zc 9,9).** Mas, trata-se de primícias de cavalgadura, já que ninguém até agora a montou: tão nobre será seu primeiro servido (cf. para outros destinos Nm 19,2; Dt 21,3). Estendendo seus mantos sobre o jumento, a maneira de gualdrapa, os discípulos “fazem Jesus montar”; como quando Salomão foi ungido rei e subiu para sentar-se no trono de Davi: “ordenou que conduzissem Salomão montado na mula do rei... Subiram em clima de festa, a cidade esta alvoroçada” (I Rs 1,33-35.44-45).”*

Meus amigos, lembramos sempre que as relações que procuramos entre os capítulos do livro e os ensinamentos da bíblia, são de **significado**, onde um texto lança luz sobre o outro, clareando e ampliando o seu significado. A verdade, como bem diz o Haroldo Dutra, converge!! Façamos os encontros das 3 revelações, ampliando o nosso conhecimento.

Então, vejamos, Paulo está em Damasco, convertido, maravilhado com a boa nova. Primeiramente vai a Sadoc que lhe nega hospedagem, fica 3 dias sozinho em hospedaria e então recebe a visita de Ananias, é curado da cegueira.

Vejamos alguns trechos: “Agora compreendia aquele Cristo que viera ao mundo principalmente para os desventurados e tristes de coração. (...) As convenções mundanas e os preconceitos religiosos proporcionavam-lhe uma tranquilidade aparente; mas, bastou a intervenção da dor imprevista para que ajuizasse de suas necessidades imensas.”

Como concebemos o Cristo no mundo? Somos tal qual os discípulos que o viam como um novo rei, deste mundo, que lhes traria a liberdade terrena, aparente e temporária? Queremos compará-lo a grandes reis, como Salomão (Antigo Testamento), fazê-lo entrar no lugares com honras e glórias deste mundo?

Ou já nos permitimos a cura de nossa cegueira, tal qual Paulo? Como concebemos o Cristo em nossas vidas?

“Entre as lágrimas ardentes que corriam dos olhos, o moço tarsense acentuou, contrito:

—Digne-se o Senhor perdoar meus pecados e iluminar meus propósitos para uma vida nova.

—Agora — disse Ananias, impondo-lhe as mãos nos olhos apagados e num gesto amoroso —, em nome do Salvador, peço a Deus para que vejas novamente.

—Se é do agrado de Jesus que isso aconteça — advertiu Saulo compungido — ‘ofereço meus olhos aos seus santos serviços, para todo o sempre.’

Este é o convite amigos!! Que tenhamos olhos de ver, que saibamos quem é o Cristo, e que, tomados pelo seu amor, nos ofereçamos aos seus santos serviços. O segundo trecho de Lucas, nos encaminha para este entendimento: “Se **soubesses, também tu, neste dia, as coisas que conduzem para paz! Agora, porém, estão escondidas dos teus olhos.**”

Já não estão mais escondidas de nossa vista, de nosso entendimento e de nosso coração as coisas que conduzem a paz. A doutrina espírita, veio como o consolador prometido, nos resgatar da cegueira, do desengano, para nos remeter a um novo modo de viver. Os sacrifícios ainda se fazem necessários, mas estamos construindo um mundo regenerado. Deus é conosco.

Prossigamos com as convergências.

O último trecho de Lucas, desta parte, trata dos Vendilhões do Templo. Busquemos auxílio para entender este texto. A Bíblia do Peregrino intitula este trecho como “**Purifica o templo**”, interessante esta referencia à palavra purificação!!

Vejamos o que dizem as notas explicativas da Bíblia do Peregrino: “19,45-46 O cuidado do templo era responsabilidade do rei (2Cr 29,4.12; 29 6 -11 ; 34,8). Jesus, que entrou na cidade como rei messiânico, dirige-se ao templo para purifica-lo. Numa espécie de ação simbólica, que dois textos bíblicos explicam o primeiro define a função do templo como casa de oração, e sua abertura aos pagãos (Is 56,7 citado em parte), o segundo denuncia o abuso do templo, como seguro de impunidade para continuar pecando: “Credes que é uma cova de bandidos este templo que traz meu nome?” (Jr 7).

Retornemos ao livro, eis Paulo cheio de ânimo novo: “— Até aqui, ocupava o meu tempo no estudo e na exegese da Lei de Moisés; agora, porém, **encherei as horas com o espírito do Cristo**. Trabalharei nesse mister até ao fim dos meus dias. Buscarei iniciar meu trabalho aqui mesmo em Damasco.”

Eis o início da jornada de Paulo, a busca pela purificação. Mas qual o templo que necessita ser purificado? Onde prestamos culto e adoração a Deus Pai? Nas igrejas? No Centro Espírita? No culto do Evangelho no Lar? Se assim o pensarmos, nos assemelhamos aos “**Os sumos sacerdotes, escribas e os principais do povo**” e esta atitude procura “matar” a boa nova do Cristo.

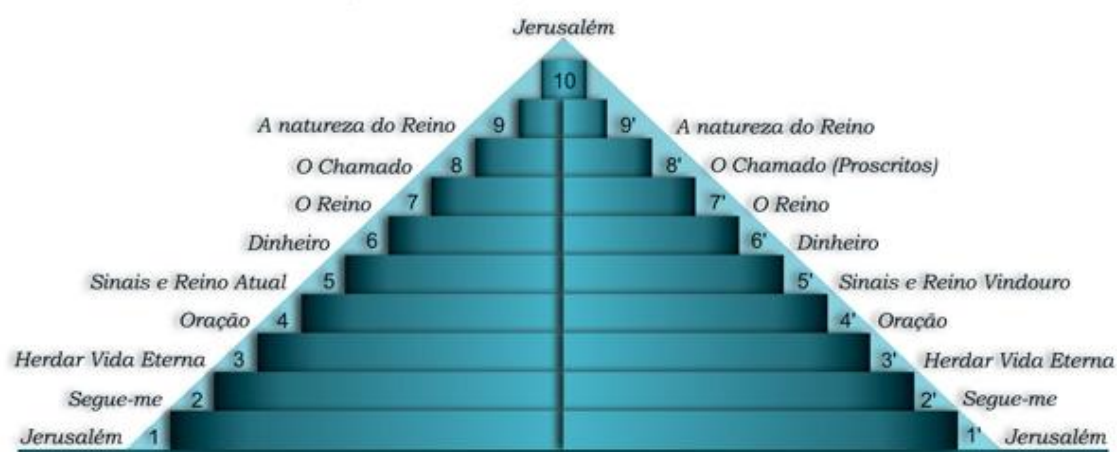
Nós somos o templo divino e é dentro de nós que deve realizar-se a purificação que Jesus exemplifica, que Paulo vivencia e que estas reflexões nos convidam a iniciar.

Vamos, então, ao quarto tópico, lembrando da Narrativa de Jerusalém, buscaremos as relações entre o primeiro degrau da pirâmide de cada um dos lados, 1 e 1’.

- 04 (Lc 9:51 – 19:48) e (Lc 9:51 – 19:48)

Primeiro degrau – Jerusalém: Juízo e Salvação. Queremos ascender, subir as escadarias da pirâmide para alcançar o tema central no livro e da mensagem evangélica. Certamente, o leitor poderá experimentar outras formas de percorrer estes ensinamentos, e certamente haverá outras possíveis. Lembremos sempre, a verdade nunca vai chocar-se com outra verdade, elas se unirão. Vejamos a pirâmide apresentada no livro Parábolas de Jesus – Texto e Contexto:

“Narrativa da Viagem a Jerusalém”
(Lc 9:51 - 19:48)



Nossa escolha para este estudo, foi iniciar pelos primeiros degraus, de um lado e de outro, até chegarmos ao tema central. Entendemos que o livro Paulo e Estevão também apresenta esta possibilidade, afinal, os

autores que os inspiraram guardam em seus escritos a sua forma de pensar. Por isto estamos confrontando o capítulo 1 da primeira parte com o capítulo 1 da segunda parte. Queremos fazer este caminho de ascensão.

Vamos, então, buscar alguns aspectos que unem estes dois trechos do Evangelho de Lucas.

Primeiramente, peço perdão pela pobreza das relações que irei fazer, uma vez que meu conhecimento das escrituras é diminuto e todo o esforço deste estudo, apesar da pesquisa realizada, é buscar as lições que falam ao nosso coração, muitas vezes de forma intuitiva. Assim, nos abre a possibilidade de equívocos e pensamentos errôneos, pelo que rogamos aos leitores amigos, que façam suas críticas a fim de que melhorem as referências aqui apresentadas.

Vejamos, então, ambos os textos iniciam pronunciando que Jesus e os discípulos estavam indo para Jerusalém. Em ambos os textos Jesus enviou mensageiros (anjos no primeiro e discípulos no segundo) para preparar algo. No primeiro texto a hospedagem, no segundo o jumentinho para adentrar em Jerusalém. O que estava sendo preparado? Qual a missão de Jesus entre nós?

Em **Lucas 19:10: “Pois o filho do homem veio buscar e salvar o que está perdido.”**, vemos explicitamente a revelação da missão de Jesus entre nós, buscar e salvar. Se fizermos o exercício mental de substituir Jerusalém por nós, humanidade, ou então, melhor ainda, por EU, iremos encontrar profundos significados a este dois textos.

Jesus vem ao nosso encontro, de várias formas e em diversos momentos, foi à Samaria pedindo hospedagem, foi-lhe negado. E se eu fosse um Samaritano, e se o pedido fosse hoje, qual seria a minha resposta? Foi também a Jerusalém, entrando sentado em um jumentinho, diríamos, também: **“Bendito o Rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória nas alturas!”** para tempos depois crucificá-lo?

As lições evangélicas que nos são apresentadas, seja no texto de Lucas ou do livro Paulo e Estevão, querem nos remeter à necessidade de purificação, de atentarmos para as nossas falhas e desenganos, para nosso orgulho e egoísmo e deixarmos a mensagem do Cristo transformar nossas vidas. Como o faremos? Acredito que esta jornada, este caminho ascensional, degrau por degrau, capítulo por capítulo, nos trará valiosas lições.

Encerraremos, então, este estudo com o tópico 5, num esforço de unir os quatro textos.

05 - Lições que aprendemos com as conexões estabelecidas.

Temos muito de Jochedeb em nossos corações, ainda nos servimos da vingança e da ira para tratar das adversidades da vida, porém, há em nós o desejo de experimentar a renovação que Paulo vivenciou e que este livro nos quer relatar. A jornada, para muitos, parece árdua, difícil, até impossível, como ser Estevão, como ser Abigail?

Jesus vem ao nosso socorro, vem nos buscar e nos salvar, nos indicar o caminho que nos levará a este novo viver que almejamos e necessitamos. Eis, então, que lembramos da resposta dos espíritos a Kardec: Vede Jesus!!!

Amigos, para mim escrever estas linhas foram momentos de profundas reflexões, por diversas vezes precisei parar, respirar e deixar as lágrimas conduzirem as muitas emoções que este estudo me tem revelado. A cada dia, um convite a renovação, a cada lição, uma luz que ilumina o caminho e nos aponta a direção.

Avancemos! Nossa jornada é tal qual o viajante do deserto, se pararmos, o sol, a fome e a sede nos consumirão. Sigamos adiante, ainda que as dores sejam muitas, não nos deixemos paralisar pela culpa dos desenganos, mas nos deixemos conduzir pelo amor do Pai, revelado em Cristo Jesus.

Abraços fraternos.

Candice Günther
Campo Grande – MS, 29.03.2014.

Estrutura 2

Estudo sobre a Estrutura do livro Paulo e Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 2

“A proliferação dos computadores, dos aparelhos eletrônicos de sistematização, certamente provocará uma diversificação no processo da leitura. Richaudeau diz o seguinte: “Nossos olhos, comandados pelo cérebro, se tornarão instrumentos de uma pequena caixa de velocidade. Existirão textos para serem lidos com primeiro interesse, com segundo interesse, e assim por diante. Os mais hábeis, como os automóveis mais potentes, conseguirão ampliar sua potencialidade até seis ou sete estágios de leitura”. Trecho do Prefácio do livro Segue-me

Em breves palavras, lembremos-nos do que se refere este estudo que ora apresentamos.

No texto que compartilhamos, intitulado Estrutura do livro Paulo e Estevão e o Evangelho de Lucas, trouxemos algumas percepções de possibilidades interpretativas, verificando que ao escrever o livro, Emmanuel o trouxe de forma estruturada, onde os 10 capítulos iniciais guardavam relações de essência de significado com os 10 capítulos da segunda parte. Percebemos também que esta estrutura 10x10, foi apresentada pelo Haroldo Dutra no livro Parábolas de Jesus – Texto e Contexto, através da Narrativa da Viagem de Jerusalém.

Neste estudo faremos, então, a análise das 5 possibilidades de convergência que encontramos na primeira estrutura e buscaremos também aqui.

- 01 – Cap. 2 (1ª parte) x Cap. 2 (2ª parte)
- 02 – Cap. 2 (1ª parte) x Lucas 9:57 – 10:12
- 03 – Cap. 2 (2ª parte) x Lucas 18:35 – 19:9

- 04 – Lucas 9:57 – 10:12 – Lucas 18:35 – 19:9

- 05 – Conclusões quanto aos quatro textos.

Vamos, então, ao nosso primeiro passo, estabelecer as pontes entre o capítulos de número 2 da primeira e segunda parte.

01 – Cap. 2 (1ª parte) x Cap. 2 (2ª parte)

Fazendo um voo panorâmico sobre o segundo capítulo, encontraremos a família de Jesiel em momentos de grande dificuldade, primeiramente presos, após um julgamento ou, melhor dizendo, a aplicação de uma pena severa sem nenhuma observância dos tramites jurídicos da época, a morte de Jochedeb, a prisão de Estevão e o acolhimento de Abigail, agora órfã, por Zacarias e Ruth.

Avancemos um pouco e busquemos, então, no cap. 2 da segunda parte, uma visão que se assemelha. Paulo vai encontrar Gamaliel, seu mestre de outrora que se retirara para sondar a mensagem do Cristo, já no fim de sua vida. As dificuldades e incertezas do caminho são muitas, Paulo não poderia mais ser fariseu, voltaria ao seu primeiro ofício, seria tecelão.

Um primeiro ponto a refletirmos, sondemos Jochedeb:

“Jochedeb deixou pender, para sempre, a cabeça alvejada de cabelos brancos. O sangue alagara as vestes e empastava-se-lhe nos pés. Sob o olhar cruel do legado, ninguém ousou articular palavra. Apenas o açoite, cortando o ambiente morno da sala, quebrava o silêncio num silvo singular. Mas, notaram que do peito da vítima ainda se escapavam palavras confusas, das quais sobressaíam as carinhosas expressões:
—Meus filhos, meus queridos filhos!...”

Também, no segundo capítulo da segunda parte, temos uma morte, o fim de uma etapa, não do corpo físico, mas do fariseu que Paulo não mais seria, eis que Gamaliel explica a Paulo sua condição:

“Até agora foste rabino da Lei, preocupado com os erros alheios, com as discussões da casuística, com a situação de evidência entre os doutores;

ganhavas dinheiro na vigilância dos outros, mas Deus te chamou à verificação dos teus próprios desvios, como chamou a mim mesmo. A Terra Prometida desenha-se aos nossos olhos. É preciso vencer os obstáculos e marchar.”

Para Jochedeb a renovação apenas seria possível em próxima existência, a morte física o encontrou em profunda dor e sofrimento, distanciando-se da lei divina, atraindo para si a dor e a severidade da pena. Eis que na vida de Paulo algo também morre, o velho homem, o doutor da lei deverá morrer para que o Cristo possa nascer em seu coração e o Evangelho frutificar em sua vida. Convido os amigos à leitura do belíssimo capítulo de II Coríntios, cap. 5 em que Paulo trata deste assunto de forma inspirada. Trago-lhes, apenas um pequeno trecho, que está no versículo 17: *“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.”*

Paulo está redimido, mas eu, você, estamos no caminho. Eis a reflexão, a pergunta, o convite. O que ainda há em nós que necessita morrer? O que guardamos do velho homem que nos atravanca a evolução e nos impede de ascender ao Pai e viver o seu amor? Deixaremos a morte física chegar para finalmente entendermos a nossa condição de espíritos imortais? Ou saberemos ser qual Paulo, que deixou morrer os traços que lhe impediam de prosseguir?

Vejamos um outro ponto de conexão entre os capítulos.

Para que estejamos aptos a identificar o que em nós ainda precisa ser deixado para trás, o que do velho homem precisa morrer, muitas vezes a dor e o sofrimento vem ao nosso encontro como escola divina. Sondemos, então, as posturas de Abigail e Estevão, ante as agruras da vida.

Abigail: “Não será uma felicidade, neste mundo, podermos sofrer alguma coisa por amor de Deus? Quem nada tem, inda possui o coração para dar. E estou convicta de que o Céu nos abençoará pela nossa resolução em servi-lo com alegria.”

Estevão: “Enquanto os outros povos amortecem forças na dominação pela espada, ou nos prazeres condenáveis, nosso testemunho ao Altíssimo, pelas dores e amarguras, multiplica em nosso espírito a capacidade de resistência, ao mesmo tempo que os outros homens aprendem a considerar, com o nosso esforço, as verdades religiosas.”

Muitos, ao estudarem este livro, observam as dificuldades e sofrimentos de Paulo, porém, não podemos olvidar que as renúncias de Abigail e Estevão foram imensas. **A postura de total confiança ao altíssimo, porém, nos dá uma dimensão diferente de como a dor pode ser vivida e experienciada.** Ambos estavam se preparando e sendo preparados por Deus para testemunhos de vida que levariam Paulo a um novo viver.

E falando em Paulo, sondemos, então, a postura de Paulo ante as adversidades da vida.

O velho homem, o Doutor da Lei, já não vive mais. Gamaliel aconselha Paulo a um novo caminho, e o vemos humilde, reconhecendo suas necessidades do caminho: “Aprenderei, de novo, o caminho da vida, encontrarei no ruído do tear os estímulos brandos e amigos do trabalho santificante. Conviverei com os mais desfavorecidos da sorte, penetrarei mais intimamente nas suas amarguras de cada dia; **em contacto com as dores alheias hei de saber dominar meus próprios impulsos inferiores, tornando-me mais paciente e mais humano!**.”

O livro de Emmanuel, **Segue-me**, traz valorosa lição: “*Ninguém resgata uma dívida unicamente por louvar o credor. À vista disso, não nos iludamos. Asseguremo-nos de que não nos faltará a Bondade Divina, mas construamos em nós a humana bondade. Por muito alta a confiança de alguém no Poder Maior do Universo, isso, por si só, não lhe confere o direito de reclamar o bem que não fez.*”

Estas três almas, Abigail, Estevão e Paulo, nos exemplificam, nos inspiram, a dor é escola amiga, forja divina para as nossas almas ressequidas pelo orgulho. Adentremos nesta valorosa lição, saibamos confiar no Pai, elevando-nos para que o seu amor e a sua misericórdia nos alcancem.

Prossigamos, o evangelho de Lucas nos trará luz a estes ensinamentos.

02 – Cap. 2 (1ª parte) x Lucas 9:57 – 10:12

Lembremos que o segundo capítulo da primeira parte nos conta da prisão de Jochedeb, Jesiel e Abigail. A morte do Pai, Jesiel preso, Abigail só.

A Narrativa de Jerusalém nos remete a dois textos, o degrau intitulado “Segue-me” nos convida a uma trajetória com Jesus, a ascender a caminhada. Queremos servir o Cristo? A maioria de nós responde sim, eis então a segunda pergunta: Estamos prontos e dispostos a segui-lo?

Tal qual o viajante do Evangelho, afirmamos: “**Eu te seguirei aonde fores.**”

Eis que Jesus lhe responde:
“**As raposas tem tocas
e as aves do céu tem ninhos,
mas o filho do homem não tem
onde reclinar a cabeça.**”

Abigail e Jesiel perderam sua casa, seus pertences, tal qual Jesus, não tinham mais “onde reclinar a cabeça”. O desapego aos bens materiais é requisito para a vida com Jesus, confiar que estamos sob os cuidados do Pai em qualquer circunstância e nos colocarmos numa **postura de fé e confiança** é um grande desafio.

Sondemos Jesiel: “Mas eu creio no Messias Redentor, que virá esclarecer todas as coisas. Os profetas nos afirmam que os homens não o compreenderão; entretanto, ele há de vir ensinando o amor, a caridade, a justiça e o perdão. Nascerá entre os humildes, exemplificará entre os pobres, iluminará o povo de Israel, levantará os tristes e oprimidos, tomará, com amor, todos os que padecem no abandono do coração. Quem sabe, Abigail, estará ele no mundo, sem o sabermos? **Deus opera em silêncio e não concorre com as vaidades da criatura.** Temos fé e a nossa confiança no Céu é uma fonte de força inesgotável. Os filhos da nossa raça muito têm padecido, mas Deus saberá por quê, e não nos enviaria problemas de que não necessitássemos.

Na lição de Lucas, um outro diz a Jesus, ante o convite, segue-me: “**permite-me primeiro ir enterrar meu pai. Disse-lhe (Jesus): Deixa que os mortos enterrem seus próprios mortos. Tu, porém, vai e anuncia o Reino de Deus.**”

O convite de Jesus não dá ensejo a protelações e adiamentos, requer resposta para o dia de hoje. Pede de nós que o alcemos a prioridade

máxima, lembrando-nos do mandamento maior, amar a Deus acima de todas as coisas.

Abigail e Jesiel precisaram prosseguir, o pai morto, a vida desfeita – a vida seguindo seu rumo, as lições adentrando naquelas almas de forma definitiva. (Ninguém que põe a mão no arado e olha para as coisas de trás é apto para o Reino de Deus – versículo 62).

O próximo texto de Lucas também nos remete ao ensino das dificuldades que aguardam aqueles que colocam no caminho para o serviço do Cristo “A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Ide! Eis que vos envio como cordeiros em meio de lobos.”

Talvez, pensemos juntos, a jornada se nos apresente muito pesada, com muitas perspectivas de dor. Será assim, então, a vida com Cristo? Nosso momento evolutivo e nossa condição neste planeta é de provas e expiações, passaremos por momentos de dificuldades com ou sem Jesus, confiando ou não nos desígnios do Pai, consolados ou não, são as Leis Divinas que nos alcançam e esta, ainda, é a condição do planeta em que vivemos. O que quero dizer é que as dificuldades do caminho são para todos, porém, a confiança, a fé e a resignação nos permitem passar por estas adversidades tal qual Abigail e Jesiel.

Avancemos em nossos estudos, refletindo porém como ouvimos e como vivenciamos o chamado de Jesus: Segue-me!

03 – Cap. 2 (2ª parte) x Lucas 18:35 – 19:9

Antes de adentrarmos propriamente neste trecho do estudo, faço convosco uma pequena reflexão. Nos capítulos da primeira parte, temos Saulo em queda, erros e equívocos o levam a um caminho de muita dor e sofrimento. Porém, na segunda parte, somos instados a ver um caminho ascensional, uma alma emergindo, sendo lapidada, abrindo sua visão, eis que o Mestre veio e o alcançou, lá no fundo do poço. Entrelaçar a queda e a ascensão na busca do aprendizado para a nossa jornada é todo o nosso esforço e intuito neste estudo. Entender como Paulo foi capaz de tamanha transformação moral é uma fonte de aprendizado que a espiritualidade nos convida a realizar que, pois mais árdua que seja, não podemos nos esquivar de fazer.

Sigamos adiante, Paulo, não mais fariseu, novas perspectivas, um modo novo de olhar a vida, o velho homem deixado para trás, eis o tecelão.

Vejamos o primeiro trecho do Evangelho de Lucas, que, novamente, disporemos sem o número dos versículos, separando as frases pelos verbos, aguçando a nossa visão e nosso entendimento (observamos que por uma falha na impressão este trecho não está na tradução do Haroldo, pelo que usaremos um trecho da Bíblia de Jerusalém):

O cego na entrada de Jericó.

“Quando ele se aproximava de Jericó,

havia um cego,

mendigando,

na beira do caminho.

Ouvindo os passos da multidão

que transitava,

perguntou o que era.

Informaram-no que Jesus, o Nazareu,

passava.

E ele pôs-se a gritar:

“Jesus, filho de Davi, tem compaixão de mim.”

Jesus se deteve

e mandou que lho trouxessem.

Quando chegou perto,

perguntou:

Que queres que eu faça?

Ele respondeu:

“Senhor, que possa ver novamente!”

Jesus lhe disse:

“Vê de novo, a tua fé te salvou.”

No mesmo instante, recuperou a vista,
e seguia a Jesus
glorificando a Deus.
E, vendo o acontecido,
todo o povo celebrou os louvores de Deus.”

Na estrada de Damasco, Saulo ante Jesus pergunta, “Senhor, que queres que eu faça?” e fica cego, por três dias medita, reflete. Mas a cura de sua visão, da visão da alma que olha o mundo com entendimento, com discernimento, ocorreu naquele instante? Houve em Paulo um completo refazimento que o permitiu seguir com Cristo, ou ele iniciou ali um caminho para entender o caminho que o Messias exemplificou?

Saibamos, que a jornada de trabalho e dedicação é que permite que retiremos aos poucos e continuamente as escamas que impedem nossa visão, ainda turva. Assim como Paulo, que gradativamente avançou, somos peregrinos no deserto, viajores do tempo, aprendizes do Evangelho.

Vejam o profundo entendimento que Paulo encontra neste momento de sua trajetória, vejam os “olhos de ver”: “Aprenderei, de novo, o caminho da vida, encontrarei no ruído do tear os estímulos brandos e amigos do trabalho santificante. Conviverei com os mais desfavorecidos da sorte, penetrarei mais intimamente nas suas amarguras de cada dia; **em contacto com as dores alheias hei de saber dominar meus próprios impulsos inferiores, tornando-me mais paciente e mais humano!...**”

No trecho de Lucas, vemos novamente a pergunta: “**Que queres que eu faça?**” agora, porém, a pergunta vem do Mestre. Que também é dirigida a todos nós. Saibamos dar a resposta – Senhor, que possamos ver!!! Eis que quanto adquirimos olhos de ver, faremos tal qual o cego de Jericó, “e seguia a Jesus, glorificando a Deus.”

Passemos para o outro trecho de Lucas, que é a história de Zaqueu, homem de baixa estatura, que queria ver Jesus.

Vejamos, amigos, que contraponto fantástico, Zaqueu elevou-se para ver Jesus, e Jesus entrou em sua casa. Paulo se fez pequeno, tornou-se tecelão, para ver Jesus, e Jesus adentrou em sua vida, definitivamente.

Pincelemos alguns trechos, convidando os amigos e abrirem suas bíblias e lerem atentamente a passagem na íntegra (Lucas 19:1-10).

“ (...) Disse Jesus para ele:

Zaqueu, **apressando-te,**

desce,

pois hoje é necessário

permanecer em tua casa.

(...) Ficando de pé,

disse : Senhor eis que dou metade dos meus bens aos pobres,

e, se extorqui algo de alguém,

restituo em quádruplo.

Disse-lhe Jesus:

Hoje houve salvação nesta casa. (...)

Pois o filho do Homem veio buscar

e salvar o que está perdido.”

Sondemos Paulo, o tecelão: “Sem trabalho, sem dinheiro, acho-me num labirinto de questões insolúveis, sem o auxílio de um coração mais experiente que o meu. Resolvi, então, demandar o deserto e procurar-vos para o socorro necessário.”

Reconhecemo-nos cegos e pequenos para, então, sermos alcançados por Jesus. Eis o convite, eis a escola.

“Agora que te candidatas a servir ao Messias na Jerusalém da Humanidade, é bom que voltes a ser modesto tecelão. As tarefas apagadas são grandes mestras do espírito de submissão. Não te sintas humilhado regressando ao tear que nos surge, presentemente, qual amigo generoso. Estás sem dinheiro, sem recursos materiais... À primeira vista, considerando tua situação de realce no mundo, seria justo recorrer a parentes ou amigos. Mas não estás doente, nem envelhecido. Tens a saúde e a força. Não será mais nobre convertê-las em elemento de socorro a ti mesmo? Todo trabalho honesto está selado com a bênção de Deus.”

Finalizamos este trecho, com uma citação do livro Segue-me: “Diz o Apóstolo Paulo: *Acolhei o que é débil na fé, não, porém, para discutir*

opiniões". É que para chegar à cultura, filha do trabalho e da verdade, o homem é naturalmente compelido a indagar, examinar, experimentar, e teorizar, mas, para atingir a fé viva, filha da compreensão e do amor, é forçoso servir. E servir é fazer luz."

Avancemos!!!

04 – Lucas 9:57 – 10:12 – Lucas 18:35 – 19:9

Vejamos, agora, o que estes dois trechos do Evangelho podem nos dizer quanto ao tema Segue-me!

O primeiro trecho de Lucas 9:57-62, intitulado na tradução do Haroldo Dutra Dias como “Os Desafios do Discipulado”, nos traz 3 personagens não nominados. O primeiro afirma: “Eu te seguirei aonde fores.” Pensemos, amigos, que para o judeu da época, a fartura, a colheita representavam que estavam com Deus e próximos de Deus, porém, quando lhes adviam as dificuldades, entendiam como castigos do céus. Eis, então Jesus o advertindo: “**o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça**”. Os tesouros prometidos por Jesus são outros que não os terrenos e o convite ao desapego é essencial para que sejamos capazes de segui-lo.

Ante o segundo chamado a o seguir, Jesus lhe ensina: “**Deixa que os mortos enterrem seus próprios mortos. Tu, porém, vai e anuncia o Reino de Deus.**” Se no primeiro item Jesus nos alertava quanto ao desapego, neste ele sonda nossas prioridades. Talvez nos seja mais confortável a espera, a protelação. Quantos não dizem, quando eu aposentar irei trabalhar com as crianças humildes, visitar hospitais; se minha família não fosse tão complicada, poderia servir ao mestre com maior zelo; se eu tivesse mais tempo...etc. Lembremo-nos que as 24 horas que nos foram concedidas são as mesmas horas e minutos que o Chico teve, que Gandhi, Madre Teresa, Irmã Dulce e tantos outros abnegados trabalhadores do Cristo. O que nos diferencia deles? Certamente o grau evolutivo, mas em última instância, sob um olhar sincero e corajoso, perceberemos, são nossas prioridades!!

Ao último, Jesus disse: “**Ninguém que põe sua mão no arado e olha para as coisas de trás é apto para o Reino de Deus.**” Quem em Cristo põe a vida, não pode olhar para trás!! O manuseio do arado requer habilidade, foco e concentração, olhar para trás trará prejuízos ao trabalhador que não

apenas se desviará do caminho mas poderá machucar-se gravemente. Tal qual os trabalhadores de Jesus, carecemos de foco, habilidade e concentração para viver no presente, sem permitir que o olhar para trás nos paralise ou nos desvie do caminho.

Vamos, então, ao outro trecho do Evangelho de Lucas, que está mais a frente, buscando luzes. O cego de Jericó foi a Jesus, pedindo auxílio: “Filho de Davi, tem compaixão de mim!”. A resposta de Jesus: “Que queres que eu faça.” Cura-me!!! – “que possa ver novamente”. E vejam que maravilhosa frase: “No mesmo instante, recuperou a vista, e seguia a Jesus, glorificando a Deus.”

O outro texto de Lucas, 19:1-10 é a história de Zaqueu, o pequeno homem que foi ao encontro de Jesus, elevando-se, levantando-se afirma: “Senhor, eis que dou a metade dos meus bens aos pobres e se extorqui algo de alguém, restituo em quádruplo. Disse-lhe Jesus: houve salvação nesta casa...”

Onde estamos? Em qual dos trechos nos encaixamos? Nos primeiros que afirmam seguir Jesus mas o fazem de forma condicionada, com falsas ilusões da seara do Mestre? Ou nos reconhecemos cegos e rogamos a Jesus tal qual o cego de Jericó, tem compaixão de mim!!? Ou nos fazemos pequenos e humildes tal qual Zaqueu, permitindo que a salvação adentre nosso mundo íntimo?

O convite do Mestre é para hoje, segue-me, é para mim e para você! Lembremos que no jardim de Jesus somos flores com muitos espinhos, mas ao segui-lo, ao servi-lo, eles nos serão retirados, um a um.

Encerramos este trecho com um pequeno recorte da outra lição do livro Segue-me, de Emmanuel: “*O coração do discípulo fiel ao Evangelho, nos dias que passam, deve revestir-se com a vigorosa couraça da fé viva, porquanto é chamado a trabalhar numa floresta escura, onde a maldade se tornou mais requintada e a sombra mais densa. E que guarde, sobretudo, a serenidade confiante do trabalhador, compreendendo a necessidade dos testemunhos e sacrifícios para todos, porque para o aprendiz sincero deve resplandecer o ensinamento daquele que tendo vindo ao mundo através de anúncios divinos, assinalados por uma estrela brilhante, temido pelas autoridades de seu tempo, que transformou pescadores em apóstolos, que curou leprosos e cegos, e levantou paralíticos de nascença, não quis usurpar o Direito Divino e marchou, um dia, para o monte, a fim de testemunhar a obediência justa ao Senhor Supremo da Vida, no alto de uma cruz, ante o desprezo e ironia de todos.*”

- 05 – Conclusões.

Nos dirigimos, então, ao término do estudo da estrutura 2, sem nenhuma pretensão de esgotar as análises e possibilidades do caminho, da busca pelo entendimento dos significados de uma vida com Cristo.

Deixemo-nos inspirar por estes espíritos valorosos que seguiram o Mestre buscando aproximar-se do Pai. Jesiel e Abigail exemplificam, confiança e fé. Paulo põe-se a caminho com humildade, buscando no trabalho o entendimento da jornada: “O moço tarsense pôs-se a meditar na elevação dos alvitre recebidos. Iniciaria uma existência nova. Tomaria o tear com humildade. Alegrou-se, ao recordar que o Mestre não desdenhara, por sua vez, o banco de carpinteiro. O deserto lhe proporcionaria consolação, trabalho, silêncio.”

O cego de Jericó, seguia a Jesus, glorificando a Deus e ao ver este acontecimento de cura, muitos, ou como o texto diz: “**todo o povo celebrou louvores a Deus**”. É assim que anunciaremos o reino de Deus, seguindo o mestre, e através de nossas vidas, glorificando a Deus.

Deixemos também o exemplo de Zaqueu nos inspirar, façamo-nos pequenos, humildes, busquemos uma posição de elevação para vislumbrar o Mestre e seus magníficos e restauradores ensinamentos, deixemos Jesus adentrar nossos lares, nossas vidas de forma definitiva e irrestrita.

Meus amigos, o convite do Mestre, hoje, é para nós outros. Segue-me!!

Finalizo, então, com o último texto do livro de Emmanuel, Segue-me, que também tem o mesmo título deste degrau que ora estudamos, estrutura 2:

*"... E amarás o teu próximo como a ti mesmo". - Jesus
(Lucas, 10:27)*

Irmãos! Quando estiverdes à beira do desânimo porque alfinetadas do mundo vos hajam ferido o coração; quando o desespero vos ameace, à vista das provações que se vos abatem na senda, reflitamos naqueles companheiros outros que se agoniam, junto de nós, em meio dos espinheiros que nos marginam a estrada; nos que foram relegados à solidão sem voz de amigo que os reconforte; nos que tateiam, a pleno dia, ansiando por fio de luz que lhes atenuie a cegueira; nos que perderam o lume da razão e se despencaram na vala da loucura; nos que foram

arrojados à orfandade quando a existência na Terra se lhes esboça em começo; naqueles que estão terminando a romagem no mundo atirados à ventania; nos que desistiram do refúgio na fé e se encaminham, desorientados, para as trevas do suicídio; nos que se largaram à delinquência comprando arrependimentos e lágrimas na segregação em que expiam as próprias faltas; nos que choram escravizados à penúria, a definharem de inanição!... Façamos isso e aprenderemos a agradecer a Bondade de Deus que a todos nos reúne em sua bênção de amor, de vez que a melancolia se nos transformará, no ser, em clarão de piedade, ensinando-nos a observar que por mais necessitados ou sofredores estejamos dispomos ainda do privilégio de colaborar com Jesus na edificação do Mundo Melhor, pela felicidade de auxiliar e pelo dom de servir.”

Prossigamos, então, com este estudo, alcemos mais um degrau no entendimento deste caminho ascensional de Paulo e de tantos outros.

Abraços fraternos.

Candice Günther

Campo Grande-MS, 04 de abril de 2014.

Estrutura 3

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 3 – Primeira Parte

“Lembra que quando te aproximes de um livro estás sempre pedindo alguma coisa. Repara, com atenção, o que fazes. Que procuras? Emoções, consolo, entretenimento? Não olvides que o Mestre pode também interrogar-te: - “Como lês?” Emmanuel – Alma e Luz

Prosseguiremos com nosso estudo do livro Paulo Estevão, analisando e buscando lições para nossa vida. As comparações realizadas, os confrontos de textos e ideias tem o objetivo de verificar se o livro foi escrito de forma estruturada e se os capítulos são espelhados, o que significa que o primeiro capítulo da primeira parte guardará relação de significado com o primeiro capítulo da segunda parte e assim consecutivamente. Da mesma forma procederemos comparações do livro em relação ao Evangelho de Lucas (Narrativa da Viagem a Jerusalém apresentada no livro Parábolas de Jesus – Haroldo Dutra Dias).

Por que este estudo? Qual o objetivo destas comparações? De forma rápida e objetiva, buscamos entender Paulo, sua queda e sua ascensão, rogando a Jesus que este exemplo desta vida, promova em nós o entendimento, a reforma íntima que tanto necessitamos.

01 – Cap. 3 (1ª parte) x Cap. 3 (2ª parte)

Recordemos que nos capítulos anteriores, após os desatinos do Pai, Jesiel foi levado as galeras, feito escravo, o pai morto a irmã desamparada, sondemos o seu coração: “Jamais conhecera lágrimas tão amargas como aquelas que lhe fluíam em torrente, do coração dilacerado.”

Eis a dor, escola divina, a lapidar Jesiel, que a encarava com resignação e fé, um espírito de escol, que encontrou na primeira revelação o verdadeiro entendimento, as lições divinas que lá estão guardadas. Ainda

que aos olhos dos homens, dos nossos olhos, Jesiel estivesse em queda, perdendo seus bens, sua liberdade, sua família, aos olhos do Pai este homem elevava-se.

Feito escravo, foi exemplo de bom ânimo e resignação: “Mas todo o serviço é de Deus, amigo — respondeu Jeziel altamente inspirado —, e desde que aqui nos encontramos em atividade honesta e de consciência tranqüila, devemos guardar a convicção de servos do Criador, trabalhando em suas obras.” Jesiel não deixou de servir ao Criador e tocar os corações que dele se aproximaram, cuidou de um homem doente, contraiu a mesma doença, queriam matá-lo, jogá-lo ao mar. A gratidão falou mais alto, Jesiel foi libertado. Doente e só, recebe amparo? Não como almejaríamos ou acharíamos correto, sofre os golpes da ganância, um ladrão quer seu dinheiro, sua vida, mas eis que a trajetória começa a mudar, Jesiel é recebido e amparado na Casa do Caminho.

Pedro lhe ensina e anuncia a vinda do Messias “O Cristo nos trouxe a mensagem do amor, completou a Lei de Moisés, inaugurando um novo ensinamento. A Lei Antiga é justiça, mas o Evangelho é amor. (...) Jeziel sensibilizou-se e chorou.” Eis a cura, o remédio, tanta dor e sofrimento, injustiças de um mundo que ainda é de provas e expiações, vem Jesus a lhe amparar, o coração de Jesiel que esperava pelo messias, que intuía-o próximo, finalmente era abraçado.

“Estevão tornou-se famoso em Jerusalém, pelos seus feitos quase miraculosos. Considerado como escolhido do Cristo, sua ação resoluta e sincera arregimentara, em poucos meses, as mais vastas conquistas para o Evangelho do amor e do perdão.”

Esta é a síntese do capítulo 3 da primeira parte. Passemos ao capítulo 3 da segunda parte, são correlatos? As lições tem convergências? Vejamos.

O capítulo intitula-se Lutas e Humilhações. Lembremos que na segunda parte temos Paulo em sua trajetória de elevação, após Damasco, três anos no deserto, lutas íntimas, busca sincera pelo verdadeiro entendimento da mensagem do Cristo.

Retornou a Damasco, reencontrou Ananias, eis o seu coração: “Ao invés dos sentimentos de remorso e perplexidade em face do passado culposos; da saudade e desalento que, às vezes, lhe ameaçavam o coração, sentia agora radiosas promessas no espírito renovado, sem poder explicar a sagrada origem de tão profundas esperanças.” Comunica a Ananias que

novamente irá anunciar a boa nova ante os companheiros de outrora, irá a Sinagoga.

Paulo anuncia a boa nova, o Messias, o evangelho, não o compreendem, querem prendê-lo: “Varões de Israel, trouxe ao vosso coração o que possuía de melhor, mas rejeitais a verdade trocando-a pelas formalidades exteriores. Não vos condeno. Lastimo-vos, porque também fui assim como vós outros.”

A prisão é iminente, Ananias o aconselha, e Paulo foge, desamparado, sem lar, sem dinheiro, busca pela família que já não se encontra na antiga residência, vai aos amigos de outrora, não encontra o amparo em hora difícil. São lhe negados os pedidos. Paulo está só.

Ao amigo dos velhos tempos, Alexandre, afirma: “Desde a infância procurei cumprir rigorosamente meus deveres; mas, se é preciso lançar mão da riqueza que me resta, para alcançar a iluminação de Jesus, renunciarei à própria estima deste mundo!...”

Eis um trecho de grande valor, vejamos: “No trajeto, recordou-se de quando fora ouvir Estevão, ainda fariseu em companhia do amigo Sadoc. **Como tudo, agora, se passava inversamente! O crítico, de outrora, voltava para ser criticado. O juiz, transformado em réu, mergulhava o coração em singulares ansiedades. Como o receberiam na igreja do “Caminho”?**”

Com certa desconfiança e cautela, os discípulos enviam Barnabé que ouve Paulo, irmanam-se em Cristo: “— Ora essa! — exclamou Barnabé, batendo-lhe no ombro com bonomia — quem não terá errado na vida? Se Jesus nos tem valido a todos, não é porque o mereçamos, mas pela necessidade de nossa condição de pecadores.”

Paulo eleva-se, Cristo o recebe, o consola, e na Igreja do Caminho ouve Pedro em valorosa lição evangélica: “— Irmão Saulo — disse Pedro comovido —, Jesus quer que sejais bem vindo a esta casa.”

“Jesus ensinou que só conseguimos elevados objetivos neste mundo, cedendo alguma coisa de nós mesmos.”

Eis a lição, a chave, o encontro, Jesiel que tornou-se Estevão, Saulo que agora é Paulo, o velho homem vai embora, a boa nova abraça e acolhe corações redimidos. Ambos chegaram a Casa do Caminho, chegaram a Jesus.

Paulo dormiu no leito de Estevão, leu suas anotações, deixou-se inspirar pelo vítima de outrora, permitiu que, através de Jesus, ocorresse a aproximação e por 30 anos Estevão esteve ao lado de Paulo, o auxiliando, o inspirando. Que lição do Mestre, do Evangelho, que põe lado a lado, algoz e vítima, unidos pelo amor e renovados pelo perdão.

Os caminhos são muitos, alguns, como Jesiel, o percorrem com fé e confiança, e ainda que visitados pela dor e pelo sofrimento, não se abatem, não se cansam. Como nos ensina o belíssimo capítulo 40 de Isaías, versículo 31: “Mas os que esperam no Senhor renovarão as forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão.”

O caminho de Paulo foi diferente do caminho de Jesiel, as dores foram outras, as perdas foram imensas, e muitas provocadas por ele mesmo, pela sua conduta ainda tão arraigada no orgulho. Após Damasco vivenciou valorosas lições, momentos de grande renúncia, de humildade ao buscar auxílio e não ter resposta, de bater em portas e tê-las fechadas.

Nós outros também estamos nesta jornada, em geral, o fazemos em muitas vidas, passos vagarosos, medos, dúvidas, muito ainda nos separa deste momento de estar junto ao Mestre, com ânimo e disposição.

Amigos, a dor e o sofrimento são escola divina neste mundo em que estamos. Não olvidemos a lição que ora nos é apresentada. Todos os caminhos nos levarão ao Pai, nenhuma ovelha se perderá, mas nós o escolheremos, passo a passo, dia a dia. As trajetórias de Jesiel e Paulo são diferentes, sondemos o que há em nós que precisa ser modificado, para que o mestre nos alcance, precisamos nos elevar.

Que o exemplo de Jesiel nos inspire, que a vida de Paulo nos motive. Sigamos com Jesus.

Encerro a primeira parte da Estrutura 3, na próxima iremos analisar o primeiro capítulo da primeira parte ante um trecho do Evangelho de Lucas.

Abraços fraternos.

Candice Günther

Campo Grande – MS, 09 de abril de 2014.

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 3 – Segunda Parte

Prosseguindo nosso caminho de reflexão quanto às lições evangélicas do livro Paulo e Estevão, faremos nesta segunda parte a busca das convergências entre o 3º Cap. da 1ª Parte e o terceiro degrau da Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas.

Vamos retomar o resumo do primeiro capítulo, que trouxemos no estudo anterior.

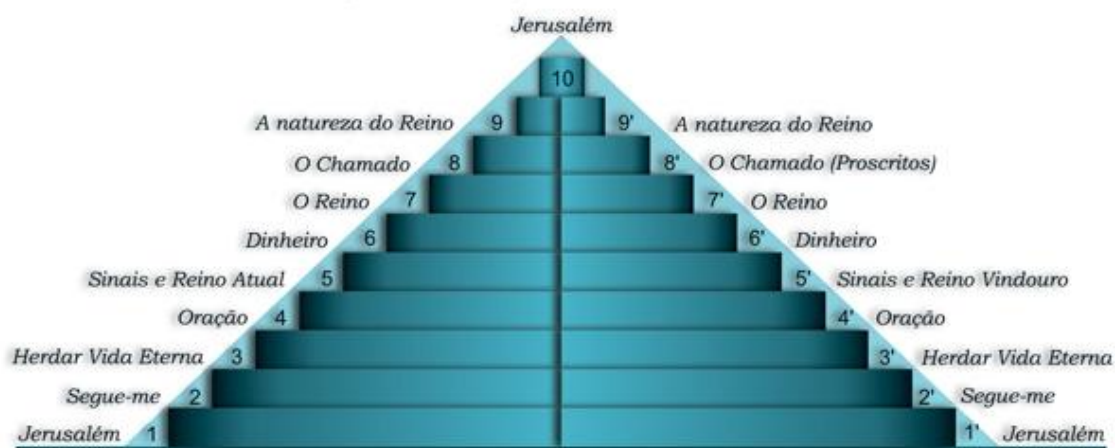
Recordemos que nos capítulos anteriores, após os desatinos do Pai, Jesiel foi levado às galeras, feito escravo, o pai morto, a irmã desamparada.

Feito escravo, foi exemplo de bom ânimo e resignação: “Mas todo o serviço é de Deus, amigo — respondeu Jeziel altamente inspirado —, e desde que aqui nos encontramos em atividade honesta e de consciência tranqüila, devemos guardar a convicção de servos do Criador, trabalhando em suas obras.” Jesiel não deixou de servir ao Criador e tocar os corações que dele se aproximaram, cuidou de um homem doente, contraiu a mesma doença, queriam matá-lo, jogá-lo ao mar. A gratidão falou mais alto, Jesiel foi libertado. Doente e só, recebe amparo? Não como almejaríamos ou acharíamos correto, sofre os golpes da ganância, um ladrão quer seu dinheiro, sua vida, mas eis que a trajetória começa a mudar, Jesiel é recebido e amparado na Casa do Caminho.

O texto do 3º degrau do Evangelho de Lucas que somos chamados a estudar juntamente com este texto, seguindo o esquema da pirâmide:

“Narrativa da Viagem a Jerusalém”

(Lc 9:51 - 19:48)



O terceiro degrau: Herdar Vida Eterna, traz o texto de Lucas 10:25-37 – Parábola do Bom Samaritano!!!

Como não dar um pulo e pensar...puxa!!! Estevão foi como um bom samaritano, auxiliou, serviu!!!

Eis, então, um ponto de convergência que nos convida a refletir, meditar, e quiçá, buscar um aprendizado que tenha significado em nossas vidas.

Eu não vou colocar o texto de Lucas aqui, peço que leiam, relembrem, estudem. Gostaria apenas de compartilhar pensamentos, emoções, impressões. O que eu, da minha pequenez, consegui entender deste encontro.

Vejam que Jesiel, feito escravo, auxiliou um doente, mesmo com o risco de contrair a doença, o que efetivamente ocorreu, ele fez o que seu coração lhe ordenava. A lei vivida: “amarás teu próximo como a ti mesmo.”

Nesta parábola, ao final, Jesus pergunta ao Mestre da Lei: “Qual destes três te parece ter-se tornado o próximo do que caiu nas mãos de assaltantes?”

Se a pergunta fosse feita no livro Paulo e Estevão, responderíamos que Jesiel foi o próximo. Não é o samaritano caído que é o próximo, mas que vai em auxílio, que se faz presente, que se doa um pouco para aliviar a dor do outro.

Lucas nos traz a frase de Jesus: “o que praticou a misericórdia com ele.” Este é o próximo.

Fico pensando...é assim que o Pai se manifesta na vida das pessoas, quando praticamos misericórdia. Quando olhamos a dor do outro e pensamos que poderia ser a nossa dor.

Lembro de uma história do Chico, de uma mãe que estava sofrendo porque perdeu um filho, o Chico a abraçou e chorou junto. Ele praticou misericórdia!!! Não ficou dizendo que é a lei de Deus, que devemos isso e

devemos aquilo, ele sentiu a dor dela, e chorou com ela. Jesiel sentiu a dor do Sérgio, e sofreu com ele.

Eis o convite, a reflexão!!! Queremos verdadeiramente auxiliar e seguir os ensinamentos do Evangelho? Então, devemos estar dispostos a abraçar e chorar junto. A sentir a dor do outro, a permitir que a compaixão adentre nossa vida cotidiana e se torne um hábito.

Mas tem mais um aspecto que me chama a atenção. Depois que Estevão ficou doente e eles o desembarcaram. Um assaltante se aproximou dele. Vamos buscar no texto para sondar um pouco o coração do assaltante.

*“—Não me mates, amigo — balbuciou com voz trêmula. A essas palavras, ditas comovedoramente, **o meliante susteve o golpe homicida.***

*—Dar-vos-ei todo o dinheiro que possuo — rematou o rapaz com tristeza. E, vasculhando a algibeira em que guardara o escasso dinheiro que lhe dera o patrício, tudo entregou ao desconhecido, cujos olhos fulguraram de cobiça e prazer. **Num relance, aquela fisionomia contrafeita transformava-se no emblante risonho de quem deseja aliviar e socorrer.**—Oh! sois excessivamente generoso! — murmurara, apossando-se da bolsa recheada.*

—O dinheiro é sempre bom — disse Jeziel — quando com ele podemos adquirir a simpatia ou a misericórdia dos homens. O interlocutor fingiu não perceber o alcance filosófico daquelas palavras e asseverou:

*- Vossa bondade, entretanto, dispensa o concurso de quaisquer elementos estranhos para a conquista de bons amigos. Eu, por exemplo, dirigia-me agora para o meu trabalho no porto, **mas experimentei tanta simpatia pela vossa situação que aqui estou para quanto vos preste.**”*

Interessante a situação, Jesiel muda de posição, deixar de ser o “próximo”, para tornar-se tal qual o “samaritano”, carecedor de aux[ílio e caridade. Porém, sua bondade e seu desapego, sua irrestrita cofiança no Pai, incutiu no assaltante sentimentos novos, o desejo de socorrer e aliviar.

Que lição bela e inspiradora!!

A bondade de Jesiel teve um poder transformador na vida deste homem. É difícil comentar isso, principalmente, porque estou distante destas atitudes que Jesiel vivencia com tanta facilidade e desprendimento. Minha perspectiva é tal qual a do Sérgio, a do assaltante, mas queira a Deus que este amor que transcende as páginas deste livro toquem meu coração

de tal forma que também em mim venha um “**emblante risonho de quem deseja aliviar e socorrer.**”

Amigos, encerro a segunda parte, com grande alegria no coração.
Agradeço pela paciência dos que tem lido os textos.

Caminharemos para a terceira parte, o estudo do Cap. 3 da Segunda Parte com outro trecho do Evangelho de Lucas, o degrau 3’, que tem tema semelhante.

Abraços fraternos.

Candice Günther

Campo Grande – MS, 12.04.2014.

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

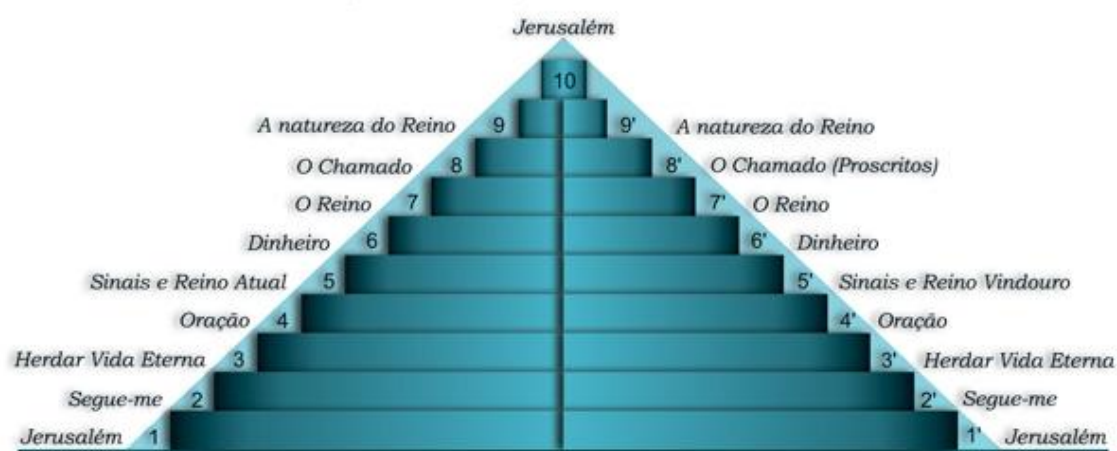
Estrutura 3 – Terceira Parte

“Jesus disse em Damasco que mostraria quanto me compete sofrer por amor ao seu nome.” Paulo

Prosseguindo nossos estudos do livro Paulo e Estevão, sondando nossos corações para que a mensagem evangélica deste livro nos seja escola divina, partiremos para a análise do degrau 3’ da pirâmide da Narrativa da Viagem à Jerusalém do Evangelho de Lucas (Livro Parábolas de Jesus – Haroldo Dias) juntamente com o 3º Capítulo da Segunda Parte do livro Paulo e Estevão.

Abaixo, as duas pirâmides para nos auxiliar na visualização do que é este estudo:

“Narrativa da Viagem a Jerusalém”
(Lc 9:51 - 19:48)



1 = Corações flagelados	1' = Rumo ao deserto
2 = Lágrimas e sacrifícios	2' = O tecelão
3 = Em Jerusalém	3' = Lutas e humilhações
4 = Nas estradas de Jope	4' = Primeiros labores apostólicos
5 = A pregação de Estevão	5' = Lutas pelo Evangelho
6 = Ante o Sinédrio	6' = Peregrinações e sacrifícios
7 = As primeiras perseguições	7' = As Epístolas
8 = A morte de Estevão	8' = O martírio em Jerusalém
9 = Abigail cristã	9' = O prisioneiro do Cristo
10 = No caminho de Damasco	10' = Ao encontro do Mestre

Estamos subindo a pirâmide para chegar ao tema central, de forma semelhante estamos seguindo os capítulos do livro, que são espelhados, para chegar ao seu tema central. A mesma estrutura, o mesmo autor (este trecho de Lucas provavelmente é o que Paulo lhe entregou para que redigisse o evangelho, o livro cita este fato). Esta perspectiva nos remete a reflexão do planejamento espiritual para a construção desta obra, e nos faz refletir na grandiosidade da psicografia do Chico.

Vamos aos estudos!!! Citaremos apenas trechos para que a leitura não fique tão cansativa e extensa, mas convido aos amigos a reverem o Cap. 3, bem como a íntegra do trecho de Lucas.

Tema da Estrutura 3 – Herdar a Vida Eterna

Iniciemos com o Evangelho de Lucas 18:18-30 (Herdar Vida Eterna – terceiro degrau – 3’):

*“18:20 Sabes os mandamentos: Não adulterarás, não matarás, não roubarás, não prestarás falso testemunho, honra teu pai e tua mãe. 18:21 Ele lhe disse: **Guardei todas estas coisas desde a minha juventude.** 18:22 Ao ouvir isso, Jesus lhe disse: Uma coisa ainda te falta. **Vende o quanto tens**, distribui aos pobres e terás um tesouro no céu; vem e segue-me.”*

*Trecho do livro Paulo e Estevão: “**Desde a infância procurei cumprir rigorosamente meus deveres**; mas, se é preciso **lançar mão da riqueza** que me resta, para alcançar a iluminação de Jesus, renunciarei à própria estima deste mundo!...”*

Vejamos as relações:

Lucas: Guardei todas estas coisas desde a minha juventude/ . . .

Paulo: Desde a infância procurei cumprir rigorosamente meus deveres.

Lucas: Uma coisa ainda te falta, vende o quanto tens/

Paulo: se é preciso lançar mão da riqueza que me resta.

Neste capítulo acompanhamos a jornada de Paulo ascendendo ao Pai, é nova criatura em Cristo e vai, aos poucos, desvencilhando-se de tudo o que lhe impedia de vivenciar o evangelho.

Quais são as nossas riquezas? O que nos impede de seguir o Cristo? Onde temos depositado nosso tempo, presente divino, nesta jornada terrestre? Talvez ainda falemos como o jovem rico de Lucas, sigo todos os mandamentos. Mas é a postura de Paulo que o Cristo espera de nós.

Devemos, então, vender todos os nossos bens? O que significa “lançar mão da riqueza”? O que Cristo espera de nós?

Vejamos a lição do livro Caminho, Verdade e Vida, 149, que trata do tema:

“O instinto de propriedade tem provocado grandes revoluções, ensanguentando os povos. Nas mais diversas regiões do planeta respiram homens inquietos pela posse material, ciosos de suas expressões

temporárias e dispostos a morrer em sua defesa. Isso demonstra que o homem ainda não aprendeu a possuir.

*Com esta argumentação, não desejamos induzir a criatura a esquecer a formiga providente, adotando por modelo a cigarra descuidosa. Apenas convidamos, a quem nos lê, a examinar a **precariedade das posses efêmeras**. Cada conquista terrestre deveria ser aproveitada pela alma, como força de elevação.*

O homem ganhará impulso santificante, compreendendo que só possui verdadeiramente aquilo que se encontra dentro dele, no conteúdo espiritual de sua vida. Tudo o que se relaciona com o exterior — como sejam: criaturas, paisagens e bens transitórios — pertence a Deus, que lhes concederá de acordo com os seus méritos.

*Essa realidade sentida e vivida constitui **brilhante luz no caminho**, ensinando ao discípulo a sublime lei do uso, para que a propriedade não represente fonte de inquietações e tristeza, como aconteceu ao jovem dos ensinamentos de Jesus.”*

Depois de Emmanuel é sempre difícil comentar algo, não é mesmo? Perdoem, então, minha ousadia...

A questão deste tópico é a percepção da lição evangélica vivida por Paulo. O conteúdo das palavras em Lucas foi sentido, experienciado por Paulo, que fez das suas renúncias uma **brilhante luz no caminho**.

Vejamos um outro trecho de Lucas:

“18:29: Ele lhes disse: Amém, vos digo que não há ninguém que tenha **deixado a casa, ou mulher, ou irmãos, ou genitores ou filhos por causa do Reino de Deus**, 18:30 que não receba, neste tempo, muitas vezes mais, e na era vindoura, a vida eterna.”

Neste parágrafo do livro Paulo e Estevão, Emmanuel nos dá uma síntese de todas as **renúncias que Paulo** fez ao longo do caminho:

“Muito ao longe, Tarso repousava entre arvoredos. As auras vespertinas vibravam no ambiente, sem perturbar a placidez das coisas. Mergulhado na quietude da Natureza, Saulo recuou mentalmente ao dia da sua radical transformação. Lembrou o abandono na pensão de Judas, a indiferença de Sadoc à sua amizade. Rememorou a primeira reunião de Damasco, na qual suportara tantos apupos, ironias e sarcasmos. Demandara Palmira, ansioso pela assistência de Gamaliel, a fim de penetrar a causa do Cristo, mas o nobre mestre lhe aconselhara o insulamento no deserto. Recordou as duras dificuldades do tear e a carência de recursos de toda a espécie, no oásis solitário. Naqueles dias silenciosos e longos, jamais

puddera esquecer a noiva morta, lutando por erguer-se, espiritualmente, acima dos sonhos desmoronados. Por mais que estudasse o Evangelho, intimamente experimentava singular remorso pelo sacrifício de Estevão, que, a seu ver, fora a pedra tumular do seu noivado futuroso. Suas noites estavam cheias de infinitas angústias. Às vezes, em pesadelos dolorosos, sentia-se de novo em Jerusalém, assinando sentenças iníquas. As vítimas da grande perseguição acusavam-no, olhando-o assustadas, como se a sua fisionomia fosse a de um monstro. A esperança no Cristo reanimava -lhe o espírito resoluto. Depois de provas ásperas, deixara a solidão para regressar à vida social. Novamente em Damasco, a sinagoga o recebeu com ameaças. Os amigos de outros tempos, com profunda ironia, lançavam-lhe epítetos cruéis. Foi -lhe necessário fugir como criminoso comum, saltando muros pela calada da noite. Depois, buscara Jerusalém, na esperança de fazer-se compreendido. Contudo, Alexandre, em cujo espírito culto pretendia encontrar melhor entendimento, recebera-o como visionário e mentiroso. Extremamente fatigado, batera à porta da igreja do “Caminho”, mas fora obrigado a recolher-se a uma reles hospedaria, por força das suspeitas justas dos Apóstolos da Galiléia. Doente e abatido, fora levado à presença de Simão Pedro, que lhe ministrara lições de alta prudência e excessiva bondade, mas, a exemplo de Gamaliel, aconselhara-lhe prévio recolhimento, discrição, aprendizado em suma. Embalde procurava um meio de harmonizar as circunstâncias, de maneira a cooperar na obra do Evangelho e **todas as portas pareciam fechadas ao seu esforço**. Afinal, dirigira -se a Tarso, ansioso do amparo familiar para reiniciar a vida. A atitude paterna só lhe agravara as desilusões.”

Valerá a pena, então, viver com o Cristo? Se a perspectiva é de dor e sofrimento, qual a razão de o seguirmos? Por que Paulo atravessou por todas estas situações e não desistiu? Por que, ante as dificuldades do caminho, nós desistimos dos compromissos assumidos no plano espiritual? Lembremos do tema do capítulo – Herdar a vida eterna!!! O que esta jornada de Paulo trouxe a sua vida? O que nossa vida, o que estamos vivendo hoje, nos trará?

Vamos, novamente, nos socorrer com Emmanuel que nos responde os questionamentos, na lição do livro Caminho, Verdade e Vida, 154:

“E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, mulher, filhos ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto e herdará a vida eterna.” — Jesus (MATEUS, capítulo 19, versículo 29.)
Neste versículo do Evangelho de Mateus, o Mestre Divino nos induz ao dever de renunciar aos bens do mundo para alcançar a vida eterna. Há

necessidade, proclama o Messias, de abandonar pai e mãe, mulher e irmãos do mundo. No entanto, é necessário esclarecer como renunciar.

Jesus explica que o êxito pertencerá aos que assim procederem por amor de seu nome.

A primeira vista, o alvitre divino parece contra-senso.

Como olvidar os sagrados deveres da existência, se o Cristo veio até nós para santificá-los?

Os discípulos precipitados não souberam atingir o sentido do texto, nos tempos mais antigos.

Numerosos irmãos de ideal recolheram-se à sombra do claustro, esquecendo obrigações superiores e inadiáveis.

Fácil, porém, reconhecer como o Cristo renunciou.

Aos companheiros que o abandonaram aparece, glorioso, na ressurreição.

Não obstante as hesitações dos amigos, divide com eles, no cenáculo, os júbilos eternos. Aos homens ingratos que o crucificaram oferece sublime roteiro de salvação com o Evangelho e nunca se descuidou um minuto das criaturas.

Observemos, portanto, o que representa renunciar por amor ao Cristo. É perder as esperanças da Terra, conquistando as do Céu.

Se os pais são incompreensíveis, se a companheira é ingrata, se os irmãos parecem cruéis, é preciso renunciar à alegria de tê-los melhores ou perfeitos, unindo-nos, ainda mais, a eles todos, a fim de trabalhar no aperfeiçoamento com Jesus.

Acaso, não encontras compreensão no lar? os amigos e irmãos são indiferentes e rudes?

*Permanece ao lado deles, mesmo assim, esperando para mais tarde o júbilo de encontrar os que se afinam perfeitamente contigo. **Somente desse modo renunciarás aos teus, fazendo-lhes todo o bem por dedicação ao Mestre, e, somente com semelhante renúncia, alcançarás a vida eterna.***

O capítulo 3 encerra-se com Paulo recebendo a visita de Abigail e Estevão, momento de profunda paz e consolo para sua alma tão sofrida, lição derradeira que sua amada lhe traz e que passa a ser roteiro de vida, um convite a nós outros também:

“Que fazer para adquirir a compreensão perfeita dos desígnios do Cristo?

Ama!

Mas, como proceder de modo a enriquecermos na virtude divina?

Trabalha!

Que providências adotar contra o desânimo destruidor?

Espera!

Como conciliar as grandiosas lições do Evangelho com a indiferença dos homens?

Perdoa!”

Se nos pusermos a caminho com Cristo, aderindo aos seus ensinamentos, certamente seremos convidados a testemunhos de dor e sofrimento, mas eis que a fé na vida futura e na construção de um mundo melhor nos renovarão as forças, promovendo o ânimo e o equilíbrio que necessitamos para seguir com o Mestre.

O capítulo faz toda uma reflexão da jornada de Paulo até aquele momento, e termina de forma magnífica, sondemos o coração do Apóstolo dos Gentios: *“Experimentando uma **paz** até então desconhecida, acreditou que renascia naquele momento para uma existência muito diversa. Singular **serenidade** tocava-lhe o espírito. Uma **compreensão** diferente felicitava-o para o reinício da jornada no mundo. Guardaria o lema de Abigail, para sempre. O amor, o trabalho, a esperança e o perdão seriam seus companheiros inseparáveis.”*

Quando imaginamos o Reino de Deus somos, muitas vezes levados às imagens que estão cristalizadas em nossos corações, de um céu celestial, um lugar distante e inacessível por hora. Eis, então, um novo olhar que esta lição nos convida a ter.

Como imaginamos o Reino de Deus? Sentiremos paz? Compreenderemos melhor a vida? Estaremos mais serenos? Todos estes sentimentos Paulo alcançou ainda na Terra.

Somos herdeiros da vida eterna, e o inventário já foi feito, tomemos posse da condição de filhos de Deus, recebamos os dons espirituais da paz, da alegria, da compreensão, da serenidade, desde já, tal qual Paulo nos ensina através de sua jornada excepcional.

Agradeço aos corações amigos que se dispuseram a leitura deste trabalho, que Jesus nos guie e nos ampare em seus braços, e que estas lições ecoem em nossos corações daqui até a eternidade.

Candice Günther

Campo Grande – MS, 18 de abril de 2014.

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 3 – Quarta Parte e Conclusão

“Sede humildes qual o foi o Cristo e, como ele, com amor carregai a vossa cruz, a fim de subirdes ao reino dos céus.” *Françoise Vernhes – Céu e Inferno, Alan Kardec*

Avançando nos estudos, hoje iremos nos dedicar ao estudo do Evangelho de Lucas, degrau 3 e degrau 3’ – Herdar a Vida Eterna:

Lucas 10:25-41 (O Bom Samaritano) e Lucas 18:18-30 (O Jovem Rico), vamos estudá-los juntos, buscando os trechos em comum, as palavras repetidas, as ideias que os unem. *(Convido os amigos à leitura prévia dos trechos de Lucas, utilizamos o Novo Testamento de Haroldo Dutra Dias.)*

Lucas 10:25-41	Lucas 18:18-30
25 – herdarei a vida eterna	18 – herdar a vida eterna
26 – que está escrito na Lei?	20 – sabes os mandamentos
28 – faze isto e viverás	28 - eis que nós, deixando as próprias coisas, te seguimos
37 – vai e faze tu do mesmo modo	
-	29 – vos digo que não há ninguém que tenha deixado casa, ou mulher, ou irmãos, ou genitores ou filhos por causa do Reino de Deus, 30 - que não receba, neste tempo, muitas vezes mais, e na era vindoura, a vida eterna.

No primeiro texto, o Mestre da Lei, pergunta no intuito de contradizer Jesus, não quer aprender, sua motivação é desmerecê-lo. (Fazemos isto?). Nos dois casos Jesus está dando uma explicação, na primeira ao Mestre da Lei, na segunda, aos discípulos, e é Pedro quem responde no versículo 28.

Então, a lição é dada, mas não temos a devolutiva do mestre da lei, será que ele entendeu? Será que mudou sua forma de ver? Sementes lançadas, não sabemos como foi a colheita. Diferente, porém, ocorre no segundo texto, Pedro manifesta-se: te seguimos!!! Eis aí o animo de entender o que significa “herdar o reino de Deus”, em Pedro vemos o propósito de viver os ensinamentos de Jesus não apenas na teoria

(conhecimento da lei – mestre da lei), mas de viver, de ter como prioridade máxima o evangelho.

“Herdar” é termo técnico no AT e seu objeto é a terra¹. Assim, para o judeu daquele tempo, a promessa do reino de Deus consistia em direitos aqui na Terra.

Muitos criticam os ensinamentos do Velho Testamento, muitos rejeitam o seu estudo, mas é interessante que muito ainda do que se pensava naqueles tempos, persiste na atualidade. Pensemos nos sentimentos. O povo hebreu queria herdar a terra, entendia que a sua felicidade estava aqui, nesta vida e nas coisas materiais.

Decorridos milhares de anos, como entendemos o reino de Deus? Em que depositamos as nossas esperanças de felicidade? Se tivermos a **coragem da sinceridade** perceberemos que nossos valores não estão tão diferentes. Mas por que isso ocorre? Kardec nos explica:

“ Não; essas almas eram as mesmas que viviam sob o império das leis moisaicas e que tinham adquirido, em várias existências, o desenvolvimento suficiente à compreensão de uma doutrina mais elevada, assim como hoje mais adiantadas se encontram para receber um ensino ainda mais completo.” ²

Somos nós, os mesmos outrora, reencarnados nos dias atuais que buscando o entendimento e a purificação para acender aos mundos superiores. Avançamos em tecnologia e organização social, porém, será que o fizemos em moralidade? Eis a razão de termos, em nosso auxílio, a escola dor, que quando bem vivida nos acelera o passo, burila a alma e nos aproxima do Pai.

E para ampliar esta rica lição, trazemos uma reflexão de Emmanuel ³:

"Indubitavelmente, a palavra do Mestre, no comentário sobre a dificuldade dos ricos ante o Reino dos Céus, exprime incontestável realidade, porquanto a posse exagerada de bens terrestres é quase sempre a crucificação da alma em pesados madeiros de ouro.

Enquanto a pobreza de recursos materiais vive independente para a amizade e para a fé, para a confiança e para a compreensão, os detentores da fortuna amoedada vivem quase sempre prisioneiros da suspeita e da desilusão, nos tormentos da defensiva...

Mas, existem outros ricos do mundo com infinitos obstáculos no acesso ao paraíso da alegria e da paz.

Vejamos, por exemplo:

os ricos de exigências;

os ricos da cólera a se desvairarem nos conflitos das trevas;

os ricos de melindres pessoais que nunca conseguem elementos de tolerância, necessários à superação das próprias fraquezas;

os ricos da mentira que tecem a rede de sombras em que enleiam a própria alma;

os ricos de tristeza e desânimo, recolhidos à inutilidade em que se acolhem;

os ricos de reclamações e de queixas que atravessam o mundo, entre a insatisfação e a ociosidade;

os ricos de ignorância que se agarram à penúria de espírito;

os ricos de letras e artes que se encarceram em torres de marfim, para o culto ao próprio egoísmo;

os ricos de saúde e de possibilidades que imobilizam o coração na caixa do peito, aguardando que o dinheiro fácil lhes venha ao encontro, para o exercício da caridade;

os ricos de ódio;

os ricos de usura;

os ricos de medo da verdade e do bem;

e os ricos numerosos da vaidade que se trancafiam nas masmorras do próprio "eu", exigindo que o Céu se converta em propriedade exclusiva dos seus caprichos individuais.

Enriqueçamo-nos de amor e sirvamos sempre.

O dinheiro pode ajudar muitíssimo, mas, só o coração aberto ao esplendor solar do bem pode amparar, libertar, erguer, salvar e aperfeiçoar para sempre."

Conclusão da Estrutura 3

Após avaliar a conexão entre os capítulos 3, primeira e segunda parte, e os degraus 3 e 3', fomos remetidos a reflexões profundas. Estevão

e Paulo muito sofreram nestes capítulos, ao seguir o Cristo a vida lhes pediu severas renúncias. Lançando olhar para os trechos de Lucas também somos convidados a nos posicionar ante este entendimento, não mais com a razão, mas com nossos sentimentos e principalmente, com uma melhor percepção de como estamos conduzindo nossas vidas.

Não saio indiferente, encerro esta etapa com novos olhos, buscando traços de sabedoria que o estudo proporciona e os lançando em minha vida cotidiana, rogando a Jesus que me ensine a vivenciá-los, a prová-los.

Ao orarmos o Pai Nosso, “venha a nós o vosso reino”, lembremos e saibamos o que estamos pedindo. Que assim seja.

Abraços Fraternos!!

Seguiremos para a estrutura 4.

Campo Grande – MS, 20 de abril de 2014.

Candice Günther

1 – *Bíblia do Peregrino NT*

2 – *Céu e Inferno – Alan Kardec*

3 – *Instrumentos do Tempo, Emmanuel, psicografia de Francisco Candido Xavier*

Estrutura 4

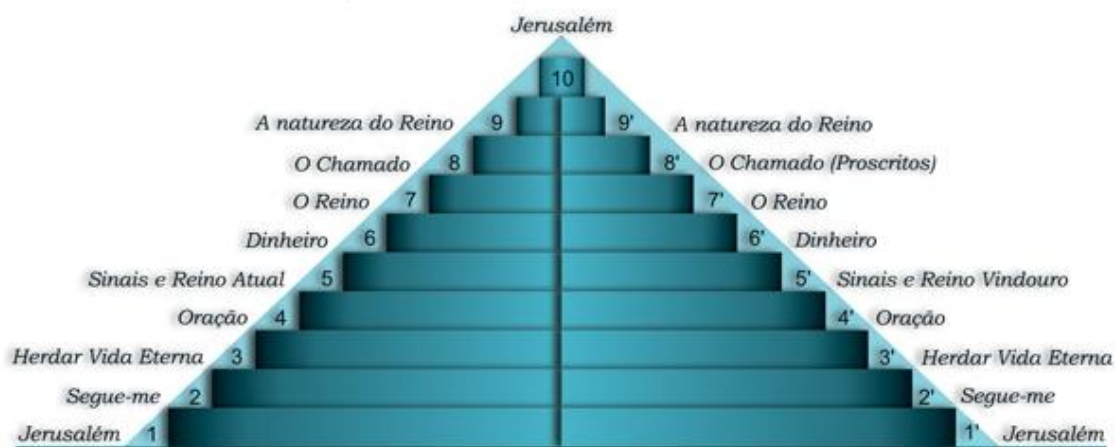
Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 4 – Primeira Parte

Prosseguindo nossos estudos, passaremos a analisar a Estrutura 4, primeiramente os capítulos 4, da primeira e segunda parte do livro Paulo e Estevão, e na segunda e terceira etapa os trechos do evangelho do quarto degrau (livro Parábolas de Jesus – Haroldo Dutra Dias).

Observem que, tal qual os trechos da pirâmide, os capítulos do livro são espelhados/paralelos, usando uma técnica do primeiro século e que encontramos em diversos trechos da Bíblia, Emmanuel construiu este livro de forma semelhante. Para entendermos melhor o significado do paralelismo, vale a pena relembrar um trecho do texto poesia hebraica, que compartilhamos dias atrás: *“Paralelismos – entre os recursos literários da poesia hebraica o Paralelismo é considerado por muitos como a característica principal. Segundo Robert Lowth, considerado maior autoridade em poesia do Antigo Testamento, “à correspondência de um verso ou linha com outro, chamo de paralelismo. Quando uma proposição é emitida, e uma segunda é juntada a ela, ou feita com base nela, equivalente ou contrastante com ela em sentido ou semelhante a ela na forma de construção gramatical, a estas chamo de linhas paralelas; e às palavras ou expressões que respondem uma à outra nas linhas correspondentes, termos paralelos.”*

“Narrativa da Viagem a Jerusalém”
(Lc 9:51 - 19:48)



1 = Corações flagelados	1' = Rumo ao deserto
2 = Lágrimas e sacrifícios	2' = O tecelão
3 = Em Jerusalém	3' = Lutas e humilhações
4 = Nas estradas de Jope	4' = Primeiros labores apostólicos
5 = A pregação de Estevão	5' = Lutas pelo Evangelho
6 = Ante o Sinédrio	6' = Peregrinações e sacrifícios
7 = As primeiras perseguições	7' = As Epístolas
8 = A morte de Estevão	8' = O martírio em Jerusalém
9 = Abigail cristã	9' = O prisioneiro do Cristo
10 = No caminho de Damasco	10' = Ao encontro do Mestre

Nas estradas de Jope/Primeiros labores apostólicos.

Nesta parte adentraremos no estudo de Saulo e Paulo, do homem antigo e do novo homem. Fazer esta análise e verificar como ele foi sendo lapidado pode ser apenas o exercício de um observador. Mas o convite é para irmos além, deixando-nos inspirar pela vida do Apóstolo dos Gentios, saibamos reconhecer o que há, ainda, em nós do velho homem. Busquemos, então, a transformação moral que nos é tão necessária.

Para facilitar a visualização, elaboramos um tabela, vejamos:

SAULO – Cap. 4 (1ª parte)	PAULO – Cap.4 (2ª parte)
(...) fisionomia cheia de virilidade e máscula beleza, os traços israelitas fixavam-se particularmente nos olhos profundos e percucientes, próprios dos temperamentos apaixonados e indomáveis, ricos de agudeza e resolução.	Transformado em rude operário, Saulo de Tarso apresentava notável diferença fisionômica. Acentuara-se-lhe a feição de asceta. Os olhos, contudo, denunciando o homem ponderado e resoluto , revelavam igualmente uma paz profunda e indefinível.
—Mas como estás modificado!... Um carro à romana, a conversação em	Compreendendo que a situação não lhe permitia idealizar grandes projetos

grego e...Saulo, porém, não o deixou prosseguir e rematou: —E no coração a Lei, sempre desejoso de submeter Roma e Atenas aos nossos princípios.	de trabalho, contentava-se em fazer o que fosse possível.
além de auferir atualmente ótima remuneração , independente da contribuição que me vem de Tarso periodicamente.	Orgulhava-se, quase, de viver do modesto rendimento do seu árduo labor. Vezes várias, ele próprio atravessava as praças mais frequentadas, carregando pesados fardos de pelo caprino.
—Por isso mesmo, talvez — glosou Saulo —, ensinou-me a profissão, quando menino, para que nunca me esquecesse de que o progresso de um homem depende do seu próprio esforço.	Ele, por sua vez, vivia tranquilo e satisfeito. Levantava-se, todos os dias, procurando amar a tudo e a todos; para prosseguir nos caminhos retos, trabalhava ativamente. (...) Com ele tecia tapetes complicados, barracas e tendas, exercitando-se na paciência indispensável aos trabalhos outros que ainda o esperavam nas encruzilhadas da vida.
— Mas os doentes? Onde ficam esses doentes ? —interrogou Saulo assombrado. — Todos se agasalham junto desses homens incompreensíveis. — Estão todos malucos!	Saulo havia aprendido a esperar na comunidade, preferia os labores mais simples. Sentia-se bem, atendendo aos doentes numerosos.
—Pois bem; depois de amanhã iremos juntos apreciar os sandeus. Caso verifique o caráter inofensivo dos seus ensinamentos, haverá que os deixar em paz com a sua logomania, ao lado das mazelas do próximo; mas, caso contrário, pagarão muito caro a audácia de ofender nossos códigos religiosos , na própria metrópole do judaísmo.	Saulo de Tarso limitava-se a cooperar. Ele mesmo notara que Jesus, por certo, recomendara absoluto recomeço em suas experiências. Certa feita, fez o possível por conduzir as pregações gerais, mas nada conseguiu. A palavra, tão fácil noutros tempos , parecia retrair-se-lhe na garganta. Compreendeu que era justo padecer as torturas do reinício, em virtude da oportunidade que não soubera valorizar.

Façamos uma pausa nas comparações. A vida antiga, e a vida nova, quanta mudança!!!

Como pode? Como alguém consegue tanto em tão pouco tempo?

Esta renovação que o Cristo operou na vida de Paulo foi gradativa, e, lembrando que Deus age essencialmente através de outros homens, esta mudança deu-se pelo amor de espíritos que vieram ao seu encontro. Ainda no capítulo 4 da primeira parte veremos a semente da docilidade sendo

lançada em seu coração nos seus encontros com Abigail. Como nos ensina Estevão, ainda Jesiel, “Deus opera em silêncio e não concorre com as vaidades da criatura.”

Assim também com Paulo, Deus foi operando silenciosamente, chegando aos poucos. Trazendo das profundezas do íntimo de Saulo o valoroso homem, trabalhador incansável do Cristo, Paulo!!

Prossigamos.

De onde surgiu este novo homem? Esta segunda parte do livro, relata o belíssimo encontro de Saulo com Abigail, corações apaixonados, nos revela um Saulo mais sentimental, que em nada lembra o perfil que traçamos anteriormente.

Vejamos neste trecho os pensamentos de Abigail, saudosa de Jesiel, em que nos apresenta o doutor da lei apaixonado:

“Contar-lhe-ia que a afeição da sua alma era também entretecida de comentários religiosos e filosóficos, e não tinham conta as vezes em que ambos se submergiam na contemplação da Natureza, comparando as suas lições vivas com os símbolos divinos dos Escritos Sagrados.”

Outros trechos:

“- espírito **nobre e leal**, que um profundo sentimento de autodomínio assinalava.

- jovem **sábio, voluntarioso e sincero**

- **temperamento indômito e inquieto**, a par de um coração eminentemente **generoso**, onde uma fonte de **ignorada ternura** se retraía em abismais profundezas.

- — Abigail disse retendo-lhe a mãozinha entre as suas —, a Natureza canta sempre com as almas esperançosas e crentes. Com que ansiedade esperei-te no caminho da vida!...”

É bonito ver este trabalho de Emmanuel, em colocar num mesmo capítulo características tão diferentes da mesma pessoa. Um alerta para nós outros para que não realizemos julgamentos apressados, raramente sabemos o que se passa no íntimo das pessoas. Um olhar ligeiro para Saulo nos dará uma dimensão errada de sua alma. Então, ante as pessoas difíceis que nos sejam apresentadas durante a jornada, lembremos de Paulo e busquemos o olhar bondoso de Abigail.

Como estamos fazendo paralelos entre os capítulos de número 4, da primeira e segunda parte, voltemos nossos olhos para o 4 capítulo da segunda parte, onde vemos um Paulo renovado, sem, porém, o

esquecimento dos momentos acima narrados, saudades imensas o moviam, e aquelas sementes de amor e ternura outrora lançadas, agora germinavam no coração do apóstolo dos gentios. Acompanhemos este trecho:

“- A solidão lhes sugeria belos pensamentos. **Sagrado otimismo** extravasava dos menores conceitos. Ambos afagavam carinhosas lembranças do **passado afetivo e esperançoso**. Como homens experimentavam todas as necessidades humanas, mas era profundamente comovedora **a fidelidade com que se entregavam ao Cristo**, confiando ao seu amor a realização dos santificados desejos de uma vida mais alta.;
- E assim prosseguiram, valendo-se de **preciosas imagens da vida comum para simbolizar os bens eternos**,(...)”

A este novo homem somos todos devedores, a mensagem do Cristo chega hoje até nós em razão do seu imenso esforço em levar a palavra de Jesus aos corações de judeus e gentios.

Se queremos nós, também, divulgar a palavra do Mestre, eis o roteiro, olhemos a vida de Paulo, a humildade em realizar pequenas tarefas com amor e zelo até se tornar apto para outras, mais grandiosas e lembremos dos desenganos de Saulo.

Vemos no capítulo 4 a narrativa de Paulo tocando corações com sua palavra: “*A relação dos feitos de Jesus, sua exemplificação divina, a morte na cruz, **arrancavam lágrimas do auditório**. O próprio chefe da sinagoga estava profundamente surpreendido...*”

Belíssimo capítulo, inspiradora história. Saibamos refletir, ponderar, não nos lancemos ao verbo que não tem respaldo na vida. Seja o nosso lar, nosso trabalho, nossa família o lugar onde realizemos o evangelho, não com palavras, mas em cada ato, em cada gesto. **A palavra só é eficaz quando acompanhada de uma vida que lhe dê respaldo e significado.**

Paulo e Barnabé!!! Elevamos a Jesus nossos pensamentos para endereçar-lhes nossa prece e nossa gratidão, pelas lições de hoje, desta jornada, da exemplificação que inspira. Assim, encerramos com o último parágrafo do 4º capítulo:

“Ambos haviam experimentado a dificuldade dos serviços mais rudes. Muita vez se viram perplexos com os problemas intrincados da empresa: em troca da dedicação fraternal, haviam recebido remoques, açoites e acusações pífidas; contudo, através do abatimento físico e dos golvazes, irradiavam ondas invisíveis de intenso júbilo espiritual. É que, entre os

espinhos da estrada escabrosa, os dois companheiros desassombrados mantinham ereta a cruz divina e consoladora, espalhando a manchieas as sementes benditas do Evangelho de Redenção.”

Abraços fraternos, queridos amigos, iremos para a segunda parte da estrutura 4, onde estudaremos o capítulo 4 da primeira parte juntamente com o trecho do evangelho de Lucas.

Campo Grande – MS, 24. 04. 2014.

Candice Günther

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 4 – Segunda Parte

“Pai, seja respeitada a santidade do teu nome, venha teu reinado; dá-nos hoje o pão do amanhã; perdoa-nos nossos pecados, como também nós perdoamos os que nos ofendem; não nos deixes sucumbir na prova”.

Bíblia do Peregrino – Lucas 11:2-4

Prosseguindo nossos estudos, façamos a verificação das conformidades do Cap. 4 da primeira parte com o trecho da Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas, Oração – Lucas 11:1-13.

Primeiramente, precisamos ter em nossas mentes e corações a situação em que Saulo se encontra. Verificamos na primeira parte que Emmanuel colocou num mesmo capítulo:

- **o perfil dele para o mundo:** “(...) *fisionomia cheia de virilidade e máscula beleza, os traços israelitas fixavam-se particularmente nos olhos profundos e percucientes, próprios dos temperamentos apaixonados e indomáveis, ricos de agudeza e resolução.*”

- **um olhar mais íntimo**, através do meigo e amoroso olhar de Abigail, não apenas do que ele demonstrava, mas de sua essência: “*espírito nobre e leal, que um profundo sentimento de autodomínio assinalava; jovem sábio,*

voluntarioso e sincero; temperamento indômito e inquieto, a par de um coração eminentemente generoso, onde uma fonte de ignorada ternura se retraía em abismais profundezas.”

Quando, porém, confrontamos com o Evangelho de Lucas, utilizando-nos das lições de Emmanuel em outros livros que explicam estes trechos com maior profundidade, somos convidados a novos e mais profundos olhares, não apenas de Saulo, mas de nós mesmos. Iniciemos, lembrando sempre que a posição de mero observador deve ser também acompanhada da coragem daquele que aprende com a vida do outro e usa a lição para si mesmo. Temos muito de Saulo, caminhemos com ele, deixemo-nos alcançar pelo Cristo.

“Senhor, ensina-nos a orar... — (LUCAS, capítulo 11, versículo 1.)

Caminho, Verdade e Vida, lição 167	Trecho do Livro Paulo e Estevão
A prece, nos círculos do Cristianismo, caracteriza-se por gradação infinita em suas manifestações (...) - Os seguidores inquietos reclamam a realização de propósitos inconstantes. - Os egoístas exigem a solução de caprichos inferiores . - Os ignorantes do bem chegam a rogar o mal para o próximo .	- sempre desejoso de submeter Roma e Atenas aos nossos princípios. - Precisamos, pois, dobrar os joelhos de gregos e romanos ante a Lei de Moisés. - Com as tuas prerrogativas de futuro rabino, em destaque no Templo, poderás encabeçar uma ação decisiva contra esses mistificadores e falsos taumaturgos . (Sadoc) — Sem dúvida — respondeu. — E prontifico-me a executar todas as providências que o caso requer. (Saulo)

Os anseios de Saulo, que tinha o coração sincero, porém, caminhava em desacerto de rumo, eram sua prece aos céus. Não nos dirigimos ao Pai apenas com palavras e em momentos restritos, mas a cada instante, a cada pensamento, Deus nos vê, sonda nossos corações e reconhece o que verdadeiramente lhe estamos pedindo.

Emmanuel encerra esta lição sobre este trecho do Evangelho de forma belíssima e significativa, fácil nos será recordar de Saulo em momento posterior ao que ora estudamos, lembremos do momento da transformação que ocorreu em sua vida após o encontro com Jesus em Damasco, vejamos:

“Jesus suporta, paciente, todas as fileiras de candidatos do seu serviço, de sua iluminação, estendendo-lhes mãos benignas, tolerando-lhes as queixas

descabidas e as lágrimas inaceitáveis.

Todavia, quando aceita alguém no discipulado definitivo, algo acontece no íntimo da alma contemplada pelo Senhor.

Cessam as rogativas ruidosas. Acalmam-se os desejos tumultuários.

Converte-se a oração em trabalho edificante. O discípulo nada reclama. E o Mestre, respondendo-lhe às orações, modifica-lhe a vontade, todos os dias, alijando-lhe do pensamento os objetivos inferiores.

O coração unido a Jesus é um servo alegre e silencioso.

Disse-lhe o Mestre: Levanta-te e segue-me. E ele ergueu-se e seguiu.”

Eis o chamado: Levanta-te e segue-me!!!! Saulo ouvirá adiante, ouçamos agora. Lembremos que capítulo 4 da segunda parte e reconheceremos o Saulo já transformado e vivendo o que ora não conseguia compreender. As lições se unem e nos clareiam a vista, quicá o coração.

“Dá-nos cada dia o nosso pão.” — Jesus. (LUCAS, capítulo 11, versículo 3.)

Caminho, Verdade e Vida, lição 174	Trecho do Livro Paulo e Estevão
Já pensaste no pão de cada dia? A força de possuí-lo, em abundância, o homem costuma desvalorizá-lo, à maneira da criatura irrefletida que somente medita na saúde, ao sobrevir a enfermidade.	Não posso queixar-me, porquanto o Tribunal me confere atualmente atribuições especialíssimas. (...) me prometem lugar de relevo na administração do nosso povo. Como sabemos, o antigo mestre está idoso e deseja retirar-se da vida pública. Não tardarei a substituí-lo. (...) além de auferir atualmente ótima remuneração, independente da contribuição que me vem de Tarso periodicamente.
Se a maioria dos filhos da Terra estivessem à altura de atender à gratidão nos seus aspectos reais, bastaria o pão cotidiano para que não faltassem às coletividades terrestres perfeitas noções da existência de Deus.	(...) fui levado a visitar, ontem, as obras de caridade dirigidas por um tal Simão Pedro. É uma instituição estranha e que não deixa de ser extraordinária. Crianças desamparadas que encontram carinho, leprosos que recobram a saúde, velhos enfermos e desprotegidos da sorte, que exultam de conforto. (Sadoc)

Interessante esta reflexão quanto ao PÃO NOSSO DE CADA DIA. Como guiamos nossos dias e nossas ações? Temos tempo para angariar recursos abundantes mas nos esquecemos da caridade, de dedicarmos nosso tempo aos que necessitam de amparo, de uma palavra amiga, de um olhar

fraterno, até mesmo um sorriso e um bom dia alegre nós deixamos de lado, quando nos embrenhamos em pensamentos sobre como resolveremos os inúmeros compromissos profissionais que o dia oferece.

O trabalho é benção divina, é Deus quem nos concede a oportunidade, como bem ensina Emmanuel: “O Altíssimo deixa aos homens a crença de que o pão terrestre é conquista deles, para que se aperfeiçoem convenientemente no dom de servir. Em verdade, no entanto, o pão de cada dia, para todas as refeições do mundo, procede da Providência Divina.”

“E eu vos digo a vós: pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á.” – Jesus. (Lucas, 11:9.)

Pão Nosso, lição 109	Trecho do Livro Paulo e Estevão
No emaranhado de lutas e débitos da experiência terrestre, é imprescindível que o homem aprenda a pedir caminhos de libertação da antiga cadeia de convenções sufocantes, preconceitos estéreis, dedicações vazias e hábitos cristalizados . É necessário desejar com força e decisão a saída do escuro cipoal em que a maioria das criaturas perdeu a visão dos interesses eternos.	- pagarão muito caro a audácia de ofender nossos códigos religiosos, na própria metrópole do judaísmo; - Ainda por longo tempo comentaram os fatos sociais, as trincas do farisaísmo a que pertenciam, os sucessos do presente e as esperanças do porvir.

O que buscamos? Olhemos para a nossa vida cotidiana, nossas 24 horas diárias, o que temos buscado ao longo delas? Olhemos, também, o outro aspecto: o que temos encontrado, achado?

Aprendamos com as lições do livro Pão Nosso:

- “- *É necessário desejar com força e decisão;*
- *É indispensável localizar a ação digna e santificadora.*
- *É imperativo aprender a buscar o bem legítimo.*
- *Estabelecido o roteiro edificante, é chegado o momento de bater à porta da edificação; sem o martelo do esforço metódico e sem o buril da boa-*

vontade, é muito difícil transformar os recursos da vida carnal em obras luminosas de arte divina, com vistas à felicidade espiritual e ao amor eterno.”

Novamente aqui, nos recordamos, também, do capítulo 4 da segunda parte, da belíssima lição de Abigail, já no plano espiritual. Ama, crê, serve e perdoa! Se na primeira parte, Saulo caminhava em desengano, errando o alvo, na segunda parte vemos a confirmação de todas estas lições, uma vida renovada, um diamante sendo lapidado.

“E qual o pai dentre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra?” - Jesus. (Lucas, 11:11.)

Vinha de Luz, lição 166	Trecho do livro Paulo e Estevão
Nem sempre é possível compreender, de pronto, a resposta celeste em nosso caminho de luta, no entanto, nunca é demais refletir para perceber com sabedoria.	Saulo, inebriado de indefinível alegria, contemplou as primeiras estrelas que sorriam no céu recamado de luz. A Natureza é sempre o espelho fiel das emoções mais íntimas, e aquelas vagas de perfume, que as vibrações traziam de longe, encontravam eco de misterioso júbilo no seu coração.

As sementes divinas que brotam em nossos corações, muitas vezes são plantadas sem que o percebamos. Abigail, espírito de grande luz e envergadura moral, irrigou o coração de Saulo. Ao seu lado, sentia-se bem, amado. Na simplicidade de um encontro amoroso e romântico o Pai Celestial ia preparando o coração de Saulo. Pelo muito que o amava, Abigail soube reconhecer-lhe a essência: “onde uma fonte de ignorada ternura se retraía em abismais profundezas.”

O que está escondido em nós e precisa submergir? Esperaremos a escola da dor para nos levantarmos? Ou seremos sábios, encontrando nas lições amorosas do Pai os caminhos para a nossa redenção?

“Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai Celestial o Espírito Santo aqueles que lho pedirem?” – Jesus. (Lucas, 11:13.)

Pão Nosso, lição 63	Trecho do livro Paulo e Estevão
---------------------	---------------------------------

(...) nos círculos de lutas planetárias, acontecimentos que nos parecem desastrosos, à atividade particular, representam escoras ao nosso equilíbrio e ao nosso êxito, enquanto que fenômenos interpretados como calamidades na ordem coletiva constituem enormes benefícios públicos.	— Deus é bom — replicou ela com enlevo — e somente agora reconheço que, depois de tantos sofrimentos, Ele me reservava, na sua misericórdia infinita, o tesouro maior da minha vida, o teu amor, na terra de meus pais. Teu afeto, Saulo, concentra todos os meus ideais.
--	---

Sabemos que Abigail e Paulo não se casaram, que ambos sofreram imensamente a separação. Ainda que aos nossos olhos isto pareça uma grande tragédia, a dor pela perda de Abigail levou Saulo à estrada de Damasco. Misterioso o caminho que escolhemos, não raro optamos pelo caminho da dor, com nossas ações buscamos e achamos, porém, seja qual for a nossa escolha, seja qual for o caminho de trilharmos, o amor do Pai nos alcançará.

Quais as dores que carregamos em nossos corações? Quando a vida nos foi dura e nos sentimos longe do amor divino? Olhemos mais a frente, a reconheceremos que também nestes instantes Deus não nos desamparou e sempre esteve a nos rodear com seu sublime amor, ainda que não o percebamos.

Encerramos a lição, com mais este rico pensamento de Emmanuel, que também é nossa prece:

“Roga, pois, ao Senhor a bênção da Luz Divina para o teu coração e para a tua inteligência, a fim de que te não percas no labirinto dos problemas; contudo, não te esqueças de que, na maioria das ocasiões, o socorro inicial do Céu nos vem ao caminho comum, através de angústias e desenganos. Aguarda, porém, confiante, a passagem dos dias. O tempo é o nosso explicador silencioso e te revelará ao coração a bondade infinita do Pai que nos restaura a saúde da alma, por intermédio do espinho da desilusão ou do amargoso elixir do sofrimento.”

Abraços fraternos, amigos queridos.

Até breve, com a terceira parte da quarta estrutura.

Campo Grande – MS, 26.04.2014.

Candice Günther

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 4 – Terceira Parte

“(…) oração não é a fórmula recitada maquinalmente para pedir favores: trata-se de uma atitude espiritual do psiquismo, da sintonia do ser com o SER, jamais dele se desligando, onde quer que esteja, fazendo qualquer ato.” Pastorino

O estudo da Estrutura 4 nos oferece uma perspectiva das transformações que ocorreram em Paulo, de Saulo a Paulo nos remete a um homem diferente, mais simples, vivendo de forma humilde, trabalhando e auxiliando.

Temos, no degrau 4’, o Evangelho de Lucas a nos falar sobre alguns aspectos da oração. Pergunto, então, o que é orar? Numa breve definição, sem muito pensar, diremos que é o ato de falar com Deus, de dirigir-se a Ele, para agradecer, pedir ou adorar. Poderíamos pensar, também, que se estamos falando, então, também é a hora em que Deus nos ouve, certo? Penso que não.

Nos dirigimos a Deus quando queremos, mas Ele se dirige a nós a todo momento e todos os nossos atos e pensamentos o alcançam, o tempo todo. Invertemos, então, ouvimos pouco, Ele ouve tudo. Assim, quando nos colocamos em oração sincera, permitimos ouvir por instantes o que o Pai nos está falando, porém, dia haverá em que toda a nossa vida, todos os momentos serão um dirigir-se ao Pai. Jesus vivenciou isto, a todo instante estava em comunhão como o Pai.

E com este pensamento iniciamos o estudo da terceira parte.

... “Orar sempre e nunca desfalecer.” – Lucas, 18:1.

Alvorada do Reino, lição 3 (Emmanuel)	Trecho do livro Paulo e Estevão
Enquanto te encontras no plano de exercício, qual a Crosta da Terra, sempre serás defrontado pela dificuldade e pela dor. A lição dada é caminho para novas lições. Atrás do enigma resolvido, outros enigmas aparecem. Outra não pode ser a função da escola, senão ensinar, exercitar e aperfeiçoar. Enche-te, pois, de calma e bom ânimo, em todas as situações.	Levantava-se, todos os dias, procurando amar a tudo e a todos; para prosseguir nos caminhos retos, trabalhava ativamente. Se lhe chegavam desejos ansiosos, inquietações...bastava esperar; ... procurava esquecer a incompreensão alheia com o perdão sincero, refletindo nas vezes muitas que, também ele, ofendera os outros, por ignorância. ... Procurava encontrar no dia o colaborador valioso que não lhe subtraia as oportunidades.

Emmanuel, ao explicar este versículo, nos convida e atitudes de elevação ao Pai com calma e bom ânimo, sempre, sem cessar, constantemente. Eis, então, Paulo vivenciando, exemplificando, com oração e bom ânimo levantava-se **todos os dias**, procurando amar a tudo e a todos... e a lição de Abigail lhe falava ao coração e era roteiro seguro.

A verdadeira sintonia com o Pai não se fará presente em nossas vidas se não a buscarmos em toda a nossa vida. Não é possível uma vivência cristã apenas quando nos encontramos dentro de um templo religioso. Ser cristão apenas na casa espírita, ou na entrega da sopa, na campanha de alimentos e nas diversas tarefas a que nos propomos é como nos revestirmos de uma carcaça exterior que aparenta ter o Cristo no coração. Todos os dias, todos os instantes somos chamados à comunhão com Deus e com os ensinamentos do Mestre, que não é fácil e exige de nós bom ânimo. Este será nosso constante orar.

Avancemos!!!

O texto de Lucas prossegue com a Parábola da viúva e do juiz.

Onde?

Em uma cidade

Quem?

Um juiz não temia a Deus e nem respeitava homem algum;

Uma viúva que queria justiça contra o litigante.

Qual a história?

Durante um tempo, o juiz não queria atender a viúva, depois resolveu, farei justiça a ela para que não venha me importunar.

E a lição?

“Diz o Senhor: Ouvi o que diz o juiz da injustiça. Acaso Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que bradam dia e noite, sendo longânime para com eles? Eu vos digo que lhes fará justiça com rapidez. Todavia, quando vier o filho do homem, encontrará a fé sobre a terra?”

Para melhor entendimento, vamos nos socorrer de trechos do livro Sabedoria do Evangelho de Carlos Torres Pastorino, vol. 6, em que ele comenta e explica esta parábola:

“A oração não se limita a um petitório ininterrupto, nem Deus é uma "pessoa" (antropomorfismo) que resolva fazer ou não fazer" atender ou negar. (...) Não é o PEDIR em si que obtém o "milagre": é a modificação de atitude e de vibração da criatura, que faz seja obtido o favor, e que propicia se faça sentir a Infinita Misericórdia da LEI, que só atinge os rebeldes incorrigíveis. Desde que a criatura se volte do lado favorável, a dor não na atinge.

Assim ocorre na prece contínua e incessante. Não é esse PEDIR que modifica a ação do Legislador, para que a LEI seja anulada ou falseada. Trata-se (psicologicamente pode provar-se isso) da modificação de atitude do pedinte: de tanto repetir, ele aos poucos transforma sua mente, adaptando-a ao novo fator que deseja seja introduzido em sua vida. E essa adaptação, embora inconsciente, decide a obtenção daquilo que ele deseja. (...) Orar é permanecer ligado à corrente, mesmo que não estejamos recitando fórmulas nem pronunciando palavras. É como permanecer ligado à corrente um rádio-receptor, embora não esteja transmitindo som, no momento. Jamais nos desliguemos da corrente, e nosso coração permanecerá alimentado pela eletricidade e pelo magnetismo divino a todo momento.”

A transformação moral e a comunhão com o Pai nunca virá de um ato externo, mas de uma vontade íntima e individual.

Vemos neste capítulo a mãe de João Marcos, sobrinho de Barnabé, rogando que seu filho acompanhasse Paulo em suas viagens para divulgação do evangelho de Jesus. O que ocorre, porém, é uma rápida desistência do rapaz a medida que as dificuldades surgem, veremos mais adiante no livro que ele desiste da viagem e retorna para sua casa. Lembremos da parábola “havia uma viúva que vinha a ele **constantemente**”. A persistência e a longanimidade são características essenciais para que prossigamos com o Cristo e por isso a necessidade que seja uma decisão nossa e não um ato exterior, só assim, quando tomarmos uma decisão é que conseguiremos avançar.

Há também um aspecto muito interessante em relação a Paulo que o estudo do evangelho nos permite perceber. Vejamos este trecho do Pastorino:

“A primeira vista, choca-nos essa comparação: também Deus só atenderá se a prece for longa e repetida, e com a finalidade de não ser “molestado” pelo crente, e não por bondade, misericórdia e justiça?

Não é esse, precisamente, o sentido de suas palavras: “Deus defenderá seus escolhidos que a Ele clamam dia e noite, pois é misericordioso com eles”. A diferença nos tempos dos verbos (poiêsêi, aoristo; e makrothymeí, presente) exprime, o primeiro uma garantia do que há de ocorrer, e o segundo uma qualidade inerente à Força Divina; o verbo makrothymeí pode ser até transliterado: longânime. E essa defesa será rápida.”

Vejamos também um trecho do P&E, em relação a Paulo:

“Sentia que acabava de atravessar imenso deserto para encontrar de novo a mensagem doce e eterna do Cristo. Por conquistar a dignidade espiritual, só experimentara padecimentos, desde a cegueira dolorosa de

Damasco. Ansiara por Jesus. **Tivera sede abrasadora e terrível. Pedira em vão a compreensão dos amigos, debalde buscara o terno aconchego da família. Mas, agora, que a palavra mais alta o chamava ao serviço, deixava-se empolgar por júbilos infinitos. Era o sinal de que havia sido considerado digno dos esforços confiados aos discípulos.** Refletindo como as dores passadas lhe pareciam pequeninas e infantis, comparadas à **alegria imensa que lhe inundava a alma**, Saulo de Tarso chorou copiosamente, - experimentando maravilhosas sensações. Nenhum dos irmãos presentes, nem mesmo Barnabé, poderia avaliar a grandiosidade dos sentimentos que aquelas lágrimas revelavam. **Tomado de profunda emoção, o ex-doutor da Lei reconhecia que Jesus se dignava de aceitar suas oblatas de boa-vontade, suas lutas e sacrifícios. O Mestre chamava-o e, para responder ao apelo, iria aos confins do mundo.**”

Paulo foi chamado por Jesus e a partir de então trilhou um caminho de muita luta, burilando seu íntimo, sofrendo e aprendendo, persistindo. Eis, então, o momento da recompensa, a paz interior e a alegria de ser digno de uma tarefa confiada pelo Mestre amado.

Paremos, então, um pouco para refletir sobre a nossa condição, quantas e quantas vezes queremos realizar tarefas grandiosas, ou então, admiramos aqueles que as realizam. Mas raramente nos lembramos do caminho de esforço pessoal que estas pessoas trilharam para que o Cristo confiasse a elas a tarefa que realizam. Como bem dizia o grande inventor, Tomas Edson, na vida é necessário 1% de inspiração e 99% de transpiração. Sejamos dignos e merecedores de trabalhar na seara do Cristo.

Vejamos, então, nos encaminhando para o final, um trecho do Pastorino: *“O último versículo, em sua segunda parte, parece nada ter com o contexto da parábola; "acaso, ao vir, o Filho do Homem achará fidelidade na Terra"? Os intérpretes colocam essa frase como uma restrição, já que é iniciada por plên ("contudo"): será que, no fim dos tempos, diante de tantos sofrimentos, os discípulos se manterão fiéis?”*

Eis uma característica marcante em Paulo desde o início, uma virtude do seu espírito: a fidelidade. Se enquanto Saulo ele errava o alvo, cometendo atos em discordância com a vontade do Pai, o fazia guiado pela imensa fidelidade que tinha à forma como compreendia a lei mosaica. Ajustada a “mira”, Paulo, convertido, manteve sua característica de fidelidade, agora, porém, na direção correta.

Cabe a nós outros a reflexão íntima examinando a quem temos sido fiéis, onde depositamos nossa confiança e nosso ânimo. E forma como dispomos o nosso tempo, nosso patrimônio intelectual, nossas tarefas diárias, nos darão a radiografia de como temos andado neste aspecto.

Encerramos a terceira parte, com profundas emoções, rogando a Jesus que tenhamos bom ânimo e persistência nas tarefas que o Pai nos chama a realizar. Que sejamos fiéis no pouco e no muito, que nos exercitemos nas pequenas empreitas do dia a dia com amor e zelo, para que quando o Mestre necessitar de nossa colaboração em outras tarefas maiores estejamos prontos, nos fazendo dignos da confiança e da responsabilidade.

Abraços fraternos!!

*Campo Grande-MS, 01.05.2014
Candice Günther*

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

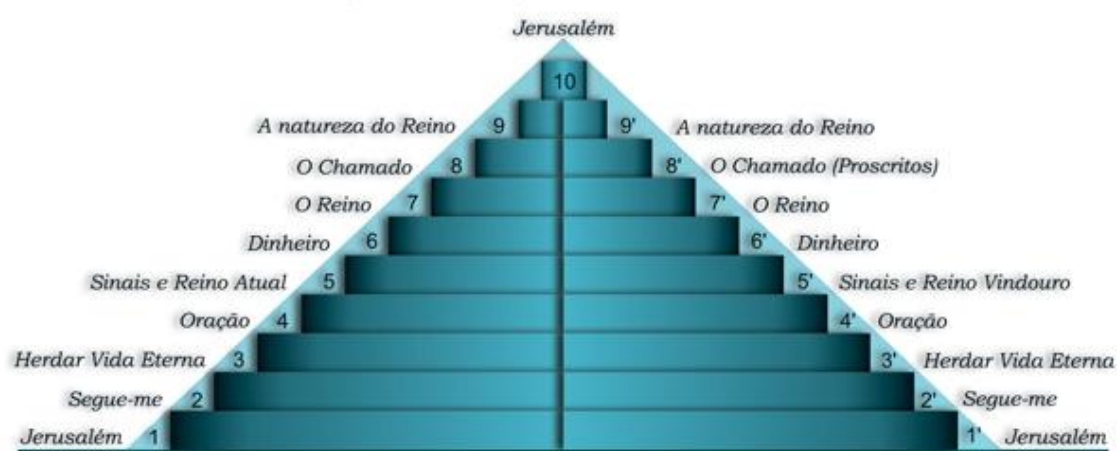
Estrutura 4 – Quarta Parte e Conclusão

Finalizando o estudo da Estrutura 4, em que analisamos os capítulos de número 4 da primeira e segunda parte do livro Paulo e Estevão, bem como os trechos do Evangelho de Lucas, nos encaminhamos para a última análise, os degraus 4 e 4' da Narrativa da Viagem a Jerusalém.

Não tenho a intenção de esgotar o tema nem de alcançar todas as possibilidades interpretativas, até porque seria uma tentativa praticamente impossível. O intuito deste estudo é primeiramente verificar se há realmente ligação entre o texto do Evangelho de Lucas e o livro P&E, o que até aqui se mostrou verdadeiro. Meu ensejo também é a busca, o entendimento da vida de Paulo, um amor antigo que tenho hoje a oportunidade de me dedicar. É extraordinária a mudança e o crescimento que nele ocorreram, quem sabe o estudando, não deixemo-nos transformar um pouco e de pouco em pouco vamos nos achegando ao Pai Celestial.

Eis, então nossa pirâmide e o estudo do 4º degrau (Livro Parábolas de Jesus – Texto e Contexto de Haroldo Dutra Dias):

“Narrativa da Viagem a Jerusalém”
(Lc 9:51 - 19:48)



Tema Oração

Degrau 4 - Lucas 11:1-13 x Degrau 4' – Lucas 18: 1-14

Lucas 11:1-13	Lucas 18: 1-14
ONDE	
Jesus estava orando em “certo lugar”	(17:11) ...ele passava pelo meio da Samaria e da Galiléia
PARA QUEM JESUS FALA	
Discípulos	Fariseus
REFERÊNCIA NO ANTIGO TESTAMENTO	
A Bíblia do Peregrino nos oferece diversas referências no AT em relação à fala de Jesus. Vejamos algumas: “a invocação de “Pai” orienta o resto. Substitui as do AT “Senhor”. (Sl 89:27); Venha teu reinado – Deus rege a história dos homens – Sl 82,8; 98; Elias faz dos profetas de Baal que importunam um deus surdo (IRs 18,27).; “estarão ainda falando e eu os terei escutado” (Is 55,6;	“Não desprezará os rogos do órfão, nem a viúva que lhe fala com os seus gemidos... E o Senhor não diferirá por muito tempo, mas tomará a defesa dos justos e lhes fará justiça (...)” Ben Sirach - Eclesiástico 35:17-23 (referencia do livro de Keneth Bailey – As parábolas de Lucas)

(iS,24).	
----------	--

Em Lucas 11:3-4, Jesus ensina aos discípulos a oração Pai Nosso, que repetimos nos dias de hoje: *“Pai, santificado seja o teu nome, venha o teu reino. O pão nosso diário dá-nos a cada dia; perdoa-nos nossos pecados, pois também nós perdoamos a todos que nos devem; e não nos introduzas em tentação.”* A seguir, Jesus conta uma parábola, assim como no outro trecho de Lucas. Buscaremos o que as une e o que as diferencia.

Lucas 11:1-13	Lucas 18:1-14
PEDIDO	
Empresta-me 3 pães visto que um amigo meu veio da estrada	Uma viúva que vinha a ele (juiz), dizendo: faze-me justiça contra meu litigante
NEGATIVA/RETICÊNCIA EM ATENDER	
Não me dês trabalho; a porta está fechada, meus filhinhos estão na cama comigo	O juiz que não temia a Deus nem respeitava homem algum...durante um tempo, ele não queria atender
INSISTÊNCIA/ATENDIMENTO	
Ainda que não se levante para lhe dar por ser seu amigo, se levantará para lhe dar o quanto necessita, pelo menos por causa da sua desonra. (naquele tempo deixar de atender um hóspede era uma desonra para toda a comunidade local)	Por me dar trabalho essa viúva farei justiça a ela, para que não venha, por fim, a me importunar

O início de ambas as parábolas nos remetem a forma como os homens, em geral, atendem aos pedidos que lhes são endereçados. Continuam, porém, explicando como Deus agirá ante os nossos pedidos. Vejamos:

Lucas 11:1-13	Lucas 18:1-14
Se o homem é capaz de fazer justiça, que dirá Deus que é justo e bom	
Qual dentre vós é o pai que seu filho lhe pedirá um peixe e em vez de um peixe lhe dará uma serpente?	Acaso Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que bradam dia e noite, sendo longânime para com eles?
Seremos atendidos na medida de nossas necessidades	
Pedi e vos será dado, buscai e encontrareis, batei e será para vós aberto. Pois todo aquele que pede recebe, e aquele que busca encontra, e ao que bate será aberto.	Eu vos digo que fará justiça com rapidez.

Resposta aos discípulos	Pergunta aos fariseus
Vós sendo maus, sabeis dar boas dádivas, aos vossos filhos, quando mais vosso Pai no céu dará o Espírito Santo aos que lhe pedem.	Todavia, quando vier o filho do homem, encontrará a fé sobre a terra?

Impressionante como os dois textos “conversam” e se complementam. Muitos são os pedidos que endereçamos ao Pai, e ele nos ouvirá e nos atenderá, na medida de nossas necessidades. Interessante notar, ao final, que no primeiro texto de Lucas, quando Jesus encerra falando aos seus discípulos explica simplesmente que Deus lhes atenderá. Porém, no outro trecho de Lucas, dirigindo-se aos fariseus, ele faz uma pergunta: “encontrará a fé sobre a terra?”.

Lembremos um pouco de Saulo e de Paulo e iremos visualizar o que esta pergunta significa de forma prática. Saulo, tal qual os fariseus, seguia a lei mosaica, era justo dentro do seu entendimento da lei, mas era essa fidelidade que Deus esperava dele? O seu entendimento equivocado o levou a atos de injustiça. Já quando encontrou o Cristo, permitindo-se uma jornada de lutas e sacrifícios para burilar sua alma em ascensão, colocou-se na posição dos discípulos, tal qual o primeiro texto, sabia dar boas dádivas, mas também tinha o entendimento de que o fazia por intermédio do amor do Pai Celestial.

Assim, encerramos o estudo da Estrutura 4, com reflexões valorosas, sobre o forma como nos dirigimos ao Pai Celestial, não apenas com nossas palavras, mas com nossas vidas, lembrando sempre que estamos mergulhados no fluido cósmico, no dizer de André Luis, hálito divino. Recordemos, ainda, que a transformação que percebemos em Saulo deu-se através de muita luta, dor e sacrifícios, porém, ao aproximar-se do Pai, através do chamado do Cristo, sua vida enche-se de paz e refazimento, e ainda que as lutas e sacrifícios permaneçam, sua vida interior lhe proporcionava adentrar no reino de Deus.

Estamos subindo a escada, com Paulo, com Lucas...degrau por degrau, aprendendo, meditando, iniciamos em “Jerusalém”, aprendemos sobre “seguir a Deus”, sondamos o que representa o “reino de Deus”, e nesta etapa, aprendemos sobre a forma como nos dirigimos ao Pai Celestial, nossas orações. Belíssima caminhada, profundas reflexões.

Que nossa vida seja um constante orar ao Pai Celestial, que nossa razão nos alerte que todos os nossos atos e pensamentos são uma prece, e que lembremos sempre, como diz a doce canção, “a melhor oração é o amor”.

Finalizamos com Kardec, Cap. XXVII Pedi e Obtereis, convidando os amigos à leitura dos textos evangélicos em sua integralidade, bem como deste

capítulo do Evangelho Segundo o Espiritismo para melhor entendimento das lições que somos convidados a refletir e aprender, compartilho um pequeno trecho: *“a prece do homem de bem tem mais merecimento aos olhos de Deus e sempre mais eficácia, porquanto o homem vicioso e mau não pode orar com o fervor e a confiança que somente nascem do sentimento da verdadeira piedade. Do coração do egoísta, do daquele que apenas de lábios ora, unicamente saem palavras, nunca os ímpetos de caridade que dão à prece todo o seu poder.”*

Abraços fraternos.

*Campo Grande – MS, 03.05.2014.
Candice Günther*

Estrutura 5

Estrutura do livro Paulo & Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 5 – Primeira Parte

Iniciando novo degrau, veremos na primeira parte desta etapa os capítulos do livro de número 5, primeira e segunda parte.

Escrito por Emmanuel ao estilo do primeiro século, o livro trouxe os capítulos ordenados em duas partes, 10 capítulos cada. Quando estudamos os capítulos equivalentes juntos, eis que a lição de agiganta e encontramos lições para reflexões não de um tempo remoto, mas do hoje, do que ainda nos falta para sermos verdadeiramente discípulos do Mestre Jesus.

1 = Corações flagelados	1' = Rumo ao deserto
2 = Lágrimas e sacrifícios	2' = O tecelão
3 = Em Jerusalém	3' = Lutas e humilhações
4 = Nas estradas de Jope	4' = Primeiros labores apostólicos
5 = A pregação de Estevão	5' = Lutas pelo Evangelho
6 = Ante o Sinédrio	6' = Peregrinações e sacrifícios
7 = As primeiras perseguições	7' = As Epístolas
8 = A morte de Estevão	8' = O martírio em Jerusalém
9 = Abigail cristã	9' = O prisioneiro do Cristo
10 = No caminho de Damasco	10' = Ao encontro do Mestre

A Pregação de Estevão (5-1) - Lutas pelo Evangelho (5-2)

Ambos os capítulos nos trazem momentos de debates, divergências, percalços no caminho da igreja do primeiro século, vemos muito do que somos hoje e o convite à reflexão é atual. Novamente nos será permitido ver a perspectiva de Saulo e Paulo, antes e depois de Damasco. Veremos, porém, que duas luzes brilham nestes capítulos, no primeiro: Estevão, no segundo: Simão Pedro.

O Evangelho de Jesus inaugura novo tempo, porém, não somos páginas em branco e temos dificuldades, ainda hoje, de seguir sem dogmas, ritos e atitudes externas que não refletem nosso íntimo. No Cap. 5 da primeira parte Saulo vai à Casa do Caminho para confrontar Estevão,

temos aqui uma descrição da igreja do primeiro século. Sendo a doutrina espírita o cristianismo redivivo, eis, então, um excelente modelo:

Trecho do livro Cap. 5 – primeira parte	
Igreja humilde de Jerusalém	Local
Massa compacta de pobres e miseráveis que ali se aglomeravam com um raio de esperança nos olhos tristes.	Frequentadores
presença do jovem doutor da Lei... ofereceram-lhe o banco mais confortável	Visita ilustre
notou a presença de várias pessoas... Sua visita atrairia muitos afeiçoados do farisaísmo dominante, ansiosos pelos serviços eventuais que pudessem destacá-los e recomendá-los às autoridades mais importantes.	Seguidores do visitante ilustre – diversidade de intenções no local de culto
grande número de correligionários, dispostos a defender o rigoroso cumprimento da Lei,	Perspectiva de Saulo – uma visita de verificação, longe de buscar um aprendizado
Estevão!... É Estevão!...	Palestrante
Vozes abafadas inculcavam o pregador, enquanto seus admiradores mais fervorosos apontavam para ele com jubiloso sorriso.	Recepção dos que lhe ouviriam
Inesperado silêncio mantinha todas as frentes em singulares expectativas,	Postura dos presentes
O moço, magro e pálido, em cuja assistência os mais infelizes julgavam encontrar um desdobramento do amor do Cristo, orou em voz alta suplicando para si e para a assembléia a inspiração do Todo -Poderoso.	Início dos trabalhos - uma prece de súplica para que brilhe Jesus.

Eis o modelo das reuniões do primeiro século. Porém, todas eram assim? Ou melhor, esta que ora descrevemos manteve-se assim? Houveram mudanças, influências humanas a desgastar a mensagem evangélica? Vejamos as respostas no Cap. 5 da segunda parte, onde encontraremos as dificuldades que foram surgindo, ainda nos primórdios do cristianismo.

Trecho do livro Cap. 5 (segunda parte)	
fase de grandes dificuldades para a instituição	Igreja de Antioquia (Paulo e Barnabé)
As contendas de Jerusalém estendiam-se a toda a comunidade de Antioquia;	Contendas - brigas
Tão alto grau atingiram os discrímes, que as vozes do Espírito Santo não mais se manifestavam	Distanciamento do evangelho

oscilava numa posição de imensa perplexidade. Perdera o sentido de unidade que a caracterizava, dos primórdios	Divergências – ausência de unidade
Em Jerusalém, nossas lutas são as mesmas	Igreja de Jerusalém (Pedro e Tiago) divergências
De um lado a igreja cheia de necessitados, todos os dias; de outro as perseguições sem tréguas	Dificuldades em manter os trabalhos assistenciais sem esquecer-se da divulgação do evangelho
o farisaísmo autoritário não nos perde de vista e tudo envida por exterminar a árvore do Evangelho, que vem desabrochando entre os simples e os pacíficos.	Perseguições e oposições internas e externas

Não raro nomeamos a doutrina espírita como o cristianismo redivivo, dizendo a todos que buscamos resgatar as vivências cristãs do primeiro século. De tanto se falar, tornou-se uma verdade incontestada, mas eis a necessidade de reflexão. O evangelho de Jesus é proposta séria, inaugura um novo viver para a humanidade e para entrar em nossos corações, muitas dificuldades encontrará. Se Estevão nos mostrou uma atmosfera de amor e vivência cristã, vemos que após o seu martírio, e com a perseguição instaurada, muitas mudanças ocorreram. Não obstante tantas dificuldades e desenganos, a palavra evangélica nunca deixou de alcançar a humanidade. Até hoje, busca-nos incessantemente. As dificuldades ainda vigoram, os desenganos ainda são muitos, mas a verdade brilha em todos os tempos da humanidade.

Eis, então, a luz que buscamos nas lições destes dois capítulos, onde o evangelho de Jesus brilhou de tal forma que foi permitida a sua continuidade? Em quais atitudes encontraremos a verdadeira vivência dos ensinamentos do Cristo? O que dá longevidade à mensagem evangélica?

Teremos no discurso de Estevão lições para profundas meditações, uma valiosa síntese da primeira revelação. Buscaremos, porém, um outro aspecto, a **postura de Estevão**, a forma como ele transmitia e agia dentro do ambiente evangélico. De igual forma, teremos na segunda parte, uma lição valiosíssima de Pedro. Sondemos estes grandes servidores de Jesus, deixemo-nos inspirar pelo seu exemplo de humildade e amplo entendimento da mensagem evangélica.

Estevão	
Estevão ergueu alto os olhos serenos e fulgurantes	Iniciando o discurso - serenidade
palavra que lhe fluía harmoniosa e vibrante dos lábios, inspirada nos mais puros sentimentos	Inspirado pelos bons espíritos ao falar – harmonia
O pregador também empalidecera, mas revelava no olhar resoluto o mesmo traço de imperturbável serenidade.	Ante o ataque verbal de Saulo – imperturbável serenidade
sem trair a seiva de amor que lhe desbordava do coração, fez ver a Saulo a sinceridade das suas palavras e a nobreza dos seus pensamentos.	A primeira semente do evangelho estava sendo lançada no coração de Saulo – seiva de amor
A resposta concisa, desassombrada, desconcertou o futuro rabino , habituado a triunfar nas esferas mais cultas, em todas as justas da palavra. Enérgico, ruborizado, evidenciando cólera profunda, mordeu os lábios num gesto que lhe era peculiar e acrescentou com voz dominadora. (perspectiva de Saulo)	O coração de Saulo ainda era solo infértil, impermeável à palavra evangélica
Estevão replicou serenamente: —Não poderei discutir.	Saulo exige a continuidade dos debates
...este templo humilde é construção de fé e não de justas casuísticas . Jesus teve a preocupação de recomendar a seus discípulos que fugissem do fermento das discussões e das discórdias. Eis por que não será lícito perdermos tempo em contendas inúteis, quando o trabalho do Cristo reclama o nosso esforço.	Saulo insiste: preciso elucidar os erros desta casa... Resposta de Estevão – foco no trabalho, evita contendas

Sublime lição de Estevão, não apenas pelo majestoso discurso que ele nos ofereceu, mas pela sua postura cristã, transbordando serenidade e revestindo de amor todos os atos que praticava. Tratou Saulo com firmeza, plantou a primeira semente que só depois de muito sofrimento encontraria campo fértil para erguer-se e transformar Saulo em Paulo, apóstolo do Cristo. Como bem lembra Emmanuel no prefácio do livro, sem Estevão não existiria Paulo.

A árvore do evangelho que outrora residia em Jerusalém e proximidades, foi transplantada para o nosso querido Brasil, como nos noticia Humberto de Campos no livro Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho. O movimento espírita, tal qual a igreja do primeiro século, atravessará por inúmeras dificuldades. Mas, se conseguirmos olhar para

estes exemplos, permitindo que eles nos inspirem e nos conduzam, teremos êxito em nossas tarefas. Lembremos da valiosa lição de Andre Luiz no livro Os Mensageiros, somos semeadores construindo um amanhã, mas quem dá a vida é Deus. Lancemos sementes de amor, com serenidade em nossos corações, deixemos Deus fazê-las nascer no momento oportuno.

Mais luzes veem ao nosso encontro neste estudo, migremos para o capítulo 5 da segunda parte, vejamos como **Pedro** agiu ante a manifestação eloquente de Paulo nos debates na Igreja de Antioquia, em que defendia os gentios, manifestava-se contrário à circuncisão e questionou postura de Pedro ante os gentios após a chegada dos enviados de Tiago, vindos de Jerusalém, no seu entender equivocada. Lembremos, também, de Barnabé que tinha os olhos vermelhos de tanto chorar e, em muitos momentos, apaziguou os ânimos de Paulo.

Trecho do Cap. 5 segunda parte - Pedro	
em todo o curso da discussão, a figura de Pedro era a mais impressionante pela augusta serenidade do semblante tranqüilo	Tal qual Estevão, a marca da serenidade
De um lado estava Tiago, cumprindo elevada missão junto do judaísmo;	
de outro lado estava a figura poderosa de Paulo, o amigo desassombrado dos gentios, na execução de uma tarefa sublime	
ex -pescador rogou a Jesus lhe concedesse a inspiração necessária para a fiel observância dos seus deveres.	Nos momentos de dificuldade, a prece
Sentiu o espinho da missão cravado em pleno peito, impossibilitado de se justificar com a só intencionalidade de seus atos , a menos que provocasse maior escândalo para a instituição cristã, que mal alvorecia no mundo.	Deixando-se inspirar por Jesus, com humildade e consciência de quem foi e quem era
Era preciso ser justo, sem parcialidade ou falsa inclinação, O Mestre amara a todos, indistintamente. Repartira os bens eternos com todas as criaturas. Ao seu olhar compassivo e magnânimo, gentios e judeus eram irmãos.	Entender a unidade divina tem a repercussão em nossos corações de nos olharmos como irmãos, todos os credos.
Devia amar a Tiago pelo seu cuidado generoso com os israelitas, bem como a Paulo de Tarso pela sua dedicação extraordinária a todos quantos não conheciam a idéia do Deus justo.	A amor do Cristo a todos quer alcançar, nenhuma ovelha será perdida. Aspectos positivos da ação de Tiago
Encolerizar-se seria negar os valores do Cristo e perder suas obras; inclinar-se para Tiago seria a parcialidade; dar absoluta razão aos argumentos de Paulo, não seria justo.	Posicionamento sem tendências, percebia também os aspectos positivos da ação de Paulo

— Irmãos! — disse nobremente — muito tenho errado neste mundo. Não é segredo para ninguém que cheguei a negar o Mestre no instante mais doloroso do Evangelho.	humildade
Tenho medido a misericórdia do Senhor pela profundidade do abismo de minhas fraquezas. Se errei entre os irmãos muito amados de Antioquia, peço perdão de minhas faltas. Submeto -me ao vosso julgamento e rogo a todos que se submetam ao julgamento do Altíssimo.	Pedido de perdão
— Reconhecida a extensão das minhas necessidades espirituais e recomendando-me às vossas preces, passemos, irmãos, aos comentários do Evangelho de hoje.	Visão lúcida de nossa realidade espiritual – foco no trabalho, no evangelho

O mundo regenerado chegará primeiramente aos nossos corações e iremos trabalhar, tal qual Estevão e Pedro, buscando na serenidade, na prece, na humildade e principalmente no amor abnegado os caminhos para que mais corações sejam alcançados pela doce paz de Jesus. Emmanuel nos noticia que o momento de discussão poderia ter tido uma repercussão muito negativa na Igreja de Antioquia, promovendo rupturas seríssimas, porém, a postura humilde de Pedro reverteu todo o ânimo de contenda. Poderíamos, então, afirmar que se devemos a Estevão a vida do apóstolo dos gentios consagrada ao mestre Jesus e à divulgação do evangelho, também somos devedores de Pedro, que num gesto de humildade e profunda lucidez evitou um mal que teria repercussões seríssimas na divulgação da vida do Cristo.

Emmanuel nos noticia da importância no plano espiritual para este gesto de Pedro: *“A atitude ponderada de Simão Pedro salvara a igreja nascente. Considerando os esforços de Paulo e de Tiago, no seu justo valor, evitara o escândalo e o tumulto no recinto do santuário. À custa de sua abnegação fraternal, o incidente passou quase inapercebido na história da cristandade primitiva, e nem mesmo a referência leve de Paulo na epístola aos Gálatas, a despeito da forma rígida, expressional do tempo, pode dar ideia do perigo iminente de escândalo que pairou sobre a instituição cristã, naquele dia memorável.”*

Encerramos, então, a primeira parte da estrutura 5 que nos trará valorosas reflexões. Agradeço a Jesus pela oportunidade do estudo, meu coração também vai sendo modificado a medida que me embrenho na tentativa de entender a relação entre os capítulos e o texto evangélico. Não

são poucas as lágrimas. Hoje, em prece, agradeço a Pedro por sua lição de humildade tão rara ainda entre nós, que ele inspire nossos dirigentes e a todos nós, a começar em mim.

Abraços fraternos.

Campo Grande – MS, 07.05.2014.

Candice Günther

Estrutura do livro Paulo & Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 5 – Segunda Parte

“O Filho de Deus trouxe a luz da verdade aos homens, ensinando-lhes a misteriosa beleza da vida, com o seu engrandecimento pela renúncia. Sua glória resumiu-se em amar-nos, como Deus nos ama..” Estevão

Dando continuidade aos estudos, cabe-nos, nesta etapa analisar o degrau 5 – Sinais e o Reino Atual (Lucas 11:14-32) juntamente com o Cap. 5 da primeira parte – A pregação de Estevão.

Começemos com o trecho de Lucas 11:14-23: “Ele estava expulsando um daimon que era **mudo**. E sucedeu que, ao sair o daimon, o mudo falou, e as turbas maravilharam-se.

No capítulo 5, ao terminar o discurso, Estevão também realiza uma cura, vejamos um trecho: *“Atendei-me também, por piedade! **Minha filha emudeceu há mais de um ano**. Trouxe-a de Dalmanuta até aqui, vencendo enormes dificuldades, confiada na vossa assistência fraternal! O pregador refletiu, antes de tudo, no perigo de qualquer capricho pessoal da sua parte, e, desejoso de atender à suplicante, contemplou a doente com sincera simpatia e murmurou:*

— De nós nada temos, mas é justo esperar do Cristo as dádivas que nos sejam necessárias. Ele que é justo e generoso não te esquecerá na distribuição santificada da sua misericórdia. E, como atuado por força estranha, acrescentava:

— Hás de falar, para louvor do bom Mestre!...

*Então, viu-se um fato singular, que impressionou de súbito a numerosa assembléia. Com um raio de infinita alegria nos olhos, a enferma falou:
— Louvarei ao Cristo de toda minha alma, eternamente.”*

Novamente as relações entre o evangelho e o livro Paulo e Estevão se confirmam! Eis Jesus curando um mudo, de igual forma, Estevão, invocando o amor do mestre, cura uma muda.

Na Bíblia do Peregrino, encontramos nas notas uma interessante explicação: *“A mudez é atribuída a possessão diabólica que impede a comunicação.”* Encontraremos, também, este entendimento no presentes, seja com Jesus, seja com Estevão.

Lucas 11:15: *“Mas alguns dentre eles disseram: Em nome de Beelzebul, chefe dos daimones, expulsa os daimones.*

P&E: *“o que os torna mais perigosos é o mascararem as intenções com atos piedosos, por exaltar a imaginação versátil do povo com pretensos poderes misteriosos, naturalmente alimentados à custa de feitiçarias e sortilégios.”*

Jesus é questionado quanto aos sinais e lhes diz: *“Todo reino dividivo em si mesmo está deserto, e cai casa sobre casa.”* Como poderia estar agindo a favor do Beelzebul se estava justamente atrapalhando o seu trabalho? Ao curar um mudo, fazia um bem. Tal qual Estevão.

Ante o discurso de Estevão, da cura presenciada, eis, então a oportunidade de Saulo rever seus pensamentos e inaugurar novo tempo em sua vida, porém, manteve-se duro, sentindo-se humilhado, dominado pelo orgulho, a semente fora lançada, mas ainda não era tempo de germinar. Trilhou um caminho que escolheu, usando o livre arbítrio que Deus lhe concedeu e concede a todos nós. Talvez a estrada de Paulo tivesse sido mais suave se seu coração, neste momento, se abrisse à reflexão, ao chamado que estava sendo realizado naquele momento. Tenhamos nós a consciência, busquemos na reflexão o alcance desta mensagem para nossas vidas, com a coragem de perguntar: qual o chamado do Cristo para mim? Eu o ouço? Ou o orgulho ainda se sobrepõe?

Um outro aspecto que vale a pena refletir é como a doutrina espírita, ainda, é mal compreendida e por muitos julgada como obra do demônio. Pelo bem que promove, pela caridade que pratica, o espiritismo estaria, de igual forma, atrapalhando o trabalho das esferas inferiores e não contribuindo com elas, assim, tal qual em outros tempos, ainda hoje existe a incompreensão.

O texto de Lucas prossegue, 11:24-26: *“Quando o espírito impuro sai do homem, atravessa lugares áridos, procurando repouso; não encontrando, diz: Voltarei para minha casa, de onde saí. Após vir, encontra-a varrida e adornada. Então sai e traz consigo outros sete espíritos, piores do que ele e, entrando, habitam ali. E torna-se o último estado daquele homem pior que o primeiro.”*

Vejamos esta nota da Bíblia do Peregrino sobre este trecho: *“11,21-26 A luta com Satanás e travada desde o principio (Gn 3,15). Com suas armas domina os homens, despojo conquistado, e está seguro: “Mas pode-se tirar a presa de um soldado? Escapa um prisioneiro de um tirano?” (Is 49,24-25). Sim, porque Jesus é mais forte, como o veio demonstrando, e esta tirando-lhe as armas em que confiava. Seu despojo são os homens libertados (cf. Is 53,11-12). Portanto, os que foram libertados desse poder não devem abdicar da vigilância, porque a hostilidade continua e o inimigo pode retornar com mais força e maior prejuízo que antes.”*

Interessante observar que tal qual nos adverte o evangelho de Lucas, tal fato irá acontecer com Estevão, por que Saulo recua neste instante para depois lhe acusar com mais força, junto com seus companheiros. E ainda que a pena para Estevão tenha sido a morte, ele manteve-se vigilante e firme nos propósitos evangélicos, seu discurso ante os fariseus foi firme e inspirado, seu testemunho de fé e renúncia ainda ecoa em nossos dias de forma tão forte que mal conseguimos compreendê-lo. Somos todos devedores de Estevão pela palavra evangélica que chega hoje aos nossos corações.

Saibamos nós retirar da lição o entendimento para fatos que ocorrem em nossas vidas. Quantas vezes temos uma pequena melhoria e nos descuidamos para uma queda maior que a anterior. O Mestre nos advertiu, vigiai e orai, e nos tempos atuais, de transição planetária, a mensagem evangélica se faz urgente e necessária para todos nós.

Prossigamos com o estudo, para análise de um outro ponto de encontro entre o texto evangélico e o livro P&E.

Lucas 11:27-28: *“E aconteceu que, enquanto ele dizia estas coisas, certa mulher da turba, levantando a voz, lhe diz: Bem-aventurado o ventre que te carregou e os seios nos quais mamaste. Ele disse: Bem-aventurados, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a guardam.”*

Jesus foi exaltado pela mulher, elogiado, aplaudido. Mas, como em outras situações anteriores, não permite que tal gesto prossiga, chama a todos para a reflexão do que realmente importava.

A postura de Estevão se assemelha ao do Mestre: “— **De nós nada temos**, mas é justo esperar do Cristo as dádivas que nos sejam necessárias. Ele que é justo e generoso não te esquecerá na distribuição santificada da sua misericórdia. E, como atuado por força estranha, acrescentava:

— **Hás de falar, para louvor do bom Mestre!...**

Então, viu-se um fato singular, que impressionou de súbito a numerosa assembléia. Com um raio de infinita alegria nos olhos, a enferma falou:

— **Louvarei ao Cristo de toda minha alma, eternamente.”**

Emmanuel traz valiosa reflexão sobre este trecho evangélico no livro Pão Nosso, na lição 70, vejamos um trecho: “*A passagem constitui esclarecimento vivo para que não se amorteça, entre os discípulos sinceros, a campanha contra o elogio pessoal, veneno das obras mais santas a sufocar-lhes propósitos e esperanças.*

Se admiras algum companheiro que se categoriza a teus olhos por trabalhador fiel do bem, não o perturbes com palavras, das quais o mundo tem abusado muitas vezes, construindo frases superficiais, no perigoso festim da lisonja. Ajuda-o, com boa-vontade e entendimento, na execução do ministério que lhe compete, sem te esqueceres de que, acima de todas as bem-aventuranças, brilham os divinos dons daqueles que ouvem a Palavra do Senhor, colocando-a em prática.

A passagem constitui esclarecimento vivo para que não se amorteça, entre os discípulos sinceros, a campanha contra o elogio pessoal, veneno das obras mais santas a sufocar-lhes propósitos e esperanças.

Se admiras algum companheiro que se categoriza a teus olhos por trabalhador fiel do bem, não o perturbes com palavras, das quais o mundo tem abusado muitas vezes, construindo frases superficiais, no perigoso festim da lisonja. Ajuda-o, com boa-vontade e entendimento, na execução do ministério que lhe compete, sem te esqueceres de que, acima de todas as bem-aventuranças, brilham os divinos dons daqueles que ouvem a Palavra do Senhor, colocando-a em prática.”

Prossigamos, então, para o último trecho evangélico desta parte, Lucas 11:29-32: “*Estando aglomeradas as turbas, começou a dizer: Esta geração é uma geração má; busca um sinal, mas não será dado a ela um sinal, senão o sinal de Jonas. Pois assim como Jonas tornou-se um sinal para os ninivitas, assim também será o filho do homem para esta geração.”*

O livro Sabedoria do Evangelho de C. T. Pastorino, nos dá uma síntese do ocorrido com Jonas, no A.T. : *“Mas só lhes será dado o "sinal de lonas". As palavras relembram a tradição, tal como ficou registrada no livro, embora sentidos outros possam surgir. Jonas (cujo nome Iona significa "pombo") recebe de YHWH a incumbência de dirigir-se à cidade de Nínive, capital da Assíria, para anunciar que dentro de 40 dias ela será destruída. Fugindo da ordem, o vidente vai a Társis, cidade do sul da Espanha, o extremo oposto ... O navio é sacudido por forte temporal, com risco de naufragar. Jonas apresenta-se como "responsável" daquilo e pede para ser lançado ao mar, o que é feito. Um "peixe" o engole e três dias depois o lança na praia, perto de Nínive, onde ele anuncia a destruição da cidade. Todos nele acreditam e, do rei ao último dos cidadãos, modificam sua conduta, sendo então poupada a cidade, que não é destruída (...).”*

Para melhor entendimento do significado deste trecho, recorreremos, também, ao trecho do livro Comentários Bíblico: *“Lucas 11:29-36 – O Sinal de Jonas – Jesus responde às observações dos que lhe pedem outro sinal de sua autoridade espiritual. **Ele é sinal suficiente para a geração atual.** Compara-se a Jonas, que, quando chegou a Nínive, levou os habitantes a reformar suas vidas (Jn 3,5). Também Jesus tem uma mensagem de salvação, **basta que o povo preste atenção a ela.**”*

O que temos buscado em nossas vidas quando adentramos as casas espíritas ou outros lugares de oração? A mensagem de amor do Mestre Jesus está presente em nossa vida cotidiana? Não são poucas as reflexões que este estudo nos traz, algumas doloridas eis que alfinetam nosso orgulho, ainda presente. Mas estamos no caminho, não mais nos conduzimos na queda dos que se afastam do Pai, mas seguimos esperançosos de que hoje estamos melhores que ontem e piores que amanhã.

Encerramos esta etapa com as valorosas reflexões do Pastorino, no livro anteriormente citado, rogando aos bons espíritos que nos conduzam no caminho do discernimento, da coragem, da perseverança. Que tenhamos olhos de ver e ouvidos de ouvir, como nos ensina o Evangelho de Mateus.

Pastorino: *“A grande ansiedade da personagem humana volta-se para os fenômenos exteriores: sinais, "milagres", manifestações de espíritos, ectoplasmias, materializações, curas espirituais espetaculares, operações realizadas por entidades do astral, etc. etc. A busca é aflita, intessante, angustiada. Organizam-se centros de estudos, grupos de pesquisa, reuniões médicas; observam-se rituais, armam-se sessões de efeitos físicos, prendem-se os*

médiuns em gaiolas fechadas a cadeado, e este é coberto com esparadrapo que leva a assinatura dos assistentes, tudo em teatralização bem montada para o aplauso público. Visa tudo isso, em grande parte, à caça de prosélitos, para aumentar o número de cabeças, como se o valor de um sistema religioso se computasse como a riqueza de um vaqueiro: pela contagem das rezes.

(...)

E para movimentar as massas são oferecidas vantagens imediatas, pessoais ou familiares, vindo a seguir a curiosidade inconsequente: ver, ouvir, presenciar: assistir, testemunhar, aprender de fora, como verniz que encobre e lustra um móvel de madeira geralmente ordinária e talvez até bichada no miolo. Criam-se cursos, sociedades, ordens, confrarias, associações, congregações, com o escopo de auto-elogios, de incensação mútua, dos louvores trocados reciprocamente, distribuindo-se ou assumindo-se os títulos mais solenes e pomposos, de mestres, veneráveis, gurus, adeptos, iniciados, swâmis,... anandas, etc. Quanto mais honrarias e comendas se distribuem: mais comparsas aparecem, **em busca de destaques - mas não de trabalho - adorando-se os "cargos", mas não os "encargos"**.

Em outras palavras, encontramos a curiosidade intelectual que se repasta nos termos complicados, nas etimologias abstrusas, nos segredos "indizíveis", só revelados aos que atingiram determinados graus prefixados numa escala hierárquica artificialmente criada e caprichosamente organizada (ou aos que pagaram as quotas correspondentes a esses graus ...); tudo é feito num sigilo grotesco e ilusório, facilmente desvendável e decepcionante, pois quando se vem a conhecer "o grande mistério", se verifica que é assunto ultra-superado, talvez escrito há séculos ou milênios e que só se acha sem divulgação porque a massa perdeu o contato com línguas antigas (hebraico, sânscrito, grego, persa antigo, copta, tibetano e até latim). Só é mistério porque alguém descobriu como "novidade" e disso se serve para mostrar-se (ou julgar-se) superior aos outros, só revelando sua descoberta aos seus "eleitos".

Vale-se desses segredos de polichinelo como de um escabelo para manter-se superior aos demais companheiros, conquistando a auréola de douto ou de sábio, de ser privilegiado, que os ignorantes lhe confirmam.

Os "mestres" legítimos, os que realmente trazem mandato dos planos superiores, jamais agem dessa forma, nem concordam com essas criancices: fazem como Salomão (Sab. 7:13) "**aprendi sem hipocrisia, transmito sem inveja**". Não procuram agradar nem lhes interessam aplausos, nem aumento quantitativo de discípulos, nem se envaidecem porque conquistam sequazes nas altas esferas sociais, políticas, intelectuais ou financeiras: visam apenas à qualidade, à evolução íntima, preferindo, por vezes, pescadores e publicanos humildes, a doutores da lei e escribas.

Cristo deu-nos a lição, com Seu exemplo e com Suas palavras, como sempre: "nenhum sinal lhes será dado" a esse amontoado de vaidades, a esses que julgam que uma doutrina só pode vencer se tiver a aprovação, o beneplácito e a adesão deles! ... Mas eles passam, e a doutrina, se for boa, se for legítima, permanece durante séculos iluminando as criaturas."

Abraços fraternos.

Campo Grande – MS, 11.05.2014.

Candice Günther

Estrutura do livro Paulo & Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 5 – Terceira Parte

Prosseguindo nossos estudos, veremos nesta parte as relações entre o trecho do Evangelho de Lucas 17:11-37, degrau 5' da pirâmide que consta no livro Parábolas de Jesus – Texto e Contexto, e o Cap. 5 da Segunda Parte do Livro Paulo e Estevão – Lutas pelo Evangelho.

Inicia o trecho do evangelho de Lucas com o texto Jesus cura dez leprosos. Em breve síntese:

“Ao partir para Jerusalém, ao entrar em certa aldeia, *“vieram ao encontro dele dez varões leprosos, que pararam a distância. Eles levantaram a voz, dizendo: Jesus, Comandante, tem misericórdia de nós. Ao vê-los, disse-lhes: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes. E sucedeu que, ao saírem, foram purificados.”*

Os dez foram curados, mas apenas um retornou *“glorificando a Deus em alta voz. Em resposta, disse Jesus: Não foram purificados dez? Onde estão os nove?”* Apenas o estrangeiro (samaritano) havia retornado. *“E disse-lhe: Levante-te e vai, a tua fé te salvou.”*

Qual o requisito para nos aproximarmos de Jesus, deverei participar de um grupo, ser puro, usar determinada roupa, realizar determinado rito? Ante a nossa dor física ou moral, o que devemos fazer para alcançar a misericórdia do Pai? Alcançada a cura, como iremos agir em agradecimento? Saberemos retornar e glorificar a Deus?

Aguardemos quanto a estas perguntas. Vamos sondar o Cap. 5.

Inicia-se com a chegada de Paulo e Barnabé à Igreja de Antioquia, e nos traz um relato das grandes dificuldades da era cristã logo nos primórdios. Emmanuel nos traz uma radiografia das dificuldades apresentadas: *“as lutas da circuncisão estavam acesas; divididos pelas afirmativas dogmáticas; vozes do Espírito Santo não mais se manifestavam; discussões estéreis e venenosas; Tentando estabelecer a harmonia geral em torno dos ensinamentos do Divino Mestre, Paulo tomava inutilmente a palavra, explicando que o Evangelho era livre e que a circuncisão era, tão somente, uma característica convencional da intolerância judaica.”* Pedro, chamado a Antioquia para esclarecer algumas questões de conflito, relata que na igreja de Jerusalém as lutas também são imensas.

As dificuldades para entender a mensagem do evangelho de Jesus são imensas, e se o trecho de Lucas nos remete as chagas dos leprosos, o livro Paulo e Estevão nos remete as chagas que desde o princípio estiveram nas igrejas, nos grupos que se reuniam em torno da mensagem do Cristo. Nos mostra também que muitas são curados, mas poucos voltam e colocam-se aos pés de Jesus na posição de discípulos e aprendizes. E decorridos mais de 2000 anos, ainda persistimos doentes, com chagas arraigadas em nossos corações, cristalizadas pelo desengano de séculos em que prestigiamos o culto exterior.

Há outro aspecto comum nos dois textos que merece a nossa atenção. Por diversas vezes, quando Jesus falava, ele usa um samaritano como exemplo. O interessante é que para os judeus os samaritanos eram impuros e mal vistos. Vejamos a referência no livro A Vida diária nos tempos de Jesus: “Um provérbio corrente registrado no Talmud, dizia que *“um pedaço de pão dado por um samaritano era mais impuro que do que carne de porco.”* O clima deste capítulo de Paulo e Estevão é também uma rejeição dos judeus cristãos aos novos convertidos, gentios.

O preconceito, as divisões, as divergências, tudo impedia e impede o evangelho de Jesus ir aos corações dos homens. Também hoje é uma realidade nos mais diversos segmentos religiosos, inclusive dentro do espiritismo. Com Jesus aprendemos que se discordamos, precisamos encontrar no amor uma forma de permanecermos próximos, irmanados, com profundo respeito pela forma como o outro pensa e vive.

Voltando ao trecho do evangelho, ao ser curado, o samaritano retorna para glorificar a Deus, entendendo que havia sido alcançado pela

misericórdia divina, coloca-se o aos **pés de Jesus**. Esta posição “aos pés de Jesus” é a do discípulo, de quem quer aprender, de quem coloca-se em posição inferior para ouvir e seguir.

Vejamos que no livro Paulo e Estevão a postura de Pedro. Ante o discurso de Paulo, que criticou Pedro de forma direta, questionando a mudança de atitude para com os gentios após a chegada de enviados judeus de Jerusalém, chamado a responder, Pedro coloca-se primeiro em prece, buscando nos ensinamentos de Jesus a inspiração para proceder, coloca-se aos pés de Jesus, coloca-se como alguém que foi curado pelo mestre, tal qual o leproso do texto evangélico. Ouçamos as palavras de Pedro após o discurso de Paulo: “— *Irmãos! — disse nobremente — muito tenho errado neste mundo. Não é segredo para ninguém que cheguei a negar o Mestre no instante mais doloroso do Evangelho. Tenho medido a misericórdia do Senhor pela profundidade do abismo de minhas fraquezas. Se erre entre os irmãos muito amados de Antioquia, peço perdão de minhas faltas. Submeto-me ao vosso julgamento e rogo a todos que se submetam ao julgamento do Altíssimo.*”

Pedro não justificou sua atitude anterior, simplesmente pediu perdão, e causou enorme espanto em todos com seu gesto humilde. Emmanuel nos informa que este momento passou despercebido nas escrituras, porém, daquele momento graves consequências poderiam ter advindo. “*A atitude ponderada de Simão Pedro salvara a igreja nascente. (...) nem mesmo a referência leve de Paulo na epístola aos Gálatas, a despeito da forma rígida, expressional do tempo, pode dar idéia do perigo iminente de escândalo que pairou sobre a instituição cristã, naquele dia memorável.*” Assim, a postura de Pedro merece toda a nossa reflexão para a compreendermos e, quiçá, encontrarmos em nosso viver diário uma conduta similar, que agrega, aproxima, irmana.

Como temos nos posicionado? Estamos aos pés do Mestre? Sabemos que é pela misericórdia divina que nossas almas estão sendo curadas? Quais as chagas que nosso espírito ainda carrega? Ao clamarmos pela cura, saberemos retornar para glorificar o Pai, ou pensaremos que tudo que nos acontece está restrito ao que merecemos ou não? A lei de causa e efeito é lei divina que alcança a todos nós, mas saibamos que ela tem sido abrandada pelo imenso amor que Deus tem por nós, pela sua infinita misericórdia.

No livro Comentários Bíblico, há uma interessante reflexão sobre estes trechos de Lucas: “*a fé de todos os leprosos levou a sua cura física;*

talvez fosse mais que isso para os outros também, mas ao menos para o samaritano, a cura trouxe “salvação”, por meio da integridade e um relacionamento apropriado com Deus.”

Prossigamos com nossas reflexões.

Lucas: “O Reino de Deus não vem de modo visível.” (...) “o Reino de Deus está dentro de vós.”

Pedro foi chamado à igreja de Antioquia para auxiliá-los a solucionar grave questão sobre a necessidade ou não da circuncisão. Para os judeus a circuncisão era “sinal na carne” da aliança com Deus, como nos relata Henri Daniel Rops, A Vida Diária nos tempos de Jesus. Romper com esta tradição de longo tempo era, então, uma dura tarefa para os judeus.

Imaginemos, então, que todos nós temos séculos e séculos de tradições exteriores que nos eram ensinadas como meios de nos aproximarmos de Deus. Nossos sentimentos não estão tão distantes dos judeus do primeiro século, a circuncisão era algo precioso para eles, cheia de profundos significados, era um sinal exterior que representava a sua aliança com o Deus Uno. De igual forma, carregamos em nós a necessidade do culto exterior, de atos, vestimentas e as mais diversas manifestações que se distanciam da mensagem que Jesus trás aos discípulos: “O Reino de está **dentro de vós.**”

Emmanuel, na lição 107 do livro Caminho, Verdade e Vida, nos trás valorosa reflexão: *“Afirma Jesus que o Reino de Deus não vem com aparência exterior. É sempre ruínosa a preocupação por demonstrar pompas e números vaidosamente, nos grupos da fé. Expressões transitórias de poder humano não atestam o Reino de Deus. A realização divina começará do íntimo das criaturas, constituindo gloriosa luz do templo interno. Não surge à comum apreciação, porque a maioria dos homens transitam semicegos, através do túnel da carne, sepultando os erros do passado culposos.”*

O livro dos espíritos, questão 793, quando Kardec pergunta aos espíritos “por que indícios se pode reconhecer uma civilização completa”, nos oferta, também, ensino importante: *“Reconhecê-la-eis pelo desenvolvimento moral. Credes que estais muito adiantados, porque tendes feito grandes descobertas e obtidas maravilhosas invenções; porque vos alojais e vestis melhor do que os selvagens. Todavia, não tereis verdadeiramente o direito de dizer-vos civilizados, senão quando de vossa sociedade houverdes banido os vícios que a desonram e **quando viverdes,***

como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que hão percorrido a primeira fase da civilização.”

Também Carlos Pastorino, no livro Sabedoria do Evangelho, vol. 6, nos traz precisa reflexão: *“reino de Deus ou reino dos céus não é um reino terreno, mas um estágio evolutivo, assim como dizemos reino mineral, reino vegetal, reino animal, reino hominal, também dizemos "reino celeste, divino ou de Deus ou dos céus". Trata-se de um passo acima do reino hominal. Quando os homens, feita sua evolução através do reino humano, podem libertar-se dele, e passam a ser a consequência ou o resultado do reino hominal, atingindo o estágio de "filhos do homem", conseguem "entrar" no reino dos céus ou reino de Deus, pois este chega ou vem, e desabrocha, floresce, frutifica...”*

Vamos prosseguir com o evangelho de Lucas (Sabedoria do Evangelho, vol. 6 – Carlos T. Pastorino):

- “22. Disse então aos discípulos: "Virão dias em que ansiareis ver um dos dias do Filho do Homem e não vereis,
23. e vos dirão: ei-lo lá, ou ei-lo aqui. Não saiais nem procureis.
24. Pois como, relampejando, o relâmpago fulgura de um horizonte a outro horizonte, assim será o Filho do Homem no dia dele.
25. Mas primeiro deve ele experimentar muitas coisas e ser reprovado por esta geração.
26. E como ocorreu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do Homem:
27. comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca e veio o cataclismo e perdeu a todos.
28. Como igualmente ocorreu nos dias de Lot: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e construía,m
29. mas no dia em que Lot saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre e perdeu a todos.
30. Do mesmo modo será o dia em que o Filho do Homem se revelar”.**

Vejamos, então, algumas associações possíveis. Neste texto Jesus já começava a preparar sua partida, fala que eles iriam ansiar por ele, pela sua presença e não o veriam.

A ausência dos ensinamentos do Cristo em nossos corações, nos afastam do Pai Maior, assim, as dificuldades são imensas. A igreja do primeiro século atravessou momentos assim, em que não sabiam o rumo e esqueciam-se das valiosas lições de Jesus.

O texto faz menção a Noé e a Lot, vamos nos socorrer das lições do Pastorino: *“a) com Noé, no dilúvio como no Gênesis 6:17; 7:6; 9:11 E 28),*

com uma enumeração de quatro funções materiais dos homens da época: comer, beber, casar (egámoun, isto é, o homem que busca: a mulher) e dar-se em casamento. b) com Lot, na "chuva de fogo e enxofre do céu", onde também são citadas seis atitudes humanas materiais dos homens: comer, beber, comprar, vender, plantar e edificar."

E continua: "NOÉ (em hebraico No'ah, significando quietude) símbolo de alguém que não se mistura com a multidão bulhenta e rixadora, só preocupada com as atividades físicas da comida e do sexo animalizado. Mas, ao contrário, busca na quietude solitária da meditação um aprendizado mais profundo." Podemos lembrar a postura de Pedro, não é mesmo? Prossigamos "(...) Semelhantemente, no "dia" em que Lot saiu de Sodoma (que significa "aridez") quando a humanidade algo mais esclarecida já se preocupava com problemas mais intelectuais: comprar, vender, plantar e edificar - houve uma LUZ que se fez em seus interior, e ele saiu de Sodoma, ou seja se desligou dos interesses materiais, coisa que nem sua própria esposa compreendeu, e por isso não pôde acompanhá-lo, transformando-se em "estátua de sal" (matéria pura)."

"No silêncio e na quietude da meditação, (No'ah), dentro da arca do coração e fora da aridez (Sodoma) do mundo material consumido pelo fogo das ambições e pelo enxofre das paixões exacerbadas, o discípulo levanta o véu ("Lot" significa exatamente véu, e no último versículo está que o Filho do Homem "se revelará", isto é, levantará o véu) e sente em si mesmo como um relâmpago relampejante a presença divina, e nela se perde, se desfaz, se incendeia, se infinitiza, num grau de consciência muito mais elevado que a pequenina consciência da personagem, tornando-se, então, também ele, um Filho do Homem." Lembramos de Paulo, da visão da estrada de Damasco, de todas as renúncias que foi convidado a realizar para seguir o Mestre e do início de sua missão para divulgar o evangelho do oriente ao ocidente.

"São dados, então: exemplos esclarecedores: NOÉ (quietude) e LOT (véu) o conseguiram; mas um teve que penetrar nas águas da interpretação alegórica e permanecer solitário e em quietude durante quarenta dias e quarenta noites (quanto durou o "dilúvio" e quanto durou a estada de Jesus no deserto depois do "mergulho"); e Lot teve que sair de Sodoma ("aridez", vol. 5) para alcançarem o grau ambicionado, mesmo à custa, o segundo, da perda da esposa. **Ambos deram testemunho de fidelidade às ordens recebidas, com desapego total de tudo o que possuíam e que perderam, o primeiro pela água, o segundo pelo fogo, antes de recomeçarem nova vida, como "homens novos" que se tornaram.**" Novamente nos remete a Pedro e Paulo, por sua fidelidade ao Mestre e aos ensinamentos do evangelho.

Ainda como última considerações, lembremos de Emmanuel, no livro Caminho, Verdade e Vida, fala sobre estes versículos: *“Cristianizar a vida não é imprimir-lhe novas feições exteriores. É reformá-la para o bem no âmbito particular. Os que afirmam apenas na forma verbal que o Mestre se encontra aqui ou ali, arcam com profundas responsabilidades.”*

E ainda no livro Vinha de Luz: “Cumpra-se a obrigação sagrada, atenda-se, antes de tudo, ao programa da Vontade Divina, exemplifique-se a fraternidade e a tolerância, acendendo-se a lâmpada do esforço próprio, mas que se não prejudique o serviço divino da ascensão, por receio aos melindres pessoais e às convenções puramente exteriores. Um lar não vive simplesmente em razão das alfaías que o povoam, transitoriamente, e sim pelos fundamentos espirituais que lhe construíram as bases. Um homem não será superior porque satisfaça a opiniões passageiras, mas sim porque sabe cumprir, em tudo, os desígnios de Deus.”

Encerramos por hoje, novamente com um profundo sentimento de gratidão pelo imenso aprendizado que a união destes dois livros, Evangelho de Lucas e Paulo e Estevão, o livro se agiganta, o evangelho se ilumina.

Abraços fraternos.

*Campo Grande – MS, 17.05.2014.
Candice Günther*

Estrutura do livro Paulo & Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 5 – Quarta Parte e Conclusão

Finalizando a Estrutura 5, iremos nesta etapa analisar o degrau 5 – Sinais e o Reino Atual (Lucas 11:14-32) e o degrau 5’ - Evangelho de Lucas 17:11-37 (Narrativa à Viagem de Jerusalém que consta no livro Parábolas de Jesus – Texto e Contexto, Haroldo Dutra Dias).

Lembrando dos pergaminhos, forma de escrever livros do povo antigo que nos oferece uma oportunidade de estudo diferente da que estamos acostumados. A Narrativa da Viagem de Jesus a Jerusalém possui um tema central, e estamos subindo uma escada para chegar a ele. Ao percorrermos os degraus de cada lado desta subida (lembramos da pirâmide), comparando textos, vendo no que eles são semelhantes e no que diferem, vamos nos envolvendo num entendimento mais amplo e com aplicação prática em nossas vidas. Convido os amigos à leitura prévia dos trechos evangélicos para uma visão geral, promovendo um melhor entendimento.

Sondemos, então, o que os textos tem em comum, lembrando do tema deste degrau – Sinais e o Reino Atual

Lucas 11:14-32	Lucas 17:11-37
Sinal (expulsão dos daimons e cura do mudo)	Sinal (cura dos leprosos)
“ao sair o daimon, o mudo falou”	“ao saírem, foram purificados”

Interessante o uso do verbo sair, em ambos os casos, para a cura ocorrer houve um movimento, nestes casos indicados pelo verbo “sair”. No primeiro caso o espírito, no segundo os leprosos.

Então, a cura requer movimento, podemos concluir isto? Olhemos para nossa vida, lembremos da vida de Paulo, é preciso avançar, neste mundo de provas e expiações em que cada um segue em seu deserto íntimo, ficar parado pode significar um sol escaldante e mais sofrimento. As vezes ficamos parados em uma mágoa e ela nos consome, outras tantas ficamos estagnados na ilusão do conforto material, refletir sobre nossos movimentos e nossas possibilidades de cura é o convite deste trecho da lição.

Lucas 11:14-32	Lucas 17:11-37
Ante a cura	
“e as turbas maravilharam-se. Mas alguns dentre eles disseram: em nome de Beelzebul, chefe dos daimones, expulsa os daimones.	“Ide e mostrai-vos aos sacerdotes”

Entender os sinais de Jesus como vindos do Pai Celestial não foi possível para todos que o viram. Lembremos que para o povo de Israel, cabia ao sacerdote a purificação que lhes permitiria a aproximação a Deus. Eles praticavam atos externos como os sacrifícios de animais, o afastamento de pessoas doentes, e diversos rituais, para se purificarem e assim entrarem no templo, onde Deus habitava. Vem Jesus e, sem estar no templo, sem realizar nenhum ritual, promove uma cura, uma não, ele cura 10 leprosos. A cura era um sinal de um poder superior, e muitos perguntaram, vem de Deus?

Talvez para o leitor este número 10 (dez leprosos curados) passe despercebido, mas para os presentes, os judeus que presenciaram a cura, isso causava grande desconforto, eis que das 12 tribos de Israel, 10 estavam separadas e eram consideradas impuras. É possível, então, que Jesus estivesse lhes alertando que vinha, também, para todas as tribos, para todos os povos, que Deus também estava com eles. E Jesus escolhe justamente um samaritano para retornar e ser-lhe grato, isto, sem dúvida, deve ter causado imenso desconforto nos ouvintes, ante a rivalidade dos judeus com os samaritanos.

A reação dos presentes no primeiro texto é de recusar que aquele ato provinha de Deus. Acusaram-no de estar fazendo curas para Beelzebul. Novamente, vemos que a crença arraigada e cristalizada nos corações das pessoas as impedem de ver a bondade de Deus agindo em meios que não são convencionais. Para o judeu da época, Deus habitava no Santo dos Santos, então, como podia Jesus, ali, em meio ao povo, aproximar-se de um “imundo” e curá-lo?

Onde afina Deus habita? Num templo religioso? Numa casa espírita? É apenas quando estou num local assim que me sinto na presença de Deus?

Cabe, então, a nossa reflexão primeiramente de como temos nos posicionado em relação a atos exteriores, eles nos impedem de perceber Deus agindo e curando em lugares e pessoas inesperados? Há alguém que consideremos menos digno do amor do Pai? E por fim, haverá algum lugar neste planeta que não seja contemplado pela presença e pelo amor do Deus Vivo?

Prossigamos.

Lucas 11:14-32	Lucas 17:11-37
Poucos compreendem a mensagem de Jesus	Todos são curados, mas apenas 1 é grato e coloca-se aos pés de Jesus.
“todo reino dividido em si mesmo está deserto e cai casa sobre casa”	“e um deles, vendo que estava curado, retornou. (...) Não foram purificados 10? Onde estão os nove?”

Jesus explica que estava curando e isso era um bem, ele não poderia estar trabalhando para Beelzebul: “Se também Satanás está dividido em si mesmo, como permanecerá de pé o seu reino.” Também no segundo texto, apesar de 10 terem sido curados, apenas 1 retornou, em sinal de gratidão e reconhecimento, com diz o texto “glorificando a Deus em alta voz”.

Como iremos reconhecer as ações que procedem de Deus? Temos também as dúvidas que o povo de outrora tinha? São enfrentamentos difíceis que somos convidados a fazer. Muitas vezes nos revestimos como senhores da verdade, e assim, afirmamos como outrora afirmavam os judeus, que apenas o que fazemos é o correto. Este sentimento de superioridade, de orgulho, promove a divisão entre a humanidade, até mesmo dentro de núcleos que pensam de forma similar. Qual casa espírita nunca enfrentou dificuldades, divisões, discórdias? Mas tenhamos a consciência de que se isto está ocorrendo é porque nos falta o posicionamento de discípulos que se colocam aos pés de Jesus para aprender com ele, humildemente.

Apesar de não ter a resposta a estes questionamentos que ora compartilho, deixo-vos um roteiro que aprendi ainda na infância: “é pelos frutos que se reconhece a boa árvore”. Queremos saber se um trabalho, um estudo, uma ação, está em consonância com os propósitos divinos, olhemos um pouco a frente e reconheçamos o resultado, o fruto. Mas saibamos, essencialmente, a nos ater em sondar o nosso íntimo, porque não sabemos o que se passa no coração das pessoas. No meio espírita vemos muitos estudiosos de decorrem maravilhosamente sobre a codificação, porém, convidados a um ato de paciência dentro da casa espírita ou em seus lares,

vemos o contrário, conflitos e discussões fervorosas. Qual fruto que este imenso estudo está produzindo? É formula simples, que requer sinceridade e honestidade para aplicação, reconheçamos pelo frutos.

Os textos se encerram de forma distinta, vejamos.

Lucas 11:14-32	Lucas 17:11-37
Poucos compreendem a mensagem de Jesus	Apenas um samaritano é grato e coloca-se aos pés de Jesus.
“quem não está comigo é contra mim, e quem não ajunta comigo, espalha”	“levanta-te e vai, a tua fé te salvou.”

Lembremos que no início do texto de Lucas 11: 14-32, as turbas se maravilharam, mas alguns duvidaram. Isso acontece ainda hoje com frequência e em todos os segmentos religiosos. Ver as ações de Jesus no mundo requer de nós um posicionamento que não se dará apenas com palavras, mas essencialmente pelas nossas ações cotidianas. É na coerência do que estamos falando com o que estamos vivendo que iremos alcançar os corações que estão próximos de nós. Por isso, Jesus disse que “quem não ajunta comigo, espalha”, se nossa vida não reflete o que pregamos, somos tal quais alguns fariseus de outrora.

Mas o que fazer, então, com nossa imperfeição? Como poderemos ter uma vida que agregue, que aproxime as pessoas e não “espalhe”? Certamente cometeremos equívocos. Eis, então, o conselho do mestre ao leproso que foi curado: “levanta-te e vai, a tua fé te salvou”. Precisamos nos colocar na posição de pessoas adoecidas, almas rebeldes, que aos poucos estão sendo curadas pelo amor do Mestre Jesus. Para tanto, precisamos nos posicionar aos seus pés, na condição de discípulos que se colocam com humildade para aprender as lições do Mestre. Tenhamos a fé no amor de Deus por nós, ainda que a dor nos visite, se tivermos fé, prosseguiremos com confiança, sabedores que tudo o que nos acontece pode contribuir para o nosso enriquecimento espiritual.

Caríssimos amigos, encerramos assim a estrutura 5, guardando as valiosas lições em nossos corações, rogando a Jesus que tenhamos a coragem de identificar em nossas vidas as ações exteriores que ainda

cultivamos e que não fazem parte dos propósitos divinos para nosso progresso. Inesquecível a lição de Pedro, que num ato humilde e de profundo entendimento das lições de Jesus, mostrando-se um coração que experimentou o perdão e passou a vivenciá-lo, num ato que passou e passa despercebido, permite-nos, hoje, estarmos aqui, estudando e buscando a vivência do Evangelho. Gratidão a Estevão pelo modelo inigualável de conduta cristã, pela igreja primitiva que nos quer ser modelo de inspiração. Gratidão a Emmanuel e ao Chico, a quem serei eternamente devedora.

Nossa alma não é alva como a neve, temos muitas vivências de desenganos, eis a necessidade da cura das feridas do orgulho e do egoísmo, as grandes chagas da humanidade. Muitos estão sendo curados, mas poucos retornam para engrandecer o Pai Celestial. Levantemo-nos!! Que a nossa fé nos conduza.

Muitas outras reflexões caberiam nestes trechos evangélicos, e não nos cabe esgotar o assunto. Deixo apenas registradas as minhas singelas impressões, e novamente, peço que perdoem pelo pouco. Talvez um dia possamos retornar a estes estudos e refazê-los com maior profundidade.

Abraços fraternos.

Campo Grande – MS, 22.05.2014.

Candice Günther.

Estrutura 6

Estrutura do livro Paulo & Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 6 – Primeira Parte

Iniciando novo degrau, veremos na primeira parte desta etapa os capítulos do livro de número 6, primeira e segunda parte do livro Paulo e Estevão.

Ao lermos o romance pela primeira vez, a emoção nos fará, não raro, verter lágrimas ante as histórias que lá encontramos. Porém, em novo olhar somos convidados a buscar as lições do livro, a aprender com seus personagens. Entender a ascensão de Paulo é tarefa árdua e nem de longe a iremos alcançar com este estudo, porém, um fato já é perceptível: nenhum estudo sério que façamos nos deixará de igual modo ao que iniciamos. Assim, eis o convite, **estudar para aprender, aprender para melhorar, melhorar para ascender ao Pai Celestial.**

Relembrando que os capítulos foram ordenados de forma espelhada por Emmanuel, assim, o capítulo 1 da primeira parte, guarda relação de significado com o capítulo 1 da segunda parte, e assim consecutivamente.

1 = Corações flagelados	1' = Rumo ao deserto
2 = Lágrimas e sacrifícios	2' = O tecelão
3 = Em Jerusalém	3' = Lutas e humilhações
4 = Nas estradas de Jope	4' = Primeiros labores apostólicos
5 = A pregação de Estevão	5' = Lutas pelo Evangelho
6 = Ante o Sinédrio	6' = Peregrinações e sacrifícios
7 = As primeiras perseguições	7' = As Epístolas
8 = A morte de Estevão	8' = O martírio em Jerusalém
9 = Abigail cristã	9' = O prisioneiro do Cristo
10 = No caminho de Damasco	10' = Ao encontro do Mestre

O Capítulo 6 – Ante o Sinédrio é um trecho riquíssimo do livro, as falas de Estevão merecem toda a atenção e estudo pela sua abundância de significados. Nesta primeira parte, porém, não nos ateremos ao conteúdo do texto propriamente dito, mas iremos sondar alguns outros aspectos preparatórios para o grande momento, o discurso de Estevão.

Podemos, então, verificar que o capítulo nos traz Saulo interrogando Estevão ante o Sinédrio, reunindo sacerdotes e mestres de Israel, buscando um ambiente que demonstrasse a Estevão a sua superioridade. É interessante, então, nos reportarmos para o capítulo 6 da segunda parte – Peregrinações e sacrifícios, onde vemos Paulo, já não mais Saulo, passando por inúmeras dificuldades na divulgação do evangelho. Novamente, fica perceptível a imensa mudança ocorrida no íntimo do valoroso apóstolo dos gentios. Vejamos alguns trechos:

Saulo	Paulo
O LUGAR ONDE PREGAVA	
A assembleia congregava o que Jerusalém tinha de mais aristocrático e de mais culto. Os mendigos, porém, não tiveram acesso, embora se tratasse de um ato público.	Palmilhando longos e impérvios caminhos, alimentavam-se parcamente, quase só de frutas silvestres eventualmente encontradas.
O PÚBLICO	
O Sinédrio exibia suas personagens mais eminentes. De mistura com os sacerdotes e mestres de Israel, notava -se a presença das personalidades mais salientes do farisaísmo.	...pregaram a Boa Nova, no curso mesmo da viagem. Soldados romanos, escravos misérrimos, caravaneiros humildes, receberam de seus lábios as confortadoras notícias de Jesus.

A mudança de ambiente e de ouvintes foi imensa, eis um reflexo da reforma íntima que os ensinamentos do Cristo promoveram na vida de Paulo.

Pensemos, então, onde estamos depositando a nossa confiança, o nosso esforço, a nossa conduta cristã? O que é mais importante na realização de um trabalho de divulgação da boa nova? Decorridos 2000 anos, já não necessitamos passar por tantas adversidades para trabalhar na seara do Mestre Jesus, mas não nos enganemos, as lutas ainda são imensas. Se já não tão evidentes no plano físico, é a reforma íntima que requer de nós a atenção e a firmeza que estes valorosos trabalhadores querem nos inspirar.

Vejamos um importante trecho sobre a igreja do Caminho: *“Em favor do “Caminho” pontificavam, apenas, aqueles enfermos desventurados; as convicções puras dos mais humildes; a gratidão dos mais infelizes — única força poderosa pelo seu conteúdo de virtude*

divina, a lhes amparar a causa perante as autoridades dominantes do mundo.”

Olhemos, então, para a casa espírita ou templo religioso que frequentamos, olhemos para o trabalho que realizamos, possuem este amparo: *a gratidão dos mais infelizes?* Não nos enganemos, porém, acreditando que os infelizes são apenas os mais desfavorecidos materialmente, mas reconheçamos que as dores da alma provocam a infelicidade e a doença em muitos abastados materialmente. Seja a doutrina espírita efetivamente o consolador prometido.

A boa nova requer a sementeira, deixando ao Pai a hora e o momento para que a vida brote e frutifique. Estevão semeou no coração de Saulo, ainda tão endurecido. E com seu testemunho de fé, abriu caminhos para que, em momento posterior, o convertido de Damasco pudesse novamente pregar e conquistar mais corações. Vemos, então, que o trabalho vai se tornando menos árduo, se Estevão precisou dar a sua vida pelo evangelho, Paulo já teve, apesar das muitas lutas e sacrifícios, um destino diferente. Ele mesmo reconheceu este abrandamento, quando retornou às igrejas que havia fundado em suas primeiras pregações : *“Paulo estava satisfeitíssimo. Seus esforços, em companhia de Barnabé, não haviam sido improfícuos. Nos lugares mais remotos, quando menos esperava, eis que surgiam notícias das igrejas anteriormente fundadas. Eram benefícios a necessitados, melhoras ou curas de enfermos, consolações aos que se encontravam em extremo desespero. O Apóstolo experimentava o contentamento do semeador que defronta as primeiras flores, como radiosas promessas do campo.”* Belíssima e inspiradora a perspectiva que esta leitura nos dá, ao confrontarmos os dois capítulos, vendo o evangelho divulgado em momentos distintos, somos convidados ao trabalho com paciência e perseverança. O evangelho brotará nos corações, trabalhemos pelo amanhã!!

Prossigamos.

Saulo e Estevão	Paulo e Estevão
Sois acusado de blasfemo, caluniador e feiticeiro. (...) Blasfemo quando inculcais o carpinteiro de Nazaré como Salvador; caluniador quando achincalhais a Lei de Moisés, renegando os princípios sagrados que nos regem os destinos.	— Paulo, sigamos adiante Levemos a luz do Céu a outras sombras; outros irmãos te esperam no caminho infinito!... Era Estevão, o amigo de todos os minutos, que, representando o Mestre Divino junto do Apóstolo

Confirmais tudo isso? Aprovais essas acusações?	dos gentios , o concitava à sementeira noutros rumos.
---	--

Eis então que o Mestre Jesus nos ensina que o seu evangelho é lição de amor e perdão. Coloca lado a lado no trabalho de divulgação da Boa Nova, verdugo e vítima, Saulo e Estevão. O livro nos relata que Estevão ficou ao lado de Paulo por 30 anos, o auxiliando, inspirando. Era para Paulo o intérprete da vontade de Jesus e por várias vezes Paulo entendeu a presença de Estevão como sendo do próprio Jesus.

Lição difícil para nós outros. Estaremos dispostos e preparados para amar e inspirar aqueles que nos fazem ou fizeram sofrer? Nos colocaríamos ao seu lado, amorosamente, para lhes indicar o bom caminho? Já estamos aptos a sermos utilizados pelo Mestre como intermediários do bem e do amor?

Há outra reflexão que quero compartilhar convosco. Vejamos este trecho da fala de Estevão ante o Sinédrio: “Acaso ignorais que a palavra de Deus tem **ouvintes e praticantes**? Convém consultardes se não tendes sido meros ouvintes da Lei, de maneira a não falsear o testemunho.”

No capítulo 6 da segunda parte, no trecho em que narra a chegada de Paulo em Filipas, há um interessante relato que nos explica e demonstra esta fala de Estevão: “*Na mesma época, possuía Filipas uma pitonisa que se celebrizara nas redondezas. Como nas tradições de Delfos, suas palavras eram **interpretadas como oráculo infalível**. Tratava-se de uma rapariga cujos padrões procuraram **mercantilizar seus poderes psíquicos**. A mediunidade era utilizada por Espíritos menos evoluídos, que se compraziam em dar palpites sobre motivos de ordem temporal. A situação era altamente rendosa para os que a exploravam descaridosamente. Aconteceu que a jovem estava presente à primeira pregação de Paulo, recebida pelo povo com êxito inexcelável. Terminado a exposição evangélica, os missionários observam a moça que, em grandes brados que impressionavam o público, se põe a exclamar: — Recebei os enviados do Deus Altíssimo!... Eles anunciam a salvação!...*”

A pitonisa (médium daqueles tempos) e os que se utilizavam de seus “poderes” ouviram a mensagem do evangelho, mas ainda estavam distantes de praticá-la. Paulo não permitiu que os elogios e as honras continuassem: “*Espírito perverso, não somos anjos, somos trabalhadores em luta com as próprias fraquezas, por amor ao Evangelho; em nome de Jesus Cristo ordeno que te retires para sempre!*” A população não gostou nada da

atitude de Paulo, revoltaram-se, ele foi preso, a pitonisa não fez mais as comunicações de outrora, e os que antes glorificavam e exaltavam Paulo, agora o queriam preso.

Infelizmente, ainda hoje, reconhecemos esta busca por sinais e soluções imediatas em muitas casas espíritas e templos religiosos, ouvintes apenas dos ensinamentos evangélicos, trilham um caminho equivocado e que trará mais a frente situações semelhantes a que Paulo atravessou, em que o que é adorado num dia, torna-se vilão e malfeitor em outro.

Tenhamos discernimento e bom senso em nossas ações, e acima de tudo, sejamos **praticantes** dos valiosos ensinamentos de Jesus.

Por fim, um último ponto que gostaria de considerar nesta primeira parte, já ao final do discurso, Estevão faz duras advertências ao povo de Israel: *“Onde guardais a fé? No conforto ocioso, ou no trabalho produtivo? Na bolsa do mundo, ou no coração que é o templo divino? Incentivais a revolta e quereis a paz? Explorais o próximo e falais de amor a Deus? Não vos lembrais de que o Eterno não pode aceitar o louvor dos lábios quando o coração da criatura permanece dele distante?”*

Busquemos um contraponto no capítulo 6 da segunda parte para a reflexão que almejamos, veremos um trecho em que Paulo chega a Atenas para pregar o evangelho: *“Paulo penetrou na cidade possuído de grande emoção. Atenas ainda ostentava numerosas belezas exteriores. Os monumentos de suas tradições veneráveis estavam quase todos de pé; brandas harmonias vibravam no céu muito azul; vales risonhos atapetavam-se de flores e perfumes. A grande alma do Apóstolo extasiou-se na contemplação da Natureza. Recordou os nobres filósofos que haviam respirado aqueles mesmos ares, rememorou os fastos gloriosos do passado ateniense, sentindo-se transportado a maravilhoso santuário. Entretanto, o transeunte das ruas não lhe podia ver a alma, e de Paulo viram apenas o corpo esquelético que as privações tornaram exótico. Muita gente o tomou por mendigo, farrapo humano da grande massa que chegava, em fluxo contínuo, do Oriente desamparado.”*

Atenas não foi capaz de ouvir a mensagem do Evangelho, estava tão cheia de si mesma, tão bela externamente, que não soube receber as lições de Jesus. Paulo ficou profundamente triste, chorou por dias.

Tal qual Estevão no discurso ante o Sinédrio, belíssimo e luxuoso, cheio de vaidade e sentimentos de superioridade, Paulo não encontrou nos cidadãos de Atenas um caminho para chegar aos corações.

Que esta lição nos sirva de alerta, ainda iremos refletir sobre ela mais a frente, mas eis que o trecho de Lucas já nos adianta o convite à reflexão: *“Pois onde está o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração.”* Onde estava o tesouro dos fariseus, sacerdotes e mestres de Israel? Onde estava o coração dos Atenienses? Onde está o nosso coração?

Encerramos mais um trecho, com gratidão pelo estudo e pela oportunidade da reflexão.

Abraços fraternos.

Candice Günther
Campo Grande-MS, 25.05.2014.

Estrutura do livro Paulo & Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 6 – Segunda Parte

Avançando em nossos estudos em busca das convergências entre o livro Paulo e Estevão e o trecho do Evangelho de Lucas que trata da Narrativa da Viagem de Jesus a Jerusalém, cabe-nos neste ponto analisar o degrau 6 (Lucas 11:37-54 12:34) e o Capítulo 6 da primeira parte do livro P&E.

Verificaremos, então, a postura e inspiração de Estevão ante o Sinédrio e a conversa de Jesus com os fariseus. Apesar de colocarmos lado a lado as falas de Estevão com as de Jesus, não o estamos querendo igualar ao mestre, mas sim, verificar o quão inspirado e pronto para o testemunho da mensagem do evangelho ele estava.

Antes de adentrar no texto propriamente dito, gostaria de fazer menção a uma nota da Bíblia do Peregrino sobre este trecho de Lucas: *“Neste capítulo, mais que em outros, soa a **polemica entre judaísmo estabelecido e cristianismo emergente.**”* Pois o Cap. 6 de P&E trata justamente sobre um cristão, Estevão, ser convocado ante o Sinédrio para responder acusações, dentre elas a de estar sobrepondo o “carpinteiro

nazareno” à Lei de Moisés. Tal qual o evangelho, polemicas entre o judaísmo e o cristianismo.

Se verificar isso nos enche de admiração e respeito pela obra de Emmanuel, também nos permite olhá-lo como um livro adjacente ao evangelho, que nos dá um exemplo verídico de como aconteceram os fatos que Jesus narra. Assim, com estas lentes, somos capazes também de trazer as lições para a nossa vida cotidiana, para perguntar o que o livro pode trazer para o nosso viver.

Iniciemos.

Lucas	P&E
“Ao falar (isso), um fariseu pediu-lhe para que comesse com ele.	No dia fixado, o grande recinto do mais alto sodalício israelita enchia-se de verdadeira multidão. (...) Estevão comparecia como um homem chamado a defender-se das acusações a ele imputadas.

O convite que Jesus recebeu, aparentemente gentil, tratava-se de mais um tentativa dos fariseus em testá-lo ou confrontá-lo. Não tinham a intenção de ouvi-lo simplesmente, sem pré-julgamentos e de ânimo amistoso e afetivo, queriam provar estar acima, saber mais, e mostrar que Jesus agia e vivia de forma equivocada. Tal qual com Estevão, homem simples, de simples hábitos, convocado a ir ao Sinedrio para justificar-se, o ouvidos eram de crítica e julgamento.

Então, a primeira reflexão que me ocorre é a percepção que precisamos adquirir quando conversamos com as pessoas. O que elas querem de nós? O que determinadas perguntas escondem das reais intenções? Quando nos posicionamos como trabalhadores e seguidores do Cristo, o testemunho requer que tenhamos o discernimento para ocasiões como estas. Quando alguém se irmana e nos acolhe como um amigo, como um irmão, é muito diferente de outras tantas ocasiões que pessoas se aproximam simplesmente para nos encaminhar críticas disfarçadas ou perguntas que não intentam um saber, mas demonstrar a discordância de ideias com ares de superioridade. Sondemos, também, se não nos

aproximamos de algumas pessoas com este ânimo, de contrapor, de convencer, de mostrar um equívoco sem o revestimento do amor que a medida requer.

Lucas	P&E
Vós, os fariseus, agora limpais o (lado) de fora do copo e do prato, mas o (lado) de dentro está cheio do (que provém do) saque e da maldade	O moço de Corinto fixou o quadro que o rodeava, considerando o contraste de uma e outra assembleia e recordando a última reunião da sua igreja pobre, onde fora compelido a conhecer tão caprichoso antagonista. Não seriam aquelas as “ovelhas perdidas” da casa de Israel, a que aludia Jesus nos seus vigorosos ensinamentos? Ainda que o judaísmo não houvesse aceitado a missão do Evangelho, como conciliava ele as observações sagradas dos profetas e sua elevada exemplificação de virtude, com a avareza e o desregramento?

Jesus era franco em suas conversas, se algo estava em desacordo com a lei divina, tinha autoridade moral e falava, não se calava ante os equívocos de sua época. De forma semelhante, Estevão chamado ao Sinédrio imediatamente verificou as diferenças entre a simplicidade da Igreja do Caminho e a ostentação no Sinédrio, e não se calou, posicionou-se, deixou claro qual era o seu pensamento. Emmanuel, no livro Luz no Caminho, nos traz lição importante: *“Cristo nunca examinou o campo de seu apostolado, cruzando os braços com ternura doentia.”*

Não basta, caros amigos, identificarmos certos equívocos no meio em que estamos inseridos, é preciso que nos manifestemos, que nos posicionemos. Sob o pretexto de falsa caridade, nos calamos e nos tornamos permissivos com situações que nos distanciam da valorosa lição do Mestre. Lembremos, porém, que a verdade que fere nem sempre é a melhor forma de confrontarmos os equívocos que identificamos. Seja primeiro a nossa vida a falar, a exemplificar, a envolver os corações que compartilham nossa

vida cotidiana. Porém, não deixemos de expressar nosso posicionamento, nossa opinião, quando se fizer necessário.

Lucas	P&E
Ai de vós, fariseus, que amais a primeira cadeira nas sinagogas e a saudações nas praças.	(Estevão) Desprezo o valor puramente convencional que a Lei me poderia oferecer em troca do apoio à política do mundo, que se transforma todos os dias, considerando que a nossa segurança reside na consciência iluminada com Deus e para Deus.

A vida exterior nunca irá nos proporcionar a alegria e paz verdadeiras. As ilusões do poder, do dinheiro, do status são distrações do mundo material, acabam rapidamente. Onde estamos depositando nossa confiança e no empenho? Qual o nosso sonho que se converte em ações cotidianas, elas aproveitam ao espírito, ou apenas abastecem nossos interesses exteriores?

Lucas	P&E
Mas ai de vós fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças e deixais de lado a justiça e o amor de Deus	Muito falais da Lei de Moisés e dos Profetas; todavia, podereis afirmar com a mão na consciência a plena observância dos seus gloriosos ensinamentos? Não estaríeis cegos atualmente, negando-vos à compreensão da mensagem divina?

O livro Comentários Bíblico traz uma nota sobre este trecho de Lucas: “Jesus acusa os fariseus de dar mais valor ao exterior na religião, ao mesmo tempo que, em sua conduta, se descuidam dos fundamentos. (...) Os dízimos pagos pelos fariseus deviam levar nessa direção, mas haviam se transformado em disfarce para o descaso da justiça e do amor. A cegueira os transforma em perigo para os que eles deviam liderar.” De igual forma Estevão adverte o Sinédrio, resgatando os ensinamentos da Lei de Moisés e dos profetas.

Vemos, hoje, a doutrina espírita passando por momentos parecidos com estes, as pessoas se perdendo em discussões sem fim, esquecendo-se, porém dos fundamentos que a alicerçam. “Fora da caridade não há salvação”, deveria ser o primeiro pensamento numa reunião de diretoria, numa palestra, numa conversa entre amigos, na família, no trabalho. Repensemos, busquemos os fundamentos de nossa fé, pautemos nossas vidas nos ensinamentos do Cristo de amor e perdão. Sirvamo-nos da lição de Estevão que fala hoje aos nossos corações: *“Aquele, a quem chamais ironicamente o carpinteiro de Nazaré, foi amigo de todos os infelizes. Sua pregação não se limitou a expor princípios filosóficos. Antes, pela exemplificação, renovou nossos hábitos, reformou as idéias mais elevadas, com o selo do amor divino. Suas mãos nobilitaram o trabalho, pensaram úlceras, curaram leprosos, deram vista aos cegos. Seu coração repartiu-se entre todos os homens, dentro do novo entendimento do amor que nos trouxe com o exemplo mais puro.”*

Lucas	P&E
Ai de vós, mestres da Lei, que tomastes a chave do conhecimento, (vós) mesmos não entrastes, e impedis os que estão entrando.	Acaso ignorais que a palavra de Deus tem ouvintes e praticantes? Convém consultardes se não tendes sido meros ouvintes da Lei, de maneira a não falsear o testemunho.

Ouvintes e praticantes. Onde estamos? Em qual das duas situações podemos nos colocar? Não nos esqueçamos que para muitos o único evangelho que terão acesso nesta existência será o que lerão em nossas vidas, em nossos atos. Não façamos como os mestres da Lei, que nossa vida, nossa má conduta, não seja fator impeditivo para a elevação de outrem.

Lucas	P&E
Saindo dali, os escribas e fariseus começaram a guardar terrivelmente (ódio/rancor) e a cercá-lo de interrogatórios a respeito de muitas (coisas), armando uma cilada para ele, a fim de apanhar algo de sua boca.	E proponho igualmente investigações mais amplas sobre as atividades supostamente piedosas dos perigosos crentes do “Caminho”, a fim de que se extirpe na raiz a noção de indisciplina por eles criada contra a Lei de Moisés, movimento revolucionário de consequências imprevisíveis, que significa, em substância, desordem e confusão em nossas próprias fileiras

	e ominoso esquecimento das ordenações divinas, conjurando assim a propagação do mal, cujo crescimento intensificará os castigos.
--	--

A coragem de Estevão em dizer a verdade, custou-lhe a vida, mas apenas a vida física. Buscou no Cristo a força necessária para dar o testemunho. Esta semente lançada no coração de Saulo iria frutificar mais tarde. Que possamos nos deixar inspirar por tamanha coragem e fé !

Lucas 12:34: “Pois onde está o vosso tesouro ali estará também o vosso coração.” É lição atual, que nos alerta para a forma como estamos conduzindo a nossa vida. A vida de Estevão é um exemplo de um espírito que confiava na justiça divina e pautava sua vida no amor. Mesmo antes de conhecer sobre a vinda do Messias e seus ensinamentos, Estevão já era capaz de viver o evangelho de uma forma que mal conseguimos compreender. Sondemos, então, onde Estevão repousava o seu coração? Qual era o tesouro de Estevão que não a palavra divina, fonte de consolo e fé? Onde está o nosso tesouro? Onde está?

Encerro este trecho com este parágrafo em que Emmanuel narra um momento de reflexão de Estevão, ante a grande prova que passava, fixo o meu pensamento na necessidade de nos elevarmos a Jesus rogando o seu auxílio e inspiração sempre que situações de dor e conflito transitarem por nossas vidas. Afinal, de nós nada somos.

“O pregador do “Caminho”, submetido a tais extremos, implorava de Jesus a necessária assistência para não se trair no testemunho. Não obstante a reforma radical que a influência do Cristo havia imposto às suas concepções mais íntimas, ele não podia fugir à dor da dignidade ferida. Procurou, contudo, recompor imediatamente as energias interiores, na compreensão da renúncia que o Mestre predicara como lição suprema. Lembrou os sacrifícios do pai em Corinto, reviu na imaginação o seu suplício e morte. Recordou a prova angustiosa que sofrera e considerou que, se tão só no conhecimento de Moisés e dos Profetas tanto conseguira em energia moral para enfrentar os ignorantes da bondade divina, que não poderia testemunhar agora com o Cristo no coração? Esses pensamentos acudiam-lhe ao cérebro atormentado, como bálsamo de suprema consolação. Entretanto, embora a fortaleza de ânimo que lhe marcava o caráter, viu-se que ele vertia copiosas lágrimas. Quando lhe observou o pranto misturado com o sangue a jorrar da ferida que as punhadas lhe abriram em pleno rosto, Saulo de Tarso conteve-se saciado

na sua imensa cólera. Não podia compreender a passividade com que o agredido recebera os bofetões da sua força enrijada nos exercícios do esporte.”

Abraços fraternos.

Que Jesus nos envolva em sua doce paz, hoje, agora e sempre.

*Campo Grande – MS, 03.06.2014
Candice Günther*

Estrutura do livro Paulo & Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 6 – Terceira Parte

Dando continuidade a proposta de estudar o livro Paulo e Estevão sob a perspectiva de capítulos espelhados e com o auxílio do trecho de Lucas – A Narrativa da Viagem a Jerusalém, iniciamos a terceira parte da estrutura 6.

Nesta etapa nos cabe verificar o Cap. 6 da segunda parte e suas convergências com o trecho de Lucas 16:9-31.

Antes de adentrar no estudo propriamente dito, gostaria de compartilhar um pouco de alguns sentimentos. Começo um estudo lendo vários livros para entender a mensagem do evangelho, depois vou ao livro P&E para buscar o que há em comum. Fico impressionada, como cada capítulo guarda uma profunda relação com o trecho de Lucas e como o ensino muda, amplia, toca. Minha sensação, então, é de profunda perplexidade ante a grandiosidade da obra Paulo e Estevão. Como Emmanuel conseguiu? Ele nos disse que tentava trazer “alguma coisa das tradições do plano espiritual acerca dos trabalhos confiados ao grande amigo dos gentios”. Fico, então, sondando e refletindo quão lindos e profundos não devem ser os estudos na espiritualidade. Perdoem a divagação inicial, apenas a faço para justificar que as palavras não são capazes de traduzir todos os sentimentos que este estudo proporciona, eu não sou capaz, mas Emmanuel o foi de forma majestosa. Ao mesmo tempo que é uma descoberta é também uma lembrança de um jeito de aprender

através do sentimento, de resignificar o viver do outro e permitir que tenha reflexos em nosso viver. Então, continuo estes estudos com esta profunda reverência pela grandiosidade da obra. Grata Chico, grata Emmanuel!!! E sem dúvida alguma, grata a Jesus, que a todos inspira o amor do Pai Maior.

Vamos ao trabalho!!

Iniciemos com o texto do Evangelho de Lucas 16:1-9: *“E eu vos digo: Fazei amigos, para vós mesmos, da Mâmon da injustiça, para que, quando cessar, vos recebam nos tabernáculos eternos. O fiel no mínimo é fiel também no muito; o injusto no mínimo é injusto também no muito. Portanto, se não vos tornardes fiéis na Mâmon da injustiça, quem vos confiará a verdadeira? E, se não vos tornardes fiéis no alheio, quem vos dará o vosso? Nenhum servo (doméstico) pode servir a dois senhores, pois ou odiará a um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mâmon.”*

Este trecho finaliza a parábola do administrador infiel, em que Jesus fala aos discípulos. Nos trás lições sobre a nossa condição de mordomos de Deus na Terra, administradores dos bens que nos são confiados pelo Pai.

Vamos, então, pincelar um aspecto desta ampla lição. Ao povo de Israel foi confiado um bem valioso, foi-lhe dada a lei, a Torah, conhecida por nós como a primeira revelação. Porém, valendo-se de uma interpretação equivocada, os fariseus tornaram-se maus administradores deste bem que Deus lhes confiou. E, como nos explica Carlos Pastorino: *“O Senhor chama o administrador - a criatura que emprega mal os bens que recebeu em mordomia – e pede as contas, porque chegou a um ponto em que não pode continuar gerindo bens terrenos.”*

Ao nos dirigirmos ao Cap. VI de Paulo e Estevão, intitulado Peregrinações e Sacrifícios, veremos que Paulo e Silas estão em viagem. Revisitando as igrejas que fundara em viagem anterior, Paulo agora ia aos irmãos no intuito de arrecadar fundos para que a Igreja de Jerusalém pudesse se tornar independente financeiramente. As ligações com os fariseus estavam minando as lições evangélicas da igreja primitiva e Paulo sabia da necessidade da independência financeira para o prosseguimento dos trabalhos. *“No espírito amoroso de pregação e fraternidade, dilatando o poder do Evangelho redentor sobre as almas e **jamais esquecendo o auxílio à igreja de Jerusalém**, os discípulos visitaram todas as pequenas*

aldeias da Galácia, demorando-se algum tempo em Antioquia de Pisídia, onde trabalharam, de algum modo, para se manterem a si mesmos.”

Eis, então, a primeira reflexão que somos chamados a realizar. Existem situações (uniões) que são incompatíveis com a mensagem do evangelho. A administração que Deus requer de nós do seu reino solicita uma vida pautada nos ensinamentos do Cristo. Os fariseus estavam andando em desconformidade com os ensinamentos deixados por Moisés, as posses materiais e as aparências exteriores sobrepujavam os verdadeiros valores da fé, do amor e da caridade.

Estamos prontos para confrontar a nossa vida cotidiana e perceber o quanto temos nos enganado em colocarmos nossas esperanças em coisas perenes, alegrias temporárias e supérfluas? E mais, recebemos um valioso patrimônio da espiritualidade, a doutrina dos espíritos, patrimônio inestimável que Deus nos confia. Como a temos administrado? Que Jesus nos guie para que não nos tornemos mordomos infiéis, tal qual fomos outrora, quando a lei nos foi confiada. Sim, colo-me e colo-nos como reencarnados dos fariseus, a quem o Pai dá nova oportunidade, e ainda que não seja o farisaísmo o nosso berço de outrora, certamente já nos embrenhamos por caminhos de interpretações radicais e desmedidas. Saibamos, então, aproveitar esta nova oportunidade que nos é dada.

No livro Pão Nosso, Emmanuel nos traz reflexões valiosas sobre o versículo 9: *“Eis por que Jesus nos legou a parábola do empregado infiel, convidando-nos à fraternidade sincera para que, através dela, encontremos o caminho da reabilitação. O Mestre aconselhou-nos a granjear amigos, isto é, a dilatar o círculo de simpatias em que nos sintamos cada vez mais intensivamente amparados pelo espírito de cooperação e pelos valores intercessórios. Se o nosso passado espiritual é sombrio e doloroso, busquemos simplificá-lo, adquirindo dedicações verdadeiras, que nos auxiliem através da subida áspera da redenção. Se não temos hoje determinadas ligações com as riquezas da injustiça, tivemo-las, ontem, e faz-se imprescindível aproveitar o tempo para o nosso reajustamento individual perante a Justiça Divina.”*

Não foi também Paulo, enquanto Saulo, um fariseu? Não recebeu ele a rica herança da lei? Porém, não ficou preso no “passado sombrio e doloroso”, soube granjear amigos e estes o auxiliaram na “subida áspera da redenção”. Trabalhou com afinco para a independência da igreja de Jerusalém, mas no

caminho, levou a semente no evangelho, irmanou-se a corações, lutaram juntos. Optaram por servir a Deus, e não a Mamom.

Prossigamos, ainda temos belíssimas lições para meditar.

Paulo, em suas andanças na viagem que ora estudamos, encontra-se com Lucas, vejamos o trecho do livro: *“Ora, Lucas, se te encontras sem compromissos imediatos, por que não te dedicas inteiramente aos trabalhos do Mestre Divino? A pergunta produziu certa emoção no médico, como se valesse por uma revelação. Passada a surpresa, Lucas acrescentou, um tanto indeciso:*

— Sim, mas há que considerar os deveres da profissão.

— Mas, quem foi Jesus senão o Divino Médico do mundo inteiro? Até agora tens curado corpos, que, de qualquer modo, cedo ou tarde hão de perecer. Tratar do espírito não seria um esforço mais justo? Com isso não quero dizer que se deva desprezar a medicina propriamente do mundo; no entanto, essa tarefa ficaria para aqueles que ainda não possuem os valores espirituais que trazes contigo. Sempre acreditei que a medicina do corpo é um conjunto de experiências sagradas, de que o homem não poderá prescindir, até que se resolva a fazer a experiência divina e imutável, da cura espiritual. Lucas meditou seriamente nessas palavras e replicou: — Tens razão.”

Este momento realmente é digno de comemoração não é mesmo!! Lucas a partir de então acompanhou Paulo, e foi grande divulgador da palavra do Cristo. Eis-nos aqui estudando o evangelho que veio até nós por suas mãos laboriosas.

Mas, vejamos um trecho do Evangelho, Lucas 16:15: “E disse-lhes vós sois os que vos justificais a vós mesmos, diante dos homens, mas Deus conhece os vossos corações, porque o que dentre os homens é elevado, diante de Deus é abominação.”

Lucas era médico, e ainda que a profissão não tivesse o destaque social que possui hoje, certamente era algo mais glamoroso do que tornar-se um divulgador do evangelho. Ele atendeu o chamado, viu que era ora de mudar sua vida e dedicar-se integralmente à cura espiritual da humanidade.

Precisamos, então, largar tudo o que fazemos e nos arvorar em divulgar a palavra do Cristo? Sem radicalismos, precisamos entender a essência da lição.

Em diversas situações em nossas vidas seremos convidados a valorar situações, e dar a exata medida que elas têm em nossas vidas. Se vemos nos

trabalhos que realizamos na casa espírita apenas uma atividade de voluntariado, não encontraremos o alicerce necessário para permanecermos firmes quando as dificuldades surgirem, nem desempenharemos a atividade com o zelo necessário. É muito comum vermos que qualquer compromisso de nossa vida cotidiana se sobreponha e nos motive a faltar aos trabalhos a que nos propomos na casa de oração. Esquecemos, porém, que para os olhos do Pai, é um trabalho de grande importância, um momento em que a espiritualidade superior conta conosco para auxílio das imensas tarefas a serem realizadas. Mas será que já somos dignos de que Cristo nos confie alguma tarefa? O exemplo de Lucas e a lição do evangelho nos chama a reflexão para onde temos direcionado o nosso viver.

Precisamos atentar para o que realmente tem valor. O que a nossa sociedade tanto valoriza, aos olhos do Pai nada vale. Status, poder, glamour, poeira ao vento, distrações da vida material a nos confundir e nos afastar do que realmente é verdadeiro e tem valor indestrutível. Apenas o esforço na seara divina, a priorização **em nossa vida cotidiana** fazem a diferença. Ressalto, porém, para que não seja mal interpretada, que não estou fazendo apologia para que nos embrenhemos na casa espírita todos os dias, mas que o evangelho de Jesus esteja em nosso coração e em nosso viver em todas as tarefas que realizamos, onde quer que estivermos. Não nos esqueçamos que a Chico, Gandhi, Madre Tereza e tantos outros, foram dadas as mesmas 24 horas que nós outros recebemos, o que nos diferencia deles são nossas prioridades.

Partindo para a última etapa, vamos analisar o trecho seguinte de Lucas 16:19-31 – A Parábola do Rico e de Lázaro. O texto guarda relações com o episódio na cidade de Filipos, onde uma pitonisa (uma espécie de medium da época) é advertida por Paulo.

Primeiramente, podemos ressaltar a questão da comunicabilidade com os mortos. Ora, no texto evangélico, são os mortos (Lázaro e o Rico) que vem nos trazer do além as lições para que saibamos o que realmente importa aos nossos espíritos imortais, ainda que o texto não seja um relato de fato, mas uma parábola, é digno de nota o uso de pessoas que já haviam morrido. A pitonisa de Filipo também trazia do além as mensagens para o povo, mas o que falava, os interesses que haviam em consultá-la levou Paulo a adverti-la e a ordenar que o espírito que lá se manifestava se afastasse. O rico fartava-se nas regalias da vida material, os moradores de

Filipo exploravam comercialmente as comunicações realizadas pela pitoniza, formas de poder deste mundo de provas e expiações, enganos de nosso orgulho.

Se durante a vida o Rico era aplaudido e usufruía de todas as benesses materiais, a morte o encontra tal qual um mendigo, desprovido de patrimônios espirituais, de bondade, de caridade, de espiritualidade. E não lhe adiantou o pedido de clemência sustentado apenas pelo medo e não por uma conversão verdadeira, a lei de causa e efeito lhe pediria em tempo futuro novos ajustes para reabilitar sua alma.

Se refletirmos um pouco, veremos que o tesouro da pitoniza e dos que a exploravam, residia na exploração comercial de uma tarefa que deveria ser santificada por todos, a comunicação mediúnica. Paulo teve a lucidez e a percepção de não se deixar envolver por elogios: *“—Espírito perverso, não somos anjos, somos trabalhadores em luta com as próprias fraquezas, por amor ao Evangelho; em nome de Jesus Cristo ordeno que te retires para sempre! Proíbo-te, em nome do Senhor, estabeleceres confusão entre as criaturas, incentivando interesses mesquinhos do mundo em detrimento dos sagrados interesses de Deus!”*

Voltando ao evangelho, vemos o Rico lembrar-se, então, dos seus familiares que ainda estão encarnados na Terra e solicitar que aos menos a eles seja dado o conhecimento que ora adquire. Vejamos a reflexão de Pastorino: *“Não será a aparição de espíritos que os persuadirá (como até hoje ocorre). Terão que modificar-se de dentro para fora, e não com acontecimentos exteriores, por mais sensacionais que sejam.”*

Paulo também dá a Lucas e explicação de ter advertido a pitoniza e proibido o espírito de comunicar-se novamente. *“Aquele Espírito poderia falar em Deus, mas não vinha de Deus. Que fizemos para receber elogios? Dia e noite, estamos lutando contra as imperfeições de nossa alma. Jesus mandou que ensulássemos, a fim de aprendermos duramente. Não ignoras como vivo em batalha com o espinho dos desejos inferiores. Então? Seria justo aceitarmos títulos imerecidos quando o Mestre rejeitou o qualificativo de “bom”? Claro que, se aquele Espírito viesse de Jesus, outras seriam suas palavras. Estimularia nosso esforço, compreendendo nossas fraquezas.”*

Se outrora não soubemos dar correta interpretação a Lei de Moisés como Estevão foi capaz de fazê-lo, também em Filipo havia equívoco no

intercâmbio com o mundo espiritual, ilusões. Saibamos buscar o tesouro divino nas lições cotidianas e enriquecer nosso espírito com o que realmente importa. Não seja a posse material ou poder o nosso deus, sirvamos ao Pai Celestial, como mordomos fiéis. É Emmanuel, no livro Pão Nosso, lição 116 que nos dá a lição derradeira: *“O mundo está repleto de mensagens e emissários, há milênios. O grande problema, no entanto, não está em requisitar-se a verdade para atender ao círculo exclusivista de cada criatura, mas na deliberação de cada homem, quanto a caminhar com o próprio valor, na direção das realidades eternas.”*

Encerramos a terceira parte, com gratidão pelos ensinamentos, certos, porém, de que a análise que ora realizamos beira a superficialidade e que as possibilidades de conexão dos dois textos se ampliam a medida que a ela nos dedicamos. Recebam este estudo como um carro que está sendo iniciado em sua trajetória, ainda lento, na primeira marcha. Prossigamos juntos, seremos melhores e mais velozes.

Abraços fraternos.

Campo Grande-MS, 10.06.2014.

Candice Günther

Estrutura do livro Paulo & Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 6 – Quarta Parte e conclusão

Estamos nos encaminhando para a parte final da Estrutura 6, cabendo-nos nesta etapa e análise de alguns pontos de convergência entre os trechos do Evangelho de Lucas do 5º degrau (ver livro Parábolas de Jesus – Texto e Contexto), qual sejam: Lucas 11:37-54 12:34 e Lucas 16:9-31. É importante a leitura prévia ou um conhecimento dos textos citados para melhor compreensão das reflexões singelas que ora realizamos.

Lucas 11:37-54	Lucas 16:9-31.
A quem Jesus está falando?	
Ao fariseu	Aos discípulos e fariseus
Jesus utiliza-se de costumes da época, tido como imprescindíveis, para ensinar uma lição.	
...pediu-lhe para que comesse com ele. Depois de entrar, recostou-se. Ao ver (isso), o fariseu admirou-se porque não se lavou primeiro antes da refeição.	Na parábola do mordomo infiel, que estava para ser demitido, ao realizar a cobrança dos credores do seu senhor, ao invés de aumentar um pouco a conta dos devedores, como era costume da época, nos ensina Keneth Bailey, diminui a dívida dos credores. Para todos, um sinal de desonestidade. Mas ao contrário do que se espera, o seu senhor o elogia, “porque ele agiu prudentemente”.
Após o primeiro impacto nos ouvintes, em que Jesus usa um costume do povo judeu, não satisfazendo o que era esperado, os leva a reflexões.	

Pensemos um pouco no primeiro texto, Jesus não cumpre os rituais da época e causa um desconforto nas pessoas, não lavar as mãos era um ato simples, então, porque Jesus não o fez? Isso requer a nossa reflexão para a forma como aprendemos. Se ele simplesmente falasse que as coisas do espírito são mais importantes que os atos exteriores não teria causado o impacto necessário para que aprendêssemos a lição. Mas quando deixa de praticar um ato exterior, importante para a época, pensando em todos os rituais de purificação que eram praticados, Jesus provoca nos ouvintes a necessidade de refletir: ainda que façamos tudo isso, pratiquemos todos estes atos exteriores, estamos limpos diante de Deus? O que nos falta?

Olhemos, então, para o segundo texto, após contar a história do mordomo infiel, e também causar certa rejeição nos ouvintes, Jesus é

criticado pelos fariseus (16:14) *“ouviam todas essas (coisas) e o ridicularizavam.”* Pois teremos no próximo versículo uma chave para o entendimento das lições: *“Vós sois os que vos justificais a vós mesmos, diante dos homens, mas Deus conhece vossos corações, porque o que entre os homens é elevado, diante de Deus é abominação.”*

Pensem, então, em nossas vidas e no quanto ainda necessitamos de atos exteriores para parecermos bons. Uma pausa para café e reflexão? Vale a pena respirar um pouco, esta lição é difícil e não é facilmente perceptível.

Somos o que justificamos a nós mesmos? Podemos nos colocar diante do Pai com o coração sincero e limpo? Certamente não, não somos limpos, não somos honestos! E, ainda que isso pareça um tanto duro, é o que acontece com a maioria de nós. Para nosso Pai Celestial um breve pensamento em desalinho com as leis divinas já é falta grave, fato que promove o desequilíbrio do mundo em que estamos. Mas, o que este breve pensamento é aos nossos olhos e aos olhos da sociedade – nós nos justificamos, ahhh...nem é tão importante assim.

A leitura destes dois trechos evangélicos juntos nos trás uma dimensão de quanto ainda a humanidade está distante dos valores e ensinamentos que Jesus nos veio trazer. Cultuamos o exterior e, raramente, sobrepomos a justiça verdadeira aos costumes de nossa época. No texto evangélico dívidas foram perdoadas, diminuídas. Pensem, quantas e quantas vezes nosso espírito foi alcançado pela misericórdia do Pai, mas isso transforma o nosso coração endurecido para que sejamos benevolentes para com as falhas alheias?

No livro Sabedoria do Evangelho, Pastorino nos traz uma reflexão complementar: *“o que é elevado entre os homens, é abominável diante de Deus”: posições, honrarias, títulos, cargos, riquezas, fama, domínio - tudo o que se julga nobre e digno de respeito na humanidade terrena, constitui algo desprezível e "fedorento" (bdélygma) para Deus e para os Seres que já superaram o caminho evolutivo e se encontram no ápice da pirâmide. Deus conhece os corações, porque neles habita, conscientemente impelindo e dirigindo a evolução de cada um. E os que buscam Deus e a evolução, procuram realmente apagar-se no campo terráqueo do Anti-Sistema.”*

Interessante o uso do verbo “apagar-se”. Lembremos um pouco de Paulo, e de sua trajetória, de como foi tendo que deixar de lado todas as honras e privilégios de ser um fariseu para tornar-se um servidor do Cristo. Por sua personalidade inigualável, Paulo era um homem que tinha coragem suficiente para ser sincero sobre si mesmo, certamente por isso foi capaz de ir tão longe, não procurou uma justificativa para seus erros, seguiu em frente, buscando melhorar-se. Levantou-se, ouvindo o chamado do Mestre.

Prosseguindo, em Lucas 16:19-31 nos traz a Parábola de Lázaro e do Rico, indicamos a leitura do Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XVI. Rico e Lázaro estão no plano espiritual, desencarnados, eis então a hora derradeira, somos o que somos, sem vestimentas, sem subterfúgios, apenas nossa alma imortal tal qual verdadeiramente é. Nova pausa para café!!! Não sei vcs, mas não dou conta de imaginar isso sem alterar a respiração. Como é isso? Estamos prontos? Se levados para a pátria espiritual, temos a consciência de quem realmente somos? Sabem aquele pensamento que ninguém nota, mas que é falta grave para o Pai Celestial...então, essa é a hora em que ele aparece e fica evidente, claro, perceptível.

Olhemos este trecho do Evangelho Segundo o Espiritismo: *“Quando considero a brevidade da vida, dolorosamente me impressiona a incessante preocupação de que é para vós objeto o bem-estar material, ao passo que tão pouca importância dais ao vosso aperfeiçoamento moral, a que pouco ou nenhum tempo consagrais e que, no entanto, é o que importa para a eternidade. Dir-se-ia, diante da atividade que desenvolveis, tratar-se de uma questão do mais alto interesse para a Humanidade, quando não se trata, na maioria dos casos, senão de vos pordes em condições de satisfazer a necessidades exageradas, à vaidade, ou de vos entregardes a excessos.”*

Somos mordomos do Pai Celestial aqui na Terra, convidados a cuidar, gerir, administrar. E Deus nos concede estes encargos para que nossa alma imortal possa avançar, progredir. Prestaremos contas e nos serão cobradas as ações e os sentimentos que são realmente importantes. Ainda andamos muito distraídos pela satisfação dos cinco sentidos, esquecendo-nos de que estes também nos foram dados para a nossa melhoria e crescimento. Que não seja necessário que nenhum nos seja retirado, mas que caminhemos para outros patamares do sentir e do viver.

Encerramos a Estrutura 6, novamente, sem nenhuma pretensão de esgotar as possibilidades de interpretação que este estudo nos oferece. Pincelamos alguns aspectos no ensejo de que os motive para ir além, descobrir novas conexões e formas de aprender para a vida. Não obstante o cuidado da pesquisa, este estudo não é um exercício do intelecto, mas a

busca de lições para um novo sentir. Afinal, como Paulo conseguiu tanto em tão pouco tempo? Poderemos nós também o fazê-lo? Estas são as perguntas que me acompanham e que, com a misericórdia do Pai, estaremos aptos a responder.

Que a doce paz de Jesus nos acompanhe a cada dia.

Abraços fraternos!!!

Campo Grande - MS, 19.06.2014.
Candice Günther

Estrutura 7

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 7 – Primeira Parte

Dando continuidade a proposta de estudar o livro Paulo e Estevão com a perspectiva de capítulos espelhados, iremos buscar algumas congruências entre o Cap. 7 da primeira parte e o Cap. 7 da segunda parte.

Vejamos um pequeno trecho do Cap. 7 da segunda parte, dizeres de Paulo: *“Nasci para uma luta sem tréguas, que deverá prevalecer até ao fim dos meus dias. Antes de encontrar as luzes do Evangelho, errei criminosamente, embora com o sincero desejo de servir a Deus. Fracassei, muito cedo, na esperança de um lar. Tornei-me odiado de todos, até que o Senhor se compadecesse de minha situação miserável, chamando-me às portas de Damasco. Então, estabeleceu-se um abismo entre minha alma e o passado.*

De qual erro Paulo está tratando? Que erro criminoso estava enterrado em seu passado? Em qual abismo sua alma encontrava-se quando Paulo, então Saulo, foi resgatado pelo divino Mestre?

Voltemos, então, ao Cap. 7 da primeira parte – Primeiras Perseguições: *“Saulo de Tarso, nas características de sua impulsividade, deixou-se empolgar pela ideia de vingança, impressionado com o desassombro de Estevão em face da sua autoridade e da sua fama. A seu ver, o pregador do Evangelho infligira-lhe humilhações públicas, que impunham reparações equivalentes. (...) Os intelectuais do Templo estimavam nele uma personalidade vigorosa, um guia seguro, tomando-o por mestre no racionalismo superior. Os mais antigos sacerdotes e doutores do Sinédrio reconheciam-lhe a inteligência aguda e nele depositavam a esperança do porvir.”* Eis o erro, a perseguição estabelecida contra os cristãos, o aprisionamento de Estevão e sua morte.

Interessante observar que no Cap. 7 da segunda parte Paulo também faz menção aos amigos e admiradores de outrora, que o acompanhavam nos erros e desenganos: *“Abandonado pelos amigos da infância, tive de procurar o deserto e recomeçar a vida. Da tribuna do Sinédrio, regressei*

ao tear pesado e rústico. Quando voltei a Jerusalém, o judaísmo considerou-me doente e mentiroso.”

Paremos um pouco para refletir, como alguém que era considerado “guia seguro, mestre”, pode vir a tornar-se “doente e mentiroso”? Eis uma oportunidade para refletirmos sobre nossas relações, nossas amizades, a quem admiramos, a quem atribuímos valores.

A nossa sociedade, ainda hoje, persiste em dar valor a status, poder, condição financeira, beleza física, são os padrões do mundo de hoje e nestes padrões são estabelecidas a maioria das relações. E nós outros, temos o discernimento e a coragem para andar contra a maré? Estamos prontos para desafetos e críticos ante o novo modo de olhar o mundo que Cristo nos convida a ter?

São reflexões que faço e compartilho. Quero crer que já podemos alcançar voos maiores e melhores, mas não nos enganemos nos achando limpos desta forma de ver o mundo. Ainda há muito orgulho e vaidade gerindo nossas relações.

Avancemos nas maravilhosas convergências destes dois capítulos.

Estevão estava preso, na iminência de um julgamento que, sabemos, lhe traria a morte, o primeiro martírio por amor ao Cristo. Vemos Paulo num movimento para ganhar apoio ao seu intento de perseguir os seguidores de Jesus: *“À cata de simpatia para o amplo movimento de perseguição que pretendia efetuar, visitou as personalidades mais eminentes do judaísmo, abstendo-se, contudo, de procurar a cooperação das autoridades reconhecidamente pacifistas.”*

Interessante verificarmos um movimento contrário no Cap. 7 da segunda parte. Paulo é preso em Corinto, ante a descontentamento do fariseus que não admitiam as lições do evangelho, vendo-as como uma afronta a suposta superioridade de Moisés. Os amigos de outrora, agora o queriam morto, queriam calar a sua voz. Dando valoroso testemunho, é inocentado e segue para Éfeso, onde novamente ocorre um movimento para prendê-lo, porém, desta vez seus amigos são atingidos, presos, Aquila e Prisca, companheiros dos primeiros dias de cristão de Paulo, ainda no deserto, tem sua tenda destruída, são presos, sofrem. E Paulo chora, imensa dor inunda seu coração ao ver almas tão caras sofrendo em sua defesa.

Façamos nova pausa, qual a lição? Como atualizar este momento para a nossa vida hoje? Pensemos que Saulo iniciou um movimento que alcançou dimensões imensas, pautado em sentimentos de vingança e orgulho, as sementes que lançou frutificaram nos corações endurecidos. Pensemos, então, o que temos semeado? Ou, então, o que semeamos outrora? Estamos dispostos a reparar? A assumir a responsabilidade pelos desvios que provocamos nesta e em outras vidas? Pessoas difíceis aparecem em nossa estrada e nos apressamos em nos distanciarmos, quando o convite do mestre é para que nos esforcemos por amá-las. Sabe-se lá se não fomos nós os responsáveis pelo início do desvio que hoje se agiganta? Nossas mãos não estão limpas, somos almas de muitos enganos e desvios. A dor é escola divina para nossos corações endurecidos, mas também é resgate que a Lei Divina nos impõe. Estamos aptos a reconhecer que Deus é justo e bom, ainda que a perda seja imensa? Ainda que só no amanhã sejamos capazes de alcançar o entendimento, ante o convite da resignação? São lições duras amigos, vale uma pausa aqui, um copo d'água, uma caminhada. O papel esconde a emoção, mas lhes confesso, não foram poucas as lágrimas para lhes escrever estas linhas.

Refeitos? Prossigamos com mais um ponto que merece nossa atenção e reflexão.

No Cap. 7 da segunda parte, quando Paulo preparava-se para viajar para Roma, iniciando a divulgação do evangelho, recebe uma carta de Tiago, com notícias de perseguições e prisões, Pedro fora banido, a Igreja de Jerusalém necessitava de auxílio. Vejamos um trecho: *“Tiago relatava os acontecimentos com grande serenidade e rogava a Paulo de Tarso não abandonasse a igreja naquela hora de lutas acerbadas. Ele, Tiago, estava envelhecido e cansado. Sem a colaboração de Pedro, temia sucumbir. Pedia, então, ao convertido de Damasco fosse a Jerusalém, afrontasse as perseguições por amor a Jesus, para que os doutores do Sinédrio e do Templo ficassem bastantemente esclarecidos.”*

Eis, então, os pensamentos de Paulo: *“Paulo de Tarso terminou a leitura e lembrou o passado. Com que direito lhe fazia o Apóstolo galileu semelhante pedido? Tiago sempre se colocara em posição antagônica. Em que pesasse à sua índole impetuosa, franca, inquebrantável, não podia odiá-lo; entretanto, não se sentia perfeitamente afim com o filho de Alfeu, a ponto de se tornar seu companheiro adequado em lance tão difícil.”*

Mas Paulo não tomou nenhuma decisão baseado em seus primeiros sentimentos, orou e buscou no evangelho a luz para a tomada de decisão:

“Desenrolou os pergaminhos e, abrindo -os ao acaso, leu a advertência das anotações de Levi: — **“Concilia-te depressa com o teu adversário”**.”

Maravilhoso o evangelho que clareia o caminho e nos conduz a estradas de amor, perdão, reconciliação. E que alma esplêndida a de Paulo, vejamos, então que ele prossegue em suas reflexões e recorda os momentos que estão narrados no Cap. 7 da primeira parte: *“Recordou a juventude e a longa perseguição que chegara a mover contra os discípulos do Crucificado. Teve a nítida recordação do dia em que efetuara a prisão de Pedro entre os aleijados e os enfermos que o cercavam, soluçantes.”*

Recordemos o momento da prisão de Pedro, narrado na primeira parte do livro: *“Todos os doentes que se podiam arrastar, todos os abrigados capazes de se moverem, cercavam a pessoa de Pedro, chorando comovidamente. Algumas crianças lhe chamavam “pai”; anciões trêmulos osculavam-lhe as mãos...”*

Ouçamos, então, as exortações de Samônio, que outrora foram dirigidas a Saulo, porém, hoje é convite para reflexão a cada um de nós: *“Onde a vossa justiça? Credes somente no Deus dos exércitos? É indispensável saberdes que se o Eterno é o fator supremo da ordem, o Evangelho nos ensina a buscar em sua providência o carinho de um Pai. (...)— Onde estão vossas casas de arrimo aos oprimidos da sorte? Quando vos lembrastes de um asilo para os mais infelizes? Enganai-vos se supondes inércia em nossa atitude. Os fariseus levaram Jesus ao Calvário da crucificação, privando os necessitados de sua presença inefável. Por haver praticado o bem, Estevão foi metido no cárcere. Agora, o Sinédrio requisita os Apóstolos do “Caminho”, retribuindo-lhes a bondade com a escuridão do calabouço. Mas estais equivocados. Nós, os miseráveis de Jerusalém, haveremos de lutar convosco. De Simão Pedro nós disputaremos a própria sombra.”*

Diante das luzes do evangelho, na sintonia da prece sincera, Paulo foi capaz de reconhecer a oportunidade de resgatar a dívida de outrora, muito devia a Pedro e a Igreja de Jerusalém. Paulo sonha com Abigail e Estevão, e sua amada lhe traz palavras consoladoras: *“— Não te inquietes, Paulo. É preciso ir a Jerusalém para o testemunho imprescindível.”*

Lembremos de Paulo em nossa estrada, que seu exemplo nos inspire, que sua coragem em reconhecer os erros de outrora nos seja modelo a ser seguido, que a prece e o evangelho também estejam presentes em nossas vidas ante as dificuldades que se apresentem em nossa jornada e que o

amor e o perdão finalmente adentrem em nossos corações de forma definitiva.

O perseguidor de outrora, que viu as crianças e mendigos chorando a partida de Pedro, agora, trabalhador incansável do Cristo, retornava a Jerusalém para grandes sacrifícios, eis, então, a belíssima despedida de Éfeso, onde velhos e crianças de ajoelham na despedida do apóstolo dos gentios: *“Em Éfeso, porém, a cena foi muito mais triste, porque o Apóstolo solicitara o comparecimento dos anciães e dos amigos, para falar-lhes particularmente ao coração. Não desejava desembarcar, no intuito de prevenir novos conflitos que lhe retardassem a marcha; mas, em testemunho de amor e reconhecimento, a comunidade em peso lhe foi ao encontro, sensibilizando-lhe a alma afetuosa. A própria Maria, avançada em anos, acorrera de longe em companhia de João e outros discípulos, para levar uma palavra de amor ao paladino intemorato do Evangelho de seu Filho. Os anciães receberam-no com ardorosas demonstrações de amizade, as crianças ofereciam-lhe merendas e flores. Extremamente comovido, Paulo de Tarso prelecionou em despedida e, quando afirmou o pressentimento de que não mais ali voltaria em corpo mortal, houve grandes explosões de amargura entre os efésios. Como que tocados pela grandeza espiritual daquele momento, quase todos se ajoelharam no tapete branco da praia e pediram a Deus protegesse o devotado batalhador do Cristo. Recebendo tão belas manifestações de carinho, o ex-rabino abraçou, um por um, de olhos molhados. A maioria atirava-se-lhe nos braços amorosos, soluçando, beijando-lhe as mãos calosas e rudes. Abraçando, por último, à Mãe Santíssima, Paulo tomou-lhe a destra e nela depôs um beijo de ternura filial.”*

Encerro esta etapa com profunda emoção, belíssima a perspectiva que o encontro destes capítulos nos oferece.

Abraços fraternos, queridos amigos.

Campo Grande –MS, 22.06.2014.
Candice Günther

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 7 – Segunda Parte

Nesta etapa nos cabe o estudo do Cap. 7 da primeira parte do livro P&E utilizando-nos das luzes que o trecho evangélico de Lucas 12:35-39 nos quer oferecer, observo novamente que não temos a intenção de esgotar o assunto ou as possibilidades de congruências entre os dois textos, apenas compartilhar as impressões que tivemos hoje e que, com certeza, serão outras amanhã.

Buscando um norte para as perguntas necessárias à compreensão das lições, nos socorremos dos comentários de Cairbar Schutel: *“Este ensino, que se constitui em verdadeiro mandamento para o “servo vigilante”, deixa transparecer bem claramente aos olhos de todos, quais são os servos bons e quais os servos maus que operam na Seara Divina. Temos também Klyne Snodgrass (Compreendendo todas as parábolas de Jesus), sobre este trecho que também se encontra em Mateus 24:45-51: “Mas o que é ainda mais decisivo é o fato desta parábola não tratar da demora, mas da falta de preparo diante do retorno do senhor, quando este ocorre antes do momento previsto.*

Pois bem, o Cap. 7 inicia com o movimento de Saulo contra a Igreja do Caminho, Estevão já estava preso, porém, ante a notícia de novos convertidos, inclusive entre os fariseus, Saulo decide intensificar as perseguições e prender os líderes da Casa do Caminho. Podemos, então, recordando estudos anteriores, perceber que Paulo já recebera o chamado para o Cristo, ao ouvir o discurso de Estevão e naquele momento poderia ter reconhecido o chamado amoroso do mestre e mudado o rumo, mas não o fez. Neste capítulo teremos o segundo e o terceiro chamado a Paulo, através de Samonio e de Gamaliel, sementes lançadas que germinariam no momento oportuno. Vemos, porém, que para Gamaliel, acostumado a clarear os pensamentos e tratar as questões de forma pacífica e serena, o chamado do mestre foi ouvido. Vejamos, então, as situações descritas, com amparo do evangelho para nos clarear o caminho e quiçá, tocar nossas vidas.

Inicia o texto evangélico com os dizeres: *“Estejam cingidos os vossos quadris e acesas as candeias. E (sede) semelhantes aos homens que aguardam ao seu Senhor enquanto se retira das bodas para que, quando vier e bater, logo lhe abram.”* Pensemos, então, de forma simplificada que

o texto nos remete ao pensamento de “estar pronto, preparado” para algo. E este algo seria a vinda do Senhor.

Sondemos, então, o Cap. 7 do livro Paulo e Estevão. Quais as situações que se encaixam nesta possibilidade? Imaginemos que Paulo está sendo chamado por Jesus para adentrar na seara do mestre, primeiramente o contato com Estevão, agora, em visita a casa do caminho. Sua alma receberá profundas impressões, não suficientes, porém, para mudar suas atitudes. Terá ainda uma conversa com Gamaliel, que lhe admite querer meditar sobre as verdades evangélicas.

O que aconteceu? Por que Paulo não ouviu? Nós ouvimos? Estamos prontos?

Emmanuel nos dá, logo nos primeiros parágrafos uma radiografia dos sentimentos de Paulo, pincelemos algo: *“nas características de sua impulsividade, deixou-se empolgar pela ideia de vingança; a vaidade ferida, o orgulho racial, o instinto de domínio, toldavam-lhe a retina espiritual; No âmago das suas reflexões, odiava agora aquele Cristo crucificado, porque detestava a Estevão.”*

Paulo não estava preparado, sua alma ainda não estava receptiva ao amor do Cristo. E nós, estamos prontos? Há muito destes sentimentos de Saulo em nossas vidas e em nossos corações. O orgulho, chaga tão nossa, precisa de trabalho, perseverança, disciplina, para ir se amainando.

Vejamos, então, sob esta mesma perspectiva, Gamaliel. Ele visitou a Igreja do Caminho, encontrou-se com Samônio, amigo de outrora abandonado por seus familiares ante a doença (lepra) e recebido amorosamente pelos trabalhadores de Jesus.

Sondemos, então, o perfil de Gamaliel que o capítulo nos apresenta: *“sempre pautou seus atos e pensamentos com a máxima correção; nobreza de objetivos que sempre o inspirou; generosidade que lhe exornava a velhice veneranda; Gamaliel agradecia, atencioso, ao ex-pescador, tratando-o igualmente com deferência e consideração.”*

Percebemos, então, que é Gamaliel quem está pronto, como veremos em Lucas 12:37: *“bem-aventurados aqueles servos a quem o Senhor encontrar vigiando quando vier. Amém, vos digo que ele se cingirá, os fará reclinar (à mesa), e passando ao lado (deles) os servirá.”* Mantendo-se fiel

a lei mosaica, em sua essência e princípios, Gamaliel foi capaz de reconhecer no Cristo o messias prometido.

Estaremos aptos a recebermos o amor do Cristo em nossos corações a medida que soubermos cultivar virtudes em nossas vidas. A transformação que almejamos e que Paulo foi capaz de realizar não é passe de mágica ou fato imediato, mas requer lapidação. A forja sublime da dor nos impulsiona, mas também o amor é convite constante. Temos a escolha, a opção. Paulo optou pelo caminho mais difícil, porém, tinha a firme convicção de que estava agindo corretamente, lição que nos chama a reflexão.

Pincelemos um outro versículo e sondemos no livro algumas lições: *“Considerai isto: se o senhor da casa soubesse em qual hora vem o ladrão, não deixaria sua casa arrombada. Também vós estejais preparados, porque na hora em que não pensais vem o filho do homem.”*

Vejamos um pouco a história de Samonio, amigo de Gamaliel, que este encontra na Casa do Caminho: *“— Ah! senhor, como Job, vi meu corpo apodrecer entre os confortos de minha casa; Jeová em sua sabedoria reservava-me longas provanças. Denunciado como leproso, em vão solicitei socorro dos filhos que o Criador me concedeu na mocidade. Todos me abandonaram. Os familiares deram-se pressa em partir deixando-me sozinho. Os amigos que se banqueteavam comigo, em Cesaréia, fugiram sem que os pudesse ver. Fiquei só e desamparado. Um dia, para suprema desesperação da minha desdita, os executores da justiça procuraram-me para notificar a sentença cruel. Combinados entre si, a conselho da iniquidade, meus filhos destituíram-me de todos os bens, assenhorearam-se de minhas posses e dos títulos em dinheiro, que representavam a esperança de uma velhice honesta. Por fim e para cúmulo de sofrimentos, conduziram-me ao vale dos imundos, onde me abandonaram como se fora um criminoso sentenciado a morte. Senti tanto abandono e tanta fome, experimentei tamanhas necessidades, talvez pela minha vida passada no trabalho e no conforto, que fugi do vale dos leprosos, fazendo longa jornada a pé, esperançoso de encontrar em Jerusalém as amizades valiosas de outrora.” (...)* *“— Empreendi a viagem, mas tudo conspirou contra mim. Em breve os pés chagados não podiam caminhar. Arrastava-me como podia, cheio de cansaço e sede, quando um carroceiro humilde, apiedado, me colheu e trouxe a esta casa, onde a dor encontra um consolo fraternal.”*

Não foi Samônio assaltado pelos seus? A dor chegou em sua vida em hora inesperada, perdeu tudo, foi abandonado. Mas eis o Cristo, que veio para os pobres e necessitados, “na hora em que não pensais, vem o filho do homem”.

Mais a frente, quando Gamaliel afirma que reconhece o trabalho generoso dos trabalhadores do Cristo, mas, ainda sim não o entende como o Messias, Samônio faz considerações de muito valor: *“— Se eu estivesse com saúde, plenamente identificado com a família e no gozo dos bens que conquistei com esforço e trabalho, talvez duvidasse também dessa realidade confortando-a, Mas estou prostrado, esquecido de todos e sei quem me deu mão amiga. Como israelitas, amantes da Lei de Moisés, temos esperado um Salvador na pessoa mortal de um príncipe do mundo; contudo, essa crença há de prevalecer para uma situação passageira. São ilusórios preconceitos, esses que nos levam a induzir uma dominação de forças perecíveis. A enfermidade, porém, é conselheira carinhosa e esclarecida. De que nos valeria um profeta que salvasse o mundo para depois desaparecer entre as misérias anônimas de um corpo apodrecido? Não está escrito que toda iniquidade perecerá? E onde está o príncipe poderoso da Terra que domine sem a garantia das armas? O leito de dor é um campo de ensinamentos sublimes e luminosos. Nele, a alma exausta vai estimando no corpo a função de uma túnica. Tudo o que se refira à vestimenta vai perdendo, conseqüentemente, de importância. Persevera, contudo, a nossa realidade espiritual. Os antigos afirmavam que somos deuses. Na minha situação atual tenho a per feita impressão de que somos deuses projetados num turbilhão de pó. Apesar das chagas pustulentas que me segregaram das afeições mais queridas, penso, quero e amo. Na câmara escura do sofrimento, encontrei o Senhor Jesus, para compreendê-lo melhor. Hoje creio que seu poder dominará as nações, porque é a força do amor triunfando da própria morte.”*

Meus amigos, aqui a costumeira pausa para um café, uma água...reflitamos um pouco, lembremos de quando a vida nos pegou de surpresa, quando a dor bateu em nossa porta, nos chamando a novos rumos.

Como Gamaliel reagiu? Pensemos que, em contraponto com o trecho evangélico, ele é o servo vigilante, que está preparado para a boa nova: *“— Reconheço que falas com muita sabedoria. Se é incontestável que estou numa idade em que não seria útil alterar os princípios, não posso manifestar-me contrário às tuas suposições, pois estou bem de saúde, gozo o carinho dos meus e tenho vida tranquila. Minha faculdade de julgar, portanto, tem de operar noutro rumo. Sim, é justo — retrucou Samônio,*

inspirado —, por enquanto não estais precisando de um salvador. Eis por que o Cristo afirmava que viera para os doentes e para os aflitos. (...)— Talvez tenhas razão. Estudarei o teu Cristo.”

Precisamos do Cristo? Reconhecemo-nos como doentes e aflitos, carecedores de seu amor, sua paz e a da esperança que a boa nova nos traz? Necessitaremos esperar a escola da dor para mudar o rumo de nossas vidas?

Vejamos um outro trecho de Lucas: *“Se aquele servo disser em seu coração. Meu Senhor tarde para vir! E começar a espancar os servos e as servas, a comer, a beber e a embriagar-se, virá o senhor daquele servo em dia que não espera e em hora que não sabe, o cortará em dois e colocará a porção dele com os infiéis.”*

Reconheçamos, então, a figura de Saulo, como o servo infiel, que não se prepara, não se mantém vigilante, lembremos no início a descrição de Emmanuel dos sentimentos que dominavam Saulo. Vejamos, então, as advertências de Samonio faz a Saulo, que apesar de sentir-se diferente, refuta os sentimentos nobres que lhe são inspirados e prossegue em perseguição aos trabalhadores do Cristo: *“—O homem da Lei não precisa prestar contas senão a Deus, quando no exato cumprimento dos seus deveres; mas, nesta casa, falam os códigos de humanidade. Para vós eu sou imundo, mas para Simão Pedro sou um irmão. Prendeis os bons e libertais os maus! Onde a vossa justiça? Credes somente no Deus dos exércitos? É indispensável saberdes que se o Eterno é o fator supremo da ordem, o Evangelho nos ensina a buscar em sua providência o carinho de um Pai. Em ouvindo aquela voz digna, que fluía da miséria e do sofrimento como um apelo de desesperação, Saulo quedara-se admirado. O mendigo, entretanto, depois de longa pausa, prosseguia resolutivo:*

— Onde estão vossas casas de arrimo aos oprimidos da sorte? Quando vos lembrastes de um asilo para os mais infelizes? Enganai-vos se supondes inércia em nossa atitude. Os fariseus levaram Jesus ao Calvário da crucificação, privando os necessitados de sua presença inefável. Por haver praticado o bem, Estevão foi metido no cárcere. Agora, o Sinédrio requisita os Apóstolos do “Caminho”, retribuindo-lhes a bondade com a escuridão do calabouço. Mas estais equivocados. Nós, os miseráveis de Jerusalém, haveremos de lutar convosco. De Simão Pedro nós disputaremos a própria sombra.”

A lição de outrora que Saulo refutou, também hoje é convite para reflexão de nós outros. Como estamos conduzindo nossas vidas? O que nos é importante e que nos ocupa nas 24 horas diárias que Deus nos concede?

Não é fácil a percepção das mudanças necessárias. Muitos de nós aguardaremos a escola da dor para nos dar novas lentes para a vida, mas, talvez, tenhamos a sabedoria de Gamaliel, talvez saibamos parar e refletir, rever e mudar.

Temos, então, no versículo 48 o encerramento da parábola: *“A todo aquele que muito foi dado, muito lhe será requerido, e ao que muito foi confiado, ainda mais lhe será pedido.”*

No Livro da Esperança, Emmanuel comenta este versículo, e é com ele que encerramos a lição:

Lição 57 – Para e pensa

“Se a perturbação, por ventania gritante, ruge à porta, não te entregues aos pensamentos desordenados que aflições e temores te sugeriram à alma. Pára e pensa.

Escorregaste no erro e experimentas a inquietação decorrente da falta cometida, como se te imobilizasses na vertigem permanente da queda...

Aceitaste o alvitre de ilusões ardilosas e tomaste caminho inverso, reconhecendo-te na condição de alguém, cujo veículo dispara em declive ameaçador, no rumo do abismo...

Superestimaste as próprias forças e assumiste compromissos, acima da própria capacidade, lembrando um discípulo injustamente aguilhoado num teste de competência, para o qual se encontra ainda imaturo...

Viste companheiros queridos, internados em labirintos de sombra, assestando baterias contra a lógica, a te depreciarem o culto à sinceridade e trazes, por isso, o coração arpoado por doloroso desencanto. . .

Sofreste perdas consideráveis e guardas o espírito, à feição de barco à deriva...

Distorceste o raciocínio, sob o efeito de palavras loucas, desfechadas no ambiente em que vives e cambaleias, qual se tivesses o ânimo ferroadado por dardos de fogo e fel.

Recorda, porém, que pacificação e reajuste são recursos de retorno à tranquilidade e à estrada certa.

Entretanto, recuperação e paz em nós reclamam reconhecimento do dever a cumprir.

A vista disso, se desatinos dessa ou daquela procedência te visitam a alma, entra em ti mesmo e acende a luz da prece, reexaminando atitudes e reconsiderando problemas, entendendo que a renovação somente será verdadeira renovação para o bem, não à custa de compressões exteriores, mas se projetarmos ao tear da vida o fio do próprio pensamento, intimamente reajustado e emendado por nós.”

Que Jesus nos auxilie para o verdadeiro aprendizado, sejamos fieis ao Mestre e ao ensino do evangelho.

Campo Grande – MS, 28.06.2014.

Candice Günther

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 7 – Terceira Parte

Sob a luz do Evangelho de Lucas, Cap. 16:1-8 16, estudaremos o Capítulo 7 da Segunda Parte – As Epístolas.

Antes de iniciar o estudo propriamente dito, quero lhes dizer que a espiritualidade superior é tão surpreendente, e encantadoramente surpreendente, que adentrar nestes mundos através do estudo, ainda que brevemente, para só vislumbrar o que lá acontece, é um banquete para nossa alma imortal.

O trecho evangélico trata da Parábola do Administrador, um trecho de difícil interpretação, em que Jesus novamente causa um choque nos ouvintes ao exaltar um administrador declaradamente desonesto. Pois não é um choque também termos Paulo, antes Saulo, como o vaso escolhido? Escolhido para que? Pois é justamente o que veremos neste capítulo 7, Paulo escreveu as epístolas, fontes de evangelização do mundo no decorrer destes mais de dois mil anos. O maior perseguidor dos cristãos, torna-se também o maior divulgador do evangelho do Cristo. Só em Jesus e no seu profundo amor isso é possível, e esta perspectiva é belíssima!!! Vamos ao estudo.

Inicia o Cap. 7 narrando as peregrinações de Paulo, evangelizando, mas também buscando auxílio à Igreja de Jerusalém, a fim de que se

tornasse independente, livre dos fariseus que impunham suas tradições e rituais.

Paulo estava doente, seria mais fácil realizar alguns trechos pelo mar, ele optou por ir caminhando e evangelizando: *“Sempre tive a convicção de que Deus tem pressa do serviço bem feito. Se isso constitui uma característica de nossas mesquinhas atividades nas coisas deste mundo, como adiar ou faltar com os deveres sagrados de nossa alma, para com o Todo-Poderoso?”*

Lembremos, então, que estamos sob a perspectiva da Parábola do Administrador. Vejamos um trecho das notas da Bíblia do Peregrino: *“E o administrador de um rico abastado. Acusam-no de má administrado, e pela ação do amo deve-se deduzir que a acusação foi comprovada. O castigo lógico é demiti-lo imediatamente. Assim, ele que vivia folgadoamente enfrenta uma emergência. Este dado é capital. Como homem entendido em negócios se detém a calcular e buscar saídas para a emergência, dentro do sistema econômico em que se move e conhece por dentro.”*

Eis a emergência, a crise na Igreja do Caminho. Este é o motivo da viagem de Paulo. Retornar a Jerusalém, auxiliar Pedro e Tiago, amparar a Igreja do Caminho. Então, podemos ter também uma outra perspectiva, Tiago administrava a Igreja do Caminho, e agora estava numa situação difícil. A animosidade de outrora com Paulo precisou ser deixada de lado por um bem maior. Lembrando também, que na Narrativa da Viagem a Jerusalém, Jesus também movimenta-se para retornar a Jerusalém.

Coloquemo-nos, então, na perspectiva de administradores. Cada um de nós, administradores deste mundo, administradores das riquezas que recebemos, administradores da doutrina espírita, do evangelho redivivo. Tal qual Paulo, Tiago, e todos os envolvidos nesta belíssima narrativa, temos tarefas a realizar. Certamente, estamos as desempenhando bem abaixo do que era esperado. Qual a solução? Qual o caminho a que seremos convocados a trilhar, em testemunho?

Os primeiros tempos foram árduos, difíceis e, por isso, fartos de sacrifícios supremos dos homens de boa vontade. *“Aqueles martírios em comum eram apresentados como favores de Jesus, como títulos eternos da sua glória. Quem ama inquieta-se por dar alguma coisa e os que amavam*

o Mestre sentiam-se extremamente venturosos em sofrerem algo por devotamento ao seu nome.”

Os trabalhadores de Jesus, administradores da boa nova, “*sentiam-se extremamente venturosos em sofrerem algo por devotamento ao seu nome*”. E nós outros, ante as dificuldades do caminho, como temos nos portado? Queixas, dúvidas, questionamentos, inseguranças? Amamos o Cristo e seu evangelho? Talvez seja a hora de refletirmos que a medida do nosso amor está também associada a nossa capacidade de sacrifício por algo ou alguém.

Avancemos!

Pincelemos um trecho de Lucas, segundo a Bíblia do Peregrino: “*Presta-me contas de tua administração, pois não poderás continuar no cargo. o administrador pensou: O que vou fazer, agora que o patrão me tira o cargo? Não tenho forças para cavar; pedir esmolas me da vergonha.*”

O que fazer ante as dificuldades do caminho? Quando cometemos equívocos, quando a vida nos convida a uma prestação de contas, ao resgate, à reparação de males de outrora?

Como Paulo agiu ante as dificuldades? Vejamos um trecho: “*Sentindo-se em dificuldades para tudo atender com a presteza devida, chamou novamente Silas e Timóteo para a cooperação indispensável.*”

Após a mudança de rumo na estrada de Damasco, Paulo iniciou uma jornada ascensional de aproximação do Cristo e do Deus Pai, pregou, foi preso, torturado, mas sempre uma mão amiga lhe alcançou. É interessante pensar que esta também é a solução da parábola, que o administrador encontra, granjear amigos, para que se fosse efetivamente demitido, tivesse quem o recebesse e não ficasse desamparado. E como o fez? Como conquistou estes amigos? Sendo bom com eles, perdoando-lhes as dívidas.

Pensando, ainda, na questão de administradores, reflitamos um pouco na condição do povo de Israel. Lembremos das lições do livro A Caminho da Luz que nos fala deste povo: “*Dos Espíritos degradados na Terra, foram os hebreus que constituíram a raça mais forte e mais homogênea, mantendo inalterados os seus caracteres através de todas as mutações. Examinando esse povo notável no seu passado longínquo, reconhecemos que, se grande era a sua certeza na existência de Deus, muito grande também era o seu orgulho, dentro de suas concepções da*

verdade e da vida. (...) Antes de abandonar as lutas da Terra, na extática visão da Terra Prometida, Moisés lega à posteridade as suas tradições no Pentateuco, iniciando a construção da mais elevada ciência religiosa de todos os tempos, para as coletividades porvindouras.”

Moisés iniciou, devemos a este povo muitos dos ensinamentos que acolhemos hoje em nossos corações. E foi no seio deste povo que Jesus nasceu, e também foram judeus, agora convertidos, que nos trouxeram a mensagem da boa nova. Paulo, antes de tudo, era judeu, e no melhor estilo e grandiosidade daquela raça, era fariseu. Porém, ante o chamado do Cristo, soube abraçar a missão de seu povo e continuar a divulgação da palavra divina que queria alcançar todos os povos. Eis novamente a perspectiva de “granjear amigos”. **O evangelho é lição de fraternidade**, de nos irmarmos e toda ação que promover separação, destaque, grupos diferenciados deve merecer nossa atenção e cuidado.

Ante a recusa do povo de Corinto, Paulo os adverte: *“Até agora, em Corinto, procurei dizer a verdade ao povo escolhido por Deus para o **sagrado depósito da unidade divina**; mas, se não a aceitais desde hoje, procurarei curarei os gentios!... Caiam sobre vos mesmos as injustas maldições lançadas sobre o nome de Jesus Cristo!”*

E as tarefas de Paulo eram imensas, levar a boa nova aos corações, como fazê-lo? Pois vem Jesus a lhe consolar, e a lhe dizer: *“Doravante, Estevão permanecerá mais conchegado a ti, transmitindo-te meus pensamentos, e o trabalho de evangelização poderá ampliar-se em benefício dos sofrimentos e das necessidades do mundo.”* Vítima e verdugo reunidos em amor fraterno, para divulgar a lição do evangelho.

Com o auxílio de Estevão, iniciaram-se as Epístolas, que tanto nos ensinam até os tempos atuais, e, ainda, sob e perspectiva de **granjear amigos**, vemos: *“Percebendo o elevado espírito de cooperação de todas as obras divinas, **Paulo de Tarso nunca procurava escrever só**; buscava cercar-se, no momento, dos companheiros mais dignos, socorria-se de suas inspirações, consciente de que o mensageiro de Jesus, quando não encontrasse no seu tono sentimental as possibilidades precisas para transmitir os desejos do Senhor, teria nos amigos instrumentos adequados.”*

Lição de humildade, saber que não detemos o conhecimento ou a sabedoria, mas que somos mais e melhores quando unidos, dispostos a ouvir o outro, verdadeiramente, com interesse sincero. Ouvidos de quem quer aprender, porque se percebe incompleto e imperfeito.

Uma outra convergência que o capítulo nos oferece e que guarda conexão com o texto evangélico é em relação aos participantes da igreja de Corinto: *“A instituição progredia a olhos vistos. Aliando-se à generosidade de Tito Justo, outros romanos de fortuna aproximaram-se do Evangelho, enriquecendo a organização de possibilidades novas. Os israelitas pobres encontravam na igreja um lar generoso, onde Deus se lhes manifestava em demonstrações de bondade, ao contrário das sinagogas, em cujo recinto, em vez de pão para a fome voraz, de bálsamo para as chagas do corpo e da alma, encontravam apenas a rispidez de preceitos tirânicos, nos lábios de sacerdotes sem piedade.”*

Paulo foi preso e a sua defesa foi realizada por este amigo romano, Tito Justo, novos amigos, irmanados no amor do Cristo. Mas veja que interessante a postura de Paulo em relação ao acusador, Sóstenes: *“Sóstenes entrou a falar com grande aprovação dos judeus presentes. Acusava Paulo de blasfemo, desertor da Lei, feiticeiro. (...) Foi então que Paulo, surgindo no topo da escaleta, bradou: — Irmãos, apaziguai-vos por amor ao Cristo!... A exortação caiu em cheio sobre a turba numerosa e tumultuária. O efeito foi imediato. Cessaram os rumores e os improperios. Os últimos contendores paralisaram os braços inquietos. O convertido de Damasco correu pressuroso em socorrer Sóstenes, cujo rosto sangrava.”*

As mesmas acusações que lançara outrora a Estevão, agora lhe são dirigidas. Belíssima a lição, perceber a postura de Paulo que soube ter compaixão do acusador pois reconhecia nele o que tinha sido outrora. Soube ser misericordioso com o acusador, pois já havia sentido em sua vida e em seu coração a misericórdia do Pai.

Paulo segue viagem, vai a Éfeso, em auxílio de João na edificação da Igreja do Cristo. Depois seguiu para Jerusalém, encontrando-se com Pedro, entregou-lhe o que arrecadara, possibilitando, assim, uma maior independência da Igreja do Caminho. Lições múltiplas de auxílio e de perdão. Perfeita consonância com as lições do evangelho.

Não somos possuidores, tudo pertence ao Pai Maior e, apenas, por acréscimo de sua misericórdia em nossas vidas, ele nos faz administradores de suas posses materiais. Quando nos colocamos na posição de mordomos, servidores apenas, estamos aptos, então, a granjear outros tesouros, aqueles que são imperecíveis e que irão alimentar nossa alma para todo o sempre.

Paulo soube como poucos interiorizar a lição do Cristo, que seu exemplo nos inspire: *“Nasci para uma luta sem tréguas, que deverá*

prevalecer até ao fim dos meus dias. Antes de encontrar as luzes do Evangelho, errei criminosamente, embora com o sincero desejo de servir a Deus. Fracassei, muito cedo, na esperança de um lar. Tornei-me odiado de todos, até que o Senhor se compadecesse de minha situação miserável, chamando-me às portas de Damasco. Então, estabeleceu-se um abismo entre minha alma e o passado.”

Temos, ainda, um último aspecto que o Capítulo 7 de Paulo e Estevão nos apresenta e que podemos explorar dentro desta perspectiva do evangelho. Paulo está viajando, evangelizando, sonha ir para a Espanha, então recebe uma carta de Tiago, rogando auxílio ante as dificuldades que a Casa do Caminho passou a atravessar. Vejamos um trecho: *“Paulo de Tarso terminou a leitura e lembrou o passado. Com que direito lhe fazia o Apóstolo galileu semelhante pedido? Tiago sempre se colocara em posição antagônica. Em que pesasse à sua índole impetuosa, franca, inquebrantável, não podia odiá-lo; entretanto, não se sentia perfeitamente afim com o filho de Alfeu, a ponto de se tornar seu companheiro adequado em lance tão difícil.”*

Pensem em Tiago na posição do administrador, que não atuou corretamente e que agora precisa recorrer ao auxílio de outros, nem tão amigos assim, eis que havia uma certa animosidade entre Paulo e Tiago como vimos anteriormente. Como Paulo resolveu a questão? Observemos que ele sonda seus sentimentos, e busca a resposta na prece e no evangelho. O convite do Mestre, então, é uma grande lição e oportunidade: *“Concilia-te depressa com o teu adversário”*.

E Paulo, então, coloca-se na posição de devedor, de alguém que é chamado para resgatar uma dívida, não com Tiago, mas consigo mesmo, com seu passado: *“Recordou a juventude e a longa perseguição que chegara a mover contra os discípulos do Crucificado. Teve a nítida recordação do dia em que efetuara a prisão de Pedro entre os aleijados e os enfermos que o cercavam, soluçantes. (...) Em outros tempos, fomentara a confusão, privara-os da assistência carinhosa de Estevão, iniciara banimentos impiedosos. Muitos doentes foram obrigados a renegar o Cristo em sua presença, na cidade dos rabinos. Não seria aquela a ocasião adequada para resgatar a dívida enorme?”*

E Paulo segue, então, para Jerusalém. É neste capítulo que encontraremos a belíssima referência de sua passagem por Éfeso, onde a própria Maria, mãe de Jesus, vai despedir-se. Paulo caminhou, evangelizou, resgatou suas dívidas e tornou-se um rico exemplo para nós outros de conduta, de refazimento. Experenciou a mensagem do evangelho: Lucas

16:16: *“Até João, a Lei e os Profetas. Desde então, o Reino de Deus está sendo evangelizado, e todo (aquele) que se esforça (entra) nele.”* Poderíamos, talvez, dizer...até Damasco, a Lei e os Profetas, desde então, trabalho árduo evangelizando o mundo.

Grata Paulo, as lições de tua vida são valores e convites imorredouros para nossas almas recalcitrantes, nós nos colocamos como aquelas crianças e velhos que de joelhos em Éfeso prestaram as últimas homenagens ao teu coração amoroso rogando a Jesus que te amparasse.

Se estamos aqui hoje, somos devedores dos irmãos de outrora, saibamos reconhecer nossa dívida, saibamos que sem a misericórdia divina não seremos capazes de quitar nossos débitos e, acima de tudo, trabalhemos no bem e no amor, lembrando-nos que Jesus nos convida a sermos administradores, porém, a mensagem do evangelho nos recorda da nossa imensa dívida.

Encerramos mais este trecho, com profunda gratidão e emoção.
Abraços fraternos.

*Campo Grande – MS, 02.07.2014
Candice Günther*

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 7 – Quarta Parte

Encerrando o estudo desta sétima parte, em que vimos as convergências dos capítulos de Paulo e Estevão de número 7, bem como suas relações com a passagem evangélica de Lucas, estudaremos nesta etapa os dois trechos de Lucas, 12:35-39 e 16:1-8, 16, que tem o tema central: O Reino ainda não veio, e já veio. (referências extraídas do livro *Parábolas de Jesus – Texto e Contexto* de Haroldo Dutra Dias).

Olhar estes textos de forma paralela, estudá-los juntos, buscando o que tem em comum e no que diferem nos dá uma perspectiva diferente e,

muitas vezes, mais ampla. Os livros da Bíblia estão cheios destes paralelos, ora ordenados, ora invertidos e demonstram o costume de um povo de cultura riquíssima e com ensinamentos sobre Deus e sobre a humanidade que não podemos ignorar ou desmerecer.

Lucas 12:35-39	Lucas 16:1-8, 16
<i>Prestar contas a Deus/a um senhor</i>	
Bem-aventurados aqueles servos a quem o Senhor encontrar vigiando, quando vier.	Havia certo homem rico que tinha um administrador (...) presta contas da tua administração

Vivemos com certa liberdade, dentro de uma sociedade que nos impõe algumas regras e princípios, então, a liberdade tem certa limitação. Porém, dentro do espaço em que decidimos e delimitamos, onde produzimos nossas opções e escolhas seremos chamados a prestar contas. O que fazemos e o que deixamos de fazer faz parte do legado que levaremos conosco. Por muito tempo, porém, este sentimento de “prestar contas” gerou em nós culpa e medo, sentimentos que ora paralisam, ora nos encaminham para atitudes de grande equívoco. Caminhemos, então, com o evangelho nesta perspectiva de prestar contas e, principalmente, estar preparado para prestar contas do que se fez e do que se deixou de fazer.

Lucas 12:35-39	Lucas 16:1-8, 16
<i>Em qual tempo teremos que prestar contas?</i>	
Considerai isto: Se o Senhor da casa soubesse em qual hora vem o ladrão, não deixaria sua casa ser arrombada. Também vós estejais preparados, porque na hora em que não pensais vem o filho do homem.	O administrador disse a si mesmo: Que farei, já que meu senhor está tirando de mim a administração?

Tudo o que temos e somos o recebemos de Deus, sabemos disto, apesar de raramente vivermos com esta consciência. Porém, a vida nos chama a reflexões constantes, seriam avisos para a prestação de contas que seremos chamados a realizar. Percebemos isto? Ante a dor, uma doença,

uma perda, qual a nossa postura, nossos pensamentos? Lembremos do exemplo de Paulo, que mesmo decorridos muitos anos, nunca esqueceu de seus erros nos tempos de fariseu ante a Igreja do Caminho.

A grande questão é que Paulo assumiu seu erro e o declarava, mas não se ateve na culpa, foi além, responsabilizou-se pelos seus desenganos e voltou toda a sua vida para tentar reparar, reconstruir e servir ao Cristo e a sua mensagem evangélica.

Talvez perguntemos como o administrador infiel: “Que faremos?” Não sabemos quando a vida nos pedirá contas de nossas ações, o tempo é de Deus e pode vir “parcelado” ou através de uma mudança de rumo, o certo é que precisamos nos preparar, agir.

Prossigamos.

Lucas 12:35-39	Lucas 16:1-8, 16
<i>A perspectiva da fidelidade</i>	<i>A perspectiva da infidelidade</i>
Então, quem é o administrador fiel e prudente que o senhor constituirá sobre os seus serviçais, para dar-lhes porção de trigo a seu tempo?	Não sou capaz de cavar, tenho vergonha de mendigar. Eu sei o que farei para que quando for removido da administração, me recebam em suas casas.

Talvez pudéssemos pensar um pouco em Estevão e Paulo como contrapontos destas duas situações fidelidade e infidelidade ante a Lei Divina. Encontraremos em Estevão uma capacidade de manter-se sereno ante as vicissitudes da vida, de viver de acordo com a lei de seu povo sem jamais perder-se em atitudes de orgulho, ou vaidade, ou ira. Mas se olharmos Paulo, o veremos como um homem fiel também, não é mesmo? Ele velava pelo cumprimento da lei mosaica e agia como os costumes da época o esperavam. O que deu errado? Por que ele se embrenhou na perseguição e não reconheceu o messias?

Pensemos em nós, o que nos torna infiéis? Quando deixamos de administrar as bênçãos que Deus nos confia e passamos a agir como se tudo nos pertencesse e para sempre? São perguntas que caberá a cada um meditar e responder, podemos apenas, meditar sobre nossos caminhos e os caminhos de outros irmãos, como Paulo e Estevão, serão lições a serem observadas para que surja em nós um despertar.

Infelizmente, a maioria de nós não está na posição de Estevão, que por estar próximo do Pai e da lei divina, reconheceu nos ensinamentos do evangelho o messias prometido na primeira oportunidade, quando adentrou na Casa do Caminho. Em geral, estamos distraídos com as coisas materiais e não nos apercebemos que este é só um caminho de nossa estrada imortal, um pequeno trecho.

Então, para quem é fiel, como o foi Estevão, a questão encerra-se aqui, se ele é fiel, quando a vida lhe chama a prestar contas, que alegria, estará tudo certo. Estevão trabalhou, sofreu, resignou-se e quando Cristo o chamou, deu seu testemunho de fé. Eis um modelo que mal conseguimos entender.

Porém, a maioria de nós deverá seguir mais um pouco, andar com o administrador infiel e olhar suas ações de reduzir a dívida dos agricultores e buscar entender o motivo que fez o administrador o elogiar: *“E o senhor elogiou o administrador da injustiça, porque ele agiu prudentemente.”*

A atitude de perdoar dívida alheia não apenas lhe trouxe novos afetos como foi prova de que contava com a misericórdia do seu senhor. E este é um aspecto que Jesus quer ensinar nesta parábola. A medida em que temos agido com os outros é a medida que também percebemos o amor de Deus (perdoai as nossas ofensas assim como temos perdoado a quem nos tem ofendido). Quanto mais amamos, mais nos sentimos amados pelo Pai Criador.

Este ensino de Jesus é de uma profundidade e beleza que não podemos deixar de refletir. Pensemos, um administrador nos padrões do que entendemos como correto, apenas demitiria o empregado. Porém, na parábola, ele o elogia. Como Deus age conosco? Esta parábola, amigos, trata também da misericórdia divina para com as nossas falhas. Se pensarmos que está tudo perdido e iremos para um inferno eterno, que esperança encontraremos para nossas vidas ainda tão desregradas? E para os que amamos profundamente e que ainda se encontram em caminhos de equívoco e egoísmo? Pensar em recomeços, em perdão, em novos amigos, isto nos dá esperança. Não somos bons, só Deus é bom, mas a chance de recomeçar e aprender nos dá a perspectiva de um futuro mais feliz e melhor.

Encerramos estas pequenas reflexões com a lição de Emmanuel no livro Pão Nosso – 112, em que comenta um dos versículos estudados.

“(…) O Mestre situou o tabernáculo sagrado no coração do homem. Mais que ninguém, o Salvador identificava-nos as imperfeições e, evidenciando imensa piedade ante as deficiências que nos assinalam o espírito, proferiu as divinas palavras que nos servem ao estudo. Conhecendo-nos os desvios, asseverou, em síntese, que devemos aproveitar os bens transitórios, ao alcance de nossas mãos, mobilizando-os na fraternidade legítima para que, esquecendo os crimes e ódios de outro tempo, nos façamos irmãos abnegados uns dos outros. Valorizemos, desse modo, a nossa permanência nos serviços da Terra, na condição de encarnados ou desencarnados, favorecendo, por todos os recursos ao nosso dispor, a própria melhoria e a elevação dos nossos semelhantes, agindo na direção da luz e amando sempre, porquanto, dentro dessas normas de solidariedade sublime, poderemos contar com a dedicação de amigos fiéis que, na qualidade de discípulos mais dedicados e enobrecidos que nós, nos auxiliarão efetivamente, acolhendo-nos em seus corações, convertidos em tabernáculos do Senhor, ajudando-nos não só a obter novas oportunidades de reajustamento e santificação, mas também endossando perante Jesus as nossas promessas e aspirações, diante da vida superior.”

Abraços fraternos, com imensa gratidão.

Campo Grande – MS. 05.07.2014.

Candice Günther

Estrutura 8

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 8 – Primeira Parte

Estudar um livro é sempre um momento de muita alegria para aqueles que encontraram no ato de adquirir conhecimento uma fonte inefável de prazer e contentamento. Se olhar para trás não encontrarei outro momento em que a entrega ao estudo tenha sido tão profunda quanto esta, e por isso, sou imensamente grata.

A visão de Paulo e Estevão é belíssima, suas histórias, suas lições, seus ensinamentos, quantos de nós os temos não uma, mas várias vezes, e cada uma destas leituras é como se fosse a primeira, novas descobertas, novos aprendizados. Pois imaginem a beleza que este estudo proporciona. Estamos entrelaçando este livro com algo escrito há 2000 anos atrás, são obras que conversam de uma forma belíssima, como complemento uma da outra. E se, ao ler minhas linhas, teu coração sentiu algo, o convite é para que você mesmo experimente, não fique adstrito às minhas pequenas e simples impressões, faça você, olhe, compare, experimente, é um caminho maravilhoso. Como aquele viajante que esteve num lugar de raríssima beleza, venho ao teu coração e faço o convite, visite também este lugar, esta forma de estudo e prove das belezas que a espiritualidade tem preparado para nós. Comparando, ainda, a uma viagem, ler meus textos seria como olhar as fotos, estudar é ir para este lugar de sublime beleza.

Iniciamos, então, a estrutura de número 8, os dois capítulos da primeira e segunda parte, espelhados, nos mostrando perspectivas de Saulo e Paulo, a mesma alma, duas vidas. O primeiro em franca queda, dominado pelo orgulho, pela ira, distanciando-se do Pai e do propósito divino para sua vida. Na segunda parte, Paulo, em redenção, de volta a Casa do Caminho, agora com o Cristo em seu coração, disposto a sacrifícios sublimes.

Começamos com Paulo, no cap. 8 da segunda parte, conversando com Tiago: *“Paulo de Tarso escutava-o extremamente sensibilizado. Dono de luminoso cabedal evangélico, entendia chegado o momento de*

*testemunhar seu devotamento ao Mestre, justamente através do mesmo órgão de perseguição que a sua ignorância engendrara em outros tempos. Naqueles minutos rápidos, **sutilizou a mnemônica e lobrigou os quadros terríveis de outrora...***”

Quais as lembranças de Paulo neste momento? Justamente as que estão relatadas no Cap. 8 da primeira parte, o ápice da perseguição aos seguidores do Cristo, a prisão de Estevão e seu martírio ante o Sinédrio. *“Entestando as revocações encapeladas, passou ao quadro da morte horrível de Estevão com as pedradas e insultos do povo; reviu Pedro e João abatidos e humildes, à barra do Tribunal, como se fossem malfeitores e criminosos. Agora, ali estava ele perante o filho de Alfeu, que nunca o compreendera de forma integral, a falar-lhe em nome do passado e em nome do Cristo, como a concitá-lo ao resgate de suas derradeiras dívidas angustiosas.”*

E com estas lembranças de outrora em seu coração, Paulo estava pronto para sofrer pelo Cristo: *“... quanto a mim, por mais que me apedrejassem e ferissem, sempre julguei que era muito pouco em relação ao que me competia sofrer nos justos testemunhos.”* Mas não foi este o testemunho requerido, era o orgulho de Paulo que estava sendo trabalhado, primeiramente ao reconhecer em Tiago um irmão incompreendido, e na sequência, a imposição de cumprir rituais farisaicos na tentativa de diminuir a animosidade entre judeus e cristãos.

Vejamos lá na primeira parte, que Emmanuel nos dá traços da personalidade de Saulo que justificam a necessidade de Paulo enfrentar a humilhação imposta: *“O doutor de Tarso sentia-se orgulhoso, ao notar a admiração geral em torno de sua personalidade vibrante e carinhosa.”*

Aos olhos do mundo, mero ritual, para o seu coração, prova superior a açoites e pedradas. E nós? Quais as situações que a vida nos tem apresentado que representam dura lição? Não nos enganemos, todos somos necessitados de lições como estas, Jesus está lapidando nossos corações para que possamos adentrar no reino dos céus, livres de nossas imperfeições. Que não seja a revolta o nosso sentimento ante as adversidades da vida, cada queda é oportunidade para trabalharmos nosso orgulho, deixemos a Deus a justiça que encontrará o algoz, a nós outros, hoje, cabe toda a energia e trabalho voltados para nossa reforma íntima.

Interessante que a humilhação imposta não foi suficiente para os fariseus, surgindo, então, novas acusações. Eis, então, o resgate das dívidas de outrora, as mesmas acusações lançadas a Estevão, quando Saulo era o

acusador, agora lhe são dirigidas: “— *Basta! Apedrejemo-lo quanto antes! Morte ao imundo! Abaixo o feiticeiro! Blasfemo!... Caluniador!*”

Então, Paulo entendeu a lição: “*Entendia, agora, a sutileza das circunstâncias que o conduziam ao testemunho. Primeiramente, a reconciliação e o melhor conhecimento de um companheiro como Tiago, obedecendo a uma determinação que lhe parecera quase infantil; em seguida, o grande ensejo de provar a fé e a consagração de sua alma a Jesus Cristo. Com enorme surpresa, tomado de profundas e dolorosas reminiscências, notou que os israelitas exaltados deixavam-no à mercê da multidão furiosa, justamente no pátio onde Estevão havia sido apedrejado vinte anos atrás.*” (...) “*Sentiu-se então, envergonhado pelo suplício infligido ao irmão de Abigail, oriundo de suas próprias iniciativas. Somente agora, atado ao poste do sacrifício, compreendia a extensão do sofrimento que o fanatismo e a ignorância causavam ao mundo.*”

Importante pararmos um pouco para refletir, para olhar nossas vidas. Quantas e quantas vezes só alcançamos a dimensão da dor e do sofrimento alheio quando a vida nos impõe situação similar. Somos ávidos em criticar e tecer julgamentos de certo ou errado, mas nunca estamos em condições de verificar o sentimento que vai ao coração do que erra. Eis a razão do ensino do Cristo para que não julguemos e para que perdoemos sempre.

Há, ainda, um aspecto muito interessante que aproxima Paulo e Estevão, unindo estes dois capítulos em uma lição. O olhar sereno ante as duras provas enfrentadas, recebendo pedras em seu corpo, em seu rosto, sentindo o sangue escorrendo, ambos, pela confiança irrestrita no Mestre, mantiveram-se serenos. Averiguemos, então, a nossa capacidade e nossa confiança em Jesus, adquirimos já a serenidade ante as dificuldades da vida?

Emmanuel, no livro *Calma*, nos traz valioso alerta: “**Ninguém possui uma serenidade que não construiu.** Daí, o impositivo da vigilância em nós próprios. Não se trata de prevenção contra ninguém e sim de auto-governo.”

Prossigamos.

Paulo irá, então, fazer um discurso, falar aos fariseus de Jesus e do seu evangelho. Assim como outrora o fez Estevão, vejamos, então a similaridade de sentimentos e reflexões.

Cap.8 (1ª Parte) Estevão	Cap.8 (2ª Parte) Paulo
embora o semblante não traisse a peculiar serenidade.	profunda serenidade e elegância do discurso
A exaltação dos presentes	
A gritaria tomava proporções assustadoras. Alguns fariseus mais irritados, burlando os guardas, aproximaram-se de Estevão tentando arrastá-lo sem compaixão.	O momento era gravíssimo. Os mais exaltados tentaram romper o cordão dos guardas para trucidar o prisioneiro.
As dores e feridas	
Forte pancada no ombro causava-lhe intensa dor no braço todo. Compreendeu que lhe chegavam os últimos instantes de vida. A humilhação doía-lhe fundo.	As feridas doíam-lhe penosamente. Tinha as pernas doloridas e trôpegas. A túnica estava empapaçada de sangue.
A lembrança consoladora de Jesus	
Mas recordou as descrições de Simão a respeito de Jesus, no derradeiro transe. Fora açoitado, ridicularizado, ferido. Quase nu, suportara todos os agravos sem uma queixa, sem uma expressão menos digna.	Lembrou que o Mestre se imolara na cruz, sem resistir à crueldade das criaturas, mas também afirmara que o Pai não deseja a morte do pecador.

Estevão e Paulo encontram profundo consolo na exemplificação do Mestre. Saibamos, nós outros, em nossas pequenas dores e adversidades, lembrar destes primeiros trabalhadores que se arvoraram em provas duríssimas e nos permitiram o alcance da boa nova nos dias atuais.

Veremos, porém, que algo aconteceu com Paulo, sua inteligência inspirada percebeu que a sua morte não traria benefícios para a divulgação do evangelho e não se sentia digno de ter morte semelhante a Jesus ou a Estevão: *“Não podia alimentar a presunção de entregar-se como Jesus, porque somente Ele possuía bastante amor para constituir-se Enviado do Todo-Poderoso.”*

E Paulo, então, usa da prerrogativa de ser um cidadão romano para não ser morto naquele instante. É impressionante a firmeza e a clareza de entendimento que Paulo apresenta neste momento, o seu comprometimento com o evangelho do Cristo era tão profundo e verdadeiro que ele não se permitia o engano da vaidade, de se achar digno de algo, mas sobrepunha o Cristo a sua vida e a sua vontade. Lição difícil que merece nossa reflexão...cabe aqui aquela velha pausa...

Outros pontos de encontro dos dois capítulos merecem nosso destaque. Paulo recebe a visita de sua irmã, tal qual Estevão que no momento derradeiro é abraçado por Abigail. Nossos laços familiares, ainda que turvados de problemas, brigas, são imorredouros.

E, um outro ponto, que o próprio Paulo faz menção, reproduzimos no parágrafo seguinte: *“A agitação do Sinédrio dava-lhe a mesma tonalidade dos tempos ali vividos. Ali, precisamente, infligira as mais duras humilhações ao irmão de Abigail e aos prosélitos de Jesus. Era justo, portanto, esperar, agora, acerbos e remissores sofrimentos. Depois, para cúmulo de amargura, a singular coincidência: o sumo-sacerdote que presidia o feito chamava -se também Ananias! **Acaso? Ironia do destino?**”*

Retornemos, ainda, a perspectiva de Paulo em relação a morte que lhe tentavam infringir: *“Não mereço a cruz do Redentor, porque a sua auréola é gloriosa demais para mim; entretanto, os martírios todos do mundo seriam justos, aplicados ao pecador que sou. Temeis os sofrimentos porque não conheceis a vida eterna, considerais as provações como quem nada vê além destes efêmeros dias da existência humana. A política mesquinha vos distanciou o espírito das visões sagradas dos profetas!... Os cristãos, sabeis-o, conhecem outra vida espiritual, suas esperanças não repousam em triunfos mendazes que vão apodrecer com o corpo no sepulcro! A vida não é isto que vemos na banalidade de todos os dias terrestres; é antes afirmação de imortalidade gloriosa com Jesus Cristo!”*

Encontraremos, também em Estevão este sentimento elevado, de confiança e esperança: *“Nesta hora suprema, recordava os mínimos laços de fé que o prendiam a uma vida mais alta. Lembrou todas as orações prediletas da infância. Fazia o possível por fixar na retina o quadro da morte do pai supliciado e incompreendido. Íntimamente, repetia o Salmo 23º de David, qual o fazia junto da irmã, nas situações que pareciam insuperáveis. “O Senhor é meu pastor. Nada me faltará...” As expressões dos Escritos Sagrados, como as promessas do Cristo no Evangelho, estavam-lhe no âmago do coração. **O corpo quebrantava-se no tormento, mas o espírito estava tranqüilo e esperançoso**”.*

Não podemos ser indiferentes a este profundo ensinamento. A visão da vida futura nos é alicerce para todas as agruras e sofrimentos que nos possam acontecer. Peço auxílio para Kardec a fim de que nos aprofundemos um pouco nesta lição com as palavras do Evangelho Segundo o Espiritismo: *“**Por essas palavras, Jesus claramente se refere à vida futura, que ele apresenta, em todas as circunstâncias, como a meta a***

que a Humanidade irá ter e como devendo constituir objeto das maiores preocupações do homem na Terra. Todas as suas máximas se reportam a esse grande princípio. Com efeito, sem a vida futura, nenhuma razão de ser teria a maior parte dos seus preceitos morais, donde vem que os que não creem na vida futura, imaginando que ele apenas falava na vida presente, não os compreendem, ou os consideram pueris. Esse dogma pode, portanto, ser tido como o eixo do ensino do Cristo, pelo que foi colocado num dos primeiros lugares a frente desta obra. É que ele tem de ser o ponto de mira de todos os homens; só ele justifica as anomalias da vida terrena e se mostra de acordo com a justiça de Deus.”

Tenho presenciado a atitude e postura de pessoas ante as adversidades da vida e quero crer que é nítida a diferença entre aqueles que possuem a fé na vida futura, daqueles que apenas a conhecem mas ainda não interiorizaram este conhecimento. Saibamos alicerçar o nosso viver nesta base sublime oferecida pelo Cristo, só assim saberemos e sentiremos que “o seu fardo é leve e o seu jugo suave.”

Nos encaminhando para o fim desta primeira parte, é digna de nota a referência no Cap. 8 da segunda parte, vejamos um detalhe que é decisivo para o estudo que ora fazemos. Lucas recebe de Paulo as anotações que lhe serviriam de base para a construção do evangelho tal qual o conhecemos hoje na Bíblia. Eis o motivo pelo qual o livro Paulo e Estevão e o texto evangélico de Lucas encontram ligações tão profundas e momentos de encontro impressionantes, creio eu que podemos concluir, sem muito esforço, que são inspirados, ambos os livros, pelo mesmo espírito.

Seguiremos com a segunda parte, o cap. 8 e um trecho do evangelho de Lucas. Abraços fraternos!!!

*Campo Grande – MS, 11.07.2014
Candice Günther*

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 8 – Segunda Parte

Nesta etapa estudaremos o Cap. 8 da primeira parte, A morte de Estevão, sob as luzes do Evangelho de Lucas, 13:1-9, seguindo assim o roteiro da pirâmide da Narrativa da Viagem a Jerusalém que consta no livro Parábolas de Jesus Texto e Contexto (Haroldo Dutra Dias). Livros que se distanciam em 2000 anos, Paulo e Estevão e o Evangelho de Lucas, porém, que conversam e se completam em conteúdo e significado. Um presente da espiritualidade, vindo das mãos queridas de Emmanuel e Chico Xavier.

De que vale uma morte? Um martírio? O sacrifício de tantos cristãos no início dos tempos tem algum reflexo em nossa vida hoje? Se hoje desfrutamos de uma fé consoladora que nos dá um lenitivo para as dores e dificuldades cotidianas, é neste início que residem as primeiras sementes lançadas? Qual o significado da morte de Estevão para mim, para você?

Paulo dirá em uma de suas cartas: “somos devedores”, e com este pensamento, iniciamos o estudo desta etapa. Somos todos devedores!

Vejamos o texto de Lucas 13:1-5: *“ Nesse momento, alguns dos que estavam presentes relatam a ele sobre os galileus, cujo sangue Pilatos misturou com as oferendas deles. Em resposta disse-lhes: Supondes que estes galileus eram mais pecadores que todos os (outros) galileus, por terem padecido estas (coisas)? Não, eu voz digo, mas se não vos arrependerdes, todos perecereis do mesmo modo. Ou supondes que aqueles dezoito, sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, eram mais devedores do que todos os homens habitantes de Jerusalém? Não, eu voz digo, mas se não voz arrependerdes, todos perecereis similarmente.”*

Pensem nesta frase: “Supondes que estes galileus eram mais pecadores”. Busquemos, então, em Paulo um sentimento correlato, de achar-se acima, superior a Estevão, deixando-se dominar pelo orgulho que cega: *“Quanto a Estevão, tudo se fez para que voltasse ao aprisco, como descendente direto das tribos de Israel. Entretanto, a rebeldia foi a sua condenação. Insultou-me publicamente no Sinédrio, espezinhou nossos princípios mais sagrados, criticou as figuras mais representativas do farisaísmo, com ilustrações mentirosas e ingratas. E concluía:*

— De mim para comigo, estou satisfeito. Considero o apedrejamento esperado um dos feitos de mais importância para o futuro da minha carreira. Atestará meu zelo na defesa do nosso patrimônio mais estimável. Precisamos considerar que Israel, nos dias mais sombrios, preferiu a emancipação religiosa à independência política. Poderíamos, porventura,

expor nossos valores morais mais preciosos à influência deprimente de um aventureiro qualquer?”

Nossos olhos veem o que querem quando estamos tomados pelo orgulho e pela vaidade, se nossos alicerces são falsos toda a nossa conduta está prejudicada. Saulo não foi capaz de reconhecer o Cristo na mensagem evangélica de Estevão. Quantas e quantas vezes nós nos esquecemos do poder transformador do amor para nos embrenharmos nas atitudes de orgulho e egoísmo que consomem nossas vidas há tanto tempo. Eis o alerta do Cristo, arrependimento que difere da culpa, esta paraliza, o arrependimento sincero, porém, move mundos para a reparação. Nos capítulos seguintes, essencialmente da segunda parte, vemos o quanto Paulo foi capaz de amar e sofrer, reparando falhas de outrora, como a que ora estudamos.

É interessante que o texto evangélico nos convida ao arrependimento, a não nos colocarmos numa posição de superioridade, acreditando-nos melhores ou maiores que ninguém: *“Supondes que estes galileus eram mais pecadores que todos os (outros) galileus...?”*

Paulo, na posição de julgador, também espera de Estevão um arrependimento, e Abigail lhe pede um gesto de clemência na hora derradeira: *“—Em último recurso, Saulo — disse Abigail num gesto de tranqüilidade e ternura —, não deixes de oferecer ao condenado uma derradeira oportunidade para salvar-se da morte.”*

A lição, o convite a reflexão: ainda que tenhamos a firme convicção de que estamos corretos, jamais nos permitamos o julgamento de quem quer que seja. Quem de nós já não agiu como Saulo? Talvez não nos moldes do costume da época, mas trazendo para os nossos dias, para nossos ladrões, malfeitores, políticos corruptos, somos capazes de separar o ato equivocado da pessoa? Condenemos o erro, amemos o malfeitor.

Prosseguindo com o trecho evangélico, teremos, então, a Parábola da Figueira, Lucas 13:6-9: *“Dizia esta parábola: Alguém tinha uma figueira plantada em sua vinha, e ao vir procurar fruto nela, não encontrou. Disse ao vinhateiro: Há três anos venho procurando fruto nesta figueira e não encontro. Corta-a! Por que ainda ocupa inutilmente a terra? Em resposta, ele lhe disse: Senhor, deixai-a ainda este ano, até que eu cave ao redor dela e jogue adubo. Se vier a produzir fruto (bem), caso contrário a cortarás.”*

Pensemos, então, se Saulo fosse comparado a uma figueira neste exato momento, no momento em que utiliza todos os seus esforços para subjugar Estevão, como o veríamos? Vejamos alguns adjetivos para esta figueira chamada Saulo: “Saulo, como **perseguidor** declarado... o **doutor inflexível** fez a leitura do libelo... Saulo de Tarso apreciava a vibração popular, satisfeito e confortado. De qualquer maneira, a morte do pregador do Cristo representava o seu primeiro grande triunfo na conquista das atenções de Jerusalém e de suas prestigiosas corporações políticas.”

Talvez, se sondássemos nossos corações, encontrássemos o mesmo tom da parábola: **Corta-a!** Corta esta figueira que não dá frutos, que subjuga, que mata inocentes, persegue cristãos, é orgulhoso, ambicioso...tanto poderíamos falar de Paulo neste instante, não é mesmo?

Mas a parábola, amigos, prossegue, nos dando lição de misericórdia divina: “*Senhor, deixai-a ainda este ano...*” E veremos em Estevão este mesmo olhar, este mesmo gesto: “*Nesse instante, ignorando-se alvo de tão singular atenção, o pregador do “Caminho” saiu de sua impressionante imobilidade. Vendo que Jesus contemplava, melancolicamente, a figura do doutor de Tarso, como a lamentar seus condenáveis desvios, o discípulo de Simão experimentou pelo verdugo sincera amizade no coração. Ele conhecia o Cristo e Saulo não. Assomado de fraternidade real e querendo defender o perseguidor, exclamou de modo impressionante: —Senhor, não lhe imputes este pecado!.Isso dito, voltou os olhos para fixá-los no verdugo, amorosamente.*” Ouvimos, então, dos olhos amorosos de Estevão o pedido inspirado no amor verdadeiro, tal qual na parábola, o mesmo significado... “*Senhor, deixai-a ainda este ano...*”

E a parábola prossegue: “*...até que eu cave ao redor dela e jogue adubo*” Qual será o adubo utilizado? Como esta planta chamada Saulo irá mudar e produzir bons frutos? Como o amor será capaz de atingir esta armadura que ele lançou no entorno do seu coração?

Saulo conheceria a escola da dor, da solidão, ele rompe o noivado, separa-se de Abigail em momento de profunda dor para sua alma, esquecendo-se da caridade, do afeto, sobrepondo todos os seus interesses e aspirações aos dizeres do seu coração. Momento de profunda dor, que estas linhas nos trazem e nos emocionam. Que seja, também, momento de reflexão, que saibamos nos reconhecer, que tenhamos o discernimento de perceber se estamos sendo tal qual a figueira ressequida que não produz e não dá frutos.

Ainda sob a perspectiva da Figueira, poderíamos pensar, então, em Estevão, árvore frondosa, repleta de frutos de amor e misericórdia, exemplo imorredouro de conduta firme, abraçada aos ensinamentos divinos. E este exemplo seria lição para Paulo e agente de sua transformação, este amor que Estevão lhe dirigiu também iria se converter em auxílio direto na inspiração das cartas de Paulo que hoje são fonte de tantos ensinamentos para a comunidade cristã e não cristã. Belíssima lição, a da Figueira em conjunto com este capítulo de Paulo e Estevão.

Gostaria de encerrar estas simples reflexões com o canto de Abigail, quando seu irmão estava partindo, letra profunda que nos traz profunda consolação. Lembra-nos de um Pai Misericordioso que nunca nos abandonará. A lição é de amor, vinda dos lábios de Jesus, a videira não será cortada, mas adubada para que mais a frente seja tal qual Estevão, árvore frondosa.

<i>Senhor Deus, pai dos que choram, Dos tristes, dos oprimidos, Fortaleza dos vencidos, Consolo de toda a dor, Embora a miséria amarga Dos prantos de nosso erro, Deste mundo de desterro, Clamamos por vosso amor! Nas aflições do caminho, Na noite mais tormentosa, Vossa fonte generosa É o bem que não secará... Sois, em tudo, a luz eterna Da alegria e da bonança Nossa porta de esperança Que nunca se fechará. Quando tudo nos despreza</i>	<i>No mundo da iniquidade Quando vem a tempestade Sobre as flores da ilusão! Ó Pai, sois a luz divina, O cântico da certeza, Vencendo toda aspereza, Vencendo toda aflição. No dia da nossa morte, No abandono ou no tormento, Trazei-nos o esquecimento Da sombra, da dor, do mal... Que nos últimos instantes, Sintamos a luz da vida Renovada e redimida Na paz ditosa e imortal. (1) Salmo 23º, de David.</i>
---	---

Abraços fraternos e até breve com a terceira parte.

Campo Grande – MS, 17.07.2014
 Candice Günther

**Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém
 do Evangelho de Lucas**

Estrutura 8 – Terceira Parte

Avançando em nossos estudos, iremos analisar nesta etapa as relações do Cap. 8 da segunda parte do livro Paulo e Estevão e o degrau 8' da pirâmide que consta no livro Parábolas de Jesus – Texto e Contexto, de Haroldo Dutra Dias, que trata dos trechos do evangelho de Lucas que nos contam a Narrativa da Viagem de Jesus a Jerusalém, nesta etapa, então, Lucas 14:12 a 15:32.

Considerando que o trecho bíblico a ser analisado é extenso, iremos colacionar os trechos do evangelho de forma fragmentada, seguindo as divisões da Bíblia de Jerusalém, e em cada trecho analisaremos as congruências com o capítulo do livro.

*Lucas 14:12-14: “A **escolha dos convidados** — 12Em seguida disse àquele que o convidara: "Ao dares um almoço ou jantar, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem os vizinhos ricos; para que não te convidem por sua vez e te retribuam do mesmo modo. 13Pelo contrário, quando deres uma festa, chama **pobres, estropiados, coxos, cegos**; 14feliz serás, então, porque eles não têm com que te retribuir. Serás, porém, recompensado na ressurreição dos justos".”*

Paulo retorna a Jerusalém, chamado por Tiago para auxílio da Casa do Caminho que atravessava serias dificuldades. E este retorno lhe traz lembranças de seu passado, as perseguições de outrora lhe doíam na alma: *“Paulo de Tarso escutava-o extremamente sensibilizado. Dono de luminoso cabedal evangélico, entendia chegado o momento de testemunhar seu devotamento ao Mestre, justamente através do mesmo órgão de perseguição que a sua ignorância engendrara em outros tempos. Naqueles minutos rápidos, utilizou a mnemônica e lobrigou os quadros terríveis de outrora... **Velhos torturados** em sua presença, para sentir o prazer da apostasia cristã, com a repetição do voto de fidelidade eterna a Moisés; **mães de família** arrancadas de seus lares obscuros, obrigadas a jurar pela Antiga Lei, que renegavam o carpinteiro de Nazaré, abominando a cruz do seu martírio e ignomínia. Os soluços daquelas **mulheres humildes**, que abjuravam da fé porque se viam feridas no que possuíam de mais nobre, o instinto maternal, chegavam, agora, a seus ouvidos como brados de angústia, clamando resgates dolorosos. Todas as cenas antigas desdobravam-se-lhe na retina espiritual, sem omissão do mais insignificante por menor. Moços robustos, arrimos de famílias numerosas,*

que saíam mutilados do cárcere; jovens ‘ que pediam vingança, crianças que reclamavam os pais encarcerados. Entestando as revocações encapeladas, passou ao quadro da morte horrível de Estevão com as pedradas e insultos do povo; reviu Pedro e João abatidos e humildes, à barra do Tribunal, como se fossem malfetores e criminosos.

O trecho evangélico fala de uma festa e o capítulo inicia falando de recordações de tempos vividos, em que Saulo no desengano do entendimento da lei mosaica fez tantos sofrer? Festa e perseguições, o que uma tem com a outra? Olhemos para os convidados!! Quem foram os convidados que Jesus indica para a festa? Quem foram os perseguidos por Paulo? Eis o ponto que merece a nossa reflexão.

Quando desconhecia o evangelho, Paulo buscava a presença dos seus, o orgulho da raça, a superioridade do jovem atleta, doutor da lei não poderia assentar-se com os pobres e humildes, com os doentes e desvalidos. E a mensagem do Cristo lhe era loucura. Então, não os chamou para a festa da fraternidade, do amor, da alegria, mas os perseguiu, os culpou, os condenou.

A mensagem do Cristo, quando adentra em nossos corações de forma amorosa nos dá novas lentes em nossos olhares e passamos a reconhecer a todos como irmãos no caminho. E também somos capazes de perceber quando o egoísmo nos está dirigindo. Quando a nossa alegria e satisfação ocorre em detrimento do bem estar alheio estamos no caminho do desengano, tal qual Saulo outrora. Mas na estrada de Damasco Paulo corrigiu o seu caminhar e ei-lo novamente diante dos seus, retornando a Jerusalém, sendo convidado pelos fariseus, seus amigos de outrora, a participar de celebrações. Convite para uma festa, um ritual. Mas agora é Paulo que comparecerá para ser humilhado, em belíssimo resgate das faltas de outrora.

Com as lentes do evangelho, o conceito de festa e perseguição se unem e nos convidam a reflexões. Como temos agido? Onde temos depositado nosso coração e nossas esperanças. Talvez, sob o olhar amplo do plano espiritual, os que foram perseguidos estavam sendo preparados para um grande banquete no reino dos céus, a festa dos espíritos redimidos que são purificados nas dores deste mundo.

Vejamos o trecho seguinte: *“Os convidados que recusam o banquete — 15Ouvindo isso, um dos comensais lhe disse: "Feliz aquele que tomar refeição no Reino de Deus!" 16Mas ele respondeu: "Um homem estava dando um grande jantar e convidou a muitos. 17À hora do jantar,*

enviou seu servo para dizer aos convidados: 'Vinde, já está tudo pronto'. 18Mas todos, unânimes, começaram a se desculpar. O primeiro disse-lhe: 'Comprei um terreno e preciso vê-lo; peço-te que me dês por escusado'. 19Outro disse: 'Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las; rogo-te que me dês por escusado'. 20E outro disse: 'Casei-me, e por essa razão não posso ir'. 21Voltando, o servo relatou tudo ao seu senhor. Indignado, o dono da casa disse ao seu servo: 'Vai depressa pelas praças e ruas da cidade, e **introduz aqui os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos**'. 22Disse-lhe o servo: 'Senhor, o que mandaste já foi feito, e ainda há lugar'. 23O senhor disse então ao servo: 'Vai pelos caminhos e trilhas' e obriga as pessoas a entrarem, para que a minha casa fique repleta. 24Pois eu vos digo que nenhum daqueles que haviam sido convidados provará o meu jantar''''. (Bíblia de Jerusalém)

Pensemos, então, a quem chegou primeiramente a boa nova? Aos judeus, certamente. Foi com eles que Jesus esteve e pregou o evangelho. Eles foram os primeiros convidados, mas, muitos deles, não quiseram comparecer à festa, estavam ocupados, atarefados, zelando seus bens materiais.

Levemos nosso olhar, então, ao livro Paulo e Estevão no belíssimo trecho em que Paulo conversa com Tiago, e este expõe todo o seu esforço em permanecer junto aos judeus e lhe levar a palavra do evangelho: *“A atenção que tenho dedicado aos judeus é gêmea do carinho que consagras aos gentios. A cada um de nós confiou Jesus uma tarefa diferente na forma, mas idêntica no fundo. Se muitas vezes tenho provocado falsas interpretações das minhas atitudes, tudo isso é mágoa para meu Espírito habituado à simplicidade do ambiente galileu. De que nos valeria o conflito destruidor, quando temos grandiosos deveres a cuidar? Importa -nos saber morrer, para que nossas idéias se transmitam e floresçam nos outros. As lutas pessoais, ao contrário, estiolam as melhores esperanças. Criar separações e proclamar seus prejuízos, dentro da igreja do Cristo, não seria exterminarmos a planta sagrada do Evangelho por nossas próprias mãos?”*

Paulo foi o servo que saiu pela praça/mundo a convidar os **os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos** para a festa com Jesus. Pensemos, porém, que Tiago também atendia aos sofredores, a Casa do Caminho recebia exatamente este público, os doentes, os esquecidos e marginalizados. E são justamente estes que adentraram nesta festa preparada por Jesus aos nossos corações.

Nossa reflexão, então, para os nossos dias. Como estamos respondendo ao convite do Mestre para o serviço e para a vivência do

evangelho? Estamos muito ocupados cuidando de nossa casa nova, nosso novo empreendimento, preparando o casamento, a formatura, ou outro evento qualquer? Este texto nos chama a uma reflexão sobre nossas prioridades e as consequências das escolhas que estamos fazendo hoje para a nossa vida amanhã. Como Lucas já nos alertou outrora, onde está nosso coração, ali também está o nosso tesouro. Onde está? Pensemos juntos, o convite já foi feito, iremos a festa com Jesus?

Vejamos o próximo trecho.

Renunciar ao que temos de mais caro — 25Grandes multidões o acompanhavam. Jesus voltou-se e disse-lhes: ***26***"Se alguém vem a mim e não odeia" seu próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo. ***27******Quem não carrega sua cruz e não vem após mim, não pode ser meu discípulo.***

A lição 58 do livro Fonte Viva comenta este trecho e reproduziremos apenas uma parte, para clarear nosso entendimento e nos conduzir de forma correta: *"A vida de cada criatura consciente é um conjunto de deveres para consigo mesmo, para com a família de corações que se agrupam em torno dos seus sentimentos e para com a Humanidade inteira. E não é tão fácil desempenhar todas essas obrigações com aprovação plena das diretrizes evangélicas. Imprescindível se faz eliminar as arestas do próprio temperamento, garantindo o equilíbrio que nos é particular, contribuir com eficiência em favor de quantos nos cercam o caminho, dando a cada um o que lhe pertence, e servir à comunidade, de cujo quadro fazemos parte."*

Para aquele que deseja sinceramente buscar o Cristo e vivenciar o evangelho, algumas convenções de nossa sociedade vão se tornando incompatíveis com o que se quer viver. O trecho não trata de romper com a família, mas de reconhecer-se como ser livre e independente para servir o Cristo em todas as circunstâncias, mesmo quando isso signifique sacrifícios, seja ante a família ou a sociedade.

Neste capítulo, Paulo que está em Jerusalém é convocado a participar de um ritual do povo judeu, exigência dos fariseus para que eles abrandassem a perseguição ou não o prendessem como o queriam.

O Saulo de outrora, levado pelo orgulho de si mesmo, jamais aceitaria tal humilhação, mas a criatura renovada pelo evangelho do Cristo é capaz de passar por duras provas, quando o propósito é dar o testemunho de sua fé e do seu amor a Jesus.

Ocorre que o simples ritual era na verdade armadilha, e Paulo viu-se no mesmo local em que Estevão outrora fora apedrejado, correndo ele também risco de ter sua vida tirada naquele instante, pelos irmãos de outrora. Eis suas reflexões: “O Mestre é o Salvador dos homens e aqui padeceu pela redenção das criaturas. Estevão era seu discípulo, devotado e amoroso, e aqui experimentou, igualmente, os suplícios da morte. Jesus era o Filho de Deus, Jeziel era seu Apóstolo. E ele? Não estava ali o passado a reclamar resgates dolorosos? Não seria justo padecer muito, pelo muito que martirizara os outros? Era razoável que sentisse alegria naqueles instantes amargos, não só por tomar a cruz e seguir o Mestre bem-amado, como por ter tido o ensejo de sofrer o que Jeziel havia experimentado com grande amargura.”

Prossigamos com mais um trecho do evangelho do degrau 8, que também guarda profunda conexão com o cap. 8 do livro Paulo e Estevão.

Renúncia a todos os bens — 28Quem de vós, com efeito, querendo construir uma torre, primeiro não se senta para calcular as despesas e ponderar se tem com que terminar? 29Não aconteça que, tendo colocado o alicerce e não sendo capaz de acabar, todos os que virem comecem a caçoar dele, dizendo: 30'Esse homem começou a construir e não pôde acabar!' 31Ou ainda, qual o rei que, partindo para guerrear com um outro rei, primeiro não se senta para examinar se, com dez mil homens, poderá confrontar-se com aquele que vem contra ele com vinte mil? 32Do contrário, enquanto o outro ainda está longe, envia uma embaixada para perguntar as condições de paz. 33Igualmente, portanto, qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo.

Paulo foi chamado ante os fariseus com a promessa de que deveria realizar um ritual simples, que apesar de querer lhe inferir humilhação, não tinha grandes repercussões, porém, o que acontece no terceiro dia é a deflagração das verdadeiras intenções dos judeus que queriam tirar-lhe a vida, tal qual ocorrera com Estevão, no mesmo local.

Como se preparar para algo assim? O texto evangélico fala de construções, de construir uma torre, de ir para uma guerra, e diz que para isso é necessário preparar-se. Os fariseus estavam preparados, articularam planos, combinaram sinais e gestos e no momento oportuno iriam começar o movimento que poderia culminar na morte de Paulo. Mas e Paulo? O que ele poderia fazer ali, diante de tão perigosa armadilha?

Vejamos um trecho do livro: “Sentindo-se num dos seus grandes momentos de testemunho, Paulo de Tarso subiu alguns degraus da escadaria enorme e

começou a falar em hebraico, impressionando a multidão com a profunda serenidade e elegância do discurso. Começou explicando suas primeiras lutas, seus remorsos por haver perseguido os discípulos do Mestre Divino; historiou a viagem a Damasco, a infinita bondade de Jesus que lhe permitira a visão gloriosa, dirigindo-lhe palavras de advertência e perdão. Rico das reminiscências de Estevão, falou do erro que havia cometido em consentir na sua morte.”

A Saulo de outrora retorna a mesma casa onde, em tempo passado, liderou a morte de Estevão, e vem renovado pelo Cristo e nos oferece belíssima lição de perdão, recomeço, vida nova. O texto evangélico nos adverte: *“qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo”*. Lembremos de Estevão, em frase semelhante: *“De nós nada temos, mas é justo esperar do Cristo as dádivas que nos sejam necessárias.”*

Eis, então, a preparação do cristão ante as agruras do mundo, despojar-se de si mesmo para que os tesouros de Deus se manifestem. A serenidade que Paulo alcançou é fruto de sua imensa capacidade de doação à causa do evangelho. Dirigiu aos fariseus, que queriam lhe tirar a vida, palavras de advertência mas também de perdão. Diferente, portanto, a preparação que devemos buscar quando nos embrenhamos na vivência da boa nova. Se para construir uma casa, uma torre é preciso poupança, empréstimo, planejamento, para viver e testemunhar o cristianismo redivivo somos convidados a nos esvaziar do orgulho e egoísmo ainda tão presentes em nossos corações, permitindo que o amor de Deus se revele e que brilhe Jesus.

Sigamos mais um pouco, o capítulo é extenso e o texto evangélico também, mas ante as profundas conexões, vale a pena avançarmos. Segue o texto de Lucas com a apresentação de três parábolas, da Ovelha Perdida, da Dracma Perdida e do Filho Pródigo.

Entendendo não ser necessária a apresentação pormenorizada destes textos, que são de conhecimento da maioria, porém, sempre lhes indicando a leitura para recordações e reminiscências, façamos apenas as ligações necessárias com o livro Paulo e Estevão e este trecho do evangelho.

Paulo está ante os fariseus, dando testemunho de sua conversão ao Cristo, em risco de morte ante a grande confusão que se estabelece. Lembremos novamente de Estevão no discurso na Casa do Caminho, onde Saulo pela primeira vez ouve do evangelho de Jesus: *“— Mas, ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel; e, indo, pregai dizendo: é chegado o*

reino dos Céus.” E, ainda, quando adentra o sinédrio, já para o julgamento e recorda: *“O moço de Corinto fixou o quadro que o rodeava, considerando o contraste de uma e outra assembleia e recordando a última reunião da sua igreja pobre, onde fora compelido a conhecer tão caprichoso antagonista. Não seriam aquelas as “ovelhas perdidas” da casa de Israel, a que aludia Jesus nos seus vigorosos ensinamentos?”* Temos, então, Paulo, naquele mesmo local de outrora, quando ainda era ovelha desgarrada, agora dando o testemunho e já integrando o grande rebanho do mestre.

Palavras de esperança, lição que nos enche de otimismo, nenhuma ovelha se perderá! A moeda perdida será encontrada, o filho que estava perdido retornará a casa do Pai. Este degrau intitula-se “O chamado do Reino para Israel”. Todo este capítulo do livro Paulo e Estevão trata da perseguição que o Sinédrio promoveu contra Paulo, na tentativa de silenciá-lo através da morte física. Desenganos que Paulo era capaz de compreender e perdoar, a mensagem consoladora do Cristo adentrou em seu coração de forma definitiva e ele foi capaz de resgatar suas faltas de outrora em testemunho de fé e resignação.

A vida do cristão é também uma vida de esperança, nem sempre atravessaremos situações confortáveis, os obstáculos da vida virão, mas a fé e a esperança no amanhã acompanharão aqueles que souberem fazer da boa nova o seu tesouro imorredouro, repousando nela as suas melhores expectativas para o dia que virá.

Agradeço aos amigos a atenção dispensada, certamente muitas outras reflexões caberiam no enlace do capítulo 8 do livro Paulo e Estevão com as lições evangélicas, porém, nem de longe estamos querendo esgotá-las. Fica sempre o convite para que os amigos avancem e encontrem razões outras para testificar que ambos os textos possuem o mesmo autor espiritual, e, tal qual o evangelho de Lucas foi inspirado pelas esferas crísticas, a obra do Chico também emana destas pairagens.

Abraços fraternos.

*Campo Grande- MS, 26.07.2014.
Candice Günther*

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 8 – Quarta Parte

Fechando, então, a estrutura 8, em que verificamos que os capítulos 8 da primeira e segunda parte são espelhados, bem como suas ligações com o texto evangélico de Lucas, nesta última parte iremos traçar algumas linhas das consonâncias do degrau 8 e degrau 8' da Narrativa da Viagem de Jesus a Jerusalém, Lucas, 13:1-9 e Lucas 14:12 a 15:32, com o tema “O chamado do Reino para Israel”.

Qual a importância de Deus e de Jesus em nossas vidas? Eu gostaria de pular uma três folhas para que esta pergunta fosse interpretada como algo que merece uma pausa, que quer uma reflexão mais demorada daquele que quer agir com sinceridade diante de si mesmo.

Pausa

Qual a importância? De verdade??

Pausa

O povo judeu tem uma belíssima história de busca de Deus e da vivência desta tentativa de aproximação do Pai ao longo de milênios. O que fez, então, com que tantos rejeitassem Jesus como Messias? E, sobre outro ângulo, o que fez com que outros tantos ouvissem o chamado do Mestre? Essa vivência, essas experiências tem alguma coisa a ver com a nossa realidade de hoje? Qual o chamado do reino para Israel? O que significa “reino” para os ouvidos de Israel? Trata-se de um lugar, um trono, uma localidade?

O primeiro texto de Lucas fala de arrependimento. Jesus narra um acontecimento que provavelmente era muito conhecido para a plateia:

“1Nesse momento, vieram algumas pessoas que lhe contaram o que acontecera com os galileus, cujo sangue Pilatos havia misturado com o das suas vítimas.” Pensemos, em quando recebemos uma notícia ruim sobre alguém, uma morte, um desengano, uma prova. E, estas coisas que aconteciam, as dificuldades da vida, eram interpretadas como castigos de Deus, se não havia colheita era porque haviam pecado, se acontecia alguma doença, era Deus agindo. Então, dentro deste pensamento que lhes era comum, colocando-os em igualdade aos que atravessavam dificuldades, Jesus os adverte: *“mas, se não vos arrependerdes, perecereis todos de modo semelhante.”* Guardemos, então, esta primeira palavra: **arrependimento**.

No outro trecho de Lucas que é colocado como mensagem espelhada a este, tratando do mesmo tema que acima indicamos, encontraremos Jesus falando, também, da postura que temos diante da vida. Se no trecho anterior temos a narrativa de uma dificuldade, neste trecho Jesus nos fala de uma festa, de muitos convidados, e de uma recusa de muitos em participar da festa, por estarem ocupados com suas vidas e com as coisas materiais, recusando assim o convite para o banquete oferecido. Diz, então, *“chama pobres, estropiados, coxos, cegos; 14feliz serás, então, porque eles não têm com que te retribuir”* E, na sequência, adverte sobre esta postura, dizendo: *“33Igualmente, portanto, qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo.”* Guardemos, então, uma segunda palavra: **renúncia**.

Ambos os textos, degrau 8 e degrau 8', que convido os leitores destas reflexões a realizarem uma prévia leitura, uma vez que não iremos reproduzir os textos aqui, ambos, em seu final, nos trarão parábolas. No primeiro, a parábola da Figueira que não produzia frutos e que deveria ser cortada, sendo-lhe concedido um período para que mudasse e passasse a dar frutos. Na segunda parte, vemos no evangelho a narrativa de três parábolas, também bem conhecidas, a da ovelha perdida, da dracma perdida e do filho pródigo. Todas as quatro nos trazem situações de pessoas ou objetos que estavam perdidos e que são encontrados, ou que terão nova chance. Guardemos, então uma terceira palavra: **misericórdia**.

Três palavras, arrependimento, renúncia e misericórdia.

Lembremos um pouco da trajetória de Paulo, sob estas luzes, da sua vida, da sua queda e de sua aproximação do Cristo e da vivência evangélica, reconheceremos estas três palavras. A estrada de Damasco lhe foi o convite derradeiro, foi o momento em que sua alma finalmente deixou de lutar, deixou de ser o centro para permitir-se gravitar em torno da luz

divina, iniciou o processo para arrepender-se. Todavia, para andar com o Cristo e ser nova criatura, o velho Saulo precisava ser abandonado, renunciar aos velhos hábitos, as honrarias terrenas e encontrar dentro de si o caminho que o conduziria ao mestre. Porém, nada da vida de Paulo aconteceu que nos seja possível analisar com os olhos do mundo, como encontrar paz depois do martírio de Estevão e de tantas perseguições? Como elevar-se ao Pai depois de abandonar sua noiva ocasionando-lhe uma queda emocional tão profunda que ensejou seu desencarne? Como Paulo foi capaz de se aproximar de Deus e fazer tanto pelo evangelho de Jesus, mesmo sendo uma pessoa imperfeita e com tantas falhas em sua consciência? Como Emmanuel nos traz no prefácio: *“se a figura de Paulo avulta muito mais aos nossos olhos, é que ele ouviu, negou -se a si mesmo, arrependeu-se, tomou a cruz e seguiu o Cristo até ao fim de suas tarefas materiais.”*

O convite para Paulo, para Israel, hoje, se estende a nós, a cada um de nós. E ele não decorre de um merecimento de nossa parte, nossas vidas estão cheias de máculas e desenganos para nos orgulharmos de algo, ou para que queiramos usar este ou outro gesto como argumento a nosso favor. Temos escorregado ao longo dos séculos, muitas vidas sem rumo, ausentes de nossa condição de filhos de Deus e herdeiros do seu reino.

Todas as vezes que queremos ser dignos de algo que Deus tem a nos oferecer, somos tentados pela vaidade, pelo orgulho, caminhamos mal. Esclareço, porém, que não estou dizendo aqui que não devamos tentar melhorar, nem estou excluindo a lei de causa e efeito de nossas vidas. O que quero dizer é que a cada nova chance que recebemos, ela decorre da misericórdia de Deus por nós, não porque a mereçamos, mas porque Deus nos ama. E todo o nosso empenho em melhorar e trabalhar pelo Reino de Deus aqui na Terra é em decorrência do sentimento de gratidão que somos convidados a ter. O arrependimento não é pagamento de dívida, mas é o que derruba o muro que nos impedia avançar e permite retirarmos o “eu” do centro para que Deus retorne, ainda que aos poucos.

Quando Jesus nos convida a renunciar as coisas deste mundo, ele não nos oferece o vazio em troca, mas nos permite vislumbrarmos uma completude espiritual, de estarmos na sua presença e nos sentirmos plenos. Paulo experimentou isso, viveu para o Cristo e para o seu evangelho, esquecendo-se de si mesmo. Este esquecimento não é apenas do que ele tinha de bom, das honrarias de ser um fariseu, um doutor da lei, ou de todo o benefício econômico que a vida de Saulo lhe proporcionaria. Ele também precisou esvaziar-se de suas imperfeições de outrora, não ficar paralisado pela culpa de tantos desenganos, mas ser capaz de experimentar a

misericórdia divina, foi capaz de encontrar no perdão e no auto-perdão as forças necessárias para seguir adiante.

Ainda há pouco fazia uma prece e meditava sobre coisas que ainda não consigo melhorar, sobre falhas que ainda cometo e que parecem se sobrepor ao meu querer. Pedras no caminho a nos lembrar de quem somos, imperfeitos, apenas seres que estão em aprendizado. Assim, amigos, esta lição é para mim, para todos nós. Não caíamos na ilusão de algum mérito ou alguma honraria, o que temos e o que somos é por acréscimo da misericórdia divina. Arrependimento e renúncia, duas chaves que nos permitirão desfrutar da misericórdia divina, não porque ela seja condicionada, é gratuita, mas até para recebermos o seu amor e a sua graça, Deus nos dá o livro arbítrio, respeitando o nosso querer.

Todo este degrau girou em torno das recusas que Israel, e também nós, temos intentado contra a mensagem da boa nova. Ora estamos ocupados demais com nossas vidas materiais, ora nos atormentamos pelas vicissitudes do presente, e assim a vida vai passando, passando...o tempo, este grande presente que nos é dado se encarregará, no entanto, de nos trazer lições, não apenas ao nosso intelecto, mas principalmente ao nosso coração. O evangelho não é exercício da razão, pode ser compreendido por ela, mas apenas quando experimentarmos através dos nossos sentimentos a alegria do amor e do perdão, seremos capazes de colocar a nossa vida a disposição do Cristo, na imensa seara de trabalho que se descortina.

Não olvidemos nossa condição, quantas vezes não agimos como a árvore que não dá fruto? Quantas vezes agimos ora como o filho pródigo que tudo tinha e que se aventura num mundo de ilusões? Ou, então, como o outro filho, que tem tudo, que está ao lado do Pai, mas é incapaz de alegrar-se pelo retorno do outro, tendo em si sentimentos ainda distantes do amor divino que a todos acolhe? Como bem diz Estevão: *“Compreendereis, um dia, que, para Deus, Israel significa a Humanidade inteira”*, a história deste povo é a nossa história, as dificuldades de outrora não estão tão distantes das que vivenciamos hoje.

Quero encerrar com um pequeno trecho do livro Sementeiras de Luz: *“Na maioria das vezes, são necessários a dificuldade, o testemunho mais forte e o obstáculo expressivo para que o coração - como símbolo do sentimento - se abra ao alimento novo. Não perdemos em qualquer circunstância as aquisições intelectuais dessa ordem. As noções, os conhecimentos, as conclusões, as análises, os resultados da investigação psicológica aderem à nossa mente, entretanto, não ocorre o mesmo ao sentimento, fruto de nossas milenárias experiências. Sabemos a realidade,*

tocamo-la através das antenas conscienciais, mas adaptarmo-nos a ela, transfundi-la em nossa personalidade, é curso longo, onde o esforço do estudante tem de ser verdadeiramente infatigável."

Que Jesus nos guie, hoje e sempre.

Campo Grande – MS, 01.08.2014.

Candice Günther

Estrutura 9

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 9 – Primeira Parte

Nos encaminhando para o término deste estudo, faremos nesta etapa a análise dos capítulos de número 9, espelhados, buscando suas ligações e, principalmente, as lições que podemos encontrar ao confrontar o últimos momentos de Saulo, eis que na próxima etapa, no capítulo 10 teremos seu encontro com Cristo na estrada de Damasco, tornando-se nova criatura, aderindo ao Cristo de forma definitiva, e mudando a forma como lhe chamavam de Saulo para Paulo, como era comum na época .

Observamos os dois capítulos, as situações que estão sendo vivenciadas. Abigail em sua hora derradeira, apesar de procurá-la para uma reconciliação, Paulo a encontra em seus últimos dias, revolta-se, desespera-se, jura perseguir o Cristo que julga culpado de todas o sofrimento que ora sente.

Temos, no cap. 9 da segunda parte também situações de risco de vida, primeiramente o naufrágio em que conseguem sobreviver, e em seguida Paulo é picado por uma cobra, muito venenosa, mas também consegue sobreviver.

Quais as emoções e sentimentos que a hora derradeira nos traz? O que levou Paulo e sentir tanta dor e revolta ante a morte de Abigail e o fim de todos os seus sonhos de felicidade? O que podemos aprender com esta vivencia?

Encontraremos no discurso que Paulo faz logo no início do capítulo, importante lição. Vejamos um trecho: *“A passagem da existência humana para a vida espiritual assemelha-se ao instante amarguroso que estamos vivendo neste barco, há muitos dias. Não ignorais que fomos avisados de todos os perigos, no último porto que nos convidava estagiar, livres de acidentes destruidores. Buscamos mar alto, de própria conta. Também Cristo Jesus nos concede os celestes avisos no seu Evangelho de Luz, mas, frequentemente optamos pelo abismo das experiências dolorosas e trágicas. A ilusão, como o vento sul, parece desmentir as advertências do*

Salvador, e nós continuamos pelo caminho da nossa imaginação viciada; entretanto, a tempestade chega de repente. É preciso passar de uma vida para outra, a fim de retificarmos o rumo iniludível. Começamos por alijar o carregamento pesado dos nossos enganos cruéis, abandonamos os caprichos criminosos para aceitar plenamente a vontade augusta de Deus. Reconhecemos nossa insignificância e miséria, alcança-nos um tédio imenso dos erros que nos alimentavam o coração, tal como sentimos o nada que representamos neste arcabouço de madeiras frágeis, flutuante no abismo, tomados de singular enjoo, que nos provoca náuseas extremas! O fim da existência humana é sempre uma tormenta como esta, nas regiões desconhecidas do mundo interior, por que nunca estamos apercebidos para ouvir as advertências divinas e procuramos a tempestade angustiosa e destruidora, pelo roteiro de nossa própria autoria.”

Gostaria de pincelar uns trechos do discurso de Paulo e confrontar com situações que ele vivenciou e que estão descritas no cap. 9 da primeira parte.

Cap. 9 – A morte de Abigail	Cap. 9 – O prisioneiro do Cristo
Livre das prestigiosas advertências de Gamaliel, que se retirara para o deserto, e sem a carinhosa assistência de Abigail, que lhe facultava generosas inspirações, o futuro rabino parecia um louco, em cujo peito o coração estivesse ressequido.	<i>Não ignoraís que fomos avisados de todos os perigos</i>
O moço de Tarso parecia dominado por uma indiferença criminosa . As rogativas mais sinceras encontravam no seu espírito um rochedo áspero	<i>Buscamos mar alto, de própria conta</i>
A seu ver, era ele, o carpinteiro anônimo, o causador dos seus fracassos em relação ao amor de Abigail, agora envenenado no seu coração impulsivo por sentimentos estranhos, que, dia a dia, cavavam profundos abismos entre sua figura inolvidável e as lembranças que lhe eram mais carinhosas.	<i>Também Cristo Jesus nos concede os celestes avisos no seu Evangelho de Luz, mas, frequentemente optamos pelo abismo das experiências dolorosas e trágicas.</i>
As palavras da noiva caíam-lhe no coração como gotas de fel. Nunca experimentara dor moral tão aguda . Verificando a sinceridade natural, o carinho doce daquelas confissões, sentia-se pungido de acerbos remorsos.	<i>A ilusão, como o vento sul, parece desmentir as advertências do Salvador, e nós continuamos pelo caminho da nossa imaginação viciada; entretanto, a tempestade chega de repente</i>
— Saulo, de que nos valeria a desesperação? Não será melhor	<i>É preciso passar de uma vida para outra, a fim de retificarmos o rumo iniludível.</i>

inclinarmo-nos com paciência aos sagrados desígnios? Não alimentemos dúvidas prejudiciais. Este leito é de meditação e de morte, O sangue, várias vezes, já me golfou prenunciando o fim. Mas nós cremos em Deus e sabemos que esse fim é apenas corporal. Nossa alma não morrerá, amar-nos-emos eternamente...	
Jesus não foi um mestre vulgar de sortilégios, foi o Messias dispensador de consolação e vida. Sua influência renovou-me as forças, saturou-me de bom ânimo e verdadeira compreensão dos desígnios supremos. Seu Evangelho de perdão e amor é o tesouro divino dos sofredores e deserdados do mundo.	<i>Reconhecemos nossa insignificância e miséria, alcança-nos um tédio imenso dos erros que nos alimentavam o coração, tal como sentimos o nada que representamos neste arcabouço de madeiras frágeis, flutuante no abismo, tomados de singular enjoo, que nos provoca náuseas extremas!</i>
Saulo ajoelhou-se a seu lado, cobriu-lhe as mãos de beijos ardentes. A agonia dolorosa parecia-lhe o sofrimento injustificável, que o céu houvera enviado a um anjo. Ele, que trazia o espírito ressecado pela hermenêutica das leis humanas, sentiu que chorava intensamente pela primeira vez.	<i>O fim da existência humana é sempre uma tormenta como esta, nas regiões desconhecidas do mundo interior, por que nunca estamos apercebidos para ouvir as advertências divinas e procuramos a tempestade angustiosa e destruidora, pelo roteiro de nossa própria autoria.”</i>

A morte de Abigail foi um duro golpe na vida de Saulo, a imensa dor da perda da noiva fez com que viessem emoções e sentimentos profundos de sua alma. Ele agonizava. Vemos neste trecho uma alma agonizando, em seus derradeiros momentos, e não se trata de Abigail, que estava amparada pelo mestre Jesus, finalizando sua existência material. Era Saulo o agonizante, era ele que estava em tormenta. Toda esta dor e sofrimento o levariam a Damasco, em momento posterior, onde tudo recomeçaria.

Poderíamos apenas olhar para estas reflexões como admiradores desta rica história, mas o convite é para nós outros. Para que olhemos para a nossa vida e sejamos capazes de reconhecer todos os sinais que já nos foram ofertados para que mudássemos de atitude, para que nos tornássemos pessoas de bem. O que em nós ainda necessita morrer? Saberemos ouvir o aviso de que a tempestade se aproxima e tomaremos a medida necessária para corrigir o rumo, ou iremos nos aventurar nas dores e agruras da vida para só então mudar? Todos temos muito de Saulo em nossas vidas e corações, saibamos usar a reflexão para corrigir nossas vidas, a lição é atual e nos convida a um novo viver. Que seja pelo amor e não pela dor.

Um outro aspecto que merece a nossa atenção e reflexão ao olharmos estes dois capítulos, é a postura que se tem ante a morte, tanto a morte de alguém que muito se ama como a possibilidade de perder a própria vida.

Quando Abigail desencarnou Paulo entrou em grande desespero, vejamos a narrativa do livro: *“Instintivamente, Saulo compreendeu que era chegado o momento fatal. Em vão chamou pela moribunda, cujos olhos se empanavam; debalde lhe beijou as mãos geladas, agora cobertas de um palor de neve translúcida. Como louco, gritou por Zacarias e Ruth.”*

Abigail, por sua vez, mantinha calma e consolada: *“Ensinou-me a quebrar o egoísmo de minha alma, encheu-me de bom ânimo e trouxe-me a grata nova de que Jesus ama -te muito, tem esperanças em ti!...”*

Vejamos, ainda, na segunda parte, que Paulo rumava para Roma, preso, acusado, com um grande risco de ser sentenciado de morte, mas sua postura foi diferente da de outrora, ele manteve-se firme da divulgação do evangelho, veio a tempestade e o risco de naufrágio: *“O Apóstolo generoso, no entanto, acudia a todos, um por um, obrigando-os a se alimentarem e confortando-os moralmente.”*; veio uma serpente venenosa e lhe mordeu e manteve confiante, foi conduzido a prisão e permaneceu nas lutas diárias, escrevendo epístolas, falando aos presos e carcereiros.

O que fez com que Paulo mudasse tanto sua postura ante a dor e o sofrimento? Como uma mudança tão profunda pode ocorrer em alguém. E mais, por qual razão ainda hoje vemos posturas tão distintas ante a boa nova do evangelho. O amor e o perdão ainda tão distante de nossas vidas e nossos corações.

Pois será Paulo mesmo quem nos dará esta resposta, na segunda parte do livro: *“Há duas classes de homens para as quais se torna mais difícil o contacto renovador de Jesus. A primeira é a que vi em Atenas e se constitui dos homens envenenados pela falaciosa ciência da Terra; homens que se cristalizam numa superioridade imaginária e muito presumem de si mesmos. São estes, a meu ver, os mais infelizes. A segunda é a que conhecemos nos judeus recalcitrantes que, possuindo um patrimônio precioso do passado, não compreendem a fé sem lutas religiosas, petrificam-se no orgulho de raça e perseveram numa falsa interpretação de Deus. De tal arte, entendemos melhor a palavra do Cristo, que classificou os simples e pacíficos da Terra como criaturas bem-aventuradas. Poucos gentios cultos e raros judeus crentes na Lei Antiga estão preparados para a escola bendita da perfeição com o Divino Mestre.”*

A questão é saber onde estamos, ainda distantes do **contato renovador do Cristo?** Contato este que produziu mudanças tão profundas em Paulo e que lhe permitiu olhar a vida mais serenidade e resignação. Quantos de nós não nos encontramos na primeira posição, de homens cheios de si mesmos, com sentimentos de orgulho e superioridade? Outrossim, quantos também não se mantem na crença cristalizada em nossas almas ao longo dos séculos, fazendo até mesmo da doutrina espírita uma mensagem de medo e dor, quando deveria ser algo profundamente consolador? São muitas vidas de desengano, não desperdicemos mais uma.

Encerro esta parte com um trecho da lição 39 do livro Pão Nosso, Emmanuel: *“No Evangelho de Jesus, o convite ao bem reveste-se de claridades eternas. Atendendo-o, poderemos seguir ao encontro de Nosso Pai, sem hesitações. Se o clarim cristão já te alcançou os ouvidos, aceita-lhe as clarinadas sem vacilar. Não esperes pelo aguilhão da necessidade. Sob a tormenta, é cada vez mais difícil a visão do porto. A maioria dos nossos irmãos na Terra caminha para Deus, sob o ultimato das dores, mas não aguardes pelo açoitado de sombras, quando podes seguir, calmamente, pelas estradas claras do amor.”*

Que as luzes do entendimento adentrem em nossos sentimentos, promovendo as mudanças que tanto necessitamos.

Abraços fraternos!!!

Campo Grande – MS, 06.08.2014.
Candice Günther

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 9 – Segunda Parte

Nesta etapa iremos buscar as lições evangélicas do Cap. 9 da primeira parte sob as luzes do Evangelho de Lucas, 13:10-20.

Sendo um trecho pequeno, iremos reproduzir aqui para nos auxiliar na análise: *“Cura da mulher encurvada, em dia de sábado — ¹⁰Ora, ele estava ensinando numa das sinagogas aos sábados. ¹¹E eis que se encontrava lá uma mulher, possuída havia dezoito anos por um espírito que a tornava enferma; estava inteiramente recurvada e não podia de modo algum endireitar-se. ¹²Vendo-a, Jesus chamou-a e disse: “Mulher, estás livre de tua doença”, ¹³e lhe impôs as mãos. No mesmo instante, ela se endireitou e glorificava a Deus. ¹⁴O chefe da sinagoga, porém, ficou indignado por Jesus ter feito uma cura no sábado e, tomando a palavra, disse à multidão: “Há seis dias para o trabalho; portanto, vinde nesses dias para serdes curados, e não no dia de sábado!” ¹⁵O Senhor, porém, replicou: “Hipócritas! Cada um de vós, no sábado, não solta seu boi ou seu asno do estábulo para levá-lo a beber? ¹⁶E esta filha de Abraão que Satanás prendeu há dezoito anos, não convinha soltá-la no dia de sábado?” ¹⁷Ao falar assim, todos os adversários ficaram envergonhados, enquanto a multidão inteira se alegrava com todas as maravilhas que ele realizava.”* (Bíblia de Jerusalém)

Vamos verificar duas possibilidades de conexão com o texto, lembrando, porém, o sábio dizer do povo judeu de que a palavra de Deus possui 70 faces, nos isentamos de qualquer tentativa de esgotar o tema, compartilhando apenas o que, por hora, nos vai ao coração. Assim, iremos explorar o Cap. 9 da primeira parte com este texto evangélico.

Pensemos, primeiramente, em Abigail que está doente, lembremos que a única vez que se menciona a idade dela no livro é exatamente para dizer que tem dezoito anos. Pensemos também que Abigail padece imensamente as dores da morte de Estevão e da ausência de Paulo e é Jesus, que lhe é apresentado por Ananias, que lhe restaura o ânimo e a fé.

Por que sofremos? Por que Abigail sofreu tanto? Será que esta vida estava sendo oportunidade de resgatar erros anteriores? Certamente não poderemos fazer nenhuma afirmação leviana sobre um espírito tão nobre, se missão ou resgate, o que importa a nós é a sua postura ante a dor e a sua lucidez nos momentos derradeiros de sua existência. Vejamos um trecho: — *Desconfio, Saulo, que os lares da Terra não foram feitos para nós!...Deus sabe quanto desejei, ardentemente, ser a mãe carinhosa de teus filhos; como conservei o ideal acima de todas as circunstâncias, para aformosear tua existência com o meu carinho! Desde menina, em Corinto, vi mulheres que desbaratavam os tesouros do Céu, simbolizados no amor do esposo e dos filhinhos; e pensei que o Senhor me concederia o mesmo patrimônio de esperanças divinas, pois aguardava as bênçãos do santuário*

doméstico para glorificá-lo de todo o coração. Para exaltá-lo, idealizei a vida do homem amado, que me auxiliaria a erguer o altar da prole; e, assim que m e chegaste, organizei vastos planos de uma vida santa e venturosa, na qual pudéssemos honrar a Deus.”

A cura que necessitamos é da alma e se nosso corpo muitas vezes padece dores terríveis é para nos auxiliar a corrigir o rumo e permitir de Deus se faça presente em nossas vidas.

Pensemos, então, um pouco sobre a questão do número dezoito citado no texto evangélico. Sabemos que os números tinham significados para o povo judeu, que longe de representar algum misticismo, os levavam a reflexões profundas. Lembremos que neste mesmo capítulo de Lucas ele fala das 18 pessoas que morreram com a queda da Torre de Siloé. Carlos Pastorino nos dá uma explicação sobre o significado da presença deste número nos textos: *“No plano divino, simboliza o abismo sem fundo do Infinito; no plano humano, denota o crepúsculo do espírito e suas últimas provações; no plano da natureza, exprime as forças ocultas hostis do Cosmo. Baseando-nos nesses ensinamentos ocultistas, observamos que os números citados por Lucas têm sua razão de ser. As forças ocultas hostis da natureza (não personalizemos; são forças cegas, fundamentadas em leis científicas, que nada cogitam a respeito de carmas humanos, embora possam ser utilizadas pelos "Senhores do Carma", em ocasiões determinadas, para atingir objetivos desejados) agem de acordo com os impulsos das leis de atração e repulsão, de causa e efeito, de gravidade (centrípetas) e de expansão (centrífuga).”*

Certamente para Abigail, foi uma experiência dura, mas que lhe permitiu aproximar-se do Cristo, verificamos que este momento em sua vida, nas palavras de Pastorino, *“denota o crepúsculo do espírito e suas últimas provações.”* Interessante, também que Lucas ao escrever sobre a estadia de Paulo na cidade de Corinto, terra natal de Abigail, coloca expressamente que por lá ficou dezoito meses, e faz esta referência justamente do capítulo 18, como nos informa J.D. Douglas: *“A permanência de Paulo em Corinto se prolongou pelo período de dezoito meses (Atos 18:11).”*

A morte de Abigail nos traz uma lição de profunda confiança e resignação, não vemos em seus dizeres nenhuma nota de rebeldia ante as duras provas que atravessava. Que este exemplo nos inspire e nos possibilite meditar sobre a nossa imortalidade, pois, apenas a firme convicção em uma vida além da morte nos permite tamanha coragem como a que Abigail demonstrou.

Sondemos um outro aspecto.

Pensemos também em Paulo, ainda Saulo, temos acompanhado nas últimas lições a sua queda, num caminho equivocado que estava trazendo a sua vida cada vez mais dor e sofrimento. Se nos dispusermos a olhar o significado do número dezoito: *“denota o crepúsculo do espírito e suas últimas provas.”* veremos o quanto isto também se refere a jornada de Saulo até a estrada de Damasco onde, enfim, encontrará o Mestre e mudará a sua jornada definitivamente.

Vejamos, então, a postura de Paulo e o que nos diz o trecho evangélico, buscando um outro aspecto, uma outra possibilidade interpretativa. Na Bíblia do Peregrino encontramos nas notas uma referência a este texto e nos coloca que a “filha de Abraão” pode significar todo o povo judeu. Assim, Lucas nos dá um texto de uma mulher sendo curada no sábado para nos demonstrar a hipocrisia que pairava entre os judeus que a presenciaram e que questionaram a atitude de Jesus, indicando-a como um descumprimento da lei por ser realizada num sábado. Preso a rituais externos, Jesus os alerta de sua, sendo que até aos animais era permitido beber água, que dirá a uma mulher que padecia, sofria não ser atendida, socorrida. De igual forma, encontraremos esses sentimentos em Saulo, no capítulo 9.

Vejamos um trecho do livro para sondarmos os sentimentos de Saulo: *“Como se fora tocado de verdadeira alucinação, ao substituir Gamaliel nas funções religiosas mais importantes da Cidade, Saulo de Tarso deixava -se fascinar por sugestões de fanatismo cruel.”* Tal qual a mulher de dezoito anos, ou o povo judeu, Paulo estava preso em idéias e concepções que o afastavam do Pai.

A lição, porém, hoje é convite para que nós outros sondemos nossos sentimentos e verifiquemos quanto de nossas ações estão em conformidade com o evangelho de Jesus e com uma vivência fraterna de amor e perdão. Muitas vezes acreditamos tanto em algo que não hesitamos em, ao defender esta ideia, magoar, ferir, humilhar. Saulo era um homem que acreditava estar agindo corretamente, errava o alvo, mas tentava acertar. Eis a lição, o questionamento, como temos agido quando defendemos nossas crenças? Nosso amor está adoecido e cego? O Mestre colocou o amor acima de tudo, Kardec também nos alertou, deixando como alicerce e tema central do Evangelho Segundo o Espiritismo o dizer “Fora da caridade não há salvação”, mas nossas vidas corroboram este dizer? Nossas atitudes demonstram que acreditamos que o amor é a solução para toda a dor que

cerca este planeta? Para exemplificar este pensamento, vejo algumas pessoas que se dizem cristãs defenderem a pena de morte, o que acontece é que são posturas incompatíveis. Repito, então, a pergunta, acreditamos que o amor é a única e possível solução?

O amor de Abigail por Saulo foi o grande passo para que ele pudesse encontrar o Cristo, *“sem a carinhosa assistência de Abigail, que lhe facultava generosas inspirações, o futuro rabino parecia um louco, em cujo peito o coração estivesse ressequido.”* Estevão, também semeou no coração de Saulo os prenúncios de sua transformação: *“De vez em quando, sentia-se premido por uma saudade singular. Experimentava imensa falta da ternura de Abigail, cuja lembrança nunca mais se lhe havia apartado da alma enrijecida e ansiosa. Mulher alguma poderia substituí-la no carinho do seu coração. Entre angústias extremas, recordava a agonia de Estevão, sua invejável paz de consciência, as palavras de amor e de perdão; em seguida, via a noiva genuflexa, implorando-lhe amparo com um clarão de generosidade nos olhos súplices. **Jamais esqueceria** aquela prece angustiada e comovedora, que ela fizera ao abraçar o irmão nos derradeiros instantes de vida.”*

O amor é irresistível força que cedo ou tarde nos conduzirá a um novo caminho, a cura do corpo apresentada no texto evangélico é também a cura da alma, a mulher representa não apenas o povo judeu, mas todos nós que nos arvoramos nos desenganos de outrora. Saulo também sucumbiu ao amor: *“Oito meses de lutas incessantes passaram sobre a morte de Estevão, quando o moço tarsense, capitulando ante a saudade e o amor que lhe dominavam a alma, resolveu rever a paisagem florida da estrada de Jope, onde por certo reconquistaria o afeto de Abigail, de maneira a reorganizarem todos os projetos de um futuro ditoso.”*

Olhemos, então, para nossas vidas, nossos laços familiares, pensemos naqueles que ainda nos são de difícil convívio, eis o convite, amá-los em profundidade, aquele amor que Paulo irá descrever justamente quando escreve aos Coríntios, terra onde Abigail e Estevão nasceram: *“O amor é paciente e amável; o amor não é invejoso nem fanfarrão, não é orgulhoso nem faz coisas inconvenientes, não procura o próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor, não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo desculpa, tudo cre, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acabará.”* (Bíblia do Peregrino)

Sigamos em frente, na próxima etapa, o capítulo 9 da segunda parte com o trecho evangélico correspondente.

Abraços fraternos!!

Campo Grande – MS, 10.08.2014
Candice Günther

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 9 – Terceira Parte

Nesta etapa iremos estudar o Capítulo 9 da segunda parte do livro Paulo e Estevão sob as luzes do trecho de Lucas 14:1-11 que se trata do degrau 9' que está no livro Parábolas de Jesus – Texto e Contexto de Haroldo Dutra Dias.

Comecemos com o trecho de Lucas, 14:1-6, A Cura do Hidrópico: *“E aconteceu que, ao se dirigir para a casa de um dos líderes dos fariseus, num sábado, para comer pão, eles estavam observando-o. Eis que havia diante dele certo homem hidrópico. Em resposta, disse Jesus aos mestres da Lei e fariseus (dizendo): É lícito ou não curar no sábado? Eles, porém, ficaram em silêncio. Tomando-o, ele o curou e despediu-o. E disse para eles: Qual de vós (se) um filho ou um boi cair em um poço, não o retirará logo, no dia de sábado? E não puderam responder a estas (coisas).”*

Vemos neste primeiro trecho do Evangelho que Jesus buscava ensinar algo aos fariseus, que endurecidos pelo apego aos rituais externos, não se abriam a boa nova do evangelho.

Encontraremos no cap. 9 da segunda parte este mesmo movimento de Paulo, que sabia das dificuldades dos fariseus em aceitar o Cristo por já ter sido um deles. Lucas comenta: *“—Dói-me constatar quanto esforço despendes para vencer o espírito do judaísmo!...”*

E Paulo, então, nos trará valiosa reflexão sobre o que está por trás de determinadas posturas que ainda hoje encontramos: *“Há duas classes de homens para as quais se torna mais difícil o contacto renovador de Jesus. A primeira é a que vi em Atenas e se constitui dos homens envenenados pela falaciosa ciência da Terra; homens que se cristalizam numa superioridade imaginária e muito presumem de si mesmos. São estes, a meu ver, os mais*

infelizes. A segunda é a que conhecemos nos judeus recalcitrantes que, possuindo um patrimônio precioso do passado, **não compreendem a fé sem lutas religiosas, petrificam-se no orgulho de raça e perseveram numa falsa interpretação de Deus.** De tal arte, entendemos melhor a palavra do Cristo, que classificou os simples e pacíficos da Terra como criaturas bem-aventuradas. Poucos gentios cultos e raros judeus crentes na Lei Antiga estão preparados para a escola bendita da perfeição com o Divino Mestre.”

Pois é justamente quanto a esta *“perseverança numa falsa interpretação de Deus”* que a lição de Lucas nos fala, vemos que Jesus tenta lhes mostrar ao realizar uma cura sábado, sabendo que é dia de descanso e que para os judeus nada deveria ser realizado neste dia, nenhuma trabalho ou tarefa, Jesus lhes questiona se esta regra estaria acima de salvar uma vida.

Mas a boa nova do Cristo não é apenas difícil para os judeus, até mesmo ao romanos parecia loucura e, nisso residiam os motivos de perseguirem os critãos e os levarem a morte: “—Acusam-nos de inimigos do Estado, a solapar -lhe as bases políticas com ideias subversivas e destruidoras. A concepção de bondade, no Cristianismo, dá azo a que muitos interpretem mal os ensinamentos de Jesus. Os romanos abastados, os ilustres, não toleram a ideia de fraternidade humana. Para eles o inimigo é inimigo, o escravo é escravo, o miserável é miserável. Não lhes ocorre abandonar, por um momento sequer, o festim dos prazeres fáceis e criminosos, para cogitar da elevação do nível social. Raríssimos os que se preocupam com os problemas da plebe. Um patrício caridoso é apontado com ironias.’

Precisamos, então, olhar para a nossa realidade hoje, como cristãos, como espíritas, como estamos entendendo, interpretando a lei divina? Há ainda muito a avançar, temos muito preconceito disfarçado de “defesa da doutrina”, temos muitos “faça isso, faça aquilo” esquecendo-nos dos sentimentos que devem envolver cada ato que realizamos. Enfim, a reflexão é de cada um e não me cabe enumerá-las, deixo apenas o alerta de que temos muito a avançar, que estas duas realidades que Paulo narra ainda é o que somos. E apenas com os ensinamentos que o Cristo propõe iremos além do que somos, num processo lento e gradativo, uma vez que certos modos de agir estão cristalizados em nossas vidas, o somos e agimos assim há milhares de anos, não mudaremos sem esforço e trabalho.

O trecho evangélico trata de uma cura, a cura de um hidrópico, que segundo encontramos na Wikipédia significa: *“A hidropisia é causada por*

*distúrbios na circulação do sangue. A hidropisia pode ter uma distribuição generalizada, ocorrendo em quase todas as partes do corpo, ou pode ser local, isto é, apresentar-se em uma parte apenas do corpo. À hidropisia geral dá-se o nome de **anasarca**. A hidropisia é mais comum no abdome, no peito, no encéfalo, nos rins, nas pernas e em torno dos olhos. Pode ser reconhecida pela formação de pequenas depressões que persistem quando se faz pressão sobre a parte afetada.”*

Paulo também realizou uma cura: “Levado à presença do ancião enfermo, impôs-lhe as mãos calosas e enrugadas, em prece comovedora e ardente. O velhinho que ardia e se consumia em febre letal, experimentou imediato alívio e rendeu graças aos deuses de sua crença. Tomado de surpresa, Públio Aplano viu-o levantar-se procurando a destra do benfeitor para um ósculo santo. O ex-rabino, no entanto, valeu-se da situação e, ali mesmo, exaltou o Divino Mestre, pregando as verdades eternas e esclarecendo que todos os bens provinham do seu coração misericordioso e justo e não de criaturas pobres e frágeis, quanto ele.”

É interessante refletirmos sobre como Jesus e seus discípulos efetuaram curas em sua trajetória. Viviam o amor, a compaixão pelo outro, sentiam a necessidade de ajudar e ao viver desta forma levavam o evangelho aos corações, não apenas através das pregações, mas do exemplo de vida e do seu imenso amor.

Como andamos nós? Quais as pessoas que auxiliamos a curar? O lugar em que estamos depositando a nossa fé, seja uma casa espírita ou de outra denominação, preocupa-se com o bem estar das pessoas, ou apenas lhes dá o evangelho em palavras soltas? **O evangelho desacompanhado de atos de amor torna-se incompreensível.** Se Paulo foi capaz de levar a palavra do Mestre Jesus a muitos corações é porque buscou, incansavelmente, amar a todos de forma irrestrita, judeus e gentios, representando, assim, toda a humanidade.

Vemos que no início do trecho evangélico, Lucas utiliza os termos “*eles estavam observando-o*”, de igual forma acontecia isso com Paulo e com todos nós. Somos observados, o que as pessoas estão vendo em nossas vidas? No dizer de São Francisco, é preciso evangelizar sempre, as vezes até com palavras. É a nossa vida o testemunho, a carta viva, do que vai em nosso coração.

Passemos para o próximo trecho.

Lucas 14:7-11: *“Observando como escolhiam os primeiros reclinatórios, contava para os convidados uma parábola, dizendo-lhes: Quando fores convidado por alguém para as bodas, não te reclines no primeiro reclinatório, para não (suceder que), tendo sido convidado por ele um mais estimado que tu, vindo aquele que convidou, te diga: Dá o lugar a este. E, então, com vergonha, voltes a ocupar o último lugar, para que, quando vier aquele que te convidou, te diga: Amigo, sobe mais para cima. Então será uma glória para ti, diante de todos os comensais. Porque todo aquele que exalta a si mesmo será diminuído, e aquele que diminui a si mesmo será exaltado.”*

Lembrando ainda do texto anterior, aparentemente sem conexão com este, vejamos o interessante comentário de Carlos Pastorino, no livro Sabedoria do Evangelho, sobre a questão da hidropisia: *“A hidropisia faz inchar a parte do corpo atacada pela enfermidade. Assim, o convencimento de ser “dono da verdade” incha o pequeno eu vaidoso (cfr. Paulo: 1.ª Cor. 4:18, 19; 5:2; 8:1; Col. 2:18,. 1.ª Tim. 3:6). Nada mais típico para ensinar-nos que precisamos curar (sobretudo em nós mesmos!) essas hidropisias intelectualóides, a fim de conseguir a humildade indispensável para compreender as lições que nos são trazidas. Curada a hidropisia do orgulho, o espírito é libertado (apolyô) e progredirá sem empecilhos.”* Pois é justamente esta questão introduzida anteriormente, que Jesus irá trabalhar na parábola, o nosso cuidado quando estivermos na presença dos outros, a necessidade de nos fazermos pequenos.

Ao longo do livro, percebemos a grande mudança de Paulo, que foi tendo sua alma lapidada, aprendendo a humildade. Neste capítulo 9, há vários exemplos que poderíamos citar, da postura do apóstolo dos gentios ante as mais diversas manifestações da vida e dos que o cercavam, gostaria, porém, de ater-me a uma em especial.

Paulo foi levado a Roma para julgamento, a decisão preliminar foi de que iria esperar pelo julgamento em liberdade, não precisaria ficar na prisão, apenas não poderia sair da cidade. Vejamos um trecho: *“Depois de uma semana, em que lhe fora permitido o contacto permanente com Lucas, Aristarco e Timóteo, o Apóstolo recebia ordem para fixar residência nas proximidades da prisão — privilégio conferido pelos seus títulos, embora obrigado a permanecer sob as vistas de um guarda policial, até que o seu recurso fosse definitivamente julgado. (...) Longe de esmorecer diante dos obstáculos, continuou redigindo epístolas consoladoras e sábias às comunidades distantes. No segundo dia de sua nova instalação, recomendou aos três companheiros procurassem trabalho, para não serem pesados aos irmãos, explicando que ele, **Paulo, viveria do pão dos***

encarcerados, como era justo, até que César pudesse atender ao seu apelo.”

Viveria do pão dos encarcerados!!! Amigos, vale aqui uma pausa, uma água, um café. Este homem poderia escolher uma boa refeição, uma casa confortável, já tinha muitos amigos. Mas das opções que se lhe apresentavam, escolheu a mais humilde, tal qual nos indica o Cristo, quando ensina através do exemplo da festa e do lugar para assentar-se.

Lição difícil para nós outros, pensemos bem, quem de nós iria, se posto em liberdade, optar por ficar se alimentando da mesma comida dos presidiários? Quem de nós buscaria a opção mais simples e humilde? Pois aquele mesmo fariseu que se assentava nas primeiras fileiras, que disse a Estevão que lhe tinha honrado com sua presença na Casa do Caminho, Saulo tão cheio de si, agora esvaziara-se para tornar-se um humilde servidor de Jesus e compartilhar sua refeição, sua vida, com os esquecidos do mundo.

Percebemos, assim, porque a palavra de Paulo foi tão eficaz. Como resistir a alguém que vivencia o que fala? Como não refletir ante um coração que se esquece de si mesmo e ama? Quando Paulo ia para a prisão, ali também falava de Jesus, e como estas palavras não deviam soar amáveis aos ouvidos dos encarcerados. Por que ali estava um homem que comia com eles, que os respeitava, que também era um deles.

Ao buscarmos as lições evangélicas deste livro, nos deparamos com alguns tesouros, e existem outros tantos a serem descobertos por vossos olhares mais atentos. Necessitamos do Cristo, de sua palavra e do seu amor, saibamos experimentar essa vivencia em nosso cotidiano. Viver o evangelho, eis o convite.

Encerramos esta parte com um pequeno trecho do livro Pão Nosso em que Emmanuel nos traz reflexões sobre o tema desta etapa na lição 43: *“Sabemos que Jesus foi o grande reformador do mundo, entretanto, corrigindo e amando, asseverava que viera ao caminho dos homens para cumprir a Lei. Não assaltes os lugares de evidência por onde passares. E, quando te detiveres com os nossos irmãos em alguma parte, não os ofusques com a exposição do quanto já tenhas conquistado nos domínios do amor e da sabedoria. Se te encontras decidido a cooperar pelo bem dos outros, apaga-te, de algum modo, a fim de que o próximo te possa*

compreender. Impondo normas ou exibindo poder, nada conseguirás senão estabelecer mais fortes perturbações.”

Que Jesus nos auxilie para que tenhamos discernimento e saibamos, acima de tudo, vivenciar o seu evangelho de luz e amor.

Abraços fraternos.

Campo Grande – MS, 16.08.2014

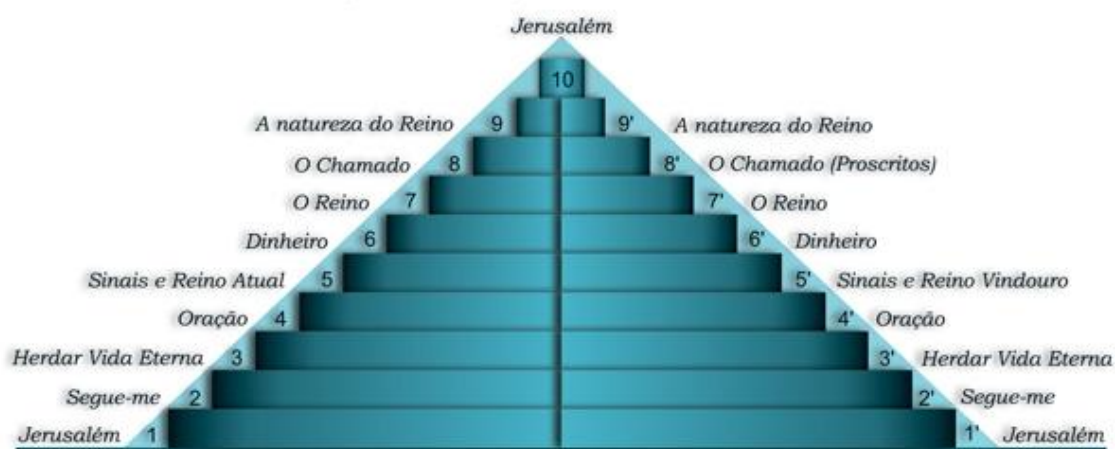
Candice Günther

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 9 – Quarta Parte

No livro Parábolas de Jesus – Texto e Contexto, o autor, Haroldo Dutra Dias, nos apresenta a estrutura da Narrativa da Viagem de Jesus a Jerusalém. O que este estudo demonstrou é que este texto do Evangelho de Lucas está vinculado ao livro Paulo e Estevão, que também possui 10 degraus e tem seus capítulos de forma espelhada. Colacionamos, novamente, o desenho para facilitar-lhes o entendimento:

“Narrativa da Viagem a Jerusalém”
(Lc 9:51 - 19:48)



Nesta última etapa da estrutura 9, iremos tratar sobre os textos evangélicos do degrau 9, novamente sem nenhuma pretensão de esgotar o tema, mas de apenas pincelar algumas reflexões que nos saltam aos olhos e tocam nossos sentimentos. Teremos assim o degrau 9, Lucas 13:10-20 e o degrau 9', Lucas 14:1-11, que tem como tema A natureza do Reino.

Como são trechos curtos, reproduziremos o texto aqui.

Lucas 13:10-20: *“**Cura da mulher encurvada, em dia de sábado** —¹⁰Ora, ele estava ensinando numa das sinagogas aos sábados. ¹¹E eis que se encontrava lá uma mulher, possuída havia dezoito anos por um espírito que a tornava enferma; estava inteiramente recurvada e não podia de modo algum endireitar-se.¹²Vendo-a, Jesus chamou-a e disse: "Mulher, estás livre de tua doença", ¹³e lhe impôs as mãos. No mesmo instante, ela se endireitou e glorificava a Deus. ¹⁴O chefe da sinagoga, porém, ficou indignado por Jesus ter feito uma cura no sábado e, tomando a palavra, disse à multidão: "Há seis dias para o trabalho; portanto, vinde nesses dias para serdes curados, e não no dia de sábado!" ¹⁵O Senhor, porém, replicou: "Hipócritas! Cada um de vós, no sábado, não solta seu boi ou seu asno do estábulo para levá-lo a beber? ¹⁶E esta filha de Abraão que Satanás prendeu há dezoito anos, não convinha soltá-la no dia de sábado?" ¹⁷Ao falar assim, todos os adversários ficaram envergonhados, enquanto a multidão inteira se alegrava com todas as maravilhas que ele realizava.”* (Bíblia de Jerusalém)

Lucas 14:1-11: *“**E aconteceu que, ao se dirigir para a casa de um dos líderes dos fariseus, num sábado, para comer pão, eles estavam observando-o. Eis que havia diante dele certo homem hidrópico. Em resposta, disse Jesus aos mestres da Lei e fariseus (dizendo): É lícito ou não curar no sábado? Eles, porém, ficaram em silêncio. Tomando-o, ele o curou e despediu-o. E disse para eles: Qual de vós (se) um filho ou um boi cair em um poço, não o retirará logo, no dia de sábado? E não puderam responder a estas (coisas). Observando como escolhiam os primeiros reclinatórios, contava para os convidados uma parábola, dizendo-lhes: Quando fores convidado por alguém para as bodas, não te reclines no primeiro reclinatório, para não (suceder que), tendo sido convidado por ele um mais estimado que tu, vindo aquele que convidou, te diga: Dá o lugar a este. E, então, com vergonha, voltes a ocupar o último lugar, para que, quando vier aquele que te convidou, te diga: Amigo, sobe mais para cima. Então será uma glória para ti, diante de todos os comensais. Porque***

todo aquele que exalta a si mesmo será diminuído, e aquele que diminui a si mesmo será exaltado.” (Tradução Haroldo Dutra Dias)

Lucas 13:10-20	Lucas 14:1-11
<i>Para quem Jesus fala e onde?</i>	
Para judeus, na sinagoga	Para fariseus e convidados, na casa de um de seus líderes
<i>Quando?</i>	
Sábado	Sábado
<i>Postura dos presentes</i>	
Ele estava ensinando	Eles estavam observando-o
<i>Resposta</i>	
O chefe da sinagoga ficou indignado	Os fariseus ficaram em silêncio

Num olhar apressado poderíamos dizer que os dois textos tratam de curas realizadas por Jesus no sábado e da polêmica que isto causava em meio aos judeus da época, uma vez que o sábado lhes é dia sagrado em que deve ser respeitado o descanso. Certamente o são, mas não apenas.

Vejamos que no primeiro trecho, o evangelista não dá a informação de que Jesus ensinava, mas não sabemos se eles estavam aprendendo ou se tinham esta disposição, e ante a forma como reagem a cura que Jesus realiza, somos levados a acreditar que seu espírito era de crítica, de intenções de denegrir a mensagem de Jesus. Porém, no segundo trecho o verbo utilizado é “observar”. E vemos que Jesus lhes dirige uma pergunta: *“É lícito ou não curar no sábado?”* O ânimo, assim, no segundo texto apresentado, é diferente, observam, tentam entender.

A boa nova do Cristo veio naquele tempo e vem ainda hoje nos chamar a reflexões importantes, principalmente a que saibamos o que realmente é importante no mundo que nos cerca. Presos aos rituais, os judeus foram questionados sobre o que era mais importante, o sábado ou a vida de alguém. Trata-se de sabermos e aprendermos a organizar as nossas prioridades de acordo com a vontade divina, e não apenas ao que nos parece importante.

Destacamos, porém, que ao ensino de Jesus haverão posturas diferentes. Alguns ouvem para desacreditá-lo, outros o observam para aprender. Onde estamos? Qual a nossa postura ante o evangelho de Jesus? Já lhes digo que esta resposta não pode ser apressada, requer reflexão de

nossa parte. Talvez tenhamos para nós que estamos na posição de aprendizes, mas só identificaremos isso através da postura que temos ante ideias que são contrárias ao que pensamos. Sabemos ouvir? Ou já sabemos tudo? E se sabemos tudo, porque não estamos vivendo? É um saber intelectual ou já adentrou em nosso sentir? Vejam no texto que para aquele que quer aprender Jesus dirige uma pergunta, ao que se dirige a ele para testá-lo ele faz uma exortação. Saibamos reconhecer quando a vida nos adverte, Jesus continua agindo da mesma forma, ora pergunta, ora adverte, como temos ouvido?

Vejamos algo sobre os doentes que são curados.

Lucas 13:10-20	Lucas 14:1-11
Quem Jesus curou	
Mulher que estava possuída há 18 anos, Enferma, encurvada	Homem hidrópico (edema em alguma parte do corpo, geralmente abdômem, conhecido entre nós por barriga d'água)
Após a cura	
Mulher estás livre de tua doença	Tomando-o, ele curou, e despediu-o
Causa	
¹⁶ E esta filha de Abraão que Satanás prendeu há dezoito anos	Qual de vós (se) um filho ou um boi cair em um poço, não o retirará logo, no dia de sábado

Dois males distintos, mas que ainda hoje se apresentam em nossas vidas. No primeiro caso, a influência espiritual, que, quando permitimos, nos deixa prostrados, encurvados, tal qual a moça que Jesus curou. No segundo caso, do homem hidrópico, que está com algo crescendo dentro de si e lhe tornando doente, pensemos em nossas vidas, quantos e quantos não se inflam no orgulho e no egoísmo, tão cheios de si mesmos, tão envolvidos em suas próprias vidas. A questão principal, porém, não é apenas identificar a doença, mas permitir que Jesus nos cure, é nos libertar das convenções, das regras sem fundamento, das cristalizações de muitas vidas que torna rígido nossos corações.

Paulo deixou-se curar, soube olhar a si mesmo e reconhecer-se como homem falível. Durante sua jornada não permitiu que ritos se fizessem maiores que a mensagem do Mestre, não permitiu que pessoas fossem exaltadas se sobrepondo a mensagem do Evangelho e ao próprio Cristo.

Criticamos os judeus de outrora, mas quando verificamos a essência dos sentimentos que os impediam de seguir a Jesus, não raro identificamos a nós mesmos, relutando, vacilando, doentes da alma que necessitam de cura.

É muito interessante como em todas as estruturas os textos se relacionaram de forma incrível, um complementando o outro. Nesta fase não foi diferente. Lembremos que no capítulo 9 da primeira parte, Paulo, ainda Saulo, estava no limite de sua queda, dos seus desenganos, no radicalismo de suas crenças esquecia-se do amor e da justiça. No capítulo 9 da segunda parte, já o vemos novamente tentando aproximação dos judeus, dos amigos de outrora, ainda radicais, ainda perseguindo os cristãos, para lhes contar da boa nova e da transformação que ocorreu em sua vida, sem êxito, ainda. Será neste capítulo que encontraremos a narrativa de Paulo escrevendo a Carta aos Hebreus, muitas vezes com lágrimas. E é interessante verificar nos dias de hoje o quanto esta carta é questionada, em relação a sua autoria, a grande maioria dos estudiosos não a atribui a Paulo.

Hoje, sob as luzes do evangelho de Lucas, somos convidados a refletir que temos muito desses sentimentos de outrora, quantos de nós não seremos judeus reencarnados que buscam livrar-se das cristalizações obtidas em séculos de desenganos da lei divina.

Para encerrarmos, então, estas singelas reflexões, olhemos o último trecho do segundo texto, em que Jesus nos dá lição de humildade, como um médico de depois de curar a doença nos indica o caminho para que não adoecemos novamente. Vejamos, também, um trecho do Evangelho Segundo o Espiritismo: *“Será o maior no reino dos Céus aquele que se humilhar e se fizer pequeno como uma criança, isto é, que **nenhuma pretensão alimentar à superioridade ou à infalibilidade.**”* (cap. 7, Item 6)

Se já nos sentimos curados, tal qual a moça encurvada ou o homem hidrópico, saibamos usar estas gotas medicamentosas para a nossa alma, não tenhamos nenhum ato que alimente os sentimentos de superioridade e infalibilidade, sejamos, assim, conscientes de nossa condição evolutiva. Permanecendo com os olhos e o coração na vida do Cristo, que entre nós, foi o maior servidor.

Agradeço aos corações amigos que chegaram até aqui, na próxima etapa encerraremos este estudo, na certeza de que as linhas foram escritas com muita dificuldade ante a nossa pequenez, e na esperança de que vossas mãos guiadas por vossos corações possam melhorar este trabalho.

Abraços fraternos!!

Campo Grande – MS, 20.08.2014
Candice Günther

Estrutura 10

Estrutura do livro Paulo Estevão e a Narrativa da Viagem a Jerusalém do Evangelho de Lucas

Estrutura 10 – Parte Final

Chegamos, então, ao final do estudo da estrutura literária do livro Paulo e Estevão sob as luzes do Evangelho de Lucas, a Narrativa da Viagem de Jesus a Jerusalém. Trabalharemos este degrau em etapa única, em que iremos analisar os capítulos de número 10 da primeira e da segunda parte, sob as luzes do trecho evangélico Lucas 13:22-35, Jerusalém, Juízo e Salvação.

Ao estudarmos os capítulos de forma espelhada, foi nos dada a oportunidade de confrontar Saulo e Paulo, de visualizar a incrível transformação que Jesus operou em sua vida. Pois nesta etapa veremos os momentos derradeiros de Saulo, o homem velho que padecia, sofria, chorava. Porém, antes de adentrarmos nas comparações e nas luzes desta etapa, quero lhes dizer que a história de Saulo também é a de todos nós. Em algum momento de nossa jornada, optamos por nos afastar do Pai e dos seus ensinamentos, quando nos colocamos como o centro de nossas vidas movidos por nosso orgulho, e talvez alguns de nós ainda estejamos tentando reverter o rumo e nos aproximar de Jesus, eis o convite, eis a hora, não precisamos esperar que a dor nos seja lancinante como foi em Paulo, para mudar a rota. Sigamos agora, pelo convite amoroso de Jesus. Atravessamos um deserto, chegamos em Damasco, é ora de contemplar as luzes do Mestre.

Como fizemos nas etapas anteriores, iremos confrontar os capítulos, buscando as semelhanças e as diferenças que nos educam, porém, nesta etapa já utilizaremos o trecho evangélico, uma vez que é único para os dois capítulos, não há degrau 10', assim, teremos os dois capítulos de número 10, primeira e segunda parte, e o trecho de Lucas 13:22-35 a nos acompanhar.

Ambos os capítulos iniciam com relatos de perseguições, no primeiro Saulo o seu maior defensor, no segundo os romanos.

Cap. 10 – primeira parte	Cap. 10 – segunda parte
--------------------------	-------------------------

Por todo esse acervo de considerações que se lhe represavam na mente exausta, Saulo de Tarso galvanizara o ódio pessoal ao Messias escarnecido. Agora que se encontrava só, inteiramente liberto de preocupações particulares, de natureza afetiva, buscava concentrar esforços na punição e corretivo de quantos encontrasse transviados da Lei. Julgando-se prejudicado pela difusão do Evangelho, renovaria os processos da perseguição infamante. Sem outras esperanças, sem novos ideais, já que lhe faltavam os fundamentos para constituir um lar, entre gar-se-ia de corpo e alma à defesa da Lei de Moisés, preservando a fé e a tranqüilidade dos compatriotas.	A perseguição surda aos adeptos do Nazareno apertava o cerco por todos os lados. Os últimos conselheiros honestos do Imperador estavam desaparecendo. Roma assombrava-se com a enormidade e quantidade de crimes que se repetiam diariamente. Nobres figuras do patriciado e do povo eram vítimas de atentados cruéis. Atmosfera de terror dominava todas as atividades políticas e, no cômputo dessas calamidades, os cristãos eram os mais rudemente castigados, em vista da atitude hostil de quantos se acomodavam com os velhos deuses e se regalavam com os prazeres de uma existência dissoluta e fácil. Os seguidores de Jesus eram acusados e responsabilizados por quaisquer dificuldades que sobrevinham. Se caía uma tempestade mais forte, devia-se o fenômeno aos adeptos da nova doutrina. Se o inverno era mais rigoroso, a acusação pesava sobre eles, porquanto ninguém como os discípulos do Crucificado havia desprezado tanto os santuários da crença antiga, abominando os favores e os sacrifícios aos numes tutelares.
--	---

Qual a razão de tantas perseguições? Por que estas pessoas humildes eram tão ameaçadoras aos poderosos da época? Zacarias nos dá uma descrição de Ananias, nos demonstrando como eram os cristãos da época de Jesus: *“Ananias tratou-a sempre com profundo respeito, atendeu-a sempre alegre, não exigiu qualquer recompensa, e assim procedeu com os próprios empregados, revelando uma bondade sem limites. Seria, então, lícito impugnar, desprezar benefícios? É verdade que, na esfera de minha compreensão, não poderei aceitar outras ideias além das que nos foram ensinadas por nossos avós, respeitáveis e generosos; mas não me julguei com o direito de subtrair aos outros o objeto de suas consolações mais preciosas.* Vejamos as qualificações: respeito, alegria, sem recompensa, bondade sem limites. Qual a razão de pessoas assim serem perseguidas e mortas? Isso é restrito aquela época ou acontece ainda hoje?

Vejamos o evangelho de Lucas, quem sabe encontramos algumas respostas. Lucas 13:22-25: *“E passava por cidades e aldeias, ensinando e fazendo a viagem para Jerusalém. Disse-lhe alguém: Senhor, são poucos*

os que são salvos? Ele, porém, lhes disse: Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos buscarão e não serão capazes.”

Vivemos um tempo diferente, as perseguições físicas, ao menos onde vivemos, já não existem, mas basta olhar a vida de pessoas que buscaram vivenciar os ensinamentos do Cristo que sabemos que suas vidas não foram fáceis. Chico Xavier foi alvo de calúnias, difamações, processos judiciais, e era pessoa simples, de simples hábitos, que buscava fazer o bem a todo tempo.

Voltemos a descrição de Ananias: **respeito, alegria, sem recompensa, bondade sem limites**. Agora, sob as luzes do evangelho, vejamos a frase final deste trecho: *“muitos buscarão e não serão capazes”*.

Eis o ponto, a lição. Queremos ser salvos? Salvos da dor, da dureza da vida, das agruras da jornada, sim, todos dirão, porém, não somos *capazes* de viver como o Cristo, não ainda. A adesão a Jesus requer de nós a decisão de uma vida nova, de colocar Deus no centro de nossas atividades, decisões, disposições. Requer a capacidade de respeitar o próximo, de viver com alegria mesmo quando a vida não vai bem, de fazer o bem sem esperar recompensa, de ser bom não apenas com os restos da nossa vida, mas com toda ela, sem limites.

Talvez nos abata o desânimo, ou o pensamento de que ainda somos fracos e pequenos, como conseguir? Quero lhes dizer que me irmano com vossos pensamentos, a jornada é difícil e nem sempre conseguimos fazer o bem, como dizia o próprio Paulo, na epístola aos Romanos 7:19 nos diz : *“Com efeito, não faço o bem que eu quero, mas pratico o mal que não quero.”* A questão principal é de nos reconhecermos assim, por que quando passamos a nos achar bons, a achar que detemos o conhecimento, que a verdade é apenas nossa, passamos a ser movidos pelo orgulho. No curso sobre a Carta aos Hebreus, a Irmã Aíla dá uma belíssima lição quando ensina que Deus não nos pede que sejamos perfeitos, mas que sejamos obedientes, e complementa ao dizer que Ele não nos criou plenos, mas nos criou para a plenitude. Assim, tenhamos por alvo os ensinamentos do Mestre, não nos desviemos dele e saibamos nos reconhecer falíveis, estamos no caminho.

Emmanuel nos dá valorosa lição no livro Vinha de Luz, lição 77: *“Enquanto ouvires os ditames das leis sociais, dando para receber,*

fazendo algo por buscar alheia admiração, elogiando para ser elogiado, receberás infinito louvor das criaturas, mas, no momento em que, por fidelidade ao Evangelho, fores compelido a tomar atitudes com o Mestre, muita vez com pesados sofrimentos para o teu coração, serás classificado à conta de insensato. Atende, pois, ao teu ministério onde estiveres, sem qualquer dúvida nesse particular, certo de que, por muito tempo ainda, o discípulo fiel de Jesus, na Terra, sofrerá perseguições.” Aos que perseguem, cabe-lhes a nossa compaixão, entregando-os a justiça divina, eis que todo o nosso tempo e energia estão voltados para a nossa tão necessária reforma íntima.

Prossigamos.

Em ambos os capítulos Paulo realiza uma viagem. Enquanto Saulo, dirige-se a Damasco para encontrar Ananias, com intenções de impetrar a sua morte e dos cristãos que com ele estivessem. Já na segunda parte, Paulo libertado, realiza o sonho de ir a Espanha levar o evangelho de Jesus. Duas viagens, sentimentos diversos, intenções opostas, mesmo homem, mesma vida, mesmo espírito.

Vamos imergir um pouco sobre os sentimentos que diferiam Saulo e Paulo nestas duas viagens.

Saulo: *“Na véspera da chegada, quase a termo da viagem difícil e penosa, o moço tarsense sentia agravarem-se as **recordações amargas** que lhe assomavam constantes. Forças secretas impunham-lhe **profundas interrogações**. Passava em revista os primeiros sonhos da juventude. Sua alma desdobrava -se em perguntas atrozes. Desde a adolescência **que encarecia a paz interior**: tinha sede de estabilidade para realizar a sua carreira. **Onde encontrar aquela serenidade**, que, tão cedo, fora objeto das suas cogitações mais íntimas? Os mestres de Israel preconizavam, para isso, a observância integral da Lei. Mais que tudo, havia ele guardado os seus princípios. Desde os impulsos iniciais da juventude, abominava o pecado. **Consagrara -se ao ideal de servir a Deus com todas as suas forças.** Não hesitara na execução de tudo que considerava dever, ante as ações mais violentas e rudes. Se era incontestável que tinha inúmeros admiradores e amigos, tinha igualmente poderosos adversários, graças ao seu caráter inflexível no cumprimento das obrigações que considerava sagradas. **Onde, então, a paz espiritual** que tanto almejava nos esforços comuns? Por mais energias que despendesse, **via -se como um laboratório de inquietações dolorosas e profundas**. Sua vida assinalava-se por ideias poderosas, mas, no seu íntimo, lutava com antagonismos irreconciliáveis. As noções da Lei de Moisés pareciam **não***

lhe bastar à sede devoradora. Os enigmas do destino empolgavam-lhe a mente. O mistério da dor e dos destinos diferenciais crivava-o de enigmas insolúveis e sombrias interrogações. Entretanto, aqueles adeptos do carpinteiro crucificado ostentavam uma serenidade desconhecida! A alegação de ignorância dos problemas mais graves da vida não prevalecia no caso, pois Estevão era uma inteligência poderosa e mostrara, ao morrer, uma paz impressionante, acompanhada de valores espirituais que infundiam assombro.”

Amigos, antes de contrapor o texto da segunda parte, possamos refletir um pouco, quantas destas dúvidas e reflexões de Saulo, também são nossas? Entendemos a paz interior e a serenidade? Nos dedicamos servindo ao bem e alcançamos estes dons espirituais, ou nos debatemos em lutas e discórdias sem fim? Onde estamos? Onde nossa alma repousa? Estamos nos momentos derradeiros da vida de Saulo, em breves linhas sua alma finalmente encontrará a luz e o amor do Cristo. Também a nós outros o Cristo convida e abraça, seremos nós a escolher o quanto ainda desceremos, o quanto ainda relutaremos em dor e sofrimento para finalmente recomeçar nossa jornada.

Vejamos a viagem de Paulo a Espanha: *“o pregador do gentilismo não abandonou a ideia de ir à Espanha. Alegando que Pedro o substituiria com vantagem, deliberou embarcar no dia prefixado, num pequeno navio que se destinava à costa gaulesa. Não valeram amistosos protestos, nem mesmo a Insistência de Simão para que adiasse a viagem. Acompanhado de Lucas, Timóteo e Demas, o velho advogado dos gentios partiu ao amanhecer de um dia lindo, cheio de projetos generosos. A missão visitou parte das Gálias, dirigindo -se ao território espanhol, demorando-se mais na região de Tortosa. Em toda parte, a palavra e feitos do Apóstolo ganhavam novos corações para o Cristo, multiplicando os serviços do Evangelho e renovando as esperanças populares, à luz do Reino de Deus.”*

Um parágrafo curto, um breve relato. O Saulo que viajou anteriormente cheio de indagações e reflexões, agora parte com o objetivo claro no coração, levar o evangelho aos corações. É interessante perceber que na viagem de Saulo ele também queria levar a Lei de Moisés aos corações, era em sua defesa que “aparentemente” viajava, mas notem a diferença das descrições. Sem dúvidas, sem lamentações, sem dores a lhe incomodar. Saulo foi curado pelo amor do Cristo e soube entender sua missão, o propósito do Pai para a sua existência e mesmo atravessando barreiras difíceis, manteve-se fiel.

Como está a nossa jornada? Entendemos o propósito do Pai para a nossa presente existência? Sabemos qual é a nossa tarefa? Temos o objetivo claro e preciso, como Paulo? Não se trata de saber o que as pessoas querem ou precisam de nós, mas o que Jesus quer que façamos. E como saber? Como ter certeza? Mais adiante poderemos refletir sobre isso, mas desde já lhes adianto que Saulo ficou cego antes de entrar em Damasco, e Paulo também, quando desencarnou. Isso quer nos dizer algo, ouvimos? Entendemos?

Sigamos adiante!!!

No versículo 26 e 27 temos o seguinte texto: *“Então, começareis a dizer: Comemos e bebemos diante de Ti, e ensinaste em nossas ruas. Mas ele vos dirá: Não sei donde sois vós. Apartai-vos de mim (vós) todos, obreiros da injustiça.”* Pensemos em Saulo, não foi ele um seguidor fiel das leis mosaicas? Mas, ao errar o alvo, não foi ele obreiro da injustiça? Vejamos um pequeno trecho do livro, momentos antes dele encontrar Jesus: *“A verdade dolorosa é que se encontrava sem paz interior, não obstante a conquista e gozo de todas as prerrogativas e privilégios, entre os vultos mais destacados da sua raça.”*

Saulo encontrava-se distante do Pai, apartado do seu amor e da sua paz. Aos olhos do mundo, o homem ideal, forte, lutador, com grande intelecto e sucesso. Mas para si mesmo e diante do Pai, sofria, como o texto evangélico nos traz, “pranto e ranger de dentes”. Ao olharmos o cap. 10 da segunda parte, veremos toda a dor causada pelos romanos aos cristãos e até mesmo ao seus pares, lembrando do incêndio que Nero provocou em Roma, em ato de originalidade satânica, nas palavras de Emmanuel.

As questões que nos chamam à reflexão: a dor que causamos, a dor que sentimos e a dor que presenciamos no mundo. O que fazer? Qual a solução? Como Paulo foi capaz de reverter este mundo interior de sombras para tornar-se apóstolo do Mestre, entendendo-se não apenas como aquele que o segue e aprende, mas como o que divulga seu evangelho e trabalha junto ao Mestre? Qual o nosso mundo interior hoje? Como está o mundo que nos cerca? Como alcançar esta reforma íntima que Paulo demonstra em sua jornada?

Na busca destas respostas, vejamos este trechos, cap. 10 da primeira parte: *“Em dado instante, todavia, quando mal despertara das angustiosas cogitações, sente-se envolvido por luzes diferentes da tonalidade solar. Tem a impressão de que o ar se fende como uma cortina, sob pressão*

invisível e poderosa. Intimamente, considera-se presa de inesperada vertigem após o esforço mental, persistente e doloroso. Quer voltar-se, pedir o socorro dos companheiros, mas não os vê, apesar da possibilidade de suplicar o auxílio.” Paulo estava cego. A visão de Jesus lhe permitiu refletir, rever e mudar o rumo. Foi conduzido a Damasco e lá ficou por **3 dias** até que Ananias fosse ao seu encontro a pedido do Mestre Jesus, e lhe restituísse a visão.

Interessante que ao olharmos o texto de Lucas, Cap. 13:31-35, encontraremos Jesus nos seus momentos derradeiros, sendo-lhe avisado que Herodes queria matá-lo, ele lhes diz: *“levo ao cumprimento hoje e amanhã, e no **terceiro dia** estou consumado.*” Diz, ainda, ao final: *“Não me vereis até dizerdes: Bendito o que vem em nome do Senhor.”*

Não estaremos nós ainda cegos, pelo orgulho e o egoísmo que moldam nossos corações? Aguardamos a cura do Cristo? Quanto tempo irão durar os nossos três dias?

Refletamos juntos, ainda, quanto a questão da cegueira, ponto comum, entre o cap. 10 da primeira parte, o trecho evangélico e também ao cap. 10 da segunda parte.

Após cruel perseguição aos cristãos, que foram dados como os culpados pelo incêndio em Roma, muitos foram presos e martirizados. Paulo também foi preso, e na surdina, foi executado pelos soldados romanos. Eis o corpo inerte e o espírito, finalmente liberto. Mas ocorre algo, Paulo está novamente cego!! Acompanhemos a narrativa de Emmanuel: *“Tentou levantar-se, abrir os olhos, identificar a paisagem. Impossível! Sentia-se fraco, qual convalescente de moléstia prolongada e gravíssima. Reuniu as energias mentais, como lhe foi possível, e orou, suplicando a Jesus permitisse o esclarecimento de sua alma, naquela nova situação. Sobretudo, a falta de visão deixava-o submerso em angustiosa expectativa. Recordou os dias de Damasco, quando a cegueira lhe invadira os olhos de pecador, ofuscados pela luz gloriosa do Mestre. Lembrou o carinho fraternal de Ananias e chorou ao influxo daquelas singulares reminiscências. **Depois de grande esforço, conseguiu levantar-se e refletiu que o homem precisava servir a Deus, ainda que tateasse em densas trevas.**”*

Quantas vezes em nossas vidas, estamos assim, cegos, sem perspectiva, sem saber o que virá a nossa frente. Para muitos, algo desesperador, mas para aquele que aprendeu a confiar no Pai, fonte de todo amor e toda misericórdia e toda justiça, a cegueira não é empecilho para levantar-se e servir, ainda que imerso nas trevas. Como vimos no trecho de

Lucas, *“não me vereis até dizerdes: Bendito o que vem em nome do Senhor.”* Esta frase foi dita para Jerusalém, para o povo de Israel, porém, sabemos hoje, nas palavras de Estevão: *“Compreendereis, um dia, que, para Deus, Israel significa a Humanidade inteira.”*

Então, ouçamos nós, busquemos nas luzes do Evangelho e desta doutrina abençoada o caminho da redenção. A cegueira de Paulo, nos momentos derradeiros, durou breves momentos, é novamente Ananias que vem, sob o comando do Mestre Amigo: *“—Ananias!... Ananias!... E caiu de joelhos, em pranto convulsivo. —Sim, sou eu — disse a veneranda entidade pousando a mão luminosa na sua fronte —; um dia Jesus mandou que te restituisse a visão, para que pudesses conhecer o caminho áspero dos seus discípulos e hoje, Paulo, concedeu-me a dita de abrir-te os olhos para a contemplação da vida eterna. Levanta-te! Já venceste os últimos inimigos, alcançaste a coroa da vida, atingiste novos planos da Redenção!... — Vê, novamente, em nome de Jesus!... Desde a revelação de Damasco, dedicaste os olhos ao serviço do Cristo! Contempla, agora, as belezas da vida eterna, para que possamos partir ao encontro do Mestre amado!...”*

Permitam, queridos amigos, que eu encerre este estudo com uma singela prece.

Pai de infinito amor, Jesus, Mestre e Amigo de todas as horas, Paulo e Estevão, Abigail, Lucas, Pedro, estimados trabalhadores na Seara de Jesus,

Elevo meus pensamentos em profunda gratidão pela oportunidade do estudo que edifica e promove mudanças. Durante estes meses, diariamente, estivemos juntos, eu tentado me elevar através de vossas lentes, de vossas vidas, tentando aprender com vossos caminhos, com os acertos e desacertos. Não saio indiferente, não encerro como a mesma pessoa que iniciou. A cada passo, cada parte, pude ver um pouco de mim mesma nas letras do livro e do evangelho. Em cada linha coloquei escrita há também meus sentimentos, meu coração, sigo adiante agora, perdoem a emoção derradeira da despedida, ainda são muitas as lágrimas. Não vos deixarei jamais, levarei estas lições que, sei, apenas começo a aprender e experienciar. Recebam a minha gratidão eterna, minha alma foi profundamente tocada pelas vossas vidas e, com a graça do Pai, outros corações terão acesso a este sentimento puro e verdadeiro. Jesus, eis-me aqui, eu livre estou para te servir, finalmente sou capaz de dizer as palavras da canção que o Padre Caetano amava, “seduziste-me Senhor, e eu me deixei seduzir, numa luta desigual, e foi tua a vitória.” Que assim seja.

Este estudo será compilado e tal qual lhes apresentei, será reunido para o formato de um livro. Não será comercializado, mas distribuído gratuitamente a quem quiser. Autorizo a reprodução, a divulgação e não se preocupem em atribuir nenhuma autoria, nada me pertence.

Abraços fraternos.

Campo Grande – MS, 26/08/2014
Candice Günther